

Uma Noiva para Winterborne

OS RAVENELS 2

LISA KLEYPAS



ARQUEIRO



*Uma Noiva para
Winterborne*



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente

importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Uma Noiva para
Winterborne*

OS RAVENELS 2

LISA KLEYPAS



Título original: *Marrying Winterborne*

Copyright © 2016 por Lisa Kleypas
Copyright da tradução © 2018 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ana Rodrigues

preparo de originais: Sheila Til

revisão: Cristhiane Ruiz e Magda Tebet

diagramação: Aron Balmas

capa: Renata Vidal

imagens de capa: mulher: © Sandra Cunningham/Arcangel Images;
casa: Stephen Dorey/Gloucestershire/Alamy Stock Photo;
detalhes da noiva: © Marvin Dott/Fotosearch/Latinstock

foto da autora: © Danielle Barnum Photography

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K72n

Kleypas, Lisa

Uma noiva para Winterborne [recurso eletrônico] / Lisa Kleypas;
tradução de Ana Rodrigues. São Paulo: Arqueiro, 2018.
recurso digital (Os Ravenels; 2)

Tradução de: *Marrying Winterborne*

Sequência de: Um sedutor sem coração

Continua com: Um acordo pecaminoso

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-804-1857-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Ana. II. Título.
III. Série.

18-49649

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Greg, meu marido e herói.

Com amor sempre,

L. K.

CAPÍTULO 1

— **S**r. Winterborne, há uma mulher aqui para vê-lo.

Rhys ergueu os olhos da pilha de cartas na escrivaninha, carrancudo.

Sua secretária, a Sra. Fernsby, estava parada à porta do escritório particular dele, os olhos inquisidores atrás dos óculos redondos. Era uma mulher de meia-idade asseada, mexeriqueira e um pouco roliça.

— A senhora sabe que não recebo visitas a esta hora.

Era um ritual de Rhys passar a primeira meia hora da manhã lendo a correspondência em silêncio, sem interrupções.

— Sim, senhor, mas a visita é uma dama e ela...

— Não me importa se ela é a maldita rainha — retrucou ele com rispidez. — Mande-a embora.

A Sra. Fernsby contraiu os lábios em uma expressão desaprovadora. Porém saiu na mesma hora, os saltos dos sapatos acertando o chão como os disparos ritmados de uma arma de fogo.

Rhys voltou a atenção para a carta à sua frente. Perder a paciência era um luxo que ele raramente se permitia, mas na última semana fora invadido por uma melancolia que pesava em seus pensamentos e seu coração e o levava a descontar em qualquer um que estivesse por perto.

Tudo por causa de uma mulher que ele soubera muito bem que não deveria querer.

Lady Helen Ravenel... uma mulher instruída, inocente, tímida,

aristocrática. Tudo o que ele não era.

O noivado dos dois durara meras duas semanas até Rhys conseguir arruiná-lo. Na última vez em que vira Helen, ele tinha sido impaciente e agressivo e, no fim, a beijara do jeito que vinha desejando havia tanto tempo. Helen ficara rígida em seus braços, rejeitando-o. O desprezo da jovem não poderia ter sido mais óbvio. A cena terminara em lágrimas da parte dela e fúria da dele.

No dia seguinte, Kathleen, lady Trenear, que fora casada com o finado irmão de Helen, aparecera para informar que a cunhada ficara tão perturbada que estava de cama com enxaqueca. “Ela nunca mais quer vê-lo”, dissera Kathleen, sem meias palavras.

Rhys não poderia culpar Helen por romper o noivado. O relacionamento deles obviamente era um equívoco. Era contra os desígnios de Deus que ele tomasse como esposa a filha de uma família aristocrática inglesa. Apesar de sua fortuna, Rhys não tinha o comportamento nem a instrução de um cavalheiro. Também não possuía a aparência de um cavalheiro, com sua pele morena, os cabelos negros e os músculos de trabalhador braçal.

Aos 30 anos, ele transformara a Winterborne’s, o pequeno estabelecimento comercial do pai na High Street, na maior loja de departamentos do mundo. Era proprietário de fábricas, depósitos, terrenos, estábulos, lavanderias e prédios residenciais. Fazia parte de conselhos diretores de empresas navais e ferroviárias. Porém, não importava o que ele conquistasse, nunca conseguiria superar o fato de ser filho de um comerciante galês.

Os pensamentos de Rhys foram interrompidos por outra batida à porta. Incrédulo, ele ergueu os olhos enquanto a Sra. Fernsby voltava a entrar no escritório.

– O que a senhora quer? – perguntou ele, irritado.

A secretária endireitou os óculos e respondeu em um tom determinado:

– A menos que o senhor deseje que a dama seja removida à

força, ela insiste em esperar até que fale com ela.

A irritação de Rhys se transformou em perplexidade. Nenhuma mulher que ele conhecia, respeitável ou não, ousaria abordá-lo de forma tão ousada.

– Qual o nome dela?

– Ela não disse.

Rhys balançou a cabeça, incrédulo. Como a visitante conseguira chegar ali? Ele pagava um pequeno exército para não ter que lidar com aquele tipo de interrupção. Uma ideia absurda lhe ocorreu e, embora Rhys tentasse afastá-la, sua pulsação acelerou.

– Como ela é? – forçou-se a perguntar.

– Está vestida com roupas de luto, com um véu sobre o rosto. É muito esguia e fala baixo – descreveu a secretária e, depois de uma breve hesitação, acrescentou com ironia: – O modo de falar dos aristocratas.

Ao sentir que sua desconfiança se confirmava, Rhys sentiu uma pontada no peito.

– *Yr Dduw!* – murmurou. *Deus!*

Não parecia possível que Helen fosse até ele. Mas por algum motivo ele compreendeu que ela estava ali, tinha certeza disso. Sem nem mais uma palavra, Rhys se levantou e passou pela Sra. Fernsby a passadas largas.

– Sr. Winterborne – disse a secretária, que ia atrás dele. – O senhor está em mangas de camisa. Seu paletó...

Rhys mal a escutou enquanto deixava o escritório, em um dos cantos da construção e entrava em um saguão com poltronas de couro.

Com a respiração acelerada, ele estacou ao ver a visitante.

Embora o véu de luto ocultasse o rosto de Helen, Rhys reconheceu a postura perfeita e a forma esbelta e flexível de seu corpo.

Ele se forçou a chegar mais perto. Incapaz de dizer qualquer

coisa, ficou parado na frente de Helen, quase engasgando de ressentimento e, ainda assim, inspirando seu perfume doce com uma avidez impotente.

A presença dela o deixou excitado, a pele quente e o coração batendo rápido, com violência.

De uma das salas anexas ao saguão, o ruído das máquinas de escrever silenciou.

Era uma loucura Helen aparecer ali sem acompanhante. A reputação dela seria destruída. Precisava ser retirada do saguão e mandada para casa antes que alguém se desse conta de quem era ela.

Contudo, primeiro ele precisava descobrir o que Helen queria. Embora fosse protegida e inocente, não era tola. Não teria corrido um risco tão grande sem um bom motivo.

Rhys desviou o olhar para a Sra. Fernsby por um instante.

– Minha convidada vai partir logo. Nesse meio-tempo, certifique-se de que não sejamos perturbados.

– Sim, senhor.

O olhar dele se voltou para Helen.

– Venha – disse em um tom brusco, dirigindo-se ao escritório.

Ela o acompanhou sem dizer uma palavra, as saias farfalhando ao roçar as paredes do corredor. As roupas de Helen eram antiquadas e ligeiramente gastas, a aparência da aristocracia em tempos difíceis. Era por isso que ela estava ali? A necessidade de dinheiro da família Ravenel seria assim tão desesperadora a ponto de ela ter mudado de ideia a respeito de se rebaixar e se tornar esposa dele?

Por Deus, pensou Rhys em uma expectativa sombria, como *adoraria* vê-la implorando para que ele a aceitasse de volta. Não aceitaria, claro, mas daria a ela uma amostra do tormento que ele mesmo suportara ao longo da última semana. Qualquer um que já houvesse ousado cruzar o caminho dele teria garantido a ela que

não haveria perdão ou clemência depois do que fizera.

Entraram no escritório de Rhys, um lugar amplo e silencioso com grandes janelas de vidros duplos e tapetes espessos e macios. No centro da sala, correspondência e documentos se empilhavam em uma escrivaninha de nogueira.

Rhys fechou a porta do escritório, foi até a escrivaninha, pegou uma ampulheta e virou-a em um gesto estudado. A areia escorreria para o compartimento de baixo em precisamente quinze minutos. Ele sentia a necessidade de deixar claro que estavam no mundo dele agora, onde o tempo importava e o controle estava em suas mãos.

Rhys se virou para Helen com um erguer zombeteiro das sobrancelhas.

– Fui informado na semana passada de que a senhorita...

Porém a voz dele falhou quando Helen tirou o véu do rosto e o encarou com a gravidade suave e paciente que o havia devastado desde o princípio. Seus olhos tinham o azul-acinzentado das nuvens ao luar. Os belos cachos dela, do mais pálido tom de louro, estavam presos em um coque elegante, mas uma mecha sedosa havia escapado dos prendedores negros e pendia sobre a orelha esquerda.

Maldita fosse ela, *maldita* fosse, por ser tão linda.

– Por favor, perdoe-me – pediu Helen, o olhar preso ao dele. – Esta foi a primeira oportunidade que encontrei de vir até o senhor.

– A senhorita não deveria estar aqui.

– Há coisas que preciso conversar com o senhor – disse ela, lançando um olhar tímido para uma cadeira próxima. – Se não se importar...

– Sim, sente-se.

Mas Rhys não fez nenhum gesto para ajudá-la. Já que Helen nunca o veria como um cavalheiro, ele não agiria como um. Ficou apoiado na escrivaninha, nem inteiramente sentado nem de pé, os

braços cruzados diante do peito.

– A senhorita não tem muito tempo – falou, em um tom frio, indicando a ampulheta com um gesto curto de cabeça. – É melhor fazer bom uso dele.

Helen se sentou, arrumou as saias e retirou as luvas com puxões ágeis.

Rhys sentiu a boca ficar seca ao ver os dedos delicados dela emergirem das luvas negras. Helen havia tocado piano para ele no Priorado Eversby, a propriedade da família dela. Rhys ficara fascinado com a habilidade de suas mãos, que pulavam e pressionavam as teclas do piano como pequenos pássaros brancos. Por alguma razão, ela ainda usava o anel de noivado que ele lhe dera. O perfeito diamante de lapidação rosa ficou preso por um instante na luva.

Depois de empurrar o véu para trás, de modo que ele caísse nas costas como uma nuvem escura de tecido, Helen ousou permitir que o olhar encontrasse novamente o dele por um instante tenso. Um rubor delicado coloriu seu rosto.

– Sr. Winterborne, não pedi que minha cunhada o visitasse na semana passada. Eu não estava me sentindo bem, mas se houvesse sido informada do que Kathleen pretendia...

– Ela disse que a senhorita estava doente.

– Era só uma dor de cabeça...

– Parece que eu fui a causa.

– Kathleen deu importância de mais ao fato...

– De acordo com ela, a senhorita disse que nunca mais queria me ver.

O rubor leve se transformou em um tom de rosa intenso.

– Gostaria que ela não houvesse repetido isso – exclamou Helen, parecendo exasperada e envergonhada. – Não foi o que eu quis dizer. Minha cabeça estava me matando, enquanto eu tentava compreender o que havia acontecido no dia anterior. Quando o

senhor me visitou e...

Ela desviou o olhar e encarou o próprio colo, a luz da janela refletindo-se em seus cabelos. Os dedos dela estavam entrelaçados com força, as palmas ligeiramente afastadas, como se segurasse algo frágil entre elas.

– Preciso conversar com o senhor sobre isso – disse baixinho. – Quero muito... chegar a um entendimento com o senhor.

Algo dentro de Rhys morreu. Já havia sido abordado por tantas pessoas devido a questões de dinheiro que reconheceu o que estava prestes a acontecer. Helen não era diferente de nenhum outro que pretendia conseguir alguma vantagem para si. Embora ele não pudesse culpá-la por isso, não conseguiria suportar ouvir qualquer conclusão a que ela houvesse chegado de quanto ele lhe devia e por quê. Rhys preferia pagar a ela imediatamente e acabar logo com aquilo.

Só Deus sabia por que nutrira esperanças, tão pequenas e tolas, de que Helen pudesse querer algo dele além de dinheiro. Era assim que o mundo sempre funcionara e sempre funcionaria. Os homens buscavam belas mulheres e as mulheres negociavam sua beleza em troca de riquezas. Ele havia degradado Helen ao encostar as patas nela, e ela agora queria uma compensação.

Rhys contornou a escrivaninha, abriu uma gaveta e tirou um talão de cheques. Pegou, então, uma caneta e preencheu uma ordem de pagamento de 10 mil libras. Depois de fazer uma anotação na margem esquerda do talão para seu controle, foi até Helen e lhe entregou o papel.

– Não há necessidade de que ninguém saiba de onde isto veio – disse Rhys em um tom profissional. – Se a senhorita não tiver uma conta no banco, cuidarei para que seja aberta.

Nenhum banco permitiria que uma mulher abrisse uma conta para si.

– Prometo que tudo será feito da forma mais discreta possível –

concluiu ele.

Helen o encarou perplexa, então olhou para o cheque.

– Por que o senhor faria...

Ela prendeu a respiração ao ver a quantia. E voltou a encará-lo com uma expressão horrorizada.

– *Por quê?* – perguntou, a respiração agora saindo em arquejos nervosos.

Confuso com a reação dela, Rhys franziu o cenho.

– A senhorita disse que queria chegar a um entendimento. É o que se entende por essa expressão.

– *Não*, eu quis dizer... quis dizer que queria que nós nos entendêssemos.

Ela rasgou o cheque em minúsculos pedaços.

– Não preciso de dinheiro. E, mesmo se precisasse, jamais pediria ao senhor.

Pedaços de papel voaram pelo ar como flocos de neve.

Rhys observou espantado enquanto ela desprezava a pequena fortuna que ele acabara de lhe oferecer. Ele se pegou sentindo um misto de frustração e vergonha ao perceber que a interpretara mal. Que diabo aquela jovem queria dele? Por que estava ali?

Helen respirou fundo uma vez, e outra, recuperando devagar a compostura. Então, se levantou e se aproximou dele.

– Houve um... acréscimo inesperado... às posses da família. Agora temos meios de garantir dotes para mim e para as minhas irmãs.

Rhys a encarou, o rosto uma máscara rígida, enquanto seu cérebro se esforçava para compreender o que ela dizia. Helen se aproximara demais. Seu perfume suave, de baunilha e orquídeas, o invadia a cada inspiração. Ele sentia o corpo arder. Queria deitá-la em cima da escrivaninha...

Rhys afastou essa imagem com esforço. Ali, no cenário profissional do escritório, vestido em roupas civilizadas e sapatos

sociais bem engraxados, nunca se sentira mais bruto. Desesperado para estabelecer alguma distância entre eles, Rhys recuou até a escrivaninha e se apoiou de novo nela, enquanto Helen continuou a se aproximar, até sua saia roçar nos joelhos dele.

Era como se ela fosse um personagem de conto de fadas galês, uma ninfa formada pela bruma de um lago. Havia algo sobrenatural na delicadeza da pele de porcelana e no belo contraste entre as sobrancelhas e os cílios escuros e os cabelos louro-platinados. E aqueles olhos... a transparência fria contida por bordas escuras.

Ela dissera algo sobre um acréscimo inesperado. O que significaria aquilo? Uma herança inesperada? Um presente? Talvez um investimento lucrativo – embora isso fosse improvável, levando-se em conta a conhecida irresponsabilidade fiscal da família Ravenel. Qualquer que fosse a origem de tal fortuna repentina, Helen parecia acreditar que os problemas financeiros da família haviam terminado. Se isso fosse verdade, então ela poderia escolher o homem que quisesse em Londres.

Helen colocara o próprio futuro em risco indo até ele. A reputação dela estava em perigo. Ele poderia tê-la violado ali mesmo, no escritório, e ninguém teria levantado um dedo sequer para ajudá-la. A única coisa que a mantinha segura era o fato de que Rhys não tinha a menor vontade de destruir algo tão frágil e adorável quanto aquela mulher.

Para o bem de Helen, ele precisava retirá-la da Winterborne's o mais rápido e discretamente possível. Com esforço, olhou por cima da cabeça dela e fixou os olhos em um ponto distante na parede de painéis de madeira.

– Vou acompanhá-la para fora do prédio por uma saída privada – murmurou Rhys. – A senhorita voltará para casa sem que ninguém a veja.

– Não vou liberá-lo de nosso compromisso de noivado – disse ela em um tom gentil.

Os olhos dele encontraram os dela enquanto outra pontada o atingia no peito. Helen nem piscou, apenas esperou pela resposta dele.

– Milady, ambos sabemos que sou o último homem no mundo com quem deseja se casar. Desde o começo, reparei no seu desprezo por mim.

– Desprezo?

Insultado pela surpresa fingida dela, Rhys continuou, agressivo:

– A senhorita se encolhia ao meu toque. Não falava comigo durante o jantar. Na maior parte do tempo, nem sequer conseguia se forçar a olhar para mim. E, quando eu a beijei, na semana passada, se afastou de mim e desabou em lágrimas.

Ele imaginou que Helen ficaria envergonhada ao se ver confrontada com sua mentira. Em vez disso, ela o encarou com uma expressão séria, de lábios entreabertos, parecendo consternada.

– Sou tímida demais – disse Helen por fim. – Preciso me esforçar mais para superar isso. Quando me comporto desse modo, o motivo não tem absolutamente nada a ver com desprezo. A verdade é que o senhor me deixa nervosa. Porque... – Um profundo rubor coloriu sua pele, da gola alta do vestido até a raiz dos cabelos. –... porque o senhor é muito atraente – continuou ela, desajeitadamente. – E experiente. E não quero que me ache tola. Quanto ao outro dia, aquele... aquele foi meu primeiro beijo. Eu não sabia o que fazer e me senti... agoniada.

Em algum lugar no caos que era a sua mente naquele momento, Rhys pensou que era bom estar apoiado na escrivaninha. Caso contrário, as pernas dele teriam cedido. Seria possível que o que ele interpretara como desdém na verdade fosse timidez? Que o que ele achara ser desprezo fosse inocência? Naquele momento, foi como se o coração de Rhys se abrisse. Com que facilidade Helen o desarmava! Umas poucas palavras, e já estava pronto a cair de joelhos diante dela.

O primeiro beijo de Helen, e ele o roubara.

Nunca tinha havido necessidade de fazer o papel do sedutor. As mulheres sempre estiveram disponíveis para ele e pareciam satisfeitas com o que quer que ele se dispusesse a fazer na cama. Houvera damas de vez em quando: a esposa de um diplomata, uma condessa cujo marido estava em viagem ao continente. Elas o elogiaram por seu vigor, sua virilidade e pelo tamanho de seu membro, e não haviam pedido mais nada.

Tanto o corpo quanto a natureza de Rhys eram tão rígidos quanto as encostas de ardósia de Elidir Fawr, a montanha em Llanberis onde ele nascera. Rhys não sabia nada sobre modos elegantes ou boa criação. Havia calos permanentes em suas mãos, dos anos que passara montando caixotes e carregando mercadorias até as carroças de entrega. Tinha pelo menos o dobro do peso de Helen, e era musculoso como um touro – se montasse nela como havia feito com outras mulheres, poderia rasgá-la ao meio.

Maldição. Antes de mais nada, o que lhe passara pela cabeça para chegar àquele ponto? Nunca deveria ter se permitido considerar a ideia de se casar com ela. Estivera cego demais pela própria ambição – e pela doçura e beleza delicada de Helen –, e não chegara a pensar nas consequências para ela.

Ficou amargurado ao tomar consciência das próprias limitações.

– Isso são águas passadas – disse Rhys em voz baixa. – Logo a senhorita participará de sua primeira temporada social e encontrará o homem certo. Qualquer um sabe que não sou eu.

Ele começou a se levantar, mas Helen se aproximou ainda mais e ficou bem perto dele. A pressão hesitante da mão dela em seu peito provocou uma onda ardente de desejo. Rhys se apoiou mais na mesa, sentindo-se fraco, toda a energia concentrada em manter o pouco que lhe restava de autocontrole. Estava a um assustador milímetro de puxá-la para o chão com ele. E devorá-la.

– Pode... pode me beijar de novo? – pediu Helen.

Ele fechou os olhos com força, arfando, furioso. Que peça o Destino lhe pregara, jogando aquela criatura frágil em seu caminho para puni-lo por ter subido mais alto do que deveria. Para lembrá-lo do que ele nunca poderia se tornar.

– Não consigo ser um cavalheiro – declarou Rhys, a voz rouca. – Nem mesmo por você.

– Não precisa ser um cavalheiro. Só gentil.

Ninguém nunca lhe pedira uma coisa daquelas. Para desespero de Rhys, ele percebeu que não conseguiria ser assim. Suas mãos agarraram com força a beira da escrivaninha até a madeira ameaçar se partir.

– *Cariad*... não há nada gentil na forma como desejo você.

Ele ficou surpreso com a ternura na própria voz, um tom que nunca usara com ninguém.

Rhys sentiu Helen tocar seu maxilar, as pontas delicadas dos dedos dela um fogo gelado em sua pele. Todos os seus músculos se contraíram, seu corpo parecia feito de aço.

– Só tente – sussurrou ela. – Por mim.

E pressionou a boca macia contra a dele.

CAPÍTULO 2

Helen roçou timidamente os lábios nos de Rhys, tentando persuadi-lo a uma reação. Mas não houve a menor resposta da parte dele. Nenhum sinal de encorajamento.

Depois de um instante, ela se afastou, insegura.

Rhys arquejava. Ergueu os olhos para encará-la com a expressão feroz de um cão de guarda.

Helen sentiu o estômago doer de desespero e se perguntou o que deveria fazer.

Sabia pouco sobre os homens. Quase nada. Desde a mais tenra infância, ela e as irmãs mais novas, Pandora e Cassandra, haviam vivido reclusas na propriedade da família, no campo. Os criados da casa sempre haviam sido respeitosos e os arrendatários e comerciantes da cidade mantinham uma distância educada das três filhas do conde.

Negligenciada pelos pais e ignorada pelo irmão, Theo, que havia passado a maior parte de sua curta vida em colégios internos ou em Londres, Helen se voltara para os livros e para o mundo da própria imaginação. Seus pretendentes haviam sido personagens da literatura – Romeu, Heathcliff, o Sr. Darcy, Edward Rochester, sir Lancelot, Sydney Carton – e uma variedade de príncipes de cabelos dourados dos contos de fadas.

Ela acreditava que jamais seria cortejada por um homem de verdade, apenas pelos imaginários. Mas, fazia dois meses, Devon, o primo que recentemente herdara o título de Theo, havia convidado o

amigo Rhys Winterborne para passar o Natal no Priorado Eversby com a família... e tudo mudara.

A primeira vez que Helen viu o Sr. Winterborne foi no dia em que ele foi levado para a propriedade com a perna quebrada. Em uma sequência terrível de eventos, quando Devon e o Sr. Winterborne viajavam de Londres para Hampshire, o trem deles colidira com vagões de lastro. Por um milagre, os dois haviam sobrevivido ao acidente, mas ambos ficaram feridos.

Como resultado, a breve visita do Sr. Winterborne para as festas de fim de ano acabara se transformando em quase um mês de estadia no Priorado Eversby, até que ele estivesse suficientemente restabelecido para voltar a Londres. Mesmo ferido, o Sr. Winterborne irradiava uma determinação que Helen achara tão fascinante quando desconfortável. Contra todas as regras do decoro, ela havia ajudado a cuidar dele. Na verdade, insistira nisso. Embora sua atitude tivesse como pretexto a compaixão, esse não tinha sido o único motivo. A verdade era que Helen nunca se sentira tão fascinada por alguém quanto se sentia por aquele estranho grande, de cabelos escuros e sotaque musical.

Conforme sua condição física melhorava, o Sr. Winterborne começara a solicitar a companhia dela, insistindo para que Helen lesse para ele e conversassem por horas. Ninguém jamais havia se interessado tanto por ela.

O Sr. Winterborne era espantosamente belo, não à maneira dos príncipes de contos de fadas, mas com uma masculinidade inflexível que mexia com os nervos de Helen. Os traços do rosto dele eram arrojados, com um nariz bem definido e lábios cheios e delineados. Sua pele não mostrava a palidez da moda, mas um tom moreno, rico e quente, e os cabelos eram negros como carvão. Não havia nada do relaxamento aristocrático nele, nenhum toque de graça lânguida. O Sr. Winterborne era sofisticado e muito inteligente, mas havia algo selvagem nele. Uma sugestão de perigo, um fogo que

parecia arder sob a superfície.

Depois que o Sr. Winterborne foi embora de Hampshire, a propriedade caíra no silêncio e no tédio dos dias monótonos. Helen fora assombrada por lembranças dele... a sugestão de encanto sob o verniz duro... o sorriso pouco frequente mas fascinante.

Para consternação dela, o Sr. Winterborne não parecia nem um pouco disposto a aceitá-la de volta. O orgulho dele fora ferido pelo que provavelmente lhe parecera uma rejeição insensível, e Helen ansiava por consolá-lo. Se ao menos pudesse voltar no tempo até o dia em que ele a beijara na Casa Ravenel, lidaria com a situação de forma muito diferente. Mas tinha se sentido tão intimidada por ele... O Sr. Winterborne a beijara, passara as mãos por seu corpo, e ela se assustara, ficara apavorada. Depois de algumas palavras ásperas, ele havia partido. Aquela fora a última vez que Helen o vira até então.

Se ela houvesse experimentado alguns flertes quando era menina – um beijo ou dois roubados por algum rapazinho –, talvez o encontro com o Sr. Winterborne não tivesse sido tão alarmante. Mas Helen não tivera nenhuma experiência daquele tipo. E o Sr. Winterborne não era um menino inocente, mas um homem adulto em seu auge.

A parte mais estranha de tudo aquilo – o segredo que ela não poderia confessar a ninguém – era que, apesar de todo o medo que sentira com o que acontecera, Helen tinha começado a sonhar com o Sr. Winterborne beijando-a, pressionando a boca com muita força contra a dela, noite após noite. Em alguns sonhos, ele começava a abrir o vestido dela, a beijá-la com cada vez mais intensidade e urgência, tudo caminhando na direção de alguma misteriosa conclusão. Helen acordava ofegante, agitada e ruborizada de vergonha.

Ela experimentou as mesmas sensações naquele momento, quando ergueu os olhos para o Sr. Winterborne.

– Mostre-me como quer ser beijado – pediu ela, a voz falhando um pouco. – Ensine-me como agradá-lo.

Para surpresa de Helen, um dos cantos da boca do Sr. Winterborne se curvou em uma expressão divertida e insolente.

– Está querendo se garantir, não é?

Ela o encarou confusa.

– Me garantir...

– Quer me manter fisgado – esclareceu ele. – Até ter certeza da fortuna inesperada da família.

Helen se sentiu confusa e magoada pelo desdém no tom dele.

– Por que não consegue acreditar que quero me casar com o senhor por outras razões que não sejam dinheiro?

– A única razão para a senhorita ter me aceitado foi porque não tinha dote.

– Isso não é verdade...

O Sr. Winterborne continuou como se não a tivesse ouvido:

– Precisa se casar com alguém do seu tipo, milady. Um homem bem-nascido e de boas maneiras. Ele vai saber como tratá-la. Ele a manterá em uma casa de campo, onde a senhorita cuidará de orquídeas e lerá livros...

– Isso é o *oposto* do que eu preciso – declarou Helen com irritação.

Não era do feitio dela falar de forma impetuosa, mas estava desesperada demais para se importar. Ele claramente pretendia mandá-la embora. Como poderia convencê-lo de que o queria de verdade?

– Passei a vida inteira lendo sobre a vida que outras pessoas levavam – continuou ela. – Meu mundo sempre foi... muito pequeno. Ninguém acredita que eu estaria melhor se não fosse mantida isolada e protegida. Como uma flor em uma estufa. Se eu me casar com alguém do meu tipo, como o senhor colocou, ninguém jamais me verá como eu sou. Só como eu deveria ser.

– Por que acha que eu seria diferente?

– Porque o senhor é.

Ele a encarou com uma expressão que Helen comparou ao cintilar da lâmina de uma faca. Fez-se um instante de silêncio estranhamente opressivo.

– Você conheceu poucos homens – falou o Sr. Winterborne de modo brusco. – Vá para casa, Helen. Conhecerá alguém durante a temporada de eventos sociais, então agradecerá a Deus, de joelhos, por não ter se casado comigo.

Helen sentiu os olhos arderem. Como tudo fora arruinado tão depressa? Como podia tê-lo perdido tão rápido?

– Kathleen não deveria ter falado com o senhor em meu nome – disse a jovem, sentindo-se mal fisicamente de arrependimento e tristeza. – Ela achou que estaria me protegendo, mas...

– Ela estava.

– Pois eu não queria ser protegida do senhor.

O esforço exigido para manter a compostura era como tentar correr na areia: ela não conseguia encontrar suporte nos ângulos incertos da emoção. Para piorar sua consternação, sentiu os olhos marejarem e um soluço de choro lhe escapou do peito.

– Fiquei de cama com dor de cabeça por *um dia* – continuou Helen – e, quando acordei na manhã seguinte, nosso noivado estava rompido e eu havia *p-perdido* o senhor e nem sequer...

– Helen, não.

– Achei que havia sido apenas um mal-entendido. Que, se eu conversasse pessoalmente com o senhor, tudo se a-ajetaria, e...

Outro soluço. Helen estava tão dominada pela emoção que teve apenas uma vaga consciência de Rhys se aproximando, estendendo as mãos para ela, mas logo recuando.

– Não. Não chore. Pelo amor de Deus, Helen...

– Não tive a intenção de rejeitá-lo. Não sabia o que fazer. O que faço para que me queira de volta?

Ela esperou por uma resposta zombeteira ou talvez carregada de piedade. A última coisa que imaginaria seria o murmúrio trêmulo que escapou dos lábios dele.

– Eu já quero você, *cariad*. Quero demais, maldição.

Helen o encarou confusa através da névoa de lágrimas, a respiração saindo em soluços humilhantes, como se ela fosse uma criança. No instante seguinte, ele a havia puxado para si.

– Shhh, pare com isso – sussurrou, a voz mais profunda, como o roçar de um veludo escuro contra os ouvidos dela. – Shhh, *bychan*, pequenina, minha pombinha. Nada vale as suas lágrimas.

– O senhor vale.

Winterborne ficou imóvel. Depois de um minuto, ele levou a mão ao queixo dela, o polegar apagando a trilha de uma lágrima. As mangas da camisa dele estavam enroladas na altura dos cotovelos, como faziam os carpinteiros e trabalhadores do campo. Os antebraços eram muito musculosos e peludos; os pulsos, grossos. Havia algo surpreendentemente reconfortante em ser envolvida naquele abraço firme. Um aroma seco e agradável se desprendia do corpo dele, uma mistura intensa de linho engomado, pele masculina limpa e sabão de barbear.

Helen sentiu o Sr. Winterborne inclinar o rosto dela para cima com muito cuidado. O hálito dele chegava ao rosto dela com um aroma de menta. Ao perceber o que ele pretendia, Helen fechou os olhos, o estômago se contraindo como se o chão houvesse acabado de desaparecer sob seus pés.

Ela sentiu um sopro de calor contra o lábio superior, tão suave que mal conseguiu perceber. Depois um toque no canto da boca, e então no lábio inferior, que terminou com uma sugestão de maior intensidade.

A mão livre dele deslizou por baixo do véu de Helen para segurá-la pela nuca delicada. A boca encontrou a dela em outra carícia breve e insinuante. Ele passou a ponta do polegar pelo lábio inferior

dela, roçando a superfície macia. A abrasão da pele calosa intensificou a sensação, estimulando as terminações nervosas da boca. Helen se sentiu zozza, como se os pulmões não conseguissem inspirar ar suficiente.

Os lábios dele voltaram aos dela, e Helen esticou o corpo, louca para que ele a beijasse mais intensa e demoradamente, como fizera em seus sonhos. O Sr. Winterborne pareceu entender o que ela queria e estimulou-a a afastar os lábios um do outro. Estremecendo, Helen se abriu para o toque suave da língua dele, menta, calor e frio, enquanto ele começava a saboreá-la com uma fome lenta que disparou sensações por todo o corpo dela. Helen passou os braços ao redor do pescoço dele, deixando as mãos afundarem nos cabelos cheios e negros, os cachos se enrolando ao redor dos seus dedos. Sim, era daquilo que ela precisava, da boca do Sr. Winterborne capturando a dela, enquanto ele a abraçava como se ela nunca pudesse estar próxima o bastante, colada o suficiente nele.

Helen jamais imaginara que um homem a beijaria como se tentasse sugá-la, como se beijos fossem palavras destinadas a poemas, mel a ser recolhido com a língua. Ele segurou a cabeça dela entre as mãos, inclinou-a um pouco para trás e deixou os lábios correrem pela lateral do pescoço de Helen, provocando e saboreando a pele macia. Ela arquejou quando o Sr. Winterborne encontrou um lugar sensível e seus joelhos vacilaram até mal conseguirem suportar seu peso. Ele a puxou ainda mais para perto, a boca voltando a devorar a dela com avidez. Não havia mais pensamento, nenhum controle, nada a não ser o labirinto sensual da escuridão e do desejo, enquanto o Sr. Winterborne a beijava com uma intensidade tão cega e voraz que Helen quase conseguiu sentir a alma dele encontrando a dela.

Então ele parou. Em um movimento abrupto, o Sr. Winterborne afastou a boca e soltou os braços de Helen de sua nuca. A jovem

protestou enquanto ele a afastava com mais força do que o necessário. Confusa, ela o observou ir até a janela. Embora o Sr. Winterborne estivesse se recuperando do acidente de trem com uma rapidez impressionante, ainda mancava um pouco ao caminhar. Ele se manteve de costas para ela e concentrou o olhar no distante oásis verde do Hyde Park. Quando ele apoiou o punho cerrado contra a moldura da janela, Helen viu que a mão tremia.

Depois de algum tempo, Rhys deixou escapar um suspiro entrecortado.

– Eu não deveria ter feito isso.

– Eu quis que fizesse.

Helen ruborizou diante da própria ousadia.

– Só... só queria que a primeira vez tivesse sido como essa – completou ela.

Rhys permaneceu em silêncio. Puxou o colarinho engomado da camisa com irritação.

Ao notar que toda a areia já escorrera, Helen foi até a escrivaninha e virou a ampulheta outra vez.

– Eu deveria ter me aberto mais com o senhor.

Ela observou o fluxo de areia medir cada segundo de anseio.

– Mas tenho dificuldade de dizer às pessoas o que penso e o que sinto. E fiquei preocupada com algo que Kathleen me disse, que o senhor só pensava em mim como... bem, como um prêmio a ser conquistado. Tive medo de que ela pudesse estar certa.

O Sr. Winterborne se virou e se encostou à parede, os braços cruzados no peito.

– Ela estava certa – disse ele, surpreendendo-a, enquanto um dos cantos de sua boca se erguia em um meio sorriso irônico. – Você é linda como um raio de luar, *cariad*, e não sou um homem de altos princípios. Sou um brutamontes do norte do País de Gales, com um gosto por coisas elegantes. Sim, você era um prêmio para mim. Sempre foi. Mas queria você por mais do que isso.

O prazer que Helen sentiu ao ouvir o elogio desapareceu quando ele terminou a última frase.

– Por que disse isso no passado? – perguntou, confusa. – O senhor... ainda me quer, não é?

– Não importa o que eu quero. Trenear jamais consentirá no casamento agora.

– Foi ele o primeiro a sugerir. Desde que eu deixe bem claro que quero *muito* me casar com o senhor, estou certa de que ele concordará.

Seguiu-se um longo momento de silêncio.

– Ninguém lhe contou, então.

Helen o encarou com uma expressão questionadora.

Winterborne enfiou as mãos nos bolsos.

– Eu me comportei muito mal no dia em que Kathleen foi me visitar. Depois que ela me disse que você não queria me ver de novo, eu...

Ele se interrompeu, os lábios cerrados.

– O que o senhor fez? – quis saber Helen, a testa franzida.

– Não importa. Trenear interrompeu quando apareceu para pegá-la. E eu e ele quase chegamos às vias de fato.

– Interrompeu o quê? O que o senhor fez?

Rhys desviou os olhos e contraiu o maxilar.

– Eu insultei Kathleen. Com uma proposta indecorosa.

Helen arregalou os olhos.

– Estava falando sério?

– É claro que não – retrucou ele, brusco. – Não encostei um dedo nela. Eu queria você. Não tenho interesse naquela pequena víbora, só estava furioso com ela por se intrometer.

Helen o encarou com uma expressão de reprovação.

– O senhor deve um pedido de desculpas a Kathleen.

– É ela quem me deve um pedido de desculpas – replicou ele. – Por me custar uma esposa.

Embora se sentisse tentada a apontar as falhas no argumento dele, Helen segurou a língua. Como fora criada em uma família conhecida pelos temperamentos difíceis e vontades obstinadas, conhecia a importância de escolher o momento certo de ajudar alguém a enxergar seus erros. Naquele momento, o Sr. Winterborne estava à mercê das próprias paixões. Não conseguiria admitir qualquer malfeito.

Mas ele de fato se comportara mal e, mesmo que Kathleen o perdoasse, era pouco provável que Devon fizesse o mesmo.

Devon estava loucamente apaixonado por Kathleen e, junto com esse sentimento, vinham todo o ciúme e a possessividade que eram a praga de gerações de Ravenels. Ainda que Devon fosse um pouco mais razoável do que os últimos condes, isso não adiantava muito. Qualquer homem que houvesse assustado ou ofendido Kathleen mereceria a eterna ira dele.

Então fora por isso que Devon retirara sua aprovação ao noivado tão prontamente. Porém o fato de nem ele nem Kathleen terem mencionado nada do que acontecera a Helen era irritante. Santo Deus, quanto tempo mais insistiriam em tratá-la feito criança?

– Poderíamos fugir – sugeriu ela, com relutância, porque a ideia não a atraía muito.

A expressão de Winterborne se tornou severa.

– Terei um casamento na igreja ou não terei nenhum. Se fugíssemos, ninguém jamais acreditaria que você foi comigo por vontade própria. De forma nenhuma permitirei que as pessoas digam que raptei minha noiva.

– Não há alternativa.

Seguiu-se um intervalo silencioso, tão cheio de augúrios que Helen sentiu os braços se arrepiarem sob as mangas do vestido.

– Há – afirmou ele.

O rosto dele se transformara: a expressão nos olhos era predatória. Calculista. Aquela, compreendeu Helen em um relance

de intuição, era a versão do Sr. Winterborne que as pessoas viam com medo e espanto, um pirata disfarçado de capitão da indústria.

– A alternativa – declarou ele – é eu levá-la para a cama.

CAPÍTULO 3

Em meio ao caos de seus pensamentos, Helen recuou até uma das estantes embutidas no canto do escritório..

– Não compreendo – disse ela, embora temesse ter compreendido.

Winterborne se aproximou dela devagar.

– Treinar não se oporá depois de descobrir que você foi desonrada.

– Eu preferia não ser desonrada.

A cada minuto, ela sentia mais dificuldade para respirar. O espartilho parecia apertá-la como garras.

– Mas quer se casar comigo – falou Winterborne, que a alcançou e pousou uma das mãos na estante, encurralando a jovem. – Não quer?

Em termos morais, fornicação era um pecado mortal. Em termos práticos, os riscos de ir para a cama com ele eram enormes.

Um pensamento horrível fez com que a cor desaparecesse do rosto dela. E se o Sr. Winterborne dormisse com ela e então se recusasse a se casar? E se ele fosse capaz de uma vingança desse nível, desonrando-a para depois abandoná-la? Nenhum cavalheiro jamais a pediria em casamento. Qualquer esperança de ter uma casa e uma família *só dela* seria perdida. Passaria a ser um peso para os parentes, condenada a uma vida de vergonha e dependência. Se engravidasse, ela e o filho seriam párias na sociedade. E, mesmo se não engravidasse, a desgraça dela ainda

sabotaria as perspectivas de um bom casamento para as irmãs.

– Como posso confiar que o senhor faria a coisa certa depois? – perguntou.

A expressão de Winterborne ficou sombria.

– Pondo de lado as questões sobre o meu caráter, quanto tempo acha que Trehear me deixaria viver se eu tentasse algo assim? Antes que a noite caísse, ele já teria me caçado e me abatido como um cervo.

– Ele pode fazer isso de qualquer modo – ressaltou Helen, pessimista.

Winterborne ignorou o comentário.

– Eu nunca a abandonaria. Se a levasse para a cama, você seria minha aos olhos de Deus e dos homens, tão certo quanto se houvéssemos feito votos com uma pedra.

– Uma pedra?

– É um ritual de casamento na minha região do País de Gales. Um homem e uma mulher trocam votos segurando uma pedra entre as mãos unidas. Depois da cerimônia, eles vão juntos jogar a pedra em um lago, e a própria terra se torna parte do juramento deles. Daí em diante, os dois estão ligados um ao outro por quanto tempo o mundo existir.

O olhar dele encontrou o dela.

– Dê o que eu peço e nunca mais desejará nada.

Ele a estava pressionando de novo. Helen sentiu o suor brotar da raiz de seus cabelos às solas dos pés.

– Preciso de tempo para pensar.

A determinação do Sr. Winterborne parecia se alimentar da perturbação dela.

– Eu lhe darei dinheiro e uma propriedade só sua. Um estábulo de puros-sangues. Um palácio e a cidade ao redor dele. Um sem-número de criados para se curvar a seus pés. Nenhum preço é alto demais. Tudo o que tem que fazer é vir para a minha cama.

Helen levou a mão às têmporas que latejavam, torcendo para que não fosse o início de outra enxaqueca.

– Não poderíamos apenas dizer que fui desonrada? Devon aceitaria minha palavra.

Winterborne já balançava a cabeça antes mesmo que ela terminasse a pergunta.

– Preciso de pagamento adiantado. É assim que se fecha um acordo.

– Não se trata de um acordo de negócios – protestou ela.

Ele permaneceu inflexível.

– Quero uma garantia, para o caso de você mudar de ideia antes do casamento.

– Eu não faria isso. Não confia em mim?

– Confio. Mas confiarei mais depois que dormirmos juntos.

O homem era *impossível*. Helen buscou outra solução, algum meio de negociar com ele, mas podia senti-lo se tornando mais inflexível a cada segundo que passava.

– Isso tem a ver com seu orgulho – disse ela, indignada. – O senhor está magoado e furioso porque achou que eu o rejeitei, e agora quer me castigar, mesmo não tendo sido minha culpa.

– Castigar? – falou ele, erguendo as sobrancelhas em uma expressão irônica. – Há menos de cinco minutos, a senhorita estava muito entusiasmada com meus beijos.

– Sua proposta envolve bem mais do que beijos.

– Não é uma proposta – informou ele, em um tom determinado. – É um ultimato.

Helen o encarou incrédula.

A única escolha que tinha era recusar. Algum dia conheceria um homem adequado, que a família aprovaria. Um membro da aristocracia rural, afável, reservado e ligeiramente calvo. Que esperaria que Helen compartilhasse os desejos e opiniões dele. E a vida seria planejada à sua revelia, cada ano igual ao anterior.

Casar-se com Winterborne, por outro lado...

Ainda havia tanto que ela não compreendia sobre ele. O que se esperaria de uma mulher cujo marido era proprietário da maior loja de departamentos do mundo? Com que pessoas ela passaria a se relacionar, e que atividades encheriam seus dias? E o próprio Sr. Winterborne, que com frequência exibia a expressão de alguém que tivera mais do que uns poucos embates com o mundo e que não perdoara nada... como seria viver como esposa dele? A vida do Sr. Winterborne era tão grande que Helen conseguia se imaginar se perdendo nela.

Ao perceber que ele a examinava, atento a cada nuance de sua expressão, ela lhe deu as costas. Fileiras de livros a confrontaram, catálogos, manuais, livros contábeis. Mas, em uma prateleira mais abaixo, em meio a vários volumes utilitários, Helen viu o que pareceram títulos de botânica. Não entendeu direito, então os examinou com mais atenção.

Bromélias: breve tratado sobre a manutenção da estufa. *Orchidaceae Genera* e espécies. Catalogação de orquídeas conhecidas. Cultivo de orquídeas.

Aqueles livros não estavam no escritório dele por acaso.

O cultivo de orquídeas fora um grande interesse de Helen, um passatempo, desde que a mãe dela morrera, fazia cinco anos, deixando uma coleção de aproximadamente duzentos vasos daquelas flores. Como mais ninguém da família mostrara inclinação para cuidar delas, Helen havia assumido a tarefa. Orquídeas eram plantas exigentes, complicadas, cada uma com o próprio temperamento. A princípio, Helen não encontrara prazer na responsabilidade que se impusera. Mas, com o tempo, se tornara devotada às orquídeas.

Já dissera a Kathleen que, às vezes, é preciso amar algo antes que ele se torne digno de amor.

Helen tocou a encadernação dourada dos livros com a ponta do

dedo, hesitante, traçando o contorno de uma flor pintada à mão.

– Quando adquiriu esses livros? – perguntou.

A voz de Winterborne veio por detrás dela.

– Depois que me deu o vaso com a orquídea. Eu precisava saber como cuidar dela.

Algumas semanas antes, ele tinha ido jantar na Casa Ravenel e Helen, por impulso, lhe dera uma de suas orquídeas, uma azul rara, sua planta mais premiada e mais temperamental. Embora o Sr. Winterborne não tivesse demonstrado entusiasmo com o presente, havia agradecido a ela e levado a orquídea sem reclamar. Contudo, no momento em que o noivado deles fora rompido, ele mandara a orquídea de volta.

Para espanto de Helen, a planta extremamente sensível havia vicejado aos cuidados dele.

– O senhor mesmo cuidou dela, então – comentou Helen. – Fiquei curiosa.

– É claro que sim. Não tinha intenção de falhar no seu teste.

– Não foi um teste, foi um presente.

– Se está dizendo...

Irritada, Helen se virou para encará-lo.

– Eu pensei que fosse matar a orquídea, mas pretendia me casar com o senhor mesmo assim.

Ele franziu os lábios.

– Mas não matei.

Helen ficou em silêncio, tentando organizar os pensamentos e sentimentos antes de tomar a decisão mais difícil de sua vida. Mas era mesmo uma decisão tão complicada? O casamento era sempre um risco.

Uma mulher nunca sabia que tipo de marido um homem se tornaria.

Por uma última vez, Helen se permitiu considerar a opção de ir embora. Ela se imaginou saindo do escritório do Sr. Winterborne,

entrando na carruagem da família e voltando para a Casa Ravenel em South Audley. E aquela história estaria terminada de vez. Seu futuro seria idêntico ao de qualquer jovem dama em sua posição. Participaria da temporada de eventos sociais em Londres, compareceria a bailes e jantares com pretendentes civilizados, e tudo isso levaria ao casamento com um homem que nunca a compreenderia tanto quanto ela o compreenderia. E ela faria o máximo possível para jamais olhar para trás, para aquele momento, para jamais se perguntar o que teria acontecido ou o que teria se tornado caso houvesse aceitado a proposta do Sr. Winterborne.

Helen se lembrou da conversa que tivera com a governanta, a Sra. Abbott, antes de partir naquela manhã. A Sra. Abbott, uma mulher de cabelos grisalhos, rechonchuda e asseada, que trabalhava havia quatro décadas para os Ravenels, fizera forte objeção ao saber que Helen pretendia sair à luz do dia sem uma acompanhante.

– O patrão vai nos matar! – exclamara ela.

– Direi a lorde Trenear que escapuli sem que ninguém soubesse – garantira Helen. – E direi também que não dei outra opção ao cocheiro além de me levar até a Winterborne's, pois ameacei ir a pé.

– Milady, nada vale um risco desses!

No entanto, depois que Helen explicara à Sra. Abbott que pretendia visitar Rhys Winterborne na esperança de reatar o noivado, a governanta parecera pensar melhor.

– Não posso culpá-la – admitira a governanta. – Um homem como aquele...

Helen a encarara com curiosidade ao perceber que o rosto da mulher havia se suavizado, que tinha uma expressão pensativa e sonhadora.

– A senhora, então, estima o Sr. Winterborne?

– Sim, milady. Ah, sei que ele é chamado de arrivista pelos que têm melhor posição social. Mas, para a Londres de verdade, para as

centenas de milhares de pessoas que trabalham todo santo dia e se ajeitam o melhor que podem, o Sr. Winterborne é uma lenda. Ele alcançou o que a maior parte das pessoas não ousa sequer sonhar. Trabalhava na loja, e agora todos, da rainha ao mais humilde dos homens, todos conhecem seu nome. Ele dá motivo às pessoas para acreditarem que podem se erguer acima de suas circunstâncias – explicara, e dera um sorrisinho ao acrescentar: – E ninguém pode negar que é um belo homem, bem-apegoado, por mais que seja moreno como um cigano. Qualquer mulher, de classe alta ou baixa, se sentiria tentada.

Helen não poderia negar que os atrativos pessoais do Sr. Winterborne estavam no alto de sua lista de considerações. Um homem em seu auge, que irradiava uma energia impressionante, uma espécie de vitalidade animal que ela considerava ao mesmo tempo assustadora e irresistível.

Contudo havia algo mais em relação a ele... um encanto mais poderoso do que qualquer outro. Acontecia nos raros momentos em que o Sr. Winterborne mostrava ternura por ela, quando parecia que o esconderijo de tristeza trancado no fundo do coração dela estava prestes a se abrir. Ele era a única pessoa que já havia se aproximado daquele lugar secreto – e que talvez, algum dia, conseguisse acabar com a solidão que Helen sempre guardara dentro de si.

Talvez se arrependesse caso viesse a se casar com o Sr. Winterborne. Mas certamente não tanto quanto se arrependeria caso não se arriscasse.

Quase por milagre, tudo se organizou na mente de Helen. Uma sensação de calma a dominou quando o caminho a seguir se tornou claro.

Ela respirou fundo e olhou para ele.

– Muito bem – disse. – Concordo com seu ultimato.

CAPÍTULO 4

Por vários segundos, Rhys não conseguiu responder. Ou Helen não havia compreendido o que estava dizendo ou ele não ouvira direito.

– Aqui e agora – esclareceu ele. – A senhorita vai me deixar... – disse Rhys, e precisou pensar em uma palavra decente –... tê-la como esposa.

– Sim – respondeu Helen com calma, surpreendendo-o mais uma vez.

O rosto dela estava muito pálido, a não ser pelo intenso rubor nas faces. Mas ela não parecia nem um pouco insegura. Falava sério.

Tinha que haver uma falha naquela ideia, alguma armadilha que só seria descoberta mais tarde, mas Rhys não conseguia pensar em qual poderia ser. Ela dissera sim. Em uma questão de minutos, estaria na cama dele. Nua. Essa mera ideia alterou todos os ritmos internos dele, o coração e o pulmão batalhando por espaço no peito.

Então ocorreu a Rhys que o modo animal e vigoroso como costumava lidar com o sexo não serviria àquela situação. Helen era vulnerável e inocente.

Ele teria que fazer amor, em vez de copular.

E não sabia *nada* sobre fazer amor.

Maldição, inferno...

Nas raras ocasiões em que havia desfrutado os favores de uma dama de classe alta, ela quisera que ele a tomasse com rudeza,

como se ele fosse um bruto, incapaz de gentilezas. Rhys apreciara ser poupado de qualquer pretensão de intimidade. Não era nenhum poeta sedutor. Era um galês cheio de vigor. Quanto às técnicas de sedução e o romance... era melhor deixar isso para os franceses.

Porém Helen era virgem. Haveria sangue. Dor. Provavelmente lágrimas. E se ele não conseguisse ser gentil o bastante? E se ela se exaurisse? E se...

– Tenho duas condições – voltou a falar Helen. – Primeira: preciso estar de volta em casa antes da hora do jantar. E segunda...
– Ela ficou da cor de uma beterraba. – Gostaria de trocar este anel por outro.

O olhar de Rhys se desviou para a mão dela. Na noite em que a pedira em casamento, lhe dera um diamante rosa perfeito, do tamanho de um ovo de codorna. A peça de valor inestimável havia sido descoberta nas minas de Kimberley, na África do Sul, depois lapidada por um famoso gemólogo em Paris e posta sobre um suporte de platina filigranada pelo mestre joalheiro da Winterborne's, Paul Sauveterre.

Ao ver a expressão confusa dele, Helen se explicou, encabulada:

– Não gosto dele.

– Mas disse que havia gostado quando lhe dei.

– Para ser precisa, não cheguei a dizer isso. Só não falei que *não* havia gostado. Mas resolvi ser totalmente sincera com o senhor de agora em diante, para evitar futuros mal-entendidos.

Rhys ficou arrasado ao se dar conta de que Helen jamais gostara do anel de noivado que ele escolhera para ela. Mas compreendeu que ela tentava ser sincera com ele, mesmo estando claro que isso lhe exigia um esforço enorme.

No passado, as opiniões de Helen haviam sido ignoradas ou atropeladas pela família. E, quem sabe, refletiu Rhys, também por ele. Talvez devesse ter perguntado a ela que tipo de pedras e engastes preferia, em vez de decidir por ela.

Rhys pegou a mão de Helen e a ergueu para examinar mais de perto o anel cintilante.

– Vou lhe comprar um diamante do tamanho de uma torta.

– Minha nossa, não! – apressou-se em dizer Helen, voltando a surpreendê-lo. – Quero exatamente o oposto. Este anel fica muito protuberante no meu dedo, está vendo? E escorrega de um lado para o outro, o que me atrapalha ao tocar piano ou escrever uma carta. Prefiro uma pedra bem menor.

Ela fez uma pausa.

– E qualquer uma que não seja um diamante.

– Por que não um diamante?

– Na verdade, não gosto muito deles. Acho que os menores, que parecem gotas de chuva ou pequenas estrelas, até me incomodam menos. Mas os grandes são frios e duros.

– Sim, porque são diamantes.

Rhys a encarou com ironia.

– Mandarei trazerem uma bandeja de anéis para a senhorita escolher agora mesmo.

Um sorriso iluminou o rosto dela.

– Obrigada.

– Gostaria de mais alguma coisa? – perguntou ele. – Uma carruagem com quatro cavalos? Um colar? Peles?

Ela balançou a cabeça.

– Deve haver alguma coisa – falou Rhys.

Queria inundá-la de presentes caros, queria que ela compreendesse o que ele estava disposto a fazer por ela.

– Não consigo pensar em nada.

– Um piano? – sugeriu e, como percebeu o movimento involuntário dos dedos dela, continuou: – Um grande piano de cauda Brinsmead, com duplo escape e estrutura de mogno.

Ela deixou escapar uma risadinha ofegante.

– Que memória para os detalhes o senhor tem. Sim. Eu adoraria

ter um piano. Depois de nos casarmos, tocarei para o senhor sempre que desejar.

A ideia o seduziu. Ele relaxaria à noite e a assistiria ao piano. Depois, levaria Helen para o quarto, a despiria lentamente e beijaria cada centímetro do seu corpo. Não parecia possível que aquela criatura feita de luar e música pudesse mesmo ser dele. Rhys sentiu uma pontada de pânico, uma necessidade de se assegurar de que Helen não lhe seria roubada.

Ele tirou com cuidado o anel de diamante do dedo dela e passou o polegar pela marca sutil deixada pelo aro de ouro. A sensação de tocá-la era boa demais, a consciência da suavidade da pele de Helen, a doçura dela penetrando no corpo dele. Rhys se obrigou a soltá-la antes que acabasse violando-a ali mesmo, no escritório. Precisava pensar. Precisava tomar providências.

- Onde o cocheiro a espera? – perguntou ele.
- Nas cavalariças atrás da loja.
- É uma carruagem sem brasão?
- Não, a carruagem da família – foi a resposta inocente.

Quanta descrição, pensou Rhys, lamentando a opção, e fez um gesto para que ela o seguisse até a escrivaninha.

- Escreva um bilhete e pedirei que entreguem a ele.

Helen permitiu que ele a ajudasse a se sentar.

- Quando devo pedir que ele retorne?
- Diga que ele não será necessário pelo resto do dia. Cuidarei para que a senhorita seja levada para casa em segurança.

– Posso mandar um bilhete para minhas irmãs, para que não se preocupem?

- Claro. Elas sabem onde a senhorita está?

– Sim. E ficaram muito satisfeitas. As duas gostam muito do senhor.

- Ou ao menos da minha loja – comentou ele.

Helen se esforçou para dar um sorriso enquanto pegava uma

folha de papel de carta em uma bandeja de prata.

A convite de Rhys, a família Ravenel havia visitado a Winterborne's uma noite, depois que a loja já estava fechada. Como as moças ainda estavam de luto pelo falecido conde, as atividades delas em público eram restritas. Durante duas horas, as gêmeas, Cassandra e Pandora, haviam conseguido cobrir uma área enorme da loja. Ambas ficaram fora de si de empolgação diante das mercadorias mais novas, da moda, e das vitrines e dos balcões cheios de acessórios, cosméticos e enfeites.

Rhys percebeu que Helen encarava com perplexidade a caneta na escrivaninha.

– Há um reservatório de tinta dentro do corpo da caneta – disse ele, dando a volta na escrivaninha para chegar até Helen. – Basta colocar uma leve pressão na ponta conforme escreve.

Helen pegou a caneta com muito cuidado, fez um risco com ela e parou, surpresa, ao ver a linha suave desenhada no papel.

– Não tinha visto uma dessas ainda? – perguntou Rhys.

Helen fez que não com a cabeça.

– Lorde Trenear prefere canetas comuns, com tinteiro. Ele diz que as deste tipo aqui correm mais risco de vazar.

– É verdade – concordou Rhys. – Mas esta é um projeto novo, com uma agulha para regular o fluxo de tinta.

Rhys observou Helen testar a caneta, escrevendo o nome com uma caligrafia caprichada. Quando ela terminou, examinou o resultado por um momento, então riscou o sobrenome. Rhys se inclinou por trás dela, as mãos apoiadas na mesa, em torno do corpo de Helen, enquanto ela voltava a escrever. Juntos, os dois fitaram o resultado no papel.

Lady Helen ~~Ravenel~~ Winterborne

– É um nome encantador – murmurou Helen.

– Nem de perto tão exaltado quanto Ravenel.

Helen virou a cadeira para olhar para ele.

– Ficarei honrada em ter seu sobrenome.

Rhys estava acostumado a ser adulado o tempo todo, por um sem-número de pessoas que queriam algo dele. Normalmente, era capaz de adivinhar os motivos dessas pessoas com facilidade, como se houvessem sido escritos no ar acima de suas cabeças. Mas os olhos de Helen eram transparentes e ingênuos, como se ela falasse com toda a sinceridade. Ela não conhecia nada do mundo ou do tipo de homem com quem deveria se casar. Só perceberia o erro que estava prestes a cometer quando já fosse tarde demais para corrigi-lo. Se ele tivesse um pouco de decência, a mandaria embora naquele exato momento.

Porém o olhar de Rhys caiu sobre o nome que ela escrevera... *lady Helen Winterborne*... e aquilo selou o destino dela.

– Teremos um casamento grandioso – declarou ele. – Para que toda a cidade de Londres saiba.

Helen não pareceu especialmente empolgada com essa ideia, mas não fez objeções.

Ainda encarando o nome escrito no papel, Rhys acariciou o rosto dela com o polegar, em um gesto gentil.

– Pense em nossos filhos, *cariad*. O vigor dos galeses com o toque dos Ravenels. Eles irão conquistar o mundo.

– Prefiro pensar que o senhor conquistará o mundo antes que eles tenham a oportunidade – disse Helen, pegando uma nova folha de papel de carta.

Depois que ela escreveu e selou os dois bilhetes, Rhys os levou até a porta do escritório e chamou a Sra. Fernsby.

A secretária respondeu à convocação com uma rapidez fora do comum. Embora seus modos fossem profissionais como sempre, os olhos castanhos por trás dos óculos de aro redondo cintilavam de

curiosidade. O olhar dela tentou vasculhar o escritório de Rhys, mas os ombros dele bloquearam sua visão.

– Sim, Sr. Winterborne.

Ele lhe deu os bilhetes.

– Mande levarem estes bilhetes às cavaliças e os entregarem ao cocheiro da carruagem Ravenel. Quero que sejam postos nas mãos dele.

O nome fez com que ela piscasse duas vezes.

– Então é lady Helen.

Rhys estreitou os olhos.

– Nem uma palavra para ninguém – ordenou.

– Claro que não, senhor. Mais alguma coisa?

– Leve isso ao Sr. Sauveterre.

Ele deixou o anel de diamante cair na mão estendida dela.

– Diga a ele que suba aqui com uma bandeja de anéis, neste tamanho, que sejam adequados a um noivado. Eu o quero aqui em meia hora.

A Sra. Fernsby arquejou ao sentir o peso do anel precioso na palma da mão.

– Se ele não estiver disponível neste exato momento, devo pedir a um dos outros joalheiros que...

– Quero Sauveterre – repetiu Rhys. – Em meu escritório, dentro de meia hora.

A Sra. Fernsby respondeu com um discreto aceno de cabeça, as engrenagens de seu cérebro sensato girando enquanto ela tentava entender o que acontecia.

– Além disso – continuou Rhys –, cancele todos os compromissos na minha agenda pelo resto do dia.

A secretária o encarou. Ele nunca havia feito um pedido daquele antes.

– O dia *inteiro*? Como devo explicar?

Rhys deu de ombros com impaciência.

– Invente algo. E avise aos empregados da minha casa que pretendo passar uma tarde tranquila com uma visita. Não quero uma alma à vista a não ser que eu toque a campainha chamando.

Ele fez uma pausa e encarou a secretária com um olhar duro.

– Deixe claro para a equipe do escritório que, se eu escutar um sussurro que seja sobre isto, em qualquer setor, demitirei todos que trabalham ali, sem fazer uma única pergunta.

– Eu mesma os dispensaria – assegurou a Sra. Fernsby.

Como havia supervisionado as entrevistas e contratado pessoalmente a maior parte dos empregados do escritório, ela se orgulhava da excelência da equipe.

– No entanto, a descrição deles está além de qualquer dúvida – concluiu a Sra. Fernsby.

Ela fechou os dedos em torno do anel e encarou Rhys com uma expressão especulativa.

– Posso sugerir uma bandeja de chá? Lady Helen parece ser bastante delicada. Um lanche talvez seja uma boa opção enquanto ela espera o joalheiro.

Rhys ergueu as sobrancelhas.

– Eu deveria ter pensado nisso.

A Sra. Fernsby não conseguiu conter um sorriso vaidoso.

– De forma alguma, Sr. Winterborne. Foi para isso que o senhor me contratou.

Enquanto a observava se afastar, Rhys pensou que o toque de presunção da Sra. Fernsby era perdoável: afinal, ela era, sem sombra de dúvida, a melhor secretária particular de Londres e realizava seu trabalho com uma eficiência que superava a de qualquer um de seus colegas do sexo masculino.

Mais de uma pessoa havia sugerido a Rhys que um homem seria muito mais adequado para atender a alguém na posição dele. Porém Rhys confiava em seus instintos naqueles assuntos. Conseguia detectar nos outros as mesmas qualidades que o fizeram

ser bem-sucedido no longo e laborioso caminho desde que era funcionário de loja até chegar a ser um magnata: voracidade, determinação, vigor. E não dava a menor importância à origem de um empregado, suas crenças, cultura ou gênero. Tudo o que lhe importava era a excelência dele no que fazia.

A Sra. Fernsby voltou logo com a bandeja de chá mandada pelo restaurante que ficava dentro da loja. Embora a secretária tentasse se manter discreta enquanto colocava a bandeja em cima de uma mesinha redonda, Helen se dirigiu gentilmente a ela.

– Obrigada, Sra. Fernsby.

A secretária se virou para ela com uma expressão que misturava prazer e surpresa.

– É um prazer, milady. Há mais alguma coisa que deseje?

Helen sorriu.

– Não, isto está perfeito. Obrigada.

A Sra. Fernsby se demorou no escritório, insistindo em arrumar um prato para Helen como se estivesse servindo a rainha. Ela usou uma pinça de prata para transferir sanduíches e bolos minúsculos de uma cestinha adornada com uma fita branca para o prato de Helen.

– Já basta de adulação, Fernsby – ralhou Rhys. – Há trabalho à sua espera.

– É claro, Sr. Winterborne.

A secretária dirigiu ao patrão um olhar discreto mas incinerador enquanto deixava a pinça de prata de lado.

Rhys a acompanhou até a porta e parou. Eles mantiveram a voz baixa, tomando cuidado para não serem ouvidos.

– A senhora é mesmo um doce! – zombou Rhys.

A expressão da secretária não mostrou o menor traço de humor.

– Passar algumas horas sozinha com o senhor destruirá a honra dela. Quero que me dê a sua palavra, senhor, de que pretende redimir isso depois.

Embora não demonstrasse, Rhys ficou impressionado por ela ousar fazer tal exigência. A Sra. Fernsby, a mais leal de todos os funcionários, sempre se mantivera cega e surda às indulgências que ele se permitira no passado.

– A senhora nunca disse uma palavra sobre as mulheres que eu levava para a minha casa – lembrou Rhys a ela, em um tom frio. – Por que esse súbito ataque de escrúpulos?

– Ela é uma dama. E é inocente. Não vou ser cúmplice da ruína dessa jovem.

Rhys a encarou com uma expressão de advertência.

– Eu pedi uma bandeja com anéis de noivado – disse ele, secamente. – Mas só poderia redimir a honra dela se a arruinasse primeiro. Vá cuidar de seus afazeres.

A Sra. Fernsby esticou o pescoço e a coluna, como uma galinha pronta para a briga, e continuou a encará-lo com óbvia desconfiança.

– Sim, senhor.

Depois de fechar a porta, Rhys voltou para junto de Helen, que servia o chá. Estava sentada na beira da cadeira, a coluna muito reta.

– Aceita? – ofereceu Helen.

Ele balançou a cabeça, recusando, enquanto a observava com atenção. A Sra. Fernsby estava certa, Helen parecia muito delicada, mais do que ele se lembrava. O pulso muito pálido era tão fino que mal parecia capaz de suportar o peso do bule de chá. Talvez ela não quisesse ser tratada como uma flor de estufa, mas certamente não parecia ser muito menos frágil do que uma dessas flores.

Cristo, como aquela jovem aguentaria o que ele exigiria dela?

Nesse instante, porém, o olhar de Helen encontrou o dele, e a impressão de fragilidade desapareceu. O que quer que ela sentisse por ele, não era medo. Ela o procurara, apesar de tudo, em uma atitude determinada e inesperadamente ousada.

Rhys sabia que o ultimato que dera a ela era indecente, uma contradição em relação a tudo o que ele aspirava, mas não dava a menor importância para isso. Aquele era o único modo de ter certeza que Helen seria dele. Caso contrário, ela poderia desistir do noivado. Rhys não queria pensar em como ficaria se a perdesse de novo.

Helen colocou um cubo de açúcar na xícara de chá.

– Há quanto tempo a Sra. Fernsby trabalha para o senhor?

– Há cinco anos, desde que ficou viúva. O marido dela sucumbiu a uma doença muito debilitante.

O rosto sensível de Helen mostrou tristeza e preocupação.

– Pobre mulher. Como ela chegou até aqui?

Embora Rhys não costumasse falar sobre a vida pessoal dos empregados, o interesse de Helen o encorajou a continuar.

– Ela ajudava a gerenciar a loja de luvas e roupas de baixo do marido, o que lhe garantiu uma boa compreensão do negócio de varejo. Depois que o marido faleceu, a Sra. Fernsby se candidatou a uma vaga na Winterborne's, para secretária do gerente de propaganda da empresa. Mas o gerente se recusou a entrevistá-la, já que achava que apenas um homem poderia assumir tamanha responsabilidade.

Helen não esboçou nem surpresa nem discordância.

– No entanto – continuou Rhys –, ela scandalizou o supervisor de contratações ao pedir para falar direto comigo. Foi dispensada na mesma hora. No dia seguinte, quando eu soube o que havia acontecido, mandei chamá-la e a entrevistei pessoalmente. Gostei de sua coragem e ambição e a contratei na hora como minha secretária particular. – Ele sorriu ao acrescentar: – E desde então a posição dela a coloca acima do departamento de propaganda.

Helen pareceu refletir sobre a história enquanto comia um dos pequenos sanduíches que acompanhavam o chá, um pedaço de um pão doce e uma tortinha tão pequena que só comportava uma única

cereja caramelizada.

– Não estou acostumada à ideia de uma mulher assumir um posto entre homens em um negócio – admitiu ela. – Meu pai sempre disse que o cérebro feminino era insuficiente para atender às demandas do trabalho profissional.

– A senhorita desaprova as ações da Sra. Fernsby, então?

– Aprovo completamente – retrucou Helen, sem hesitar. – Uma mulher deve ter outras escolhas além de se casar ou viver com a família.

Embora a intenção dela não fosse alfinetá-lo, Rhys se sentiu atingido. E a encarou com severidade.

– Talvez, no lugar de pedi-la em casamento, eu devesse lhe oferecer um emprego para se juntar às secretárias na recepção.

Helen parou com a xícara perto dos lábios.

– Prefiro me casar com o senhor – respondeu. – Será uma aventura.

Mais calmo, Rhys pegou uma cadeira com uma das mãos e a levou até Helen.

– Eu não contaria muito com aventura. Vou cuidar da senhorita e mantê-la segura.

Ela o encarou por cima da borda da xícara, os olhos sorridentes.

– Quis dizer que *o senhor* é a aventura.

Rhys sentiu o coração disparar como se um batalhão de soldadinhos de chumbo marchasse em seu peito. Sempre apreciara casualmente as mulheres, aceitando seus favores com tranquilidade. Nenhuma delas havia conseguido provocar nele aquele desejo dolorido que Helen parecia ter liberado do centro de sua alma. Que Deus o ajudasse, jamais poderia permitir que ela descobrisse o poder que tinha sobre ele, ou estaria à mercê de Helen.

Em poucos minutos, o Sr. Sauveterre, o mestre joalheiro, entrou no escritório com uma grande pasta preta de couro em uma das

mãos e uma pequena mesa dobrável na outra. Era um homem pequeno e magro, com calvície precoce e um olhar penetrante e incisivo. Embora Sauveterre houvesse nascido na França, falava inglês sem sotaque, pois morava em Londres desde os 2 anos. O pai dele, um bem-sucedido vidreiro, encorajara a habilidade artística do filho e acabara conseguindo um lugar para ele como aprendiz de um ourives. Algum tempo depois, Sauveterre frequentara uma escola de arte em Paris e, ao se formar, trabalhara como desenhista de joias para Cartier e Boucheron.

Ainda jovem, com o desejo de se destacar, Sauveterre aceitara de bom grado a chance de se tornar o mestre joalheiro da Winterborne's. Ele tinha muita técnica e confiava no próprio talento, reconhecidamente notável. E tão importante quanto isso: Sauveterre sabia quando manter a boca fechada. Um bom joalheiro protegia o segredo dos clientes, e Sauveterre guardava uma enorme quantidade deles.

O joalheiro se inclinou em uma mesura graciosa.

– Milady.

Ele pousou a pasta de couro no chão. Então montou a mesinha e pegou uma bandeja dentro da pasta.

– Pelo que entendi, deseja ver anéis de noivado. O diamante não foi do seu agrado?

– Prefiro algo menor – disse Helen. – Um anel que não incomode quando eu estiver fazendo um trabalho de agulha ou tocando piano.

O joalheiro nem piscou ao ouvir o diamante de valor inestimável ser descrito como um incômodo.

– Mas é claro, milady. Vamos encontrar algo que lhe agrade. E, caso isso não aconteça, posso criar algo a seu gosto. Tem alguma pedra em particular em mente?

Helen só balançou a cabeça, o olhar fascinado examinando os anéis cintilantes sobre o veludo negro.

– Talvez haja uma cor que a satisfaça mais – sugeriu Sauveterre.

– Azul.

Helen olhou com cautela para Rhys quando respondeu, e ele assentiu brevemente para confirmar que ela poderia escolher qualquer anel que lhe agradasse.

O joalheiro se inclinou para procurar dentro da pasta e começou a arrumar anéis com agilidade em uma nova bandeja.

– Safiras... águas-marinhas... opalas... alexandritas... ah, e aqui está um topázio azul, muito raro, que veio dos Montes Urais na Rússia...

Por pelo menos meia hora, Sauveterre ficou sentado ao lado de Helen mostrando vários anéis a ela e discutindo as qualidades de pedras e engastes. Quando se tornou mais confortável com a presença do joalheiro, Helen passou a falar mais livremente com ele. Na verdade, ela se tornou bastante falante, conversou sobre arte e música e perguntou sobre o trabalho dele em Paris.

Foi, possivelmente, uma conversa muito mais relaxada do que ela já tivera com Winterborne.

Rhys sentiu o ciúme perfurar seu coração como um prego. Foi até a escrivaninha e pegou um pote de vidro com biscoitos cremosos de menta. O pote era abastecido uma vez por semana e ocupava um canto permanente da escrivaninha dele. Ele colocou o biscoito branco e macio na boca e foi até a janela. A massa, feita de claras de ovos, açúcar de confeitiro e essência para dar sabor, se dissolveu na boca na mesma hora, em uma inundação de menta.

– Qual é essa? – Rhys ouviu Helen perguntar ao joalheiro.

– Uma pedra da lua cercada de diamantes.

– Que lindo! O que faz a pedra cintilar dessa forma?

– Esse efeito é chamado de adularescência, milady. As camadas naturais da pedra da lua refratam a luz e fazem parecer que o brilho vem de dentro.

Como percebeu que o anel agradara a Helen, Rhys se aproximou para conferir. Ela estendeu o anel para ele, que

examinou a peça com atenção. A pedra semipreciosa era um cabochão oval de uma cor indeterminada. Quando Rhys virou o anel de um lado para outro, a luz ambiente fez o azul cintilar das profundezas pálidas, frio e quente ao mesmo tempo.

Era um anel encantador, mas, mesmo cercada de diamantes, a pedra central era muito mais humilde do que o primeiro anel que ele dera a Helen. Não era uma peça adequada para a esposa de um Winterborne. Rhys amaldiçoou Sauveterre em silêncio por ter subido com uma joia tão modesta.

– Helen – disse Rhys bruscamente –, deixe que ele lhe mostre outra peça. Esse é o anel de menor valor em toda a bandeja.

– Para mim é o mais valioso – falou Helen, animada. – Nunca julgo o valor de qualquer coisa por quanto ela custa.

– Um belo sentimento – comentou Rhys.

Sendo o proprietário de uma loja de departamentos, aquele comentário lhe provocava dores no peito.

– Mas esse não é bom o bastante para a senhorita – ressaltou ele.

– Se desejarem – ofereceu o joalheiro de forma diplomática –, posso cercar a pedra com diamantes maiores e alargar o aro.

– Adoro o anel exatamente como ele está – insistiu Helen.

– É uma pedra semipreciosa – destacou Rhys, indignado.

Qualquer uma das antigas amantes dele teria desdenhado do anel.

Sauveterre quebrou o silêncio tenso:

– Uma pedra dessa qualidade, Sr. Winterborne, talvez seja mais valiosa do que o senhor possa presumir. Por exemplo, vale mais do que uma safira mediana ou um rubi de segunda categoria...

– Quero que minha esposa tenha um anel à altura dela – retrucou Rhys, irritado.

Helen o encarou sem piscar.

– Mas este anel é o que eu quero.

A voz dela era gentil e a expressão, tranquila. Seria fácil se impor a ela... principalmente porque estava claro que a jovem não compreendia o que desejava.

Rhys estava prestes a argumentar, mas algo no olhar de Helen chamou sua atenção. Ela estava tentando não ser coagida por ele, percebeu.

Pelas bolas flamejantes de Lúcifer. Não havia como negar o desejo dela.

Rhys guardou o anel no punho fechado e encarou o joalheiro com um olhar assassino.

– Vamos ficar com este – declarou.

Enquanto Sauveterre devolvia as bandejas cintilantes à pasta, Rhys murmurou xingamentos em galês. Tanto o joalheiro quanto Helen foram prudentes o bastante para não pedir que ele os traduzisse.

Depois que Sauveterre fechou a pasta, pegou a mão estendida de Helen e se inclinou sobre ela em um gesto galante.

– Milady, por favor, aceite meus cumprimentos por seu noivado. Espero...

– Está na hora de você ir – disse Rhys, secamente, quase expulsando o outro.

– Mas a mesa dobrável... – protestou Sauveterre.

– Pode recolhê-la mais tarde.

O joalheiro se esticou para olhar para Helen por sobre o ombro de Rhys.

– Se eu puder lhe ser útil em alguma outra...

– Já a ajudou o bastante.

Rhys empurrou o joalheiro porta afora e a fechou com uma batida decidida.

– Obrigada – disse Helen no silêncio que se seguiu. – Sei que não é o que o senhor teria escolhido, mas me faz feliz.

Ela sorria para ele de um modo como nunca sorrira antes, que

fazia os cantos de seus olhos se voltarem para cima.

Rhys não tinha ideia de por que Helen ficara tão satisfeita em trocar um diamante por uma pedra da lua. Tudo o que sabia era que ela precisava ser protegida da própria ingenuidade.

– Helen – falou ele, irritado –, quando você tiver uma boa mão de cartas, use-a a seu favor o máximo possível.

Ela o encarou como se não o compreendesse.

– Você trocou um anel caro por outro que custa apenas uma fração do valor do primeiro – explicou ele. – É um negócio ruim. Deveria exigir algo para compensar a diferença de valor. Um colar, uma tiara.

– Não preciso de uma tiara.

– Precisa pedir uma compensação – insistiu ele. – Para equilibrar a contabilidade.

– Não há contabilidade em um casamento.

– Sempre há uma contabilidade – retrucou Rhys.

Ele viu na expressão de Helen que ela não concordava. Contudo, em vez de discutir, Helen foi até o pote de biscoitos de menta, levantou a tampa e aspirou o aroma fresco e estimulante.

– Então esta é a fonte – disse ela. – Percebi este aroma em seu hálito.

– Gosto desses biscoitos desde que era menino – admitiu Rhys –, quando fazia entregas na loja de doces da esquina. O confeitiro costumava me dar os quebrados.

Ele hesitou antes de perguntar com um toque de insegurança:

– O aroma a desagrada?

O contorno do queixo dela se arredondou quando ela abaixou os olhos para o pote.

– De forma alguma. É... muito bom. Posso experimentar um?

– É claro.

Sem jeito, ela pegou uma pequena esfera branca no pote e colocou com cautela na boca. A rapidez com que o biscoito se

dissolveu em sua língua e o poderoso sabor de menta a pegaram de surpresa.

– Nossa. É... – tentou falar, mas tossiu e riu, os olhos azuis-inverno ligeiramente marejados. – É forte.

– Precisa de um copo de água? – perguntou Rhys, achando divertido. – Não? Bem, então... deixe eu lhe dar isso.

Ele pegou a mão dela e começou a deslizar o anel de pedra da lua por seu dedo, mas hesitou.

– Como fiz o pedido na primeira vez?

Rhys ficara nervoso na ocasião, preparando-se para uma possível recusa, e mal conseguia se lembrar de uma única palavra que dissera.

Foi a vez de Helen mostrar uma expressão divertida no rosto.

– O senhor apresentou em detalhes as vantagens para ambos os lados e explicou de que maneiras nossos objetivos eram compatíveis.

Rhys ouviu aquilo mortificado.

– Ninguém jamais me acusou de ser um romântico – disse ele, em um tom melancólico.

– Se fosse um romântico, como faria o pedido?

Rhys pensou por um momento.

– Eu começaria lhe ensinando uma palavra em galês. *Hiraeth*. Não há equivalente em inglês.

– *Hiraeth* – repetiu ela, tentando pronunciar a palavra com o *r* suave, como ele havia feito.

– *Aye*, isso. É um anseio por algo que foi perdido ou que nunca existiu. É o que se sente por uma pessoa, um lugar ou uma época da vida... é uma tristeza da alma. A *Hiraeth* visita o galês mesmo quando ele está muito perto da felicidade, lembrando a ele que é incompleto.

Helen franziu o cenho, preocupada.

– É assim que se sente?

– Desde o dia em que nasci.

Rhys baixou os olhos para o rosto pequeno e adorável dela.

– Mas não quando estou a seu lado. E é por isso que quero me casar com você.

Helen sorriu, passou a mão ao redor da nuca de Rhys, e a carícia de seus dedos foi tão leve quanto uma nuvem de gaze sedosa roçando sua pele. Ela ficou na ponta dos pés e, puxando a cabeça dele em sua direção, o beijou. Seus lábios eram mais delicados do que pétalas e a sensação do beijo foi de uma união feita de suavidade, ternura e orvalho. Rhys teve a curiosa sensação de estar se rendendo, de que alguma terrível doçura o invadira e o reorganizava por dentro.

Helen interrompeu o beijo e voltou a apoiar os pés totalmente no chão.

– Seus pedidos de casamento estão melhorando – disse ela.

E estendeu a mão enquanto ele colocava o anel desajeitadamente em seu dedo.

CAPÍTULO 5

Rhys manteve a mão de Helen na dele enquanto a guiava por uma passagem escondida, uma espécie de galeria com janelas que interligava o escritório a um dos andares superiores da casa.

Não foi a primeira vez naquele dia que uma sensação de irreabilidade invadiu a jovem. Sentiu-se surpresa com o que estava fazendo. Passo a passo, deixava para trás sua antiga vida, sem possibilidade de retorno. Aquilo não tinha nada a ver com as façanhas insensatas das gêmeas. Era uma decisão séria, com consequências inalteráveis.

Os ombros de Rhys pareciam dominar toda a largura do corredor enquanto ele a levava por uma escadaria escondida. Chegaram a um pequeno patamar com uma bela porta pintada de preto brilhante. Depois que Rhys a destrancou, os dois entraram em uma casa ampla e silenciosa, com cinco andares que se erguiam ao redor de um saguão central e de uma escadaria. Não havia nenhum criado à vista. A casa era muito limpa e cheirava a nova – tinta fresca, polidor de madeira, verniz –, mas as paredes eram nuas e os cômodos, quase sem mobília. Um lugar de superfícies duras.

Helen não pôde evitar compará-la com a decadência confortável do Priorado Eversby, com sua profusão de flores frescas e obras de arte, os pisos cobertos por tapetes de estampas desbotadas. Na casa dela, as mesas tinham livros empilhados e os aparadores ficavam cheios de cristais, porcelana e prata. Além disso, uma dupla de cocker spaniels pretos – Napoleão e Josephine – andava

livremente pelos cômodos à luz de luminárias de cúpulas franjadas. O chá da tarde era servido todo dia, com pães quentes e potes de geleia e mel. À noite, havia sempre música e jogos, doces e vinho quente, e longas conversas em poltronas fundas e aconchegantes. Helen nunca havia morado em outro lugar que não fosse Hampshire, uma terra de sol, rios e campinas.

Seria muito diferente viver ali, no centro de Londres. Ao olhar para o ambiente silencioso e estéril que a cercava, Helen tentou imaginar a casa como uma tela em branco à espera de que a preenchessem com cor. Ela observou uma fileira de janelas altas e muito limpas que se erguiam até o teto.

– É encantadora – disse ela.

– Precisa ser suavizada – comentou Rhys com franqueza. – Mas passo a maior parte do tempo na loja.

Ele a levou por mais um longo corredor, até chegarem a um conjunto de cômodos. Passaram, então, por uma antecâmara ainda sem mobília e entraram em um quarto grande e quadrado, com teto alto e paredes pintadas de creme. O pulso de Helen disparou de tal modo que ela se sentiu ligeiramente zozna.

Ali, pelo menos, o cômodo parecia habitado, com o leve aroma de cera de vela, de cedro e das cinzas da lareira pairando no ar. Uma parede era ocupada por uma grande cômoda, que apoiava uma caixa de madeira entalhada e uma bandeja com alguns objetos: um relógio de bolso, uma escova e um pente. O piso era coberto por um tapete persa de lã em tons de amarelo e vermelho. Uma enorme cama de mogno com colunas entalhadas fora colocada no centro da parede na outra extremidade do quarto.

Helen caminhou até a lareira e investigou os objetos em cima do console: um relógio, um par de castiçais, um vaso verde de vidro com gravetos de madeira usados para acender velas e lamparinas. A lareira cintilava com um fogo baixo. Rhys teria mandado algum aviso aos criados para que a acendessem? Com certeza, quem

trabalhava na casa estava ciente da presença dele, ali, no meio do dia. E a secretária de Rhys, a Sra. Fernsby, sabia exatamente o que acontecia.

A imprudência do que estava prestes a fazer quase a deixava de pernas bambas. Mas havia feito uma escolha. E não recuaria agora, mesmo se quisesse, o que não era o caso. E, se fosse encarar a situação de forma prática – e vinha se esforçando para isso –, teria que se submeter àquilo mais cedo ou mais tarde, como acontecia com toda recém-casada.

Rhys fechou as cortinas, escurecendo o quarto.

Enquanto observava o fogo estalar e dançar na lareira, Helen falou, tentando parecer calma:

– Vou precisar confiar em você para que me diga... o que devo fazer.

Ela levou as mãos trêmulas ao grampo comprido que prendia o chapéu, soltou-o e o segurou, enrolando o véu na aba.

Teve consciência de Rhys aproximando-se por trás dela. As mãos dele pousaram em seus ombros e deslizaram até os cotovelos em uma carícia gentil. Ela se arriscou a apoiar as costas no peito dele.

– Já dividimos uma cama antes – murmurou ele. – Lembra-se?

Helen ficou confusa por um instante.

– Deve estar se referindo a quando ficou doente, no Priorado Eversby, não?

Ela enrubesceu.

– Mas aquilo não foi *dividir* uma cama – continuou ela.

– Eu lembro que estava ardendo em febre. E a dor na minha perna parecia que ia me matar. Depois ouvi sua voz e senti sua mão fria em minha cabeça. E você me deu alguma coisa doce para beber.

– Chá de orquídea.

Helen havia aprendido muito sobre as propriedades medicinais

das plantas lendo uma grande quantidade de diários que a mãe deixara.

– Então você me deixou apoiar a cabeça aqui.

Ele colocou a mão livre acima do peito dela.

Helen inspirou com dificuldade.

– Achei que você não lembraria. Estava tão doente...

– Vou me lembrar daquele momento até o último dia da minha vida.

A palma da mão de Rhys roçou gentilmente a curva do seio dela, demorando-se ali até o mamilo ficar rígido e sensível. O chapéu caiu dos dedos nervosos de Helen. Chocada, ela permaneceu imóvel enquanto ele sussurrava:

– Nunca lutei tanto contra o sono como naquele momento, tentando ficar acordado em seus braços. Nenhum sonho poderia ter me dado mais prazer.

Rhys inclinou a cabeça e beijou a lateral do pescoço dela.

– Por que ninguém a impediu?

Helen estremeceu ao sentir a boca de Rhys em sua pele, o arranhar quente e erótico da barba.

– De tomar conta de você? – perguntou ela, meio zozza.

– Aye, um estranho de modos bruscos, de origem simples e apenas semivestido. Eu poderia lhe ter feito mal antes que qualquer pessoa percebesse o que estava acontecendo.

– Você não era um estranho, era um amigo da família. E não estava em condições de fazer mal a ninguém.

– Você deveria ter mantido distância de mim – insistiu ele.

– Alguém precisava ajudá-lo – retrucou Helen, em um tom prático. – E você já havia assustado o resto da casa.

– Então, você ousou entrar na cova do leão.

Ela sorriu para os olhos escuros e intensos dele.

– Como se viu, não havia riscos.

– Não? – falou ele, a voz em um tom ao mesmo tempo gentil e

zombeteiro. – Veja aonde isso levou. Você está no meu quarto, com o vestido aberto.

– Meu vestido não está...

Helen se interrompeu ao sentir o corpete do vestido frouxo, o tecido sendo puxado para baixo pelo peso das saias.

– *Ah.*

Uma onda de ansiedade a dominou quando ela percebeu que Rhys abrira sua roupa enquanto os dois conversavam. Segurou o corpete do vestido para evitar que ele descesse, sentindo-se ao mesmo tempo ardendo e congelando.

– Primeiro vamos falar sobre o que vai acontecer – disse Rhys, a boca acariciando o rosto dela. – Mas é melhor se nós dois estivermos confortáveis.

– Já estou confortável.

Ela sentia o corpo tenso como um relógio a que se tivesse dado corda até o fim.

Rhys a puxou para junto do corpo, deslizando a palma de uma das mãos pelo espartilho dela.

– Presa nisso? – perguntou ele, traçando com os dedos as barbatanas que apertavam as costelas de Helen. – E nisso? – continuou falando, a mão pousando por um instante no volume feito pelas anquinhas recheadas de crina de cavalo. – Duvido que qualquer mulher consiga se sentir à vontade sufocada assim.

Rhys começou a abrir os cadarços que prendiam as anquinhas.

– Além do mais, as damas elegantes já não usam anquinhas.

– C-como sabe disso? – perguntou Helen, encolhendo-se quando o acessório caiu no chão.

Ele levou a boca até a orelha dela como se compartilhasse um grande segredo.

– Meias e roupas íntimas, segundo andar, departamento 23 – sussurrou. – De acordo com o último relatório do gerente, paramos de fazer estoque de anquinhas.

Helen não conseguia decidir se o que a deixava mais atônita era o fato de estarem discutindo roupas íntimas ou de as mãos dele correrem livres sob o vestido dela. Logo as anáguas de Helen e a camisa que cobria o espartilho aterrissaram no chão, junto com as anquinhas.

– Nunca comprei roupas em uma loja de departamentos – conseguiu dizer ela. – Parece esquisito usar algo feito por estranhos.

– A costura é feita por mulheres que sustentam a si e a suas famílias.

Ele puxou as mangas pelos braços dela, e o vestido caiu no chão.

Helen esfregou os braços nus arrepiados.

– As costureiras trabalham em sua loja?

– Não, em uma fábrica que pretendo comprar. O negócio já está em andamento.

– Por que...

Helen se interrompeu e se afastou quando Rhys abriu o último laço na frente do espartilho.

– Ah, por favor, não.

Rhys parou e seu olhar buscou o rosto tenso dela.

– Você sabe que isso é feito sem roupas? – perguntou com gentileza.

– Posso ficar ao menos com a camisa de baixo?

– Sim, se isso a deixar mais à vontade.

Enquanto ele continuava a abrir os cadarços do espartilho com eficiência, Helen esperou, tensa, tentando se concentrar em qualquer outra coisa que não fosse o que estava acontecendo. Ao descobrir que isso era impossível, ela se obrigou a olhar para ele.

– Costuma despir mulheres com frequência? Digo... imagino que já tenha tido muitas amantes.

Ele deu um sorrisinho.

– Nunca mais de uma por vez. Como sabe sobre amantes?

– Meu irmão, Theo, tinha uma amante. Minhas irmãs ouviram às escondidas uma discussão entre ele e nosso pai e me contaram depois. Ao que parece, meu pai disse que a amante de Theo era cara demais.

– As amantes costumam ser caras.

– Mais do que as esposas?

Rhys desviou os olhos para a mão esquerda de Helen, que ela havia pousado, hesitante, na frente da camisa dele. A pedra da lua parecia cintilar em uma luz própria.

– Mais do que a minha esposa, ao que parece – comentou ele, com ironia.

Rhys levou as mãos ao coque dela para soltar o cabelo e deixou os cachos elegantes caírem sobre os ombros e as costas de Helen. Ao vê-la estremecer, ele acariciou suas costas para tranquilizá-la.

– Serei gentil com você, *cariad*. Prometo que vou lhe causar o mínimo de dor possível.

– Dor? – repetiu Helen e se afastou dele. – Que dor?

– A dor da virgindade.

Ele a encarou, alerta.

– Você não sabe sobre isso?

Ela balançou a cabeça, tensa.

Rhys pareceu perturbado.

– Dizem que é uma dor insignificante. É... Maldição, as mulheres não conversam sobre essas coisas? Não? E quando você começou a ter seu sangramento mensal? Como lhe explicaram isso?

– Minha mãe nunca mencionou nada. Fui pega de surpresa. Foi... desconcertante.

– E provavelmente a deixou apavorada.

Para surpresa de Helen, ele a puxou lentamente para junto do corpo, até ela estar aconchegada no peito firme, com a cabeça no ombro dele. Como não estava acostumada àquele tipo de contato

tão íntimo, Helen permaneceu tensa dentro do abraço.

– O que você fez quando aconteceu? – ela o ouviu perguntar.

– Ah, não... não posso conversar sobre isso com você.

– Por que não?

– Não seria decente.

– Helen – disse ele depois de um instante –, estou bastante familiarizado com as realidades da vida, incluindo o modo como funciona o corpo de uma mulher. Sem dúvida, um cavalheiro não faria perguntas a respeito. Mas ambos sabemos que esse não é o caso, no que me diz respeito.

Ele deu um beijo no espaço macio bem abaixo da orelha dela.

– Conte-me o que aconteceu – pediu.

Quando percebeu que ele não desistiria, Helen se forçou a responder.

– Acordei certa manhã com... manchas na camisola e nos lençóis. Minha barriga doía muito. Quando percebi que o sangramento não parava, fiquei muito assustada. Achei que fosse morrer. Fui me esconder em um canto da sala de leitura. Theo me encontrou. Normalmente, ele estaria no colégio interno, mas neste dia estava em casa, de férias. Ele perguntou por que eu estava chorando e lhe contei.

Ela fez uma pausa, lembrando-se do falecido irmão com um misto de ternura e tristeza.

– Na maior parte do tempo, Theo era distante em relação a mim. Mas naquele dia ele foi muito gentil. Para começar, me deu um lenço dobrado para... para eu colocar onde era preciso. Então, pegou uma manta na sala para passar ao redor da minha cintura e me ajudou a voltar para o quarto. Depois disso, mandou uma criada até lá para me explicar o que estava acontecendo e para me ensinar como usar...

Helen se interrompeu, constrangida.

– Toalhas higiênicas? – completou Rhys.

A voz dela, carregada de constrangimento, saiu abafada contra o ombro do colete dele.

– Como sabe disso?

Helen notou que ele sorria.

– Nós as vendemos no departamento farmacêutico da loja. O que mais a criada lhe disse?

Apesar do nervosismo, Helen começou a se sentir mais relaxada no abraço dele. Era impossível não se sentir assim. Rhys era um homem muito grande e quente e tinha um perfume gostoso, uma mistura de menta com sabão de barbear e um aroma seco e resinoso como o de madeira recém-cortada. Uma fragrância absolutamente masculina que, de algum modo, a instigava e confortava ao mesmo tempo.

– Ela disse que um dia, depois que eu me casasse e dividisse uma cama com o meu marido, o sangramento pararia por algum tempo e um bebê cresceria.

– Mas ela não mencionou nada sobre como os bebês são feitos? Helen fez que não com a cabeça.

– Só que eles não são achados embaixo de um arbusto de groselha, como a ama disse.

Rhys baixou os olhos com uma mistura de preocupação e irritação.

– Todas as jovens de sua classe social são tão ignorantes sobre esses assuntos?

– A maior parte delas – admitiu Helen. – É o marido que decide o que a esposa deve saber e a orienta na noite de núpcias.

– Meu Deus! Nem sei dizer de qual dos dois sinto mais pena.

– Da noiva – retrucou ela sem hesitar.

Por alguma razão, aquilo o fez rir. Quando sentiu o corpo de Helen se enrijecer, Rhys a abraçou com mais força.

– Não, meu tesouro, não estou rindo de você. É só que nunca tive que explicar o ato sexual para ninguém antes... e maldito seja

eu se conseguir pensar em um modo de fazê-lo soar atraente.

– Ah, Deus... – sussurrou Helen.

– Não vai ser terrível. Eu prometo. Você talvez até venha a gostar de alguns momentos.

Rhys pressionou o rosto contra o topo da cabeça dela.

– Talvez seja melhor eu explicar conforme avançarmos, *aye*? – falou com uma suavidade sedutora.

Ele esperou pacientemente até senti-la fazer que sim.

– Venha para a cama, então.

De boa vontade, mas com certa relutância, Helen o acompanhou até a cama, e descobriu que seus joelhos pareciam moles como gelatina. Ela tentou se enfiar logo embaixo das cobertas.

– Espere.

Rhys a segurou por um dos tornozelos e a puxou de volta em sua direção, em um movimento hábil, enquanto ainda estava parado na lateral da cama.

Helen ficou muito vermelha. Só o que a separava da completa nudez eram um par de meias, uma camisa de baixo de cambraia e um calção aberto na frente.

Ainda segurando-a pelo tornozelo calçado com as meias, Rhys passou a mão lentamente pela panturrilha dela. Mas franziu o cenho ao ver que o algodão das meias estava puído em vários lugares.

– Uma meia pobre e áspera para uma perna tão bonita – murmurou ele.

Rhys deixou a mão subir até a liga na coxa de Helen. Como o tecido havia perdido a elasticidade, era necessário prendê-la com tanta força ao redor da perna que deixava uma marca vermelha no fim do dia.

Depois de soltar a liga, Rhys reparou na pele irritada da coxa. Franziu ainda mais a testa e bufou, claramente desaprovando o que via.

– *Wfft*.

Helen já o ouvira deixar escapar aquela interjeição galesa antes, quando algo o contrariava. Depois de tirar a primeira meia dela e deixar a peça de lado com desagrado, ele passou para a outra perna.

– Vou precisar dessas meias mais tarde – lembrou Helen, desconcertada ao ver suas peças de roupa serem manuseadas com tanto descuido.

– Eu as substituirei por novas. E com ligas decentes para combinar.

– Minhas meias e ligas são perfeitamente adequadas.

– Elas deixaram marcas em suas pernas.

Depois de tirar com habilidade a segunda meia e amassá-la em uma bola, Rhys se virou e a atirou na direção da lareira. A meia aterrissou no fogo e queimou em uma labareda amarela.

– Por que a queimou? – perguntou Helen, começando a se sentir ultrajada.

– Não era boa o bastante para você.

– Era minha!

Helen ficou irritada ao se dar conta de que ele não parecia nem um pouco arrependido.

– Antes de você ir embora, eu lhe darei uma dúzia de pares de meia. Isso a deixará satisfeita?

– Não.

Ela desviou os olhos, irritada.

– Era uma meia de algodão de péssima qualidade – disse Rhys com desdém –, remendada em uma dezena de lugares. Posso apostar que as criadas da minha cozinha usam meias melhores.

Como aprendera a ter paciência ao longo dos anos, graças ao seu papel como pacificadora da família Ravenel, Helen segurou a língua e contou até dez – duas vezes – antes de confiar em si mesma para responder.

– Tenho poucas meias – informou ela. – Em vez de comprar

novas, prefiro remendá-las e usar o dinheiro que sobra para comprar livros. Talvez aquele pedaço de pano não tivesse valor para você, mas tinha para mim.

Rhys ficou em silêncio, as sobrancelhas unidas. Helen presumiu que ele estivesse se preparando para continuar a discussão. E ficou surpresa quando ele disse baixinho:

– Perdão, Helen. Não parei para pensar. Não tinha o direito de destruir algo que lhe pertencia.

Como sabia que Rhys não era um homem dado a pedidos de desculpas ou a se humilhar, Helen sentiu a irritação ceder.

– Está perdoado.

– De agora em diante, vou tratar com respeito o que lhe pertence.

Ela deu um sorriso irônico.

– Não virei com muitas posses, exceto por duzentos vasos de orquídeas.

Rhys pousou as mãos nos ombros de Helen e ficou brincando com as alças de sua camisa de baixo.

– Vai querer trazer todas de Hampshire?

– Acho que não haverá lugar para todas.

– Encontrarei uma forma de você mantê-las aqui.

Helen arregalou os olhos.

– Faria isso?

– É claro.

Ele deixou as pontas dos dedos correrem pelos ombros dela com uma delicadeza sedutora.

– Minha intenção é que você tenha tudo de que precisa para ser feliz. Orquídeas... livros... uma fábrica de fiação de seda para produzir meias só para você.

Ela sentiu uma risada presa na garganta, e o pulso acelerado com a carícia preguiçosa dele.

– Por favor, não compre uma fábrica de seda para mim.

– Na verdade, já possuo uma. Em Whitchurch.

Ele se inclinou para beijar a curva pálida do ombro dela, o roçar de sua boca quente e leve como um raio de sol.

– Levarei você lá algum dia, se quiser. É uma visão e tanto... uma fileira de máquinas enormes transformando a seda crua em fios ainda mais finos do que os dos seus cabelos.

– Gostaria de ver isso! – exclamou Helen.

Rhys sorriu diante do interesse dela.

– Então verá – garantiu e mergulhou os dedos nos cachos louros soltos. – Eu a mantereí abastecida de fitas e meias, *cariad*.

Ele a deitou na cama e estendeu as mãos por debaixo da camisa para alcançar a cintura do calção.

Helen ficou tensa e suas mãos seguraram as dele.

– Sou muito tímida – sussurrou ela.

Rhys deixou os lábios chegarem delicadamente à orelha dela.

– Como as mulheres tímidas preferem que seus calções sejam despídos? Rápido ou devagar?

– Rápido... eu acho.

No espaço de uma respiração, o calção dela foi abaixado e jogado para um canto com eficiência. Helen sentiu arrepios subirem por suas coxas.

Rhys se ergueu e começou a desfazer o nó da gravata. Quando se deu conta de que ele pretendia se despir bem na frente dela, Helen se enfiou embaixo dos cobertores e os puxou até o pescoço. A cama era macia e limpa e tinha o aroma seco de alvejante de roupas, um cheiro reconfortante porque a fazia pensar no Priorado Eversby. Ela manteve o olhar fixo na lareira, consciente dos movimentos de Rhys na periferia de sua visão. Ele desabotoou os punhos e o colarinho e logo se livrou do colete e da camisa.

– Pode olhar, se quiser – Helen o ouviu dizer em um tom despreocupado. – Ao contrário de você, não sou tímido.

Helen puxou as cobertas mais para cima e arriscou relancear os

olhos pare ele... depois não conseguiu parar de olhar.

Rhys era uma visão magnífica, usando apenas a calça, com os suspensórios caídos de cada lado do quadril esguio. Seu torso parecia impressionantemente sólido, como se a carne houvesse sido costurada aos ossos com fio de aço. Mostrando-se muito confortável em sua seminudez, ele se sentou na beira da cama e começou a tirar os sapatos. Suas costas mostravam camadas superpostas de músculos, os contornos tão definidos que a pele cor de âmbar cintilava como se houvesse sido polida. Quando Rhys se levantou e a encarou, Helen piscou, surpresa, ao descobrir que não havia pelos no peito largo.

Com frequência, quando o irmão de Helen, Theo, andava despreocupadamente pelo Priorado Eversby de roupão, era possível ver um tufo de pelos crespos na parte de cima de seu peito. E quando o irmão mais novo de Devon, West, ficara de cama depois de ser exposto a um frio extremo, Helen também havia percebido que ele era peludo. E presumira que todos os homens eram daquele jeito.

– Você é tão... liso – comentou ela, o rosto quente.

Ele deu um sorrisinho.

– Uma característica dos Winterbornes. Meu pai e meus tios eram assim também.

Rhys começou a abrir a calça, e Helen se apressou em fechar os olhos.

– Foi uma maldição quando eu era jovem – continuou ele, em um tom melancólico. – Ter um peito liso como o de um menininho, enquanto os outros da minha idade já tinham quase um tapete. Meus amigos zombavam de mim até se cansarem, é claro. Por algum tempo, eles só me chamavam de “texugo”.

– Texugo? – repetiu Helen, sem entender.

– Já ouviu a expressão “liso como o traseiro de um texugo”? Não? As cerdas longas dos pincéis de barbear vêm da área ao

redor da cauda de um texugo. Há uma piada que diz que a maior parte dos texugos na Inglaterra teve o traseiro pelado.

– Isso foi muito desagradável da parte dos seus amigos – disse Helen, indignada.

Rhys riu.

– Rapazes são assim. Acredite em mim, não me comportei muito melhor. Depois que fiquei grande o bastante para arrancar o couro de todos, a ousadia deles acabou.

O colchão afundou com o peso de Rhys quando ele se enfiou na cama com ela. Ah, Deus. Estava acontecendo. Naquele momento. Helen passou os braços com força ao redor do corpo. E curvou os dedos dos pés de nervosismo. Nunca estivera tão à mercê de outro ser humano.

– Calma – falou Rhys de forma tranquilizadora. – Não tenha medo. *Yr Duw...* Deus!... você está gelada. Venha, deixe-me abraçá-la.

O corpo de Helen, que era apenas nervos naquele momento, foi puxado contra uma abundância de músculos e pele quente. Os pés gelados dela roçaram nos pelos das pernas dele. Rhys pousou a mão em suas costas e a aconchegou junto ao corpo, enquanto a luz da lareira dançava sobre os dois. Aquecida pelo calor do corpo de Rhys, aos poucos Helen começou a relaxar.

Ela sentiu a mão dele pousar em sua camisa de baixo e envolver seu seio até o mamilo ficar rígido contra o calor da palma da mão. A respiração de Rhys se alterou, ficou mais áspera, e sua boca encontrou a de Helen em mordidas delicadas, leves e brincalhonas, os lábios dele roçando e provocando os dela. Helen respondeu com alguma insegurança, tentando acompanhar os beijos de lábios entreabertos dele, as carícias e provocações que a instigavam. Rhys alcançou a fita que fechava o decote da camisa de baixo, no pescoço, puxou-a com firmeza, e a peça se abriu.

– Ah – disse Helen, horrorizada.

Ela estendeu a mão para o tecido aberto, mas Rhys a impediu segurando-a com firmeza.

– Oh, por favor...

Mas ele não a soltou, apenas roçou o nariz na pele recém-revelada, a curva branca, a aréola de um rosa suave. Rhys deixou escapar um suspiro entrecortado e a ponta de sua língua seguiu até o mamilo rosado. Ele deixou apenas o hálito quente acariciá-la ali antes de tomar o mamilo na boca. Zonza com o prazer perverso, perdida em Rhys e no que ele fazia, Helen chegou um pouco mais perto, precisando de mais proximidade, de mais... *alguma coisa...* mas então, sob o tecido fino da camisa, ela sentiu uma protuberância, uma espécie de ponta inchada. Surpresa, recuou.

Rhys ergueu a cabeça. A luz das brasas da lareira brincava na superfície molhada de seus lábios.

– Não, não se afaste – pediu ele com a voz rouca.

Então passou a mão por baixo do traseiro dela e a puxou delicadamente de volta.

– Isto é... – Rhys começou a falar, mas respirou com dificuldade quando o quadril dela encostou, ainda hesitante, no dele. –... o que acontece comigo quando a desejo. Aqui, onde está rígido... é a parte que a penetra.

Como se para demonstrar, ele cutucou com o pênis a fenda na pélvis dela.

– Entendeu?

Helen ficou paralisada.

Santo Deus.

Não era de espantar que o ato sexual fosse algo tão secreto. Se as mulheres soubessem do que se tratava, jamais consentiriam.

Embora Helen tentasse não demonstrar seu horror, algo em sua expressão provavelmente a denunciou, porque Rhys a fitou com um misto de decepção e divertimento.

– É melhor do que parece – disse ele, em tom de desculpas.

Embora Helen temesse a resposta, conseguiu coragem para perguntar timidamente:

– Penetra onde?

Como resposta, ele se colocou acima dela, fazendo-a deitar-se no colchão. A mão de Rhys subiu pelo corpo encolhido e acariciou a parte interna das coxas de Helen até afastá-las. Helen mal conseguia respirar quando ele passou a mão sob a bainha da camisa de baixo. Sentiu um toque leve entre as pernas quando as pontas dos dedos dele abriram caminho pela trilha de pelos íntimos.

Ela ficou rígida diante da sensação peculiar, a pressão da carícia em círculos que encontrou um lugar oco e começou a invadi-lo. Então, por incrível que parecesse, o corpo dela cedeu ao entra e sai úmido e sedoso do dedo dele que... Não, não era possível.

– Penetra aqui – disse Rhys baixinho, observando-a através dos cílios muito negros.

Gemendo e confusa, Helen se contorceu para escapar da invasão, mas ele a manteve firme no lugar.

– Quando eu a penetrar... – falou ele, afundando o dedo até onde alcançava, retirando-o e voltando a deslizar-lo dentro dela. –... você vai sentir um pouco de dor.

Ele a acariciava em lugares que Helen nunca nem soubera existirem, o toque hábil e gentil.

– Mas, depois da primeira vez, nunca mais vai doer.

Helen fechou os olhos, distraída pela curiosa sensação que despertara nela. Efêmera, esquiva, como a lembrança de um perfume que se demorava em um cômodo vazio.

– Vou me mover assim... – continuou a explicar, enquanto a carícia suave ganhava ritmo, o dedo indo cada vez mais fundo, a carne dela se tornando mais sedosa e macia a cada penetração –... até eu me derramar dentro de você.

– Se derramar? – perguntou Helen através dos lábios secos.

– Um alívio... um momento em que o coração começa a bater

muito forte e ansiamos com cada parte do nosso ser por algo que não conseguimos alcançar completamente. É uma tortura, mas você vai preferir morrer a parar.

Rhys levou a boca à orelha dela, que estava muito ruborizada, enquanto continuava a provocá-la sem piedade.

– Você segue o ritmo e se prepara – sussurrou ele –, porque sabe que o mundo está prestes a acabar. Então ele acaba.

– Isso não parece muito confortável – conseguiu dizer Helen, transbordando de um calor estranho, culpado, inquieto.

A insinuação de uma risada perigosa penetrou no ouvido dela.

– Confortável, não. Mas sem dúvida um prazer mundano.

Rhys recolheu o dedo e Helen sentiu que agora ele acariciava toda a extensão do sexo dela por dentro. Abrindo a carne macia, ele começou a brincar com cada dobra, cada reentrância, e roçou um lugar tão absurdamente sensível que todo o corpo dela se sobressaltou.

– Doeu, *cariad*?

– Não, mas...

Parecia não haver um modo de fazê-lo compreender que certas áreas do corpo eram indecorosas demais até para serem conhecidas, quanto mais tocadas, a não ser para propósitos de limpeza. Aquela era uma das muitas regras incutidas por uma ama robusta que parecia ter grande prazer em acertar as palmas das mãos de crianças travessas com uma régua até ficarem vermelhas e inchadas. Lições assim jamais poderiam ser completamente esquecidas.

– É um... lugar indecoroso – disse Helen por fim, ofegante.

A resposta de Rhys foi imediata:

– Não, não é.

– É, sim.

Ele balançou a cabeça, então ela insistiu.

– Pois me ensinaram que é, com certeza.

Rhys a encarou com uma expressão zombeteira.

– Foi a mesma pessoa que lhe disse que os bebês são achados embaixo de arbustos de groselhas?

Forçada a aceitar o argumento dele, Helen caiu em um silêncio digno. Ou ao menos o mais digno que foi capaz naquelas circunstâncias.

– Muitas pessoas sentem vergonha dos próprios desejos – falou Rhys. – Não sou uma delas. E não quero que você seja.

Ele apoiou suavemente a palma da mão no meio do peito de Helen e a deslizou devagar pelo corpo dela.

– Você foi feita para o prazer, *cariad*. Nenhuma parte de você é indecorosa.

Rhys pareceu não perceber o modo como ela enrijeceu quando a mão dele chegou ao meio das coxas.

– Especialmente esse lugar doce... Ah, você é tão linda aqui. Como uma de suas orquídeas.

– O quê? – perguntou Helen em um sopro de voz, imaginando se ele estaria zombando dela. – Não.

– Você tem pétalas.

Um dos dedos de Rhys traçou os lábios externos do sexo de Helen. Ele resistiu aos puxões desesperados que ela deu no punho dele e a abriu. Com gentileza, segurou uma das dobras internas, rosadas, entre o indicador e o polegar e a acariciou da forma mais suave possível.

– E aqui... sépalas... aye?

Só então Helen compreendeu o que ele queria dizer, a precisão da comparação. E ficou muito vermelha. Se fosse possível desmaiar de constrangimento, ela na certa teria desmaiado.

Um sorriso brincou nos lábios dele.

– Como pode não ter percebido?

– Nunca olhei aí embaixo!

Concentrado na expressão de Helen, que mudava a cada

minuto, Rhys deixou o dedo subir até o ponto mais sensível do sexo dela. Seu polegar afastou com gentileza a carne que o cobria, enquanto, com outro dedo, ele acariciava o pequeno botão.

– Me diga qual é a palavra para isto. A ponta da haste dentro da flor.

Ela se contorceu sob o corpo dele.

– Antera – respondeu em um arquejo.

Algo estava acontecendo com ela. Era como um fogo crepitando. Subia pela parte de trás das pernas e se acumulava na barriga, cada sensação alimentando um lago de calor.

O dedo de Rhys voltou a deslizar para dentro dela, onde a carne se tornara profunda e úmida. O que era aquilo? O que... o corpo dela se fechou ao redor do dedo invasor, puxando-o de um modo que ela não conseguia controlar. Rhys roçou seus lábios em beijos suaves, como se bebesse de uma xícara frágil. A ponta do polegar dele voltou a encontrar o ponto mais sensível. Uma descarga elétrica se espalhou por ela em um crescendo, enquanto uma sensação alarmante parecia prestes a dominá-la... cada vez mais forte... quase como uma dor. Helen deslizou de debaixo do corpo de Rhys com um gritinho baixo e ficou de bruços, sufocando as batidas descompassadas do próprio coração.

Na mesma hora, sentiu Rhys às suas costas, as mãos calmas correndo por seus membros trêmulos.

A voz dele em seu ouvido, aveludada, repreendendo-a em um tom divertido.

– *Cariad*, você não deve se afastar. Não vai doer. Eu prometo. Vire-se.

Helen não se moveu, surpresa com a onda angustiada de prazer que havia começado a dominá-la. Seu coração quase parara.

Rhys afastou a desordem que eram os cabelos soltos dela e beijou sua nuca.

– É esse o tipo de esposa que você vai ser? É cedo demais para

começar a me desobedecer.

Ela sentiu os lábios inchados quando finalmente conseguiu responder.

– Ainda não somos casados.

– Não, e não seremos até eu conseguir comprometê-la devidamente.

A mão dele chegou ao traseiro de Helen e começou a massageá-lo gentilmente.

– Vire-se, Helen.

Um som de aprovação, quase um ronronar, escapou da garganta de Helen enquanto ela se virava para obedecê-lo. Rhys a encarou com olhos tão brilhantes quanto o reflexo das estrelas em um oceano à meia-noite. Belo como um daqueles inconstantes deuses da mitologia, desgraçando pobres donzelas para atender a um capricho.

E aquele homem era dela.

– Quero sentir o seu corpo – sussurrou Helen, surpreendendo a si mesma.

Rhys prendeu respiração e fechou os olhos quando ela estendeu a mão para tocá-lo. A mão trêmula se curvou ao redor do membro grosso e ereto dele. A pele sob os dedos dela era fina e sedosa e deslizava com facilidade pela haste rígida. Ela o segurou com delicadeza, investigando a carne quente, de textura densa, cheia de vibrações misteriosas. Quando ousou acariciá-lo mais embaixo, Helen rolou o peso frio e solto dos testículos na palma da mão, e Rhys reagiu com um som inarticulado. Ele não estava respirando direito. Pela primeira vez, parecia tão subjugado por ela quanto ela sempre se sentia por ele.

No instante seguinte, Helen se viu dominada pela reação apaixonada de um homem nu. Rhys cobriu o peito e os ombros dela com beijos vorazes, as mãos erguendo os seios enquanto a boca capturava os mamilos. Com um grunhido baixo, ele segurou a

bainha da camisa dela e a puxou até conseguir subir a peça até a cintura de Helen. Então se posicionou em cima dela, que sentiu a textura espantosa da pele nua, o membro rígido sendo pressionado contra o calor trêmulo e macio do sexo dela.

Ele devorou sua boca, passou para os seios e foi descendo. A camisa de baixo emaranhada estava no caminho e Rhys a segurou com as duas mãos e a rasgou ao meio como se ela fosse feita de um papel muito fino. Com um movimento rápido, lançou a camisa arruinada pelo ar. O tecido voou em um arco, como um fantasma, até cair no chão. A boca de Rhys desceu um pouco mais e Helen o sentiu lambendo seu umbigo. A língua úmida a provocou e fez com que ela deixasse escapar um longo gemido. Beijos indecentes chegaram até o limite dos pelos úmidos e foram mais além, no meio das coxas.

Rhys passou os braços por baixo das pernas de Helen e as ergueu, apoiando os joelhos dela em seus ombros. Com a ponta da língua, ele separou as pétalas do sexo dela e seguiu em uma trilha erótica até o botão tenro, e ela gemeu, confusa. Impiedoso agora, Rhys chupou o centro do prazer dela e a lambeu, enquanto Helen se sentia latejar e pulsar. Ele a provocou e provocou até ela sentir uma pressão quente no ventre. Helen sentiu que estava prestes a perder o controle, que algo poderoso e assustador se aproximava. Por mais que tentasse se conter, a sensação ficava cada vez mais forte, até ela ser rasgada por violentos espasmos de prazer. Helen enrijeceu o corpo, cada músculo tenso em um momento e relaxado no instante seguinte, enquanto tremores a dominavam da cabeça aos pés. Algum tempo depois, as sensações se acalmaram até ela se ver sem forças. Sua carne se tornara tão sensível que mesmo a carícia mais gentil era dolorosa.

Com um protesto incoerente, Helen empurrou a cabeça dele, seus ombros, mas Rhys era sólido como uma rocha, impossível de mover. A língua dele desceu mais até mergulhar na entrada úmida e

trêmula do corpo dela. Helen abriu os olhos e viu a forma escura da cabeça dele recortada contra a luz da lareira.

– Por favor – balbuciou, embora não estivesse certa do que pedia.

Rhys levou as duas mãos ao sexo dela, abriu-o delicadamente, os polegares acariciando o pequeno botão sensível. Para constrangimento e assombro de Helen, seu sexo se retraía a cada estocada da língua dele, como se quisesse capturá-lo e mantê-lo ali.

Antes que ela pudesse perceber o que estava acontecendo, outra onda de prazer a dominou. Helen cravou os tornozelos no colchão e ergueu o quadril enquanto o calor se derramava por ela. Rhys prolongou a sensação, continuou a penetrá-la com a língua e a lambê-la, alimentando-se do prazer dela.

Arquejante e desorientada, Helen se deixou cair na cama. E não ofereceu nenhuma resistência quando Rhys se posicionou em cima dela. Algo liso e rígido se insinuou pela umidade entre suas coxas. Ele ajeitou a ponta do próprio sexo contra o dela e arremeteu com mais força. Helen sentiu como se queimasse e se retraiu instintivamente, mas a pressão prosseguiu, firme e insistente. Ela deixou escapar um gemido fraco enquanto se abria e pulsava, a carne em fogo. E havia mais dele, tão mais que parecia impossível conter, até finalmente o quadril dele encontrar o dela e Helen ser preenchida. Era muito para ela conter e não havia como escapar da dor que aquilo provocava.

Rhys segurou a cabeça dela nas mãos e a encarou, o olhar meio desfocado.

– Lamento lhe causar dor, pombinha – falou, a voz soando diferente. – Tente se abrir para mim.

Helen ficou deitada, imóvel, forçando-se a relaxar. Rhys continuou a abraçá-la, os lábios pressionados contra o ombro dela, então chegando ao pescoço, e ela sentiu o desconforto agudo diminuir um pouco.

– Aye – sussurrou Rhys. – Assim.

Um lampejo de embaraço a assaltou quando ela percebeu que Rhys havia percebido os músculos tão íntimos relaxarem levemente. Passou os braços ao redor dele, as mãos descansando na superfície forte das costas masculinas. Para surpresa dela, os músculos de Rhys se enrijeceram feito aço. Intrigada pela reação dele à carícia delicada, deixou os dedos correrem devagar dos ombros de Rhys até a cintura e passou a ponta das unhas pela pele dele, arranhando com delicadeza.

Rhys gemeu e se descontrolou, estremecendo de forma tão violenta quanto ela estremecera, e Helen percebeu que ele experimentava o próprio alívio. Sentindo um curioso instinto de proteção em relação ao homem em cima dela, ela passou os braços com força ao redor dele. Depois de um longo momento, Rhys recuou com um gemido e caiu de lado, para não esmagá-la.

Quando ele saiu de dentro dela, Helen sentiu um fluxo quente e desconcertante entre as pernas. Seu sexo estava inchado e dolorido e fechando-se estranhamente ao redor do vazio. Mas ela se sentia saciada, o corpo agradavelmente mole e preguiçoso, e era um prazer ter a força, a suavidade e a intensidade dele à sua volta. Com o pouco que lhe restava de forças, Helen se virou e se aconchegou na curva do ombro dele.

Os pensamentos dela se dissolveram antes que ela conseguisse compreendê-los por completo. Era dia, embora ela tivesse a sensação de que era madrugada. Logo teria que se vestir e sair para a luz forte e fria, quando tudo o que queria era permanecer naquela escuridão segura e dormir, dormir, dormir.

Helen percebeu Rhys puxando as cobertas e parando para tirar alguma coisa presa embaixo do corpo dela – o que sobrara da camisa de baixo. Helen sabia que deveria ficar preocupada – como voltaria para casa sem a camisa de baixo? –, mas, em sua exaustão, aquilo não pareceu importar tanto.

– Eu pretendia respeitar o que é seu – comentou ele, em um tom envergonhado.

– Você estava distraído – conseguiu sussurrar Helen.

Rhys deixou escapar uma interjeição divertida.

– “Insano” seria a palavra mais adequada.

Ele usou a camisa de baixo rasgada para secar a umidade entre as pernas de Helen, jogou o tecido de lado e segurou a cabeça dela nas mãos em um gesto breve e reconfortante.

– Durma, *cariad*. Eu a acordarei agora em um minuto.

Agora em um minuto... uma expressão galesa que ela o ouvira usar antes. *Mais tarde*, era o que parecia significar, sem grande urgência.

O corpo de Helen estremeceu de alívio enquanto ela se deixava sucumbir, mergulhando na escuridão convidativa. Então adormeceu nos braços de um homem pela primeira vez na vida.



Por mais de uma hora, Rhys não fez nada além de abraçá-la. Sentia-se inebriado de satisfação, bêbado de prazer.

Não importava quanto tempo ficasse olhando para Helen, não conseguiria se saciar. Cada detalhe dela renovava o prazer que sentia: as linhas suaves do corpo, as belas curvas dos seios. O cabelo louro quase branco que se derramava por cima do braço dele, capturando a luz como se fosse líquido. E, acima de tudo, o rosto de Helen, inocente no sono, despido de sua postura habitual. A delicadeza melancólica da boca atingia em cheio o coração dele. Como era possível estar tão colado ao corpo dela e, ainda assim, querer mais?

Helen não dormia um sono plácido. Às vezes seus cílios tremulavam e os lábios se abriam em um inspirar ansioso, os dedos das mãos e dos pés agitando-se. Sempre que ela ficava inquieta,

Rhys a acariciava e a aconchegava ao peito. Sem sequer tentar, ela fizera brotar algo nele, uma ternura que ele nunca mostrara por ninguém. Dera prazer a mulheres, as possuía de todas as formas concebíveis. Mas nunca fizera amor com ninguém do modo como acabara de fazer, como se seus dedos sorvessem a sensação da pele dela.

Sob as cobertas, a coxa esguia de Helen se acomodou na perna dele quando ela se aconchegou. O membro de Rhys respondeu com vigor. Ele a desejava de novo, naquele momento, antes mesmo que ela se recuperasse de sua primeira vez, antes que ele limpasse o sangue da virgindade e a semente que deixara jorrar no corpo dela. Por algum motivo, ao se submeter a ele tão completamente, Helen conseguira uma misteriosa vantagem, que Rhys ainda não conseguira bem identificar.

Ele teve que se controlar muito para não montar na jovem e penetrar seu corpo indefeso. Em vez disso, saboreou a sensação de tê-la aconchegada ao seu lado.

A lenha estalou na lareira e o crepitar das chamas fez com que uma luz vermelha se espalhasse pelo quarto escuro. Rhys se deleitou como o modo como o brilho se refletiu na pele de Helen, deitando uma camada de ouro sobre o marfim. Ele tocou com extrema delicadeza a curva do ombro dela. Como era estranho ficar deitado ali tão satisfeito, quando normalmente não conseguia suportar a inatividade. Poderia passar horas ali, mesmo ainda sendo pleno dia, apenas saboreando-a.

Rhys não conseguia se lembrar da última vez em que se vira na cama àquela hora, a não ser pelas três semanas no Priorado Eversby, enquanto se recuperava do acidente de trem.

Antes daquela experiência, nunca estivera doente na vida. E seu maior medo sempre fora estar à mercê de outra pessoa. Contudo, em algum momento daquele período que era apenas calor e dor, Rhys se dera conta das mãos frias de uma jovem e de sua voz

embalando-o. Ela passara panos úmidos e frescos no rosto e no pescoço dele e lhe dera goles de um chá doce para beber. Tudo nela o acalmava: a delicadeza, a doçura do perfume de baunilha, o modo gentil como falava com ele.

Durante os minutos mais abençoados da vida de Rhys até ali, ela havia sustentado a cabeça febril dele no colo e lhe contara histórias sobre mitologia e orquídeas. Até seu último dia na Terra, aquela seria a lembrança a que retornaria com mais frequência. Fora a primeira vez em que não havia invejado um único homem no mundo porque, ao menos naquele momento, sentira-se perto da felicidade. E não havia sido algo que ele fora obrigado a caçar e devorar em bocadas famintas... aquele cuidado chegara a ele com gentileza, em pequenas doses a cada vez. Uma atitude bondosa que não pedia nada em troca. E Rhys havia ansiado por aquilo... ansiado por *ela*... desde então.

Uma mecha loura delicada caíra sobre o nariz de Helen e flutuava cada vez que ela expirava. Rhys afastou os cabelos do rosto dela e deixou o polegar traçar a forma da sobrancelha delicada e escura.

Ainda não compreendia por que Helen fora até ele. Rhys acreditara que o atrativo pudesse ter sido sua riqueza, mas não parecia ser o caso. Obviamente ela não fora atraída pela mente intelectual ou pela linhagem distinta, já que ele não possuía nenhuma das duas.

Helen dissera que queria aventura. Mas aventuras acabavam se tornando cansativas, e então era hora de voltar a tudo o que era seguro e conhecido. O que aconteceria quando ela quisesse voltar e percebesse que sua vida jamais poderia ser como antes?

Perturbado, Rhys se desvencilhou de Helen e arrumou as cobertas com cuidado ao redor dela. Saiu da cama e se vestiu, sentindo o ar revigorante do quarto. Sua mente voltou ao ritmo acelerado costumeiro, fazendo listas e planos com a rapidez com

que resolveria um jogo de resta um.

Maldição, inferno... No que estava pensando mais cedo? Um casamento grandioso para exibir a noiva de sangue azul... por que achara que isso importava? *Idiota*, disse a si mesmo com desprezo, sentindo como se finalmente pensasse com clareza depois de passar dias em uma névoa.

Agora que Helen pertencia a ele, não conseguiria devolvê-la. Nem mesmo por um breve intervalo até o casamento. Precisava mantê-la ao alcance, e certamente não poderia arriscar tê-la de volta sob a influência de Devon. Embora Rhys estivesse convencido de que Helen desejava se casar com ele, ela ainda era muito inexperiente. Maleável demais. A família talvez tentasse mantê-la longe dele.

Graças a Deus era tarde demais para retificar o erro. Ele saiu do quarto, foi até seu escritório particular e tocou a campainha para chamar um criado.

No tempo que levou para que o criado chegasse, Rhys fez uma lista, colocou seu selo no envelope e o endereçou a sua secretária particular.

– O senhor chamou, Sr. Winterborne?

O criado, um rapaz ativo chamado George, fora treinado em uma casa aristocrática de Londres que lhe dera ótimas recomendações. Infelizmente para a família de alta classe – mas para sorte de Rhys –, eles haviam sido forçados a economizar e a reduzir a criadagem. Como muitas famílias nobres se viam em circunstâncias financeiras delicadas, Rhys podia se dar ao luxo de contratar quem elas já não podiam pagar. Ele escolhia entre várias pessoas competentes dispostas a trabalhar, normalmente os jovens ou os muito velhos.

Rhys indicou ao criado que se aproximasse da escrivaninha.

– George, leve esta lista ao meu escritório na loja e entregue-a à Sra. Fernsby. Espere enquanto ela prepara os itens que requisitei e traga tudo aqui para mim em meia hora.

– Como desejar, senhor.

O rapaz saiu em disparada.

Rhys sorriu diante da rapidez dele. Não era segredo, nem na loja nem em casa, que o patrão gostava que suas ordens fossem cumpridas depressa e com entusiasmo.

Quando os itens requisitados chegaram, tudo embalado em caixas marfim, Rhys havia preparado um banho para Helen e reunido todas as roupas e os acessórios de cabelo.

Ele se sentou na beira do colchão e estendeu a mão para acariciar o rosto dela.

Enquanto a observava se esforçar para acordar, Rhys se surpreendeu ao sentir uma pontada de ternura, quase dolorosa de tão intensa. Helen abriu os olhos, perguntando-se por um momento de confusão onde estava e por que estaria ali. Ao se lembrar, ela olhou para ele de forma hesitante. Para prazer de Rhys, um dos sorrisos tímidos dela surgiu.

Ele a puxou em sua direção, os lábios encontrando os dela. Enquanto acariciava as costas nuas de Helen, sentiu-a ficar arrepiada.

– Gostaria de um banho? – sussurrou ele.

– Eu poderia?

– Está pronto para você.

Rhys esticou a mão para um roupão que havia deixado aos pés da cama. Helen se levantou e permitiu que ele a ajudasse a se vestir, tentando esconder o corpo no processo. Encantado com a modéstia dela, Rhys amarrou o cinto do roupão em sua cintura e começou a enrolar as mangas compridas demais. A bainha arrastava no chão.

– Não precisa ficar constrangida – disse ele. – Eu daria minha alma por um relance de você sem roupas.

– Não brinque com isso.

– Com a vontade de vê-la nua? Não estava brincando.

– Sua alma – falou ela com intensidade. – É importante demais.
Rhys sorriu e roubou outro beijo.

Ele a pegou pela mão e a levou até o banheiro revestido de pedra branca, com painéis de mogno na parte superior das paredes. A banheira em estilo francês tinha o fundo arredondado mais estreito que as bordas, para que a pessoa se recostasse com conforto. Perto dela havia um armário embutido com portas de vidro, onde ficavam guardadas pilhas de toalhas brancas.

Rhys gesticulou para uma pequena mesa de apoio ao lado da banheira.

– Pedi que mandassem algumas coisas da loja.

Helen examinou os objetos expostos: uma embalagem de grampos de cabelo, um conjunto de pentes pretos, uma escova com a parte de trás esmaltada, uma coleção de sabonetes embrulhados em papel pintado à mão e uma seleção de óleos perfumados.

– Normalmente você teria uma criada para atendê-la – lembrou Rhys, observando enquanto ela juntava os cabelos e os prendia para cima.

– Posso dar um jeito.

Um leve rubor coloriu o rosto de Helen enquanto ela observava a altura da banheira.

– Mas talvez precise de ajuda para entrar e sair da banheira.

– Estou a seu dispor – respondeu Rhys prontamente.

Ainda ruborizada, ela se afastou dele e deixou o roupão deslizar pelos ombros. Rhys o pegou, mas por pouco não o deixou cair ao ver a extensão esguia das costas dela e o traseiro na forma perfeita de um coração. Ele estendeu a mão livre, Helen a tomou e entrou na banheira. Cada movimento dela era gracioso e cuidadoso, como um gato adaptando-se a um terreno irregular. Ela abaixou o corpo e se encolheu um pouco quando a água quente aliviou as dores e pontadas íntimas.

– Você está dolorida – falou Rhys, preocupado, lembrando-se de

como ela era delicada, apertada.

– Só um pouquinho – garantiu ela, erguendo os olhos na direção dele. – Pode me passar o sabonete?

Depois de abrir a embalagem de um sabonete de mel, Rhys o entregou a ela com uma esponja, fascinado pelo brilho rosado do corpo de Helen sob a superfície da água. Ela esfregou o sabonete na esponja e começou a lavar os ombros e o pescoço.

– Sinto-me aliviada – comentou Helen – por nosso plano ter sido posto em ação.

Rhys se sentou na cadeira de mogno perto do armário embutido.

– Isso nos leva a algo que precisamos discutir – disse ele em um tom casual. – Enquanto você dormia, refleti sobre a situação e reconsiderarei nosso acordo. Veja...

Rhys se interrompeu ao ver o rosto dela ficar muito branco, os olhos arregalados e opacos. Quando percebeu que ela o interpretara mal, ele foi até ela em duas passadas e se ajoelhou ao lado da banheira.

– Não... não é isso...

Rhys segurou as mãos dela, sem se importar com a água ensopando suas mangas e seu colete.

– Você pertence a mim, *cariad*. E eu a você. Eu nunca... *Iesu Mawr*, bom Jesus... não fique assim.

Ele a puxou para a lateral da banheira e espalhou beijos pela pele doce e molhada.

– Estava tentando dizer que não posso esperar. Temos que fugir para casar. Eu deveria ter dito isso de início, mas não estava pensando direito.

Rhys capturou a boca de Helen e a beijou até senti-la relaxar. Ela se afastou e o encarou espantada, o rosto e os cílios enfeitados com gotas d'água.

– Hoje?

– Aye. Cuidarei dos arranjos necessários. Não há nada com que

você precise se preocupar. Pedirei à Sra. Fernsby que lhe prepare uma mala. Viajaremos para Glasgow em um vagão particular, com uma cabine-dormitório com uma cama grande...

– Rhys – falou ela, pousando nos lábios dele os dedos perfumados pelo sabonete e respirando fundo para se acalmar. – Não há necessidade de alterar nossos planos. Nada mudou.

– Tudo mudou – retrucou ele, um tanto agressivo demais.

Ele parou, engoliu em seco e depois prosseguiu, adotando um tom mais moderado.

– Partiremos esta tarde. É muito mais prático dessa forma. Resolverá mais de um problema em potencial.

Helen balançou a cabeça.

– Não posso deixar minhas irmãs sozinhas em Londres.

– Elas estão em uma casa cheia de criadas. E Treneer logo retornará.

– Sim, amanhã. Mesmo assim, as gêmeas não podem ficar por conta própria até lá. Você sabe como elas são!

Pandora e Cassandra eram um par de traquinas, não havia como negar. Ambas travessas e cheias de imaginação. Depois de terem passado a vida toda em uma propriedade tranquila em Hampshire, encaravam Londres como um parque de diversões gigante. Elas não tinham ideia dos perigos que poderiam correr na cidade.

– Nós as levaremos conosco – disse Rhys com relutância.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Para que Devon e Kathleen voltassem de Hampshire e descobrissem que você sequestrou não uma, mas as três irmãs Ravenels?

– Acredite em mim, pretendo devolver as gêmeas na primeira oportunidade.

– Não compreendo a necessidade de fugirmos. Ninguém vai negar a autorização para nos casarmos agora.

O vapor subia da água e se colava à pele clara dela como um véu cintilante. Rhys se viu distraído por um aglomerado de bolhas de sabonete que deslizava da curva superior do seio dela em uma trilha lenta, até finalmente descansar sobre o mamilo macio e rosado. Incapaz de resistir, ele estendeu a mão para envolver o seio e afastar a espuma com o polegar. Deixou que o dedo circundasse o mamilo com delicadeza, observando-o enrijecer até se tornar um botão perfeito.

– Pode haver um bebê – comentou ele.

Helen deslizou para longe do toque dele, como uma sereia esquiva.

– Será? – perguntou ela, apertando a esponja até a água escorrer entre seus dedos.

– Vamos saber se você não tiver seu sangramento mensal.

Ela esfregou mais sabonete na esponja e continuou a se banhar.

– Se isso acontecer, talvez seja melhor fugirmos. Mas até lá...

– Faremos isso agora – disse Rhys com impaciência. – Para evitar escândalo se a criança nascer mais cedo do que deveria.

O colete e a camisa ensopados haviam se tornado pegajosos e frios. Ele se levantou e começou a despi-los.

– Não quero dar motivo para os linguarudos. Não no que diz respeito aos meus filhos.

– Uma fuga para casar causaria tanto escândalo quanto um bebê prematuro. E daria a minha família mais um motivo para desaprová-lo.

Rhys a encarou com um olhar que valeu mil palavras.

– Prefiro não desafiá-los – declarou Helen.

Ele deixou o colete cair no chão, onde a peça aterrissou com um baque úmido.

– Os sentimentos deles não me importam.

– Mas os meus importam... não é mesmo?

– Aye – murmurou Rhys, soltando os punhos molhados da

camisa.

– Eu gostaria de ter uma cerimônia de casamento. Isso daria a todos, inclusive a mim, tempo para se ajustar à situação.

– Eu já me ajustei.

Havia uma tensão suspeita nos lábios de Helen, como se ela tentasse conter um súbito sorriso.

– A maior parte de nós não vive no mesmo ritmo que você. Nem mesmo os Ravenels. Poderia tentar ser paciente?

– Eu tentaria, se fosse necessário. Mas não é.

– Acho que é. Acho que você ainda deseja um casamento grandioso, embora não esteja disposto a admitir no momento.

– Eu gostaria de jamais ter dito isso – falou Rhys, exasperado. – Não me importo se nos casarmos em uma igreja, só com um escrivão ou no ermo de Gales do Norte, com uma cerimônia feita por um feiticeiro usando chifres. Quero que você seja minha o mais rápido possível.

Helen arregalou os olhos de curiosidade. Ela pareceu prestes a perguntar mais sobre feiticeiros e chifres, mas não se arriscou.

– Prefiro me casar em uma igreja.

Rhys ficou em silêncio enquanto abria o colarinho e começava a desabotoar a camisa. Fora ele o responsável por criar aquela situação, pensou, amaldiçoando a si mesmo. Não conseguia acreditar que permitira que seu orgulho e sua ambição ficassem no caminho de um casamento rápido com Helen. Agora teria que esperar por ela, quando poderia já tê-la em sua cama toda noite.

Helen o observou com uma expressão solene.

– É importante que você cumpra as promessas que me faz – disse ela, depois de uma longa pausa.

Derrotado e irritado, Rhys despiu a camisa molhada. Ao que parecia, Helen não era tão maleável quanto ele presumira.

– Então nos casaremos em seis semanas. Nem um dia a mais.

– Não é tempo o bastante – protestou ela. – Mesmo se eu

tivesse recursos ilimitados, demoraria muito mais do que isso para fazer planos, encomendar o necessário, receber as encomendas...

– Tenho recursos ilimitados. Qualquer coisa que você quiser será entregue aqui mais rápido do que um rato subindo uma calha.

– Não é só isso. Ainda não faz um ano que meu irmão Theo morreu. Minha família e eu estamos de luto até o começo de junho. Em respeito a ele, eu gostaria de esperar até lá.

Rhys a encarou, o cérebro custando a assimilar as palavras.

Esperar até lá. Esperar até... *junho*?

– Isso é daqui a cinco meses – constatou, estupefato.

Helen o encarou como se acreditasse ter dito algo racional.

– *Não* – declarou Rhys, furioso.

– Por que não?

Já fazia muitos anos que alguém pedira a Rhys que justificasse por que queria algo – e na época ele era 10 milhões de libras mais pobre. O mero fato de ele querer sempre era o bastante.

– Foi isso que planejamos de início – argumentou Helen –, na primeira vez em que ficamos noivos.

Rhys não sabia por que concordara com aquilo nem como aquela possibilidade havia surgido. Provavelmente porque ele estava tão exultante por se casar com Helen que não quisera discutir a data do casamento. Agora, no entanto, estava dolorosamente claro que cinco dias já seriam muito tempo para esperar por ela. Cinco semanas seriam um tormento. Cinco meses não era uma possibilidade passível de discussão.

– Seu irmão não vai saber nem se importar se você se casar antes que o período de luto termine – protestou Rhys. – Acredito que ele ficaria feliz por você ter encontrado um marido.

– Theo era meu único irmão. Eu gostaria de honrar a memória dele com o ano tradicional de luto, se fosse possível.

– Não é possível. Não para mim.

Ela o encarou com um olhar questionador.

Rhys se inclinou acima dela, as mãos apoiadas na borda da banheira.

– Helen, há momentos em que um homem tem que... se suas necessidades não são satisfeitas...

O vapor quente atingiu o rosto sombrio dele.

– Não posso ficar sem você tanto tempo. Os anseios naturais de um homem... – tentou dizer, mas se interrompeu, desconfortável. – Maldição! Se ele não consegue encontrar alívio com uma mulher, acaba sendo levado ao autoabuso. Compreende?

Ela balançou a cabeça, negando espantada.

– Helen – disse Rhys, cada vez mais impaciente. – Não me mantenho casto desde os 12 anos. Se tentasse agora, provavelmente terminaria matando alguém antes que a semana terminasse.

A perplexidade a fez franzir a testa.

– Quando ficamos noivos antes... como planejava resolver isso? Suponho... que você iria se deitar com outras mulheres até nos casarmos?

– Não havia pensado a respeito.

Na época, isso não estaria totalmente fora de questão. Mas agora... Rhys ficou chocado ao se dar conta de que a ideia de tentar substituir Helen por outra mulher era repulsiva. Santo Deus, o que estava acontecendo com ele?

– Tem que ser você – confessou ele.

O olhar de Helen desceu timidamente pelo torso nu dele. Quando seus olhos se encontraram, o rosto dela estava ruborizado, a expressão um pouco abalada. Com uma pontada no estômago, Rhys percebeu que ela se excitara.

– Você também vai ter necessidades – apelou ele, a voz rouca. – Vai se lembrar do prazer que eu lhe dei e vai querer mais.

Helen desviou os olhos.

– Eu preferiria não me casar enquanto ainda estou de luto –

respondeu.

Por mais gentil que fosse o tom dela, Rhys percebeu a inflexibilidade sutil. Depois de uma vida fazendo negócios e barganhando, ele aprendera a reconhecer quando o outro lado havia chegado ao ponto em que não faria mais concessões.

– Pretendo me casar com você em seis semanas – disse Rhys, mantendo a voz firme para disfarçar o desespero. – A qualquer custo. Diga-me o que quer. Diga-me e terá.

– Desculpe. Não há nada com que você possa me comprar – falou ela e, parecendo lamentar sinceramente, acrescentou: – Você já me prometeu o piano.

CAPÍTULO 6

A elegante carruagem sem brasão parou diante da entrada lateral coberta da Casa Ravenel. A chuva fina que caíra do céu de janeiro fora varrida pelos ventos gelados que assobiavam pelas ruas de Londres. Quando Helen espiou pela janela da carruagem, durante o caminho entre a Cork Street e South Audley, viu pedestres apertando casacos de lã e capas com força contra o corpo e apressando-se na direção da entrada das lojas para se juntar à aglomeração de pessoas que já tentavam se proteger do clima ali. A chuva rápida anunciara precipitações mais pesadas em breve e deixara um brilho escuro na calçada..

A luz quente e amarelada se derramava pelos painéis de vidro das portas da Casa Ravenel que se abriam para uma biblioteca espaçosa, cheia de estantes de mogno e quilômetros de livros, e uma mobília pesada e muito acolchoada. Helen sentiu um tremor de expectativa ao pensar em voltar para sua casa aconchegante.

Rhys segurou as mãos enluvadas dela e as apertou de leve.

– Visitarei Trenear amanhã à noite para conversar com ele sobre o noivado.

– Ele talvez não receba muito bem a notícia – disse Helen.

– Não receberá – retrucou Rhys, sem se abalar. – Mas saberei lidar com ele.

Helen ainda estava preocupada com a reação de Devon.

– Talvez seja melhor você visitá-lo depois de amanhã – sugeriu ela. – Ele e Kathleen vão chegar cansados da viagem. Acho que

receberão a notícia com mais tranquilidade se tiverem uma boa noite de sono antes. E eu poderia...

Helen parou de falar quando um criado começou a abrir a porta da carruagem.

Rhys voltou o olhar para o homem e disse bruscamente:

– Um minuto.

– Sim, senhor.

A porta foi fechada na mesma hora.

Rhys se virou no assento e se inclinou sobre ela, brincando com as dobras do véu.

– Continue.

– Eu poderia explicar as coisas para Devon antes que você chegasse – continuou Helen. – Para tentar preparar o caminho.

Rhys não concordou.

– Se ele perder a cabeça, não quero que seja você o alvo de sua ira. Deixe que eu conte a ele.

– Meu primo jamais me faria mal...

– Sei disso. Mas, ainda assim, ele vai querer briga. Sou eu que devo lidar com ele, não você.

Ele ajeitou com cuidado uma ponta da gola dela que estava dobrada.

– Quero isso acertado amanhã à noite, para o bem de nós dois. Não vou conseguir esperar mais do que isso. Vamos concordar que você não vai dizer nada até lá e que vai me deixar cuidar do assunto?

O tom dele não era autoritário, mas preocupado. Protetor. Depois, com um grunhido de má vontade, como se as palavras ameaçassem engasgá-lo, completou:

– Por favor.

Helen encarou os olhos cor de café. Aquilo era novo para ela. Aquela sensação de ser cuidada e desejada. E pareceu se espalhar dentro dela como vinhas delicadas.

Ao perceber que Rhys esperava uma resposta, ela retrucou com um toque de travessura na voz:

– Aye.

Após um momento de surpresa, Rhys a puxou para o colo. Os olhos dele cintilavam, divertidos.

– Está zombando do meu sotaque?

– Não – respondeu Helen e deixou escapar uma risadinha ofegante. – Gosto dele. Muito.

– É mesmo? – falou Rhys, com a voz mais intensa. – Terei que mandá-la para dentro de casa daqui a muito pouco tempo. Então me dê um beijo, *cariad*. Um que compense todos os beijos que eu teria recebido de você esta noite.

Ela se aproximou dele. Rhys afastou os lábios para que ela os explorasse. Ao perceber que ele a deixara assumir o controle, Helen o fez abrir ainda mais a boca e saboreou sua textura firme e sedosa. Hesitante, mudou o ângulo do beijo, e o encaixe foi tão erótico e delicioso que ela colou a boca à dele. Queria ficar ali para sempre, sentada no colo de Rhys, com as saias volumosas espalhadas ao redor deles, o traseiro acomodado entre as coxas musculosas. Helen agarrou os ombros de Rhys e aproximou mais o corpo dos contornos firmes do dele.

O peito de Rhys se ergueu em uma ou duas respirações difíceis, como um fole em uma lareira, e ele interrompeu o beijo com um gemido. Depois deixou escapar uma risadinha trêmula quando a boca de Helen continuou a buscar a dele.

– Não... Helen... ah, como você me dá prazer... temos que parar – advertiu Rhys, apoiando a testa na dela. – Antes que eu a possua aqui, nesta carruagem.

– Isso pode ser feito em uma carruagem? – perguntou ela, confusa.

Ele ficou mais vermelho e fechou os olhos por um instante, como se estivesse chegando ao limite de sua resistência.

– Aye.

– Mas como...

– Não pergunte, ou terminarei demonstrando.

Rhys a colocou de volta no assento ao lado dele e se inclinou para a frente, para bater na porta da carruagem.

O criado logo apareceu para ajudar Helen a descer. Posicionou primeiro o degrau portátil, então estendeu a mão para ela.

Antes mesmo de alcançar as portas francesas, Helen viu as gêmeas através do vidro, as formas esguias praticamente vibrando de ansiedade.

– Milady, devo levar isto para dentro?

Helen olhou para a caixa marfim que o criado segurava, do tamanho aproximado de uma travessa de jantar, presa com uma fita fina de cetim combinando. Ela percebeu que era a caixa com uma variedade de meias da loja.

– Eu mesma levarei. Obrigada... – falou e tentou se lembrar do nome pelo qual Rhys o chamara. –... George, não é?

O rapaz sorriu para ela e abriu a porta de casa.

– Sim, milady.

Assim que entrou em casa, Helen foi atacada pelas gêmeas, que dançavam ao redor dela, empolgadas.

Helen olhou uma última vez pelas portas de vidro, observando a carruagem partir.

– Você voltou! – gritou Pandora. – *Finalmente!* Por que demorou tanto? Ficou fora quase o dia todo!

– Está quase na hora do chá – concordou Cassandra.

Helen sorriu, zonha com a agitação das duas.

As gêmeas tinham 19 anos, logo fariam 20, mas era fácil supor que fossem mais novas. Criadas em um ambiente onde se exercia pouca autoridade sobre elas, as meninas haviam crescido livres em uma propriedade no campo, com poucas distrações além das que elas mesmas criavam. Os pais haviam passado a maior parte do

tempo na sociedade londrina, deixando as filhas a cargo de criadas, governantas e preceptoras. E nenhuma dessas tivera capacidade ou desejo de ter mão firme com as duas.

Sem dúvida, Pandora e Cassandra eram agitadas, mas também eram afetuosas, inteligentes e carismáticas. E lindas como uma dupla de deusas pagãs, ambas com pernas e braços compridos e parecendo cintilar de tão saudáveis. Pandora estava sempre desgrenhada e cheia de energia, o cabelo escuro soltando-se dos grampos como se ela houvesse acabado de correr pelo bosque. Cassandra, a gêmea de cabelo dourado, era mais complacente por natureza, ligeiramente mais disposta a seguir regras.

– O que aconteceu? – quis saber Cassandra. – O que o Sr. Winterborne disse?

Helen colocou de lado a caixa. Depois de tirar a luva preta, levantou a mão para exhibir o anel.

As gêmeas chegaram mais perto, os olhos arregalados, encantadas.

A pedra da lua parecia iluminada, cintilando com suaves lampejos de verde, azul e prata.

– Um anel novo – disse Pandora.

– Um noivado novo – corrigiu Helen.

– Mas com o mesmo noivo... – acrescentou Cassandra, em um tom ligeiramente interrogativo.

Helen riu.

– Não é possível simplesmente ir às compras para encontrar um. Sim, é o mesmo noivo.

Isso desencadeou uma nova onda de entusiasmo, as duas meninas gritando e pulando sem controle.

Helen percebeu que não adiantava tentar controlá-las, então se afastou. Quando percebeu um movimento na porta, se virou e viu a governanta à espera.

A Sra. Abbott inclinou a cabeça na direção de Helen e a encarou

com expectativa, com uma pergunta silenciosa no olhar.

Helen abriu um sorriso e assentiu.

A idosa suspirou de alívio.

– Posso recolher seus pertences, lady Helen?

Depois de entregar a ela o chapéu e as luvas, Helen falou baixinho:

– A senhora e os outros criados não devem se preocupar, nem por um momento, com as consequências da minha saída. Assumirei toda a responsabilidade. Tudo o que peço é que ninguém comente nada com lorde ou lady Trenear quando eles chegarem amanhã.

– Todos vão segurar suas línguas e seguir com seus trabalhos, como se nada houvesse acontecido.

– Obrigada – falou Helen e, em um impulso, tocou o ombro da mulher e lhe deu um tapinha carinhoso. – Nunca me senti tão feliz.

– Ninguém merece mais a felicidade – disse a Sra. Abbott. – Espero que o Sr. Winterborne também seja merecedor da senhorita.

A governanta saiu pela biblioteca principal e Helen voltou para onde estavam as irmãs. As duas se acomodaram em um sofazinho de couro e a encararam ansiosas.

– Conte tudo – pediu Cassandra. – O Sr. Winterborne ficou aborrecido quando você o procurou? Ficou zangado?

– Ele estava *furilouco*? – perguntou Pandora, que gostava de inventar palavras.

Helen riu.

– Na verdade, ele ficou bastante *furilouco*. Mas depois que o convenci de que desejava sinceramente ser sua esposa, pareceu bem mais feliz.

– Ele a beijou? – perguntou Cassandra, ansiosa. – Nos lábios?

Helen hesitou antes de assentir, e as gêmeas deram gritinhos, uma de empolgação, a outra de aversão.

– Ah, Helen sortuda, sortuda! – exclamou Cassandra.

– Não acho que ela seja nada sortuda – replicou Pandora com

sinceridade. – Imagine colocar a boca na de outra pessoa... E se o hálito dele for nojento ou houver um pouco de rapé no rosto dele? E se houver migalhas na barba?

– O Sr. Winterborne não tem barba – lembrou Cassandra. – E não cheira rapé.

– Ainda assim, beijos na boca são repulsivos.

Cassandra olhou para Helen com uma expressão muito preocupada.

– Foi repulsivo, Helen?

– Não – respondeu ela, enrubescendo. – De forma alguma.

– Como foi?

– Ele segurou meu rosto entre as mãos – descreveu Helen, lembrando-se do toque dos dedos fortes e gentis de Rhys e do modo como ele murmurara *Você pertence a mim, cariad...* – A boca dele era quente e macia – continuou falando em um tom sonhador. – E o hálito, fresco, com aroma de menta. Beijar é a melhor coisa que os lábios podem fazer além de sorrir.

Cassandra abraçou os próprios joelhos.

– Quero beijar algum dia – falou.

– Eu não quero – declarou Pandora. – Posso pensar em centenas de coisas melhores do que beijar. Decoração de Natal, fazer carinho nos cachorros, manteiga extra nos bolinhos, ter alguém para coçar suas costas em um lugar onde não consegue alcançar...

– Você ainda não experimentou beijar – argumentou Cassandra.

– Talvez goste. Helen gosta.

– Helen gosta de couve-de-bruxelas.

Pandora se aconchegou no canto do sofá e olhou para Helen com uma expressão astuta.

– Não precisa se preocupar com a possibilidade de deixarmos escapar alguma coisa para Devon ou Kathleen. Somos boas em guardar segredos. Mas todos os criados sabem que você foi a

algum lugar.

– A Sra. Abbott prometeu que eles vão ficar em silêncio.

Pandora deu um sorrisinho torto.

– Por que todos estão sempre dispostos a guardar os segredos de Helen, mas não os nossos? – perguntou a Cassandra.

– Porque Helen nunca quebra as regras.

– Quebrei uma hoje – ressaltou Helen, sem pensar no que dizia.

Pandora a encarou com um olhar aguçado.

– O que quer dizer?

Helen percebeu que era o momento de distrair a irmã, por isso pegou a caixa marfim para lhe entregar.

– Abra isto.

Helen se sentou em uma cadeira próxima, sorrindo enquanto as gêmeas desamarravam a fita e erguiam a tampa.

Dentro, três fileiras de meias de seda dobradas haviam sido arrumadas como se fossem bombons... rosa, amarela, branca, lavanda, marfim, todas com ligas de renda elásticas.

– Há doze pares – disse Helen, encantada com a expressão de prazer das irmãs. – Vamos dividi-las por igual entre nós.

– Ah, são lindas! – exclamou Cassandra e, com muito cuidado, estendeu um dedo para tocar o minúsculo miosótis bordado na parte de cima de uma liga de renda. – Podemos usá-las agora, Helen?

– Sim, só tomem cuidado para que ninguém veja.

– Suponho que isto faça valer a pena beijar na boca – refletiu Pandora.

Depois de contar as meias, ela se virou para Helen parecendo confusa.

– Só há onze meias aqui – constatou.

Sem conseguir pensar em uma resposta evasiva, Helen se viu obrigada a admitir:

– Já estou usando um par.

Pandora a encarou com uma expressão especulativa e sorriu.

– Acho que você *realmente* foi travessa.

CAPÍTULO 7

Quando Rhys acordou na manhã seguinte, a primeira coisa que viu foi um objeto negro sobre os lençóis brancos, ao lado dele, uma sombra delicada.

Era uma das meias pretas de algodão de Helen, a que ele não destruía. Rhys havia deixado a meia de propósito ao lado do travesseiro, para afastar qualquer medo de que tudo tivesse sido um sonho.

Pegou a meia enquanto sua mente se enchia de imagens de Helen na cama, no banho. Antes de levá-la para casa, ele a vestira diante do calor da lareira. Havia escolhido para ela um par de meias novas de uma caixa que mandara buscar na loja. Ajoelhara-se diante dela e calçara as pernas esguias, uma de cada vez. Depois de levar a seda até o meio das coxas dela, ele prendera o topo de renda com as ligas elásticas bordadas com rosas minúsculas. Com o corpo nu de Helen tão perto do rosto, Rhys não tinha sido capaz de resistir a roçar a boca e o nariz no ponto onde as coxas se juntavam, onde o tapete delicado de pelos louros ainda estava úmido e perfumado pelo sabonete do banho.

Helen havia ofegado quando ele segurara seu traseiro nu e deixara a língua brincar entre os pelos sedosos.

– Por favor – implorara ela. – Não, *por favor*, vou cair. Você não deve se ajoelhar assim... sua perna está rígida...

Rhys ficara tentado a mostrar uma rigidez bem mais crítica do que a da perna. No entanto, cedera e a soltara. Ele havia

continuado a vesti-la, ajudando-a a colocar um calção, feito de seda tão fina que poderia passar pelo aro de uma aliança, e a camisa de baixo combinando, a barra em uma renda feita à mão tão delicada quanto uma teia de aranha. Também havia mandado buscar um espartilho de linhas mais longas, mas Helen recusara o presente, explicando que precisava usar o espartilho e a anquinha antigos, ou o caimento do vestido ficaria prejudicado.

Peça por peça, Rhys relutantemente a cobrira com as pesadas camadas da roupa de luto. Porém o enchera de satisfação saber que Helen usava contra a pele algo dado por ele.

Winterborne se espreguiçou, virou de costas e brincou com a meia de algodão roubada, roçando os pequenos remendos com o polegar. Enfiou um dedo na meia, depois outro, esticando o tecido macio.

Franziu o cenho ao se lembrar da insistência de Helen em se só se casar dali a cinco meses. Sentia-se tentado a raptá-la e violá-la durante todo o caminho até a Escócia em um vagão particular no trem.

Porém esse não deveria ser o melhor modo de começar um casamento.

Rhys enfiou os quatro dedos na meia e a levou ao rosto, desesperado por sentir algum cheiro de Helen.

À noite iria à Casa Ravenel e pediria consentimento a Devon para o casamento. Ele na certa recusaria, e Rhys não teria outra escolha além de revelar que desonrara Helen.

Então Devon o atacaria como um lobo feroz. Rhys não duvidava da própria habilidade para se defender. Ainda assim, lidar com um Ravenel em pleno acesso de fúria era algo que qualquer homem racional tentaria evitar.

Os pensamentos dele se desviaram para o tema da recente boa sorte de Devon, que, de acordo com Helen, tinha alguma coisa a ver com direitos de mineração na propriedade de 8 mil hectares dele. A

porção de terra em questão havia acabado de ser arrendada a um amigo em comum deles, Tom Severin, um magnata do transporte ferroviário que pretendia cruzar com trilhos a área alugada.

Rhys decidiu que, depois das rondas matinais daquele dia, visitaria Severin para saber mais sobre a situação.

Ele manteve a meia contra os lábios e assoprou suavemente através do tecido. Com os olhos semicerrados, pensou nos lábios de Helen abrindo-se para os beijos dele, os cachos suaves dos cabelos enrolando-se em seus pulsos. A sensação do sexo dela apertando-o como se ela estivesse ávida por cada centímetro dele.

Raptá-la, decidiu em uma névoa de desejo, ainda era uma possibilidade.



Rhys se encontrou com Severin no escritório do amigo e os dois saíram juntos para almoçar peixe frito em um lugar que costumavam frequentar. Nenhum deles era muito chegado a longas refeições no meio do dia; preferiam estabelecimentos que serviam refeições rápidas e podiam ser facilmente encontrados em qualquer quarteirão de Londres. Tanto cavalheiros endinheirados quanto trabalhadores comuns frequentavam esse tipo de local, onde era possível comprar um prato de presunto ou um bife, caranguejos recheados ou uma salada de lagosta e terminar de comer em meia hora. Barracas ao longo da rua ofereciam lanches rápidos, como ovos cozidos, sanduíches de presunto, alguns salgados ou ervilhas quentes, mas eram ofertas duvidosas, já que nunca se podia ter certeza se a comida era de boa qualidade.

Depois que se sentaram a uma mesa de canto e pediram peixe frito e cerveja, Rhys considerou como deveria abordar o assunto da terra de Devon Ravenel.

– Hematita – disse Severin antes que Rhys pudesse pronunciar

uma sílaba.

Ele sorriu ao ver o olhar surpreso de Rhys.

– Presumi que você fosse perguntar, já que todo mundo em Londres está tentando descobrir.

O termo “inteligente demais” costumava ser aplicado a pessoas que não mereciam esse título. Na opinião de Rhys, Tom Severin era o único ser humano que ele já conhecera que realmente podia ser chamado assim. Severin com frequência parecia estar relaxado e desatento durante uma conversa ou uma reunião, porém mais tarde seria capaz de se lembrar de cada detalhe com uma precisão quase perfeita. Era esperto, articulado, confiante e sabia rir de si mesmo.

Tinha os cabelos escuros e a pele clara, com feições finas e bem marcadas, e o tipo de olhar que fazia as pessoas se sentirem como um alvo. Seus olhos eram fora do comum: azuis com toques irregulares de verde ao redor das pupilas. Dependendo da luz, o tom verde do olho direito ficava mais destacado, dando a impressão de que cada olho tinha uma cor.

Rhys, que havia sido criado por pais rígidos e nada inclinados a demonstrar alegria, sempre gostara de pessoas irreverentes como Severin. Os dois eram da mesma geração, com um passado humilde e o mesmo apetite pelo sucesso. A principal diferença entre eles era que Severin recebera uma excelente educação. Mas Rhys nunca invejara o amigo por isso. Nos negócios, o instinto era tão valioso quanto a inteligência, às vezes mais. Severin de vez em quando se convencia a tomar parte em algum negócio ruim, enquanto Rhys sempre confiava no próprio instinto.

– Trenear encontrou hematita nas terras dele? – perguntou Rhys.

– Qual a importância disso? É um minério comum, não é?

O que Severin mais adorava na vida era exhibir seus conhecimentos.

– A hematita das terras dele é de uma qualidade fora do comum. Rica em ferro, com pouca sílica. Não precisa nem ser refinada. Não

há outro depósito assim ao sul da Cumbria.

Ele esboçou um sorriso irônico.

– Ainda mais conveniente para Treneer foi que eu já havia planejado instalar trilhos naquela área. Tudo o que ele precisa fazer é extrair o minério, colocá-lo em um transportador e levá-la para laminação. Com a demanda por aço tão alta, Treneer tem uma fortuna nas mãos. Ou, mais precisamente, sob os pés. De acordo com os topógrafos que mandei, as perfuratrizes retiraram amostras de hematita de alta qualidade de uma extensão de pelo menos 8 hectares. Treneer pode conseguir mais de meio milhão de libras.

Rhys ficou feliz por Devon, que merecia uma onda de boa sorte. Nos últimos meses, o antigo mulherengo despreocupado havia aprendido a sustentar o peso de responsabilidades que nunca desejara nem esperara ter.

– Naturalmente – continuou Severin –, fiz o que podia para conseguir os direitos sobre a mineração antes que Treneer percebesse o que tinha. Mas ele é um desgraçado teimoso. No fim, já perto do encerramento das negociações para o arrendamento da terra, tive que ceder.

Rhys encarou o amigo.

– Você sabia sobre o depósito de hematita e não avisou a ele?

– Eu precisava da hematita. Há carência dela.

– Treneer precisava mais. Ele herdou uma propriedade quase falida. Você deveria ter contado a ele!

Severin deu de ombros.

– Se ele não foi esperto o bastante para descobrir antes de mim, não merecia ter a hematita.

– *Iesu Mawr!* – exclamou Rhys. *Bom Jesus!*

Ele ergueu a caneca e virou metade da cerveja em poucos goles.

– Que belo par de amigos nós somos. Você tentou enganá-lo, eu me insinuei para a mulher que ele ama.

Rhys se sentiu desconfortável. Devon não era santo, mas sempre tinha sido um bom amigo. Merecia um tratamento melhor.

– Que mulher? – perguntou Severin. – E por que você se insinuou para ela?

– Não importa quem seja – resmungou Rhys. – Fiz isso porque estava com um humor do diabo.

Kathleen, lady Trenear, dissera a Rhys – sem pretender ser maldosa – que ele jamais seria capaz de fazer Helen feliz, que não a merecia. Aquilo tocara um ponto sensível que Rhys nem sequer conhecia – e a reação dele fora ruim. Feia.

E provaria que ela estava certa.

Maldição, pensou, não culparia Devon se nunca mais quisesse vê-lo na vida.

– Isso foi na época em que a prima de Trenear terminou o noivado com você? – perguntou Severin.

– Ainda estamos noivos – retrucou Rhys secamente.

– É mesmo? – falou Severin, parecendo ainda mais interessado.

– O que aconteceu?

– Maldito seja eu se lhe contar... Só o diabo sabe quando você vai usar essa informação contra mim.

Severin riu.

– Como se você já não houvesse depenado muitas almas sem sorte em seus acordos de negócio.

– Nunca um amigo.

– Ah. Então você sacrificaria os próprios interesses pelos de um amigo... é isso que está dizendo?

Rhys deu outro gole na cerveja, tentando disfarçar um sorriso.

– Isso nunca aconteceu – admitiu. – Mas é possível.

Severin bufou e pediu mais cerveja.

A conversa logo se voltou para assuntos de negócio, sobretudo a onda de especulação imobiliária que vinha acontecendo por causa da crescente necessidade de moradias para a classe média e os

trabalhadores mais pobres. Severin parecia interessado em ajudar um conhecido que se endividara depois de investir pesado demais e com uma baixa taxa de retorno. Parte das propriedades dele fora entregue a uma firma de leiloeiros, e Severin se oferecera para assumir o restante das que foram hipotecadas, para que ele não tivesse que liquidar tudo.

– Por pura bondade do seu coração? – questionou Rhys.

– Naturalmente – foi a resposta irônica de Severin. – Isso e o fato de que ele e três outros grandes proprietários no distrito de Hammersmith são parte de um comitê provisório para uma proposta de linha férrea nos subúrbios que eu quero assumir. Se eu ajudá-lo a sair da confusão em que se meteu, ele convencerá os outros a apoiarem meus planos.

Seu tom se tornou mais relaxado enquanto falava:

– Você talvez se interesse por uma das propriedades à venda. É um quarteirão de prédios humildes, que estão sendo postos abaixo para serem substituídos por habitações para trezentas famílias de classe média.

Rhys o encarou com uma expressão de sarcasmo.

– E como eu lucraria com isso?

– Cobrando um aluguel extorsivo.

Rhys balançou a cabeça com desdém.

– Quando eu era menino e morava na High Street, vi muitos trabalhadores e suas famílias ficarem arrasados porque o valor de seus aluguéis dobrava sem aviso.

– Mais um motivo para você comprar a propriedade – ressaltou Severin sem se deter. – Você pode evitar que trezentas famílias sejam extorquidas pelo novo proprietário, o que outra pessoa... eu, por exemplo... não faria.

Ocorreu a Rhys que, se os prédios residenciais fossem de boa qualidade, com bom encanamento e ventilados, talvez valesse mesmo a pena investir neles. Ele empregava cerca de mil pessoas.

Embora todos fossem bem pagos, a maior parte tinha dificuldade de encontrar boas moradias. Rhys conseguia imaginar várias vantagens em adquirir a área como residência para seus funcionários.

Ele se recostou na cadeira.

– Qual é a construtora? – perguntou com ar de desinteresse.

– Holland & Hannen. Uma firma de boa reputação. Podemos caminhar até o canteiro de obras depois do almoço, se você quiser ver por si mesmo.

Rhys deu de ombros de forma casual.

– Dar uma olhada não vai fazer mal.

Depois de terminarem a refeição, eles caminharam para o norte, em direção a King's Cross. No ar gelado, a respiração deles se condensava. Edifícios com belas fachadas, com o trabalho ornamental em tijolos e painéis de terracota, deram lugar a casas de cômodos cinzentas, separadas por becos estreitos e com sarjetas cheias de lixo. As janelas eram cobertas com papel no lugar de vidro e remos quebrados ou varões sustentavam a roupa lavada. Algumas das residências não tinham portas, o que dava a sensação de que os prédios estavam boquiabertos com a própria condição decadente.

– Vamos atravessar para a rua principal – sugeriu Severin, torcendo o nariz por causa do cheiro sulfuroso do ar. – Não vale a pena cortar caminho inalando esse fedor.

– As pobres almas que vivem aqui têm que respirar esse ar o tempo todo – lembrou Rhys. – Você e eu podemos aguentar dez minutos.

Severin lançou um olhar zombeteiro ao amigo.

– Está se tornando um reformista não é mesmo?

Rhys deu de ombros.

– Uma caminhada por estas ruas é o bastante para me fazer simpatizar com as visões reformistas. É mesmo um pecado que

trabalhadores e suas famílias sejam forçados a viver na imundície.

Eles continuaram pelas ruas apertadas, passando pelas fachadas cinzentas desbotadas pela sujeira. Havia um lugar de aparência deplorável que vendia comida, assim como um que comercializava bebida e uma pequena barraca com uma placa anunciando galos de briga à venda.

Foi um alívio quando eles dobraram uma esquina, saíram em uma rua larga e drenada e se aproximaram do canteiro de obras, onde uma fileira de prédios estava sendo demolida. A cena era um caos controlado, com uma equipe de operários destruindo as estruturas de três andares. Tratava-se de um trabalho difícil e perigoso: era necessário mais talento para derrubar um prédio do que para construí-lo. Um par de guindastes sobre rodas e movidos a vapor poluía o ar com rugidos, estalos e guinchos. Suas pesadas caldeiras contrabalançavam a lança, tornando as máquinas impressionantemente estáveis.

Rhys e Severin seguiram por trás de uma fileira de carroças sendo carregadas de entulho de madeira, que seria cortada e usada em lareiras. A área estava um enxame de homens que carregavam pás e picaretas ou empurravam carrinhos de mão, enquanto pedreiros examinavam os tijolos para ver quais poderiam ser reutilizados.

Rhys franziu o cenho ao ver os inquilinos sendo expulsos do prédio que seria o próximo na fila de demolição. Alguns resistiam e outros se lamentavam enquanto carregavam seus pertences para fora e os empilhavam na calçada. Era triste que aqueles coitados fossem postos na rua no auge do inverno.

Severin seguiu o olhar do amigo na direção dos inquilinos transtornados e ficou sério.

- Todos receberam avisos antecipados para sair – ressaltou ele.
- O prédio seria condenado de qualquer modo. Mas algumas pessoas ficaram. Sempre acontece.

– E para onde iriam? – questionou Rhys, sem de fato esperar que houvesse uma resposta.

– Só Deus sabe. Mas não é bom permitir que as pessoas vivam no meio do esgoto.

O olhar de Rhys pousou brevemente em um menino de cerca 9 ou 10 anos que se sentara sozinho em meio a uma pequena pilha de pertences, incluindo uma cadeira, uma frigideira e um monte de roupas de cama sujas. Ele parecia tomar conta daquelas coisas enquanto esperava o retorno de alguém. Provavelmente a mãe ou o pai dele havia saído à procura de um lugar para ficarem.

– Já vi o projeto – disse Severin. – Os novos prédios terão cinco andares cada, com água corrente e um cômodo com vaso sanitário em cada andar. Pelo que entendi, os porões vão abrigar cozinhas comunitárias, lavanderias e áreas para secar roupas. Na frente dos prédios vão instalar grades de ferro para formar uma área protegida para as crianças brincarem. Está interessado em ver uma cópia do projeto de arquitetura?

– Aye. E também escrituras, comprovantes de venda, licenças de construção, hipotecas e uma lista de empreiteiros e subcontratados.

– Eu sabia que você iria se interessar – falou Severin com satisfação.

– Com a condição – continuou Rhys – de que algumas ações da sua ferrovia também estejam na mesa.

A expressão presunçosa de Severin desapareceu.

– Escute aqui, seu larápio, não vou adoçar o negócio com ações da ferrovia. O prédio nem é meu. Estou só mostrando a você!

Rhys sorriu.

– Mas você precisa que alguém compre. E não vai encontrar muitos clientes em potencial com tanta terra barata disponível por aí.

– Se você acha...

O restante das palavras de Severin foi abafado por um som terrível de algo se partindo, seguido por um estrondo ensurdecedor e gritos de alarme. Os dois homens se viraram no momento em que a parte superior de um dos prédios condenados começou a desmoronar. Vigas e madeira podres cederam à gravidade, telhas de ardósia escorregaram por cima das calhas.

O menino encarapitado em sua pilha de pertences estava bem na direção da cascata letal.

Sem pensar, Rhys correu na direção da criança, esquecendo-se da rigidez da perna na pressa de alcançá-la. Ele se jogou em cima do menino, usando o próprio corpo para protegê-lo, então sentiu a força do golpe no ombro e nas costas. Foi como se todos os seus ossos estremecessem. Através das luzes brancas que ofuscavam sua mente, uma parte distante do cérebro de Rhys se deu conta de que havia sido atingido e que o dano seria considerável. Então, tudo escureceu.

CAPÍTULO 8

— **W**interborne. *Winterborne*. Vamos, abra os... Isso, amigo. Olhe para mim.

Rhys piscou. Despertando devagar, se deu conta, perplexo, de que estava deitado no chão terrivelmente frio. Havia uma multidão cercando-o, falando, opinando, gritando, e Severin estava inclinado sobre ele.

Dor. Estava imerso em dor. Não era a pior que já sentira, mas era considerável mesmo assim. Era difícil se mover. Ele percebeu que havia algo muito errado com seu braço esquerdo, que estava dormente e sem movimentos.

— O menino... — disse Rhys, lembrando-se do telhado caindo, da cascata de madeira e telhas.

— Não sofreu um arranhão. Estava tentando enfiar a mão no seu bolso quando o mandei embora.

Severin deu um risinho zombeteiro.

— Quando for arriscar a vida por alguém, escolha um membro útil da sociedade, não um ladrão mirim.

Ele estendeu a mão na intenção de ajudar Rhys a se levantar.

— Não consigo mover o braço.

— Qual? O esquerdo? Provavelmente está quebrado. Eu não deveria precisar lhe dizer isso, mas, quando um prédio está desabando, você corre para *longe* dele, não na direção dele.

Uma voz de comando feminina se ergueu acima da cacofonia de vozes e de motores a vapor.

– Deixem-me passar! Afastem-se, por favor. Abram caminho.

Uma mulher vestida de preto, com um lenço verde vistoso no pescoço, surgiu aos empurrões do meio da multidão, muito determinada e usando habilmente um bastão para afastar os mais lentos. Ela olhou para Rhys com uma expressão avaliativa e se ajoelhou ao lado dele sem se importar com o chão lamacento.

– Senhorita – começou a dizer Severin, com um toque de irritação. – Sem dúvida está tentando ser útil, mas...

– Sou médica – disse ela secamente.

– Está querendo dizer que é enfermeira? – perguntou Severin.

A mulher o ignorou.

– Onde dói mais? – indagou ela a Rhys.

– No ombro.

– Mexa os dedos, por favor.

A mulher observou enquanto ele fazia o que fora pedido.

– O braço está dormente? Latejando?

– Dormente.

Rhys cerrou os dentes e levantou os olhos para a mulher. Era jovem, ainda na casa dos 20 anos. Bela, com cabelo castanho e grandes olhos verdes. Apesar do corpo esguio e das feições finas, ela passava uma impressão de vigor. Com muita delicadeza, a jovem segurou o braço e o cotovelo dele e testou o movimento. Rhys grunhiu quando uma dor agonizante atravessou seu ombro. Ela pousou o braço dele com cuidado em cima do estômago.

– Perdão – murmurou e passou a mão por baixo do paletó dele para sentir o ombro.

Uma explosão de calor congelante nublou a visão de Rhys.

– Aaaaa!

– Não acredito que haja fratura – falou ela, soltando-o.

– Já basta – intrometeu-se Severin, irritado. – Vai acabar deixando-o pior. Precisamos de um médico, não de alguma...

– Sou médica diplomada. E seu amigo deslocou o ombro.

Ela desamarrou o lenço que trazia no pescoço.

– Preciso do seu lenço de pescoço também – falou para Severin.

– Temos que imobilizar esse braço antes de mover seu amigo.

– Movê-lo para onde?

– Meu consultório fica a duas ruas daqui. Seu lenço, por favor.

– Mas...

– Dê o lenço a ela – ordenou Rhys, irritado, sentindo o braço em chamas.

Severin obedeceu resmungando.

A mulher usou o lenço verde para improvisar uma tipoia, que amarrou na altura da clavícula de Rhys, ajustando a base ao redor do cotovelo dele. Com a ajuda de Severin, passou o outro lenço em volta do tronco de Rhys e por cima do braço dormente, prendendo-o junto ao corpo.

– Vamos ajudá-lo a ficar de pé – avisou a mulher a Rhys. – Não terá que andar muito. Tenho os equipamentos e materiais necessários para tratar seu ombro.

Severin a encarou com aspereza.

– Senhorita, tenho que objetar...

– Dra. Gibson – corrigiu ela, em um tom cortante.

– Dra. Gibson – falou ele, com uma ênfase no “doutora” que soou como um insulto. – Esse é o Sr. Winterborne. O da loja de departamentos. Ele precisa ser tratado por um médico de verdade, com experiência e treinamento adequados, para não mencionar...

– Um pênis? – sugeriu ela com acidez. – Lamento, mas isso eu não tenho. E também não é um pré-requisito para se conseguir um diploma de medicina. Sou uma médica de verdade e, quanto mais rápido eu cuidar do ombro do Sr. Winterborne, melhor será para ele.

Severin continuou a hesitar.

– A limitação da rotação externa do ombro, junto com a elevação prejudicada do braço e a proeminência do processo coracoide, tudo isso indica um deslocamento posterior. Portanto, a junta deve ser

recolocada no lugar sem demora se quisermos evitar futuros danos do sistema neurovascular da extremidade superior.

Se Rhys não estivesse sentindo tanta dor, teria se divertido muito com a expressão espantada de Severin.

– Eu a ajudarei a movê-lo.

Durante a curta porém tortuosa caminhada, Severin continuou a questionar a mulher, que respondia com uma paciência admirável. O nome dela era Garrett Gibson e havia nascido em East London. Depois de se inscrever em um hospital local como estudante de enfermagem, começara a ter aulas destinadas a médicos. Três anos antes, havia conseguido um diploma de medicina na Universidade de Sorbonne, em Paris, e logo depois voltara a Londres. Como era comum, havia estabelecido seu consultório em uma casa particular, que naquele caso era a do pai viúvo.

Chegaram à residência de três andares que se enfileirava à sequência de casas geminadas de classe média, construídas com tijolos vermelhos e em estilo georgiano. Prédios como aqueles eram invariavelmente projetados com um cômodo na frente e outro nos fundos de cada pavimento, com um corredor e uma escada em um dos lados.

Uma criada abriu a porta e os fez entrar. A Dra. Gibson levou Rhys e Severin para o cômodo dos fundos, um consultório muito limpo e mobiliado com uma cama para exames, um sofá, uma mesa e também armários de mogno que cobriam toda uma parede. Ela fez Rhys se sentar na cama, que ficava acima de um armário. O acolchoado de couro que a cobria era dividido em partes móveis, que podiam ser ajustadas para erguer a cabeça, o tronco inteiro ou os pés do paciente.

Depois de tirar rápido o casaco e o chapéu, a Dra. Gibson os entregou à criada. Aproximou-se de Rhys e, com todo o cuidado, removeu a tipoia improvisada.

– Antes que se deite, Sr. Winterborne – disse –, vamos precisar

que tire a parte de cima da sua roupa.

Ele assentiu, o suor frio escorrendo por seu rosto.

– Como posso ajudar? – perguntou Severin.

– Comece com a manga do lado que não está machucado. Eu tirarei do outro lado. Tente não empurrar o braço mais do que o necessário.

Apesar do extremo cuidado dos dois no processo, Rhys se encolheu e gemeu enquanto despiam o casaco. Ele fechou os olhos e sentiu que o corpo vacilava.

Na mesma hora, Severin o amparou, pousando a mão no ombro bom.

Rhys não queria ter que suportar a dor de despirem a camisa e o colete.

– Cortem o resto – murmurou ele.

– Tem razão – concordou a Dra. Gibson. – Sr. Severin, mantenha-o firme enquanto eu cuido disso.

Rhys abriu os olhos quando sentiu a camisa e o colete serem removidos com alguns cortes precisos de uma lâmina afiada. Uma coisa era certa: a mulher sabia como manejar uma faca. Ele observou o rosto pequeno e impassível dela e se perguntou o que a Dra. Gibson teria tido que enfrentar para conquistar um lugar em uma profissão dominada pelos homens.

– Santo Deus – murmurou Severin, quando a pele arroxeadas das costas e do ombro de Rhys ficou à mostra. – Espero que salvar aquele ladrãozinho tenha feito isso valer a pena, Winterborne.

– É claro que valeu – disse a Dra. Gibson, que havia se virado para procurar algo em um armário. – Ele salvou a vida do menino. Nunca se sabe o que uma criança pode vir a se tornar um dia.

– Nesse caso, com certeza um criminoso – assegurou Severin.

– É possível – concordou a mulher, voltando com um copinho cheio de um líquido âmbar. – Mas não há como ter certeza.

Ela entregou o copo a Rhys.

– Aqui está, Sr. Winterborne.

– O que é isso? – perguntou ele, desconfiado, pegando o copo com a mão boa.

– Algo para ajudá-lo a relaxar.

Rhys deu um golinho para experimentar.

– Uísque – falou, surpreso e grato ao mesmo tempo.

E de boa qualidade. Ele virou a bebida em dois goles e estendeu o copo pedindo mais.

– É preciso mais de um copo para me relaxar – disse. E, diante do olhar cético da médica, explicou: – Sou galês.

A Dra. Gibson deu um sorriso relutante, os olhos verdes cintilando, e foi servir outra dose.

– Também preciso relaxar – comentou Severin.

A médica pareceu achar engraçado.

– Lamento, mas o senhor terá que permanecer sóbrio – declarou ela –, já que devo precisar da sua ajuda.

Depois de retirar o copo da mão de Rhys, a Dra. Gibson passou um braço forte pelas costas dele.

– Sr. Winterborne, vamos ajudá-lo a se deitar. Devagar, agora. Sr. Severin, se puder erguer os pés dele...

Rhys se deitou na cama e deixou escapar um xingamento quando as costas se apoiaram na superfície de couro. Uma dor lancinante percorreu seu corpo.

A Dra. Gibson pressionou várias vezes um pedal para elevar o nível da cama, depois foi até o lado machucado de Rhys.

– Sr. Severin, por favor, assuma esta mesma posição do outro lado. Preciso que passe um braço ao redor dele e posicione a mão na lateral da costela, para estabilizá-lo. Isso, assim.

Severin sorriu para Rhys enquanto seguia as instruções da médica.

– Como se sente sobre aquelas ações de Hammersmith agora que está sob o meu domínio? – perguntou.

– Ainda as quero – conseguiu dizer Rhys.

– Duvido que vá precisar disso, Sr. Winterborne – interrompeu a Dra. Gibson, levando uma tira de couro à boca dele –, mas eu o aconselharia a deixar entre os dentes, por precaução.

Ao vê-lo hesitar, ela o tranquilizou.

– Está limpa. Nunca reutilizo material.

Rhys prendeu a faixa de couro entre os dentes.

– A doutora é fisicamente forte o bastante para isso? – indagou Severin, em dúvida.

– Gostaria de disputar uma queda de braço? – ofereceu ela, com tamanha autoconfiança que Rhys deixou escapar uma risadinha.

– Não – respondeu Severin na mesma hora. – Não posso me arriscar a perder.

A médica sorriu.

– Duvido que eu vencesse, Sr. Severin. Mas com certeza tornaria bem difícil para o senhor.

Ela pegou o pulso de Rhys com a mão direita e, com a outra, segurou seu antebraço.

– Mantenha-o firme – avisou a Severin.

Lenta e suavemente, ela exerceu a tração necessária enquanto empurrava o braço para cima e o girava até a junta se encaixar no lugar.

Rhys deixou escapar um som de alívio quando a dor terrível cedeu. O corpo inteiro dele relaxou. Virando a cabeça, cuspiu a tira de couro e deixou escapar o ar em um suspiro trêmulo.

– Obrigado.

– São e salvo – disse a mulher, satisfeita, apalpando o ombro para ter certeza de que estava tudo no lugar.

– Muito bem – disse Severin. – É muito esperta, Dra. Gibson.

– Prefiro a palavra “competente” – retrucou ela. – Mas obrigada da mesma forma.

A médica usou o pedal da mesa para abaixá-la.

– O ombro vai ficar inchado e dolorido nos próximos dias – disse, inclinando-se para pegar um tecido branco em um armário mais baixo. – Mas deve tentar usar o braço naturalmente, apesar da dor. Caso contrário, os músculos vão enfraquecer por falta de uso. Por hoje, mantenha-o apoiado e evite usá-lo.

Depois de ajudar Rhys a se sentar, a Dra. Gibson amarrou com habilidade uma tipoia ao redor do pescoço e do braço dele.

– Talvez tenha dificuldade para dormir nas próximas noites, por isso vou lhe prescrever um tônico que o ajudará. Tome uma colher na hora de se deitar, não mais que isso.

Ela pegou o casaco dele e arrumou com cuidado ao redor de seus ombros.

– Vou até lá fora para chamar um coche de aluguel – avisou Severin. – Não podemos sair andando por aí com Winterborne em toda a glória de seu peito nu, ou a calçada logo estará cheia de mulheres desmaiando.

Quando Severin deixou o consultório, Rhys estendeu a mão desajeitadamente para pegar a carteira no bolso do casaco.

– Quanto lhe devo? – perguntou ele.

– Um florim.

Isso era metade dos 4 xelins que o Dr. Havelock, que Rhys empregava para atender os empregados da Winterborne's, teria cobrado. Ele pegou uma moeda e entregou à médica.

– É muito competente, Dra. Gibson – disse, muito sério.

Ela sorriu, sem ruborizar nem rejeitar o elogio. Rhys gostou daquela mulher eficiente e incomum. Apesar das chances óbvias contra ela, ele torcia para que fosse bem-sucedida na profissão.

– Não hesitarei em recomendar seus serviços – continuou Rhys.

– É muito gentil da sua parte, Sr. Winterborne. No entanto, temo que terei que fechar meu consultório no fim do mês.

O tom dela era conformado, mas seus olhos mostraram tristeza.

– Posso perguntar por quê?

– Os pacientes são poucos e inconstantes. As pessoas temem que uma mulher não tenha nem a energia física nem a acuidade mental necessárias à prática da medicina.

Um sorriso melancólico curvou seus lábios.

– Já me disseram até que as mulheres são incapazes de conter a língua, portanto uma médica violaria constantemente a privacidade de seus pacientes.

– Sei tudo de preconceito – comentou Rhys com serenidade. – O único modo de lutar contra ele é provando que essas pessoas estão erradas.

– Sim.

Mas seu olhar se tornou ausente e ela foi se ocupar com a reorganização da bandeja de materiais.

– A senhora é mesmo uma boa médica? – perguntou Rhys.

A Dra. Gibson enrijeceu o corpo e olhou para ele por sobre o ombro.

– Perdão?

– Recomende-se para mim – disse ele simplesmente.

A Dra. Gibson se virou para encará-lo com o cenho franzido e uma expressão pensativa.

– Enquanto eu trabalhava como enfermeira em cirurgias, consegui certificados em anatomia, psicologia e química. Na Sorbonne, recebi menção honrosa em anatomia por dois anos e, por três, o prêmio por partos bem-sucedidos. Também estudei por um breve período com sir Joseph Lister, que me orientou nas técnicas de cirurgia antisséptica. Em resumo, sou muito boa. E poderia ter ajudado um grande número de pessoas, se...

Ela se interrompeu ao ver Rhys tirar um cartão da carteira para lhe entregar.

– Leve isso à Winterborne's na segunda-feira de manhã, às nove horas em ponto. Peça para falar com a Sra. Fernsby.

– Posso lhe perguntar com que propósito?

Os olhos da médica estavam arregalados.

– Mantenho um médico na minha folha de pagamentos para cuidar da saúde de mil empregados. É um velho esquisito, mas um bom homem. Será necessário que ele concorde em contratar a senhorita, mas não imagino que vá fazer objeções. Entre outras coisas, Havelock precisa de alguém para ajudar nos partos... leva horas a cada vez, e ele diz que o processo é difícil para o seu reumatismo. Se estiver interessada.

– Sim. Eu estou. Obrigada. Sim.

A Dra. Gibson segurou o cartão com força.

– Estarei lá na segunda-feira de manhã – falou e um sorriso curioso atravessou seu rosto. – Embora esse não tenha sido um dia de sorte para o senhor, parece que acabou sendo para mim, Sr. Winterborne.



– *Sr. Winterborne!* – exclamou a Sra. Fernsby, horrorizada, quando entrou no escritório e viu Rhys sujo, machucado e só com o casaco sobre a pele. – Santo Deus, o que aconteceu? Foi atacado por marginais? Ladrões?

– Por um prédio, na verdade.

– O que...

– Explicarei mais tarde, Fernsby. No momento, preciso de uma camisa.

Ele pegou com dificuldade a receita no bolso do casaco e a entregou à secretária.

– Leve isso ao farmacêutico e peça que ele prepare o tônico. Desloquei meu ombro e dói como o diabo. Diga também ao meu advogado que o espero no escritório em meia hora.

– Camisa, remédio, advogado – citou ela, guardando tudo na memória. – Vai processar os proprietários do prédio?

Rhys se encolheu de dor ao abaixar o corpo na cadeira diante da escrivaninha.

– Não – murmurou. – Mas preciso rever meu testamento imediatamente.

– Tem certeza de que não gostaria de ir para casa se lavar primeiro? – perguntou ela. – O senhor está bastante... sujo.

– Não, isso pode esperar. Diga a Quincy para trazer água quente e uma toalha. Limparei o que puder aqui. E traga chá... não, café.

– Devo mandar chamar o Dr. Havelock, senhor?

– Não, já fui tratado pela Dra. Gibson. A propósito, ela virá aqui para uma entrevista na segunda-feira às nove da manhã. Vou contratá-la para ajudar Havelock.

A Sra. Fernsby ergueu as sobrancelhas acima da armação dos óculos.

– Doutora? É uma mulher?

– Nunca ouviu falar de mulheres médicas? – perguntou Rhys com ironia.

– Acho que sim, mas nunca vi uma.

– Verá na segunda-feira.

– Sim, senhor – murmurou a Sra. Fernsby e saiu apressada do escritório.

Com esforço, Rhys pegou o pote de biscoitos de menta, escolheu um e enfiou na boca, depois ajeitou o casaco ao redor dos ombros.

Enquanto o biscoito derretia em sua língua, ele se forçou a confrontar o pensamento que o horrorizara durante o caminho de volta à Winterborne's.

O que seria de Helen se ele morresse?

Sempre vivera de forma destemida, assumindo riscos calculados, fazendo o que lhe desse vontade. Já havia aceitado que seu negócio um dia continuaria sem ele: planejava deixar a empresa para o conselho de diretores, o grupo de conselheiros e amigos de

confiança que colecionara ao longo dos anos. A mãe teria os melhores cuidados garantidos, mas ela não queria, nem merecia, gerenciar os negócios. Havia também legados generosos para alguns empregados, como a Sra. Fernsby, e somas a serem distribuídas a parentes distantes.

Mas, até então, Helen não fora mencionada no testamento dele. Do modo como as coisas estavam dispostas, se o acidente com o prédio houvesse sido fatal, ela teria ficado sem nada – depois de ele lhe tirar a virgindade e talvez engravidá-la.

Rhys ficou horrorizado ao perceber como era vulnerável a posição de Helen. Por causa dele.

Sua cabeça latejava de uma forma terrível. Ele apoiou o braço bom na mesa, encostou a testa nele e tentou transformar os pensamentos frenéticos em um raciocínio coerente.

Tinha que agir rápido para garantir o futuro de Helen. A questão de como protegê-la a longo prazo, no entanto, era mais complicada.

Como sempre, os funcionários dele eram rápidos e eficientes. Quincy, o valete já idoso que ele convencera a deixar a criadagem de Devon Ravenel fazia apenas alguns meses, chegou com uma camisa limpa, um colete, um jarro de água morna e uma bandeja com acessórios de toalete. Depois de examinar a condição de Rhys, o valete, normalmente impassível, estalou a língua e deixou escapar murmúrios de consternação enquanto limpava, escovava, penteava, passava cremes e arrumava Rhys até ele ficar apresentável. A pior parte foi vestir a camisa limpa e o colete. Como a Dra. Gibson previra, a dor no ombro machucado aumentara bastante.

Depois que a Sra. Fernsby trouxe uma dose do tônico que o farmacêutico preparara e uma bandeja com café e conhaque, Rhys finalmente se sentiu pronto para falar com o advogado.

– Winterborne – disse Charles Burgess quando entrou no escritório, examinando o cliente com uma mistura de divertimento e preocupação. – Você me lembra um rapaz que conheci certa vez na

High Street.

Rhys sorriu para o advogado de corpo sólido e cabelos grisalhos que havia trabalhado para o pai dele em pequenas questões legais. Mais tarde Burgess acabara se tornando um dos conselheiros de Rhys quando a mercearia se expandira até se tornar um negócio bem mais abrangente. Agora o advogado fazia parte do conselho de diretores da companhia. Era um homem meticoloso, perspicaz e criativo, capaz de descobrir saídas de entraves legais como uma ovelha de Gales do Norte encontrava seu caminho nas charnecas das regiões montanhosas.

– A Sra. Fernsby disse que foi atingindo em um acidente em uma construção – comentou Burgess, sentando-se do outro lado da escrivaninha.

Ele pegou um caderno e um lápis em um bolso interno do casaco.

– Aye. O que me fez perceber que preciso revisar meu testamento sem demora.

Rhys começou a explicar sobre o noivado com Helen, dando ao advogado uma versão cuidadosamente adaptada dos eventos recentes.

Depois de ouvir com atenção e tomar algumas notas, Burgess disse:

– Presumo que deseje garantir o futuro de lady Helen, em uma eventual necessidade, depois de um casamento legal e consumado.

– Não, a partir de agora. Se algo me acontecer antes do casamento, quero que ela esteja protegida.

– Não existe qualquer obrigação de se preocupar com o futuro financeiro de lady Helen até que ela se torne sua esposa.

– Quero colocar 5 milhões de libras em um fundo para ela, sem demora – explicou e, diante da expressão espantada do advogado, disse apenas: – Pode haver uma criança.

– Entendo.

O lápis de Burgess se moveu rapidamente pela página.

– Se uma criança nascer até nove meses depois de sua morte, gostaria de lhe deixar alguma provisão?

– Aye. Ele, ou ela, herdará a empresa. Se não houver filho, tudo irá para lady Helen.

O lápis parou de se mover.

– Não me cabe dizer nada – falou Burgess. – Mas você só conhece essa mulher há alguns meses.

– É o que eu quero – declarou Rhys sem rodeios.

Helen arriscara tudo por ele. Havia se entregado sem impor condições. E ele não faria menos por ela.

Rhys certamente não planejava encontrar o Criador tão cedo – era um homem saudável, com a maior parte da vida ainda à frente. No entanto, o acidente daquele dia – para não mencionar a colisão de trem, um mês antes – havia demonstrado que ninguém estava livre dos caprichos do destino. Se algo acontecesse a ele, queria que Helen ficasse com todas as suas posses. *Tudo*, incluindo a Winterborne's.

CAPÍTULO 9

Kathleen e Devon chegaram à Casa Ravenel bem a tempo do chá da tarde, que havia sido servido em uma mesa longa e baixa em frente ao sofá..

Quando entrou na sala, Kathleen foi primeiro até Helen e abraçou a cunhada como se as duas houvessem ficado separadas por dois meses, em vez de dois dias. Helen retribuiu o abraço com a mesma intensidade. Kathleen acabara se tornando uma espécie de irmã mais velha para ela. As duas trocavam confidências e tinham vivido juntas o luto pela morte de Theo. Helen encontrara na cunhada uma amiga generosa e compreensiva.

Quando Theo se casara com Kathleen, todos haviam torcido para que isso o ajudasse a sossegar. Gerações de Ravenels haviam sido amaldiçoadas com um temperamento explosivo que os distinguira em batalhas quando lutaram ao lado dos conquistadores normandos em 1066. Infelizmente, ficara demonstrado nos séculos seguintes que a natureza bélica dos Ravenels não era adequada para nenhum outro lugar além do campo de batalha.

Quando Theo herdara o título de conde, o Priorado Eversby estava quase em ruínas. A casa principal se encontrava em péssimo estado, com arrendatários passando fome, e a terra não via qualquer melhoria ou uma drenagem decente fazia décadas. Ninguém poderia saber o que Theo teria realizado como conde de Trenear. Apenas três dias depois do casamento, ele se irritara e saíra para cavalgar em um animal ainda não totalmente adestrado.

Fora arremessado pelo cavalo e quebrara o pescoço.

Kathleen, Helen e as gêmeas estavam certas de que teriam que partir da propriedade assim que Devon, um primo Ravenel distante, tomasse posse do lugar. Para surpresa delas, ele havia permitido que ficassem e se devotara a salvar o Priorado Eversby. Junto com West, seu irmão mais novo, Devon estava tornando a propriedade viável de novo, aprendendo tudo o que podia sobre cultivo, melhoria das terras, maquinário agrícola e administração de propriedades.

Kathleen se afastou de Helen e foi abraçar as gêmeas. Na luz cinza de inverno que entrava pelas janelas, os cabelos ruivos de Kathleen eram um jorro animado de cor. Ela era uma mulher pequena, leve, com uma beleza felina: os olhos castanhos oblíquos e maçãs do rosto proeminentes.

– Minhas queridas! – exclamou. – Senti falta de vocês... está tudo glorioso... tenho tanto a contar!

– Eu também – disse Helen, com um sorriso desconfortável.

– Para começar – continuou Kathleen –, trouxemos companhia do priorado.

– O primo West veio nos visitar? – perguntou Helen.

Naquele exato momento, o som de latidos agudos ecoou no saguão de entrada.

– Napoleão e Josephine! – exclamou Pandora.

– Os cachorros estavam com saudades de vocês – contou Kathleen. – Vamos torcer para que não causem problemas, ou serão mandados de volta.

Uma dupla de cocker spaniels pretos entrou correndo na sala, latindo com animação e pulando nas gêmeas, que se jogaram no chão para brincar com eles. Pandora ficou de quatro, fingindo atacar Napoleão, que se deitou de costas, rendendo-se feliz. Kathleen abriu a boca para protestar, mas balançou a cabeça, resignada, reconhecendo que qualquer tentativa de acalmar as meninas impetuosas seria inútil.

Devon, ou lorde Trenear, entrou na sala e sorriu ao ver a desordem.

– Que cena tranquila – comentou, observando o grupo. – Como uma pintura de Degas: *Jovens damas no chá da tarde*.

O conde era um belo homem, de cabelos escuros e olhos azuis, com um ar experiente de quem já passara por alguns contratempos na vida. O olhar dele se desviou para Kathleen, a expressão atenta e cálida, o olhar de quem está apaixonado pela primeira vez na vida. Devon se colocou atrás dela e passou a mão no ombro esguio, enquanto deixava o queixo descansar suavemente sobre os cachos ruivos presos o alto da cabeça dela. Helen nunca o vira tocar Kathleen de modo tão abertamente íntimo.

– Vocês todas se comportaram em nossa ausência? – perguntou ele.

– Duas de nós, sim – disse Cassandra do chão.

Kathleen desviou o olhar para a outra gêmea.

– Pandora, o que você fez?

– Por que presumiu que fui eu? – protestou Pandora com falsa indignação, fazendo todos rirem.

Ela sorriu e se levantou, segurando o cachorro que se contorcia para lamber o rosto dela.

– Já que estamos fazendo perguntas... Kathleen, por que há um anel em seu dedo?

Todos os olhares se voltaram para a mão esquerda de Kathleen. Com uma expressão ao mesmo tempo tímida e satisfeita, ela a estendeu para que todas vissem. Cassandra deixou Josephine de lado e ficou de pé em um pulo, juntando-se a Pandora e Helen, que se aglomeravam ao redor da mão de Kathleen para ver melhor. O anel, que ostentava um rubi de tom raro, conhecido como “sangue de pombo”, era engastado em uma filigrana de ouro.

– Pouco antes de pegarmos o trem para Hampshire – confidenciou Kathleen –, Devon e eu nos casamos diante de um

escrivão.

As três irmãs Ravenels gritaram de alegria ao mesmo tempo. A novidade não era de todo surpresa: nos últimos meses, todos na casa haviam notado a crescente atração entre Devon e Kathleen.

– Que maravilha! – disse Helen, sorrindo.

– Espero que não pensem mal de mim por ter me casado enquanto ainda estava de luto – falou Kathleen em uma voz abafada.

Ela recuou um pouco.

– Eu não gostaria que nenhuma de vocês achasse que me esqueci de Theo ou que não respeitei sua memória – continuou a falar, tensa. – Mas, como sabem, desenvolvi um profundo respeito e um imenso afeto por Devon, e decidimos...

– *Afeto?* – interrompeu Devon, erguendo as sobrancelhas.

Mas havia um brilho travesso em seus olhos azuis.

Kathleen fora criada em uma casa de regras rígidas, onde sempre haviam desencorajado demonstrações de afeto, e Devon adorava implicar com essa postura reservada dela.

– Amor – murmurou Kathleen, constrangida.

Ele fingiu não ouvir e inclinou a cabeça.

– Como disse?

Ela enrubesceu.

– Estou apaixonada por você. Adoro você. Posso continuar agora?

– Pode – falou Devon, puxando-a para junto de si.

– Como eu estava dizendo – continuou Kathleen –, decidimos que era melhor nos casarmos o mais cedo possível.

– Eu não poderia estar mais feliz – disse Cassandra. – Mas por que não esperar para ter um casamento adequado?

– Explicarei mais tarde. Agora, vamos ao chá.

– Você pode explicar durante o chá – insistiu Pandora.

– Não é um assunto apropriado para a hora do chá – respondeu

Kathleen, evasiva.

Então Helen compreendeu, à luz da própria experiência recente, que Kathleen esperava um bebê. Era a explicação mais lógica para um casamento apressado e a impossibilidade de falar do motivo a uma moça de 19 anos.

Um leve rubor coloriu o rosto de Helen quando ela pensou que Devon e Kathleen haviam dormido juntos, como fazem marido e mulher. Era um pouco chocante.

Mas nem de perto tão chocante quanto ela teria achado se não tivesse feito o mesmo com Rhys Winterborne na véspera.

– Mas por que... – insistiu Pandora.

– Ah, Deus – interrompeu-a Helen –, os cães estão rondando a mesa de chá. Venham, vamos todos sentar enquanto eu sirvo. Kathleen, como está o primo West?

Kathleen se acomodou na poltrona e lançou um olhar de gratidão para Helen.

Falar em West distraiu as gêmeas na mesma hora, como Helen sabia que aconteceria. O irmão de Devon, um jovem e belo libertino que fingia ser muito mais desavergonhado do que na verdade era, havia se tornado a pessoa favorita das gêmeas no mundo. Ele tratava as duas com afeto, interesse e bondade, agindo como o irmão mais velho que elas na realidade nunca haviam tido. Theo estava sempre fora, primeiro em colégios internos, depois em Londres.

A conversa logo se voltou para o Priorado Eversby. Devon descreveu o imenso depósito de hematita que havia sido descoberto e descreveu os planos de ação para extraí-la e vendê-la.

– Estamos ricos agora? – perguntou Pandora.

– Não é educado perguntar – ressaltou Kathleen, erguendo a xícara de chá. No entanto, antes de dar um gole, ela murmurou: – Mas sim.

As gêmeas deram gargalhada.

– Tão ricos quanto o Sr. Winterborne? – quis saber Cassandra.

– Boba! – disse Pandora. – Ninguém é rico como o Sr. Winterborne.

Nesse momento, Pandora percebeu a expressão severa que dominou o rosto de Devon.

– Ah. Não devemos mencioná-lo – falou a jovem, em tom de desculpas.

Devon guiou a conversa de volta ao Priorado Eversby, e as moças escutaram muito atentas enquanto ele descrevia os planos propostos para uma estação de trem no vilarejo. Todos concordaram que seria maravilhoso ter o conforto do acesso à estrada de ferro tão perto de casa, em vez de terem que ir até a estação de Alton.

A hora do chá era um momento maravilhoso, uma indulgência que os Ravenels sempre haviam mantido, não importava o que mais precisasse ser sacrificado. O serviço de chá de porcelana florida era montado em uma pesada bandeja de prata, junto com um suporte de três andares cheio de biscoitos frescos, bolinhos recheados, torradas com geleia de ameixa e minúsculos sanduíches de manteiga e agrião ou de salada de ovo. E não se passavam alguns minutos sem que um criado entrasse para renovar a água quente ou para trocar as jarras de leite e de creme.

Enquanto a família ria e conversava, Helen se esforçou para participar, mas seu olhar se desviava com frequência para o console da lareira. Cinco e meia da tarde, apenas uma hora e meia até que a hora aceitável para visitas terminasse. Ela partiu um pãozinho e colocou com cuidado um favo de mel dentro dele, esperando até o favo estar quente e derretido para mordê-lo. Estava delicioso, mas, de tão nervosa, ela quase nem conseguia engolir. Deu goles no chá, assentiu e sorriu, mas mal escutava a conversa.

– Foi uma delícia tomar chá com vocês – declarou Kathleen finalmente, pousando o guardanapo no prato. – Acho que vou descansar agora... foi um dia cansativo. Vejo vocês no jantar.

Devon ficou de pé na mesma hora para ajudá-la a se levantar.

– Mas ainda não são nem sete horas – disse Helen, tentando disfarçar sua consternação. – Alguém pode aparecer. Afinal, é dia de visitas.

Kathleen a encarou sem entender.

– Duvido que alguém venha nos visitar. Devon não estava na cidade e não convidamos ninguém.

Ela fez uma pausa, observando Helen com mais atenção.

– A menos que... estejamos esperando alguém...

O relógio no console da lareira pareceu absurdamente alto no instante em que a conversa cessou.

Tique. Taque. Tique. Taque.

– Sim – disse Helen em um impulso. – Estou esperando companhia.

– *Quem?* – perguntaram Kathleen e Devon ao mesmo tempo.

– Milorde – chamou o assistente do mordomo, surgindo à porta.

– O Sr. Winterborne está aqui para tratar de um assunto pessoal.

Tique. Taque. Tique. Taque.

A tensão de Helen estava à flor da pele, e o sangue disparou em suas veias quando Devon a encarou com um olhar penetrante. A expressão do primo fez o coração dela ir parar na garganta.

Devon voltou a atenção para o criado.

– Você o fez entrar?

– Sim, milorde. Ele aguarda na biblioteca.

– Por favor, não mande o Sr. Winterborne embora – pediu Helen com uma postura forçada.

– Não há a menor chance disso – retrucou Devon.

As palavras não a tranquilizaram em nada. Ao contrário, elas sugeriam uma sutil ameaça.

Kathleen tocou de leve o braço do marido e murmurou algo para ele.

Devon a encarou e parte da violência deixou seus olhos. Mas

ainda havia uma inquietante sugestão de agressividade que praticamente irradiava do corpo dele.

– Fiquem aqui – murmurou Devon e saiu da sala pisando firme.

CAPÍTULO 10

Kathleen permaneceu contida quando voltou a sentar na poltrona.

– Helen, aceita outra xícara de chá?

– Sim.

Helen lançou um olhar rápido e suplicante a Pandora e Cassandra.

– Talvez vocês devam levar os cães para o jardim – sugeriu.

As gêmeas se apressaram em obedecer. Estalaram os dedos para os cães, que saltaram atrás delas enquanto saíam da sala.

– Helen, pelo amor de Deus, por que o Sr. Winterborne está aqui, e como você sabia que ele vinha? – perguntou Kathleen assim que se viram sozinhas.

Helen levou a mão devagar à gola do vestido e puxou a fita de seda fina que amarrara ao redor do pescoço. O peso reconfortante do anel de pedra da lua pendia da fita, escondido entre os seios dela. Helen pegou o anel, tirou-o da fita e o colocou no dedo.

– Eu o procurei – disse apenas, pousando a mão com delicadeza sobre a de Kathleen para mostrar a pedra da lua. – Ontem.

Kathleen encarou o anel perplexa.

– Você foi ver o Sr. Winterborne sozinha?

– Sim.

– Foi ele que arranjou esse encontro? Mandou alguém buscá-la? Como...

– Ele não sabia nada a respeito. A ideia foi minha.

– E ele lhe deu esse anel?

– Eu pedi.

Helen deu um sorrisinho irônico.

– Exigi, na verdade – falou, recolhendo a mão para se recostar na cadeira. – Como você sabe, não gostava do diamante.

– Mas por que...

Kathleen ficou em silêncio, encarando a cunhada sem entender.

– Eu quero me casar com o Sr. Winterborne – disse Helen com gentileza. – Sei que você e o primo Devon querem o melhor para mim, e confio no julgamento de vocês. Mas, quando o noivado foi rompido, não tive um momento de paz. Percebi que tinha me afeiçoado a ele e...

– Helen, há coisas que você não sabe...

– Eu sei. Ontem, o Sr. Winterborne me contou que havia se comportado de uma maneira grosseira e ofensiva com você. Ele lamenta muito e veio até aqui para se desculpar. Foi um erro nascido de um impulso... Você precisa acreditar que ele não tinha a intenção de ofendê-la.

Kathleen esfregou os olhos, cansada.

– Eu percebi na hora que ele não estava falando a sério. O problema é que Devon entrou na sala e ouviu o bastante para ter um ataque de fúria. E ainda não teve tempo suficiente para ver a situação sob outra perspectiva.

– Mas você teve? – perguntou Helen, ansiosa.

– Certamente posso compreender e perdoar algumas poucas palavras grosseiras. Minha objeção ao Sr. Winterborne não tem nada a ver com o que aconteceu naquele dia e é a mesma de sempre: vocês dois não têm nada em comum. Logo você vai conhecer a sociedade e encontrar vários cavalheiros elegantes, cultos, educados e...

– Nenhum dos quais iria querer passar nem um minuto na minha companhia se eu não tivesse um dote. E não preciso deles para fazer comparações: o Sr. Winterborne é o homem que eu preferiria a

qualquer outro.

Kathleen se esforçava para compreender.

– Apenas uma semana atrás, você estava em lágrimas, me contando quanto ele a havia assustado quando a beijara.

– Ele me assustou. Mas você me deu o conselho perfeito, como sempre. Disse que, algum dia, com o homem certo, o beijo seria maravilhoso. E é.

– Ele... você o deixou...

Kathleen arregalou os olhos.

– Não tenho ilusões em relação ao Sr. Winterborne. Pelo menos, não muitas. Ele é implacável, ambicioso e está acostumado demais a que tudo seja feito a seu modo. Talvez não seja sempre um cavalheiro no sentido formal da palavra, mas tem o próprio código de honra. E... – falou, com um sorriso surgindo nos lábios –... sou o ponto fraco dele. Acho que me tornei uma fraqueza dele, e Winterborne é um homem que precisa desesperadamente de algumas poucas fraquezas.

– Quanto tempo você passou com ele ontem? – perguntou Kathleen, em um tom distraído. – Você foi até a loja ou até a casa dele? Quem viu vocês juntos?

Ela já estava calculando como minimizar o dano à reputação de Helen. Sem dúvida Devon teria a mesma reação.

Estava se tornando claro para Helen que a insistência de Rhys em dormir com ela, embora manipuladora, fizera sentido. Era a arma perfeita para abater qualquer argumento.

E agora não restava opção além de usá-la.

– Kathleen – disse Helen, ainda em um tom gentil –, fui comprometida.

– Não necessariamente. Pode haver rumores, mas...

– Tenho que me casar com ele – falou Helen e, ao ver a expressão perplexa da cunhada, repetiu as palavras com ênfase. – *Tenho* que me casar com ele.

– Ah! – murmurou Kathleen, hesitando ao compreender o que acontecera. – Você e ele...

– Sim.

Kathleen ficou em silêncio tentando assimilar a revelação. Seus olhos castanho-dourados cintilaram de preocupação.

– Minha pobre Helen – disse finalmente. – Você não sabia o que esperar. Deve ter ficado assustada. Por favor, me conte, querida. Ele a coagiu ou...

– Não, não foi assim – apressou-se a dizer Helen. – Você precisa acreditar que fui por vontade própria. Tive todas as chances de recusar. O Sr. Winterborne me explicou o que aconteceria. E não foi de forma alguma desagradável. Foi...

Ela abaixou os olhos.

– Senti prazer – murmurou. – Estou certa de que isto é indecente da minha parte.

Um segundo depois, Kathleen já dava tapinhas carinhos na mão dela.

– Não é indecente – garantiu. – Alguns dizem que as mulheres não deveriam aproveitar o ato sexual, mas, na minha opinião, isso com certeza torna todo o processo mais atraente.

Helen sempre adorara a natureza prática de Kathleen, mas nunca tanto quanto naquele momento.

– Achei que você me reprovaria por ter dormido com ele – confessou, aliviada.

Kathleen sorriu.

– Eu não chegaria ao ponto de dizer que estou *feliz* com isso. Mas não poderia culpá-la por fazer exatamente o que eu fiz. E, já que estamos falando com franqueza... estou esperando um filho de Devon.

– Está? – perguntou Helen, encantada. – Imaginei que essa fosse a razão para vocês terem se casado tão depressa.

– É a razão. Isso e o fato de eu amá-lo loucamente.

Kathleen pegou o açucareiro, escolheu um torrão de tamanho médio e começou a mordiscá-lo.

– Não tenho ideia de quanto você sabe sobre esses assuntos – voltou a falar, hesitante. – Compreende as possíveis consequências de dormir com um homem?

Helen assentiu.

– Pode haver um bebê – respondeu.

– Sim, a menos que... Ele tomou alguma medida preventiva?

Pela expressão de Helen, Kathleen pôde ver que ela não tinha compreendido a pergunta.

– Querida, posso lhe fazer uma pergunta extremamente íntima? – prosseguiu.

Helen assentiu com cautela.

– Ele... terminou... dentro de você? O momento final?

– Não tenho certeza – respondeu Helen, confusa.

Kathleen deu um sorriso melancólico ao perceber a desorientação da cunhada.

– Teremos que conversar mais tarde. Parece que o Sr. Winterborne não explicou tudo.

Distraída, ela pegou um pequeno relógio de ouro que estava pendurado em uma longa corrente ao redor do seu pescoço e encostou o metal liso nos lábios.

– O que vamos fazer? – perguntou, mais para si mesma do que para Helen.

– Estava torcendo para que você e Devon retirassem as objeções ao casamento.

– Eu já retirei as minhas – disse Kathleen. – Em termos práticos, ninguém está em posição de fazer qualquer objeção agora. E devo meu apoio a você depois de ter me intrometido no seu relacionamento. Desculpe por isso, Helen. Sinceramente, só estava tentando ajudar.

– É claro que sim – falou Helen, mais uma vez aliviada. – Não

pense mais nisso. Tudo terminou bem.

– É mesmo?

Kathleen olhou para a cunhada com um sorriso, pensativa.

– Como você parece feliz! O motivo é o Sr. Winterborne?

– É.

Helen levou as mãos ao rosto ruborizado e deu uma risadinha ofegante.

– Sinto palpitações só de saber que ele está lá embaixo. Eu me sinto quente e fria ao mesmo tempo e mal consigo respirar.

A moça hesitou por um momento.

– É o que sentimos quando amamos?

– Isso é paixão – explicou Kathleen. – Vai ser amor quando você conseguir respirar.

Ocupada com os próprios pensamentos, ela dobrava e desdobrava sem parar o guardanapo em seu colo.

– A situação precisa ser tratada com cuidado. Devon *não* deve descobrir que você e o Sr. Winterborne dormiram juntos... ele não será tão razoável quanto eu. Vai tomar isso como uma afronta à honra da família, e... ah, não quero nem imaginar. Mas vou convencê-lo a aceitar o casamento. Pode levar alguns dias, mas...

– O Sr. Winterborne vai contar a ele esta noite.

Kathleen olhou para ela em alerta e deixou o guardanapo de lado.

– O quê? Achei que você tinha dito que ele estava aqui para se desculpar.

– Sim, mas depois disso, ele vai pedir a Devon que aceite o nosso noivado. Se ele recusar, o Sr. Winterborne vai dizer que Devon não tem escolha, já que não sou mais virgem.

– Santo Deus! – exclamou Kathleen, ficando de pé de um pulo. – Temos que impedi-lo.

– Ele talvez já tenha contado – disse Helen, arrasada.

– Ele ainda não contou – afirmou Kathleen, saindo em disparada

da sala enquanto Helen corria atrás dela. – Se tivesse contado, ouviríamos coisas quebrando, gritos e...

Naquele exato instante, um estrondo terrível chegou do andar de baixo: xingamentos, coisas se quebrando, estalos, um baque violento, uma queda pesada. As paredes da casa vibraram.

– Minha nossa – murmurou Kathleen. – Ele contou.

As duas mulheres desceram as escadas correndo, atravessaram o saguão de entrada e seguiram para a biblioteca. Quando chegaram lá, o lugar já estava uma confusão, com uma mesinha virada, livros espalhados pelo chão e um vaso de porcelana quebrado. Grunhidos beligerantes e xingamentos abafados enchiam o ar, enquanto os dois homens travavam uma terrível luta corpo a corpo. Devon conseguiu um ponto de apoio e empurrou Rhys com força o bastante para jogá-lo contra a parede.

Rhys caiu de quatro, deixando escapar um som rouco.

Helen deu um grito de alarme e correu para ele, que tombava lentamente para o lado.

– *Devon!* – gritou Kathleen e se colocou na frente do marido.

– Saia do meu caminho – sibilou Devon, o rosto sombrio, com sede de sangue.

Ele estava em um estado de fúria absoluta, do tipo que cresceria exponencialmente se tentassem acalmá-lo. Uma parente sua fora desonrada, e nada menos que assassinato seria suficiente para vingar aquilo. Só havia duas pessoas na face da Terra capazes de lidar com ele nesse estado: o irmão, West, e Kathleen.

– Pare – pediu Kathleen, posicionando-se entre o marido e o Sr. Winterborne. – Você o machucou.

– Não o bastante.

Ele se adiantou como se fosse empurrá-la.

– Devon, *não*.

Kathleen se manteve firme onde estava. Sem perceber, pousou a mão no abdômen. Mais tarde, confidenciaria a Helen que aquilo

não fizera sentido: o impulso de proteger a barriga muito tempo antes de o bebê começar a aparecer, antes até de ela ter se acostumado à ideia de estar grávida.

No entanto, aquele gesto pequeno e inconsciente foi o que bastou para desarmar Devon. Seu olhar se desviou para a barriga dela e ele se deteve, ofegante.

Ao perceber que estava em vantagem, Kathleen se apressou em dizer:

– Não devo me aborrecer no estado em que estou.

Devon a encarou com irritação.

– Vai usar isso contra mim de agora em diante?

– Não, querido, só pelos próximos sete meses e meio. Depois disso, terei que encontrar outra coisa para usar contra você.

Kathleen foi até ele e se abraçou ao corpo rígido do marido. Quando Devon passou os braços ao seu redor, ela acariciou sua nuca para relaxá-lo.

– Você sabe que não posso permitir que mate pessoas antes do jantar – murmurou. – Isso alterará a organização da casa toda.

Rhys estava em uma agonia grande demais para prestar atenção na conversa. Ele permaneceu deitado de lado, meio encolhido e muito pálido.

Helen se sentou ao lado dele no chão e pousou a cabeça de cabelos escuros no colo.

– Onde está doendo? – perguntou ansiosa. – São suas costas?

– Ombro. Desloquei... esta manhã.

– Você foi ao médico?

– Aye.

Rhys segurava a saia de Helen. Soltou-a e flexionou os dedos, testando o movimento.

– Está tudo bem – murmurou.

Com dificuldade, começou a se sentar, mas logo parou com um gemido.

Helen se adiantou para ajudá-lo, encaixando-se sob o braço bom. Ele arquejou quando ela, sem querer, pressionou o corpo contra um ponto dolorido no tronco dele.

– É mais do que seu ombro – comentou, preocupada.

Rhys deixou escapar uma risada sofrida.

– *Cariad*, não há uma única parte do meu corpo que não esteja doendo.

Winterborne se esforçou para sentar e apoiou as costas no sofá atrás dele. Então fechou os olhos e soltou o ar com dificuldade.

– Do que precisa? – perguntou Helen, angustiada. – O que posso fazer?

Alguns cachos pesados de cabelo escuro caíram sobre a testa dele e ela os afastou com dedos carinhosos.

Rhys ergueu os olhos e Helen se viu encarando dois poços quentes quase negros.

– Você pode se casar comigo.

Ela sorriu, apesar da preocupação, e pousou a mão no rosto liso dele.

– Eu já disse que me casarei.

Devon, que agora estava parado atrás dela, indagou, em um tom irritado:

– Qual é o problema com você, Winterborne?

– Você o jogou contra a parede – lembrou Kathleen.

– Já fiz coisa pior no passado e isso nunca o nocauteou.

Os dois homens costumavam lutar boxe e treinavam em um clube que ensinava tanto pugilismo quanto boxe francês, uma forma de combate que nascera nas ruas de Paris.

Helen se virou para olhar para o outro casal.

– O Sr. Winterborne deslocou o ombro esta manhã – explicou.

Devon primeiro pareceu surpreso, depois furioso.

– Maldição, por que não disse nada?

Rhys estreitou os olhos.

– Teria feito alguma diferença?
– Não depois da imundície que saiu da sua boca!
– Que imundície? – perguntou Kathleen em um tom excessivamente calmo, acariciando o braço do marido.

– Ele disse que Helen foi visitá-lo ontem. *Sozinha*. E que eles...
Devon se interrompeu, sem querer repetir a declaração ofensiva.
– É verdade – confirmou Helen.

Era raro ver Devon, que se acostumara a frequentes surpresas ao longo do último ano, ser pego totalmente desprevenido. Porém, quando encarou a prima, estava boquiaberto.

– Fui desonrada – acrescentou Helen, talvez um pouco animada demais.

Depois de 21 anos sendo tímida, previsível e estando sempre sentada em silêncio nos cantos, Helen havia descoberto um prazer rebelde em deixar as pessoas perplexas.

No silêncio de estupefação que se seguiu, ela se virou para Winterborne e começou a desfazer o nó de sua gravata de seda.

Rhys levantou a mão para detê-la, mas logo se encolheu de dor.

– *Cariad* – disse ele com a voz rouca –, o que está fazendo?

Ela afastou as lapelas do casaco dele.

– Examinando seu ombro.

– Aqui não. Chamarei um médico para vê-lo mais tarde.

Helen compreendia o desejo de privacidade dele. Porém não havia a menor possibilidade de permitir que ele fosse embora da Casa Ravenel machucado e sentindo dor.

– Precisamos descobrir se ele se deslocou de novo.

– Ele está bem.

Winterborne grunhiu quando ela tentou tirar seu casaco.

No mesmo instante, Kathleen se aproximou para ajudar e se ajoelhou do outro lado dele.

– Não se mexa – disse ela. – Deixe que nós façamos o trabalho.

Elas começaram a despir o paletó. Rhys tentou se manter firme,

mas, quando as duas puxaram o tecido, Rhys as afastou.

– Aaaaaiii!

Helen olhou para Kathleen, preocupada.

– Vamos ter que cortar – disse Kathleen.

Rhys tremia, os olhos fechados.

– O diabo que vão – resmungou. – Já cortaram minhas roupas esta manhã. Deixem como está.

Kathleen lançou um olhar suplicante ao marido.

Devon deu um suspiro alto e foi buscar algo na mesa da biblioteca, depois se juntou ao grupo no chão. Ele se aproximou, abrindo um canivete prateado com uma lâmina longa e cintilante.

O som, por mais baixo que fosse, fez Rhys se encolher em um reflexo e abrir rapidamente os olhos. Tentou se erguer para enfrentar a ameaça, xingou de dor e caiu sentado de volta.

– Calma, idiota! – exclamou Devon em um tom ácido, se agachando ao lado dele. – Não vou matá-lo. Seu valete fará isso por mim quando você lhe contar que arruinou um paletó e duas camisas feitas sob medida.

– Eu não...

– Winterborne – alertou Devon em um tom suave –, você insultou minha esposa, corrompeu minha prima e agora está atrasando meu jantar. Este seria um excelente momento para manter a boca fechada.

Rhys se manteve imóvel enquanto Devon passava o canivete nas costuras da roupa até ela pender do corpo como a casca se descolando de uma banana.

– Milady – falou Rhys, dirigindo-se a Kathleen. – Peço perdão pelo modo como me comportei naquele dia. Pelo que eu disse. Eu...

Um gemido escapou de seus lábios quando Helen o inclinou um pouco para a frente para puxar uma parte da manga solta do braço dolorido.

– Não há desculpas para o que fiz – conseguiu dizer.

– Sou igualmente culpada – disse Kathleen.

Ela puxou o tecido solto quando Devon começou a cortar o colete. Ao encontrar o olhar surpreso de Rhys, continuou a falar, determinada.

– Agi por impulso e criei uma situação difícil para todos. Sabia que não deveria ir sozinha à casa de um cavalheiro, mas, em minha preocupação com Helen, cometi um erro. Aceito suas desculpas, Sr. Winterborne, se o senhor aceitar as minhas.

– Foi culpa minha – insistiu ele. – Não deveria tê-la insultado. Nem uma palavra do que eu disse era verdade.

– Eu sei – garantiu Kathleen.

– Nunca me senti atraído pela senhora. Não poderia desejar menos uma mulher.

Os lábios de Kathleen tremeram com uma risada reprimida.

– A repulsa é absolutamente mútua, Sr. Winterborne. Podemos declarar paz e recomeçar?

– E quanto ao que ele fez com Helen? – perguntou Devon, ultrajado.

Rhys observou com cautela enquanto a lâmina deslizava por sua camisa.

– Isso foi minha culpa – disse Helen. – Apareci na loja ontem, sem ser convidada, e exigi ver o Sr. Winterborne. Disse que ainda desejava me casar com ele e o fiz trocar o anel que tinha me dado por um novo, então... fiz o que queria.

Ela parou ao perceber como a cena ficara distorcida.

– Não *na loja*, é claro.

Kathleen se esforçou para manter o rosto sério.

– Santo Deus, espero que ele não tenha se oposto.

Devon dirigiu um olhar sarcástico à esposa.

– Lady Trenear, peça que Sutton pegue uma das minhas camisas. Uma das mais largas.

– Sim, milorde – concordou Kathleen, levantando-se. – Talvez

ele também deva trazer...

Ela se interrompeu e fez uma careta quando os restos da camisa caíram do peito largo e nu de Rhys para revelar o ombro violentamente arroxeadado. Parecia muito dolorido, com os músculos salientes sob a pele.

Helen se manteve em um silêncio angustiado diante daquela visão. Ela deixou os dedos envolverem delicadamente o pulso dele e sentiu que Winterborne se inclinava em sua direção, como se tentasse absorver seu toque.

– O que causou isso? – perguntou Devon, secamente.

Ele fez Rhys se inclinar para que pudesse examinar suas costas, onde o hematoma se espalhava pela pele morena.

– Fui com Severin visitar um quartirão em obras, perto de King's Cross – murmurou Rhys. – Alguns escombros caíram de um prédio condenado.

Devon franziu mais o cenho.

– Quando se tornou tão inclinado a sofrer acidentes?

– Depois que comecei a passar mais tempo com meus amigos – retrucou Rhys com acidez.

– Suponho que seja esperança demais imaginar que os escombros também tenham caído sobre Severin... – zombou Devon.

– Ele não sofreu nem um arranhão.

Devon suspirou e se voltou para Kathleen.

– Vamos precisar de conhaque e de bolsas de gelo, junto com a camisa. E cataplasma de cânfora... do tipo que usei nas minhas costelas quebradas.

Kathleen sorriu para o marido.

– Eu me lembro.

Ela caminhou até a porta e, ao abri-la, parou de repente ao descobrir a multidão que estivera ouvindo ali atrás. Seu olhar passou por três criadas, um criado, pela Sra. Abbott e pelo valete de Devon.

A governanta foi a primeira a reagir.

– Como eu estava dizendo a todos vocês – falou ela em voz alta –, está na hora de voltarem ao trabalho, de irem cuidar de seus afazeres.

Kathleen pigarreou para conseguir conter uma risada.

– Sutton – disse ao valete –, preciso que me consiga alguns itens para nosso convidado. Ouviu bem o que lorde Trenear pediu ou devo repetir a lista?

– Conhaque, gelo, cataplasma e uma camisa – repetiu o valete, com grande dignidade. – Também trarei um pedaço de tecido para improvisar uma tipoia para o braço do cavalheiro.

Quando Sutton se afastou, Kathleen se dirigiu à governanta.

– Sra. Abbott, temo que um vaso de porcelana tenha sido acidentalmente quebrado.

Antes que a mulher pudesse responder, as três criadas se ofereceram para varrer os cacos. Era impossível não questionar se o entusiasmo delas era pela vontade de trabalhar ou pelo desejo de estar no mesmo cômodo que Winterborne seminu. A julgar pelo modo como esticavam o pescoço para vê-lo, a última opção era a mais provável.

– Eu mesma cuidarei disso – declarou a governanta, mandando as criadas embora. – Voltarei em um instante com a vassoura.

Kathleen se voltou para as gêmeas, que agora também estavam à porta.

– Há algo que gostariam de perguntar, meninas?

Pandora encarou a cunhada em expectativa.

– Podemos cumprimentar o Sr. Winterborne?

– Mais tarde, querida. Ele não está em condições para isso no momento.

– Por favor, diga a ele que lamentamos muito que um prédio tenha caído em cima dele – falou Cassandra com sentimento.

Um sorriso coloriu a voz de Kathleen quando ela respondeu.

– Farei isso. Agora, vão.

As duas se afastaram com relutância da biblioteca.

Depois de fechar a porta, Kathleen voltou a se juntar ao grupo perto do sofá. No caminho, pegou uma manta que estava dobrada sobre o braço de uma poltrona.

Devon examinava o ombro de Winterborne, apalpando-o com cuidado para tentar descobrir se o osso havia se deslocado de novo.

– Você deveria estar em casa, na cama – disse ele. – Não vadiando por Londres para pedir em casamento as jovens que arruinou.

Rhys encarou o outro com severidade.

– Primeiro, não vadio. Segundo, Helen... *Que o diabo o carregue, isso dói!*

Exausto, ele deixou a cabeça cair sobre o peito.

Helen o encarou com simpatia, pois sabia que ele odiava não ter o controle da situação. Rhys estava sempre bem-vestido e no comando de si mesmo. O próprio nome dele era sinônimo de sucesso, luxo e elegância. E nada disso combinava com se ver sentado no chão, abatido, machucado e com as roupas em farrapos.

– Segundo...? – instou ela, com gentileza, levando-o de volta ao pensamento que ele não concluía.

– Você não é uma mulher arruinada – completou, mal-humorado, a cabeça ainda baixa. – É perfeita.

O coração de Helen saltou com uma doçura dolorosa. Ela queria muito confortá-lo e aconchegá-lo. Porém teve que se contentar em acariciar suavemente os cabelos negros. Ele empurrou a cabeça para mais perto das mãos dela, como um lobo afetuoso. Helen deixou a palma da mão descer pelo rosto dele até o maxilar e seguiu até a linha perfeita do ombro bom.

– Parece estável – disse Devon, sentando-se sobre os calcanhares. – Não acho que tenha saído do lugar de novo. Helen, se continuar a acariciar esse desgraçado na minha frente, terei que

deslocar o outro ombro dele.

Helen recolheu a mão, envergonhada.

Rhys ergueu a cabeça e encarou Devon com uma expressão sinistra.

– Ela vai comigo esta noite.

Os olhos de Devon cintilaram perigosamente.

– Se você acha...

– Mas preferimos fazer o casamento em junho – apressou-se Helen em interromper. – E, acima de tudo, gostaríamos de ter a sua bênção, primo Devon.

– Aqui está, Sr. Winterborne – disse Kathleen em um tom animado, adiantando-se para cobrir com a manta o torso machucado e exposto. – Vamos ajudá-lo a se sentar no sofá... o chão é muito desconfortável.

– Não preciso de ajuda – grunhiu Rhys.

Com esforço, ele conseguiu se erguer até o assento do sofá de couro.

– Helen, vá arrumar seus pertences.

Helen ficou consternada. Não conseguiria se opor a Rhys, ainda mais por ele estar machucado e vulnerável. Mas não queria deixar a Casa Ravenel naqueles termos. Devon fora extraordinariamente gentil ao permitir que ela e as gêmeas ficassem no Priorado Eversby, quando qualquer outro em sua posição as teria expulsado de lá sem pensar duas vezes. Ela não desejava separar a família fugindo com Rhys e excluindo todos do seu casamento.

Ela olhou de relance para Kathleen, implorando por ajuda.

A amiga entendeu na mesma hora e se dirigiu a Rhys em um tom conciliador.

– Certamente não há necessidade disso, Sr. Winterborne. Vocês dois merecem uma cerimônia adequada, com a família e os amigos ao redor. E não uma solução apressada.

– Uma solução apressada foi boa o bastante para a senhora e

Treinear – retrucou Rhys. – Se ele não teve que esperar por um casamento, por que eu teria?

Kathleen hesitou antes de responder, divertindo-se ao fingir aborrecimento.

– Não tivemos escolha.

Demorou aproximadamente dois segundos para que o cérebro ágil de Rhys processasse as implicações do que ela dissera.

– A senhora está esperando um bebê – disse sem rodeios. – Parabéns!

– Você não tinha que contar a ele – resmungou Devon.

Kathleen sorriu para o marido e foi sentar-se.

– Mas, milorde, o Sr. Winterborne logo fará parte da família.

Devon esfregou o rosto como se a declaração houvesse lhe provocado uma dor de cabeça instantânea.

– As mesmas circunstâncias talvez logo se apliquem a Helen – lembrou Rhys, irritando Devon ainda mais, de propósito. – Ela também pode estar grávida.

– Ainda não sabemos – disse Helen, estendendo a mão para ajeitar a manta sobre o peito dele. – Se vier a ser esse o caso, será preciso mudar os planos, é claro. Mas eu preferiria esperar até que tenhamos certeza.

Rhys a encarou com intensidade, sem fazer qualquer esforço para disfarçar o desejo que fervia sob sua imobilidade.

– Não posso esperar por você – disse.

– Mas esperará – declarou Devon com frieza. – É a condição para o meu consentimento. Você tratou Helen como um peão em um jogo de xadrez e manipulou a situação a seu favor. Agora terá, sim, que esperar até junho, porque esse é o tempo que vai levar para eu ser capaz de encará-lo sem ter vontade de estrangulá-lo. Enquanto isso, chega de Ravenels correndo de um lado para outro em Londres. Agora que nossos negócios estão em ordem, vou levar a família de volta a Hampshire.

Ele se voltou para Kathleen com uma sobrancelha arqueada, e ela assentiu, concordando.

Ao mesmo tempo, eles ouviram um uivo distante, vindo da porta no outro extremo da biblioteca.

– Nããão!

Kathleen se virou com ar zombeteiro na direção de onde vinha o som.

– Pandora! – chamou. – Por favor, não fique escutando atrás das portas.

– Não é Pandora – foi a resposta em tom de lamento. – É Cassandra.

– *Não* é! – reclamou outra voz jovem, indignada. – Eu sou Cassandra, e Pandora está tentando me colocar em encrenca.

– As duas estão encrencadas – resumiu Devon. – Subam.

– Não queremos deixar Londres – disse uma delas.

– O campo é tão *terrificante* – acrescentou a outra.

Devon olhou para Kathleen e, no instante seguinte, os dois se esforçavam para disfarçar os sorrisos.

– Quando vou ver Helen? – quis saber Rhys.

Devon pareceu se deliciar com a ira contida do antigo amigo.

– Se depender de mim, não até o dia do casamento.

Rhys voltou sua atenção para Helen.

– *Cariad*, quero que você...

– Por favor, não peça isso – implorou Helen. – Um casamento em junho é o que havíamos planejado antes. Você não perdeu nada. Estamos noivos de novo e, desse modo, teremos minha família ao nosso lado.

Ela viu a batalha se travar no rosto dele: fúria, orgulho, desejo.

– *Por favor* – pediu ela com carinho. – Diga que vai esperar por mim.

CAPÍTULO 11

Depois de mandarem o Sr. Winterborne para casa na carruagem dele, com o braço preso em uma tipoia e bolsas de gelo ao redor do ombro, os Ravenels jantaram e se recolheram cedo para dormir. Kathleen ficara satisfeita e nem um pouco surpresa por Devon, apesar do ressentimento, ter se certificado de que o amigo fosse atendido da melhor forma possível antes de partir. Embora o Sr. Winterborne o houvesse enfurecido e desapontado, não havia dúvidas de que Devon o perdoaria.

Ela observou com prazer enquanto ele despiu o roupão para se juntar a ela na cama. O marido, que amava cavalgar, lutar e praticar esportes de todos os tipos, era dono de uma forma física soberba.

Devon se deitou de costas e esticou o corpo com um suspiro de prazer.

Kathleen se virou de lado para o marido apoiada em um dos cotovelos e deixou a ponta dos dedos correr preguiçosamente nos pelos escuros do peito dele.

– Você não acha que talvez seja um pouco severo demais – perguntou ela – não deixar que os dois se vejam pelos próximos cinco meses?

– Não há a menor possibilidade de que Winterborne fique longe dela esse tempo todo.

Kathleen sorriu e deixou os dedos alcançarem a extremidade firme da clavícula dele.

– Por que os proibiu, então?

– O desgraçado sai atropelando tudo feito um exército conquistador. Se eu não o forçasse a recuar agora, ele certamente me desprezaria. Além disso, ainda sinto vontade de matá-lo pelo que fez com Helen.

Devon suspirou baixinho.

– Eu sabia que não deveríamos ter deixado as meninas sozinhas, nem por um dia. E pensar que estava preocupado com as gêmeas, quando na verdade foi Helen quem foi atrás de um escândalo.

– Ela não foi atrás de um escândalo – discordou Kathleen. – Ela foi... ora, recuperar o noivo. E é preciso encarar a situação de forma equilibrada: não é justo culpar só a ele.

Devon ergueu as sobrancelhas.

– Por que está defendendo Winterborne, se você mesma foi contra o casamento desde o início?

– Por causa de Helen – admitiu ela. – Eu sabia que ela faria qualquer coisa pelo bem da família, até mesmo se casar com um homem que não amava. Também sabia que o Sr. Winterborne a intimidava. Mas isso mudou. Acredito sinceramente que agora ela o queira. Já não tem medo dele. O modo como manteve a própria opinião esta noite, a firmeza dela, isso mudou de vez a minha opinião a respeito do casamento. Se é isso que Helen quer, eu a apoiarei.

– Não posso ignorar as ações de Winterborne – resmungou Devon. – Se não houvesse outros motivos, pelo menos por consideração a mim ele não deveria ter tirado a inocência de uma jovem que está sob a minha proteção. É uma questão de respeito.

Kathleen chegou mais perto do marido e encarou os olhos azuis.

– Isso – zombou ela, com carinho – dito por um homem que me seduziu no depósito de feno e em quase todo cômodo e escadaria do Priorado Eversby. Onde estava a sua consideração pela inocência, hein?

O cenho franzido se desfez.

– Isso foi diferente.

– Por que, se me permite perguntar?

Devon a fez deitar-se e ficou apoiado no cotovelo, invertendo as posições com habilidade e provocando uma risadinha de surpresa na esposa.

– Porque – disse ele, a voz rouca – eu a desejava *demais*.

Kathleen se contorceu e riu enquanto o marido abria sua camisola.

– E, sendo o lorde da mansão – continuou ele, despindo-a –, achei que estava na hora de exercer meus *direitos senhoriais*.

– Como se eu fosse uma camponesa medieval? – perguntou ela, empurrando-o para que se deitasse e montando nele em seguida.

Kathleen agarrou as mãos inquietas do marido e tentou mantê-lo parado usando todo o seu peso.

Uma risada profunda escapou dos lábios de Devon.

– Amor, isso não vai funcionar. Você não pesa mais do que uma borboleta.

Porém, ele aproveitou a brincadeira: permaneceu deitado, sem resistir, enquanto a esposa segurava seus pulsos grossos com mais força.

– Uma borboleta determinada – reconheceu.

Quando a encarou, seu sorriso desapareceu e os olhos ganharam um azul mais intenso.

– Fui um desgraçado egoísta – admitiu baixinho. – Não deveria ter seduzido você.

– A escolha foi minha – lembrou ela, surpresa com o remorso dele.

Devon estava mudando, pensou Kathleen. Estava amadurecendo rápido enquanto arcava com as responsabilidades que lhe haviam sido impingidas tão inesperadamente.

– Eu faria diferente agora. Perdoe-me.

Ele fez uma pausa e franziu o cenho, censurando-se.

– Não fui criado para ser um homem honrado. E é difícil aprender isso.

Kathleen deixou as mãos correrem sobre as dele até os dedos dos dois se entrelaçarem.

– Não há nada a perdoar nem do que se arrepender.

Devon balançou a cabeça, sem permitir que ela o absolvesse.

– Diga-me como expiar minha culpa.

Ela se inclinou para roçar os lábios nos dele.

– Me ame – sussurrou.

Com grande cuidado, Devon rolou o corpo até ela ficar por baixo.

– Sempre – disse, a voz rouca, e possuiu a boca da esposa, enquanto deslizava as mãos pelo corpo dela.

Ele fez amor com ela lentamente, com um talento refinado. Muito tempo depois de ela estar pronta para recebê-lo, Devon por fim afastou suas coxas e a penetrou. Kathleen se contorceu, frustrada, quando o marido se recusou a ir mais fundo, não importava quanto ela tentasse atraí-lo.

– Devon... – falou, a respiração saindo em pequenos arquejos. – Preciso de mais.

– Mais do quê?

Ele correu a boca pela base do pescoço dela.

Kathleen se contorceu mais, irritada.

– Ah, detesto quando você me provoca assim!

Ele sorriu.

– Quase tanto quanto adora que eu a provoque.

Devon forçou mais um pouco.

– Mais fundo – arquejou ela. – Por favor, Devon...

– Assim? – perguntou ele, com carinho.

Kathleen arqueou o corpo sob o dele, os lábios se abrindo em um grito silencioso, enquanto ele a possuía com uma urgência carinhosa e determinada, amando-a de corpo e alma.



– Fernsby – chamou Rhys, franzindo o cenho enquanto organizava um maço de papéis na mesa.

A secretária apareceu na mesma hora na porta aberta.

– Sim, Sr. Winterborne.

– Entre.

Ele juntou os papéis, colocou-os em um envelope grosso e amarrou uma fita ao redor para prendê-lo.

– Acabei de examinar os documentos mandados pelo escritório do Sr. Severin.

Rhys entregou o envelope a ela.

– Os que se referem ao quarteirão de prédios residenciais perto de King's Cross?

– Exatamente. Escrituras, hipotecas, acordos com empreiteiros e por aí vai – falou e depois a encarou com uma expressão sombria. – Contudo não há uma única folha de papel em todo esse arquivo que tenha o nome do proprietário. Severin me conhece bem o bastante para saber que eu jamais compraria uma propriedade sem saber quem a está vendendo.

– Eu imaginava que a lei exigisse a inclusão do nome do proprietário.

– Há formas de burlar isso – falou Rhys e indicou com a cabeça o envelope nas mãos da secretária. – A hipoteca não foi financiada por um banco, mas através de um empréstimo de uma cooperativa particular de construção. De acordo com a escritura, a propriedade é de uma companhia de investimento privado. E aposto 100 libras que o grupo que a controla é anônimo.

– Por que alguém teria tanto trabalho, em vez de comprar a propriedade com o próprio nome?

– No passado, comprei propriedades anonimamente para evitar que o preço pedido atingisse a estratosfera quando ouvissem meu

nome. E tenho concorrentes que adorariam me colocar em meu lugar de vez em quando negando-me algo que eu deseje. É provável que esse homem tenha razões similares. Mas quero o nome dele.

– O Sr. Severin estaria disposto a lhe contar se perguntasse a ele diretamente?

Rhys fez que não com a cabeça.

– Ele já teria me dito. Desconfio que ele saiba que o negócio estaria arruinado se o nome do proprietário fosse revelado.

– Devo entregar essas informações ao mesmo homem que contratamos para investigar a compra da fábrica de conservas?

– Sim, ele servirá.

– Vou cuidar disso agora mesmo. Ah, o Dr. Havelock está aguardando para ter uma palavrinha com o senhor.

Rhys revirou os olhos com impaciência.

– Diga a ele que meu ombro está tão bom quanto...

– Não dou a mínima para o seu ombro – disse uma voz grave da porta. – Vim por causa de um assunto muito mais importante.

Quem falou foi o Dr. William Havelock, que antes trabalhara como médico particular de um punhado de famílias privilegiadas de Londres. Ele também fora jornalista especializado na área médica. Escrevia sobre questões de saúde pública e medicina para pessoas necessitadas. No fim, os pacientes ricos haviam se incomodado com os debates políticos que ele provocava e procuraram outros médicos, menos controversos.

Rhys havia contratado Havelock fazia dez anos, na inauguração da loja na Cork Street. Na época, fizera sentido ter um médico na equipe permanente para cuidar dos empregados, mantendo-os saudáveis e produtivos.

O viúvo de meia-idade era um homem vigoroso e em boa forma, com uma cabeça que lembrava a de um leão: uma impressionante juba de cabelos brancos como a neve e olhos que tinham visto o

pior e o melhor da humanidade. O rosto duro normalmente mostrava linhas truculentas, mas, quando ele estava com os pacientes, aquelas feições se suavizavam em uma bondade de avô que logo ganhava a confiança das pessoas.

– Dr. Havelock – disse a Sra. Fernsby com um toque de irritação.

– Eu lhe pedi que esperasse na recepção.

– Winterborne não se importa de interferir na minha agenda – retrucou o médico, com impaciência –, portanto decidi interferir na dele.

A secretária e o médico trocaram olhares irritados.

Um número considerável de funcionários já havia especulado que, por baixo do habitual antagonismo entre Havelock e a Sra. Fernsby, corria uma atração secreta entre os dois. Ao ver o par naquele momento, Rhys se sentiu inclinado a acreditar nos rumores.

– Bom dia, Havelock – disse Rhys. – Como eu interfeiri em sua agenda?

– Ao me obrigar a receber uma visitante durante o dia, quando tenho pelo menos uma dezena de pacientes para atender.

Rhys dirigiu um olhar questionador à Sra. Fernsby.

– Ele está se referindo à Dra. Gibson – esclareceu a secretária. – Eu a entrevistei, como o senhor pediu. E achei que é ao mesmo tempo uma pessoa agradável e muito qualificada. Então a mandei conversar com o Dr. Havelock.

– Como conseguiu julgar as qualificações dela, Fernsby? – perguntou Havelock bruscamente.

– A Dra. Gibson tem um diploma médico com honras e altas recomendações.

– Da *França* – lembrou Havelock com leve desprezo.

– Considerando que os médicos ingleses não conseguiram salvar meu pobre marido, eu me consultaria tranquilamente com um médico francês – replicou a Sra. Fernsby, irritada.

Antes que a discussão pudesse se transformar em briga, Rhys

se apressou em interceder.

– Entre, Havelock, e conversaremos sobre a Dra. Gibson.

O médico entrou no escritório e disse em tom formal à secretária, ao passar por ela:

– Eu aceitaria um chá, Fernsby.

– É *Sra.* Fernsby para o doutor. E vai encontrar todo o chá que desejar na cantina dos empregados.

Havelock parou e se virou para encará-la com uma expressão ofendida.

– Por que ele pode chamá-la de Fernsby?

– Porque ele é o Sr. Winterborne e o doutor não é – respondeu ela. E então concentrou sua atenção em Rhys. – Senhor, gostaria de um chá? Se quiser, acho que eu poderia colocar uma xícara extra na bandeja para o Dr. Havelock.

Rhys teve que se esforçar para disfarçar um sorriso antes de responder com toda a calma:

– Acho que sim. Obrigado, Fernsby.

Depois que a secretária deixou o escritório, Rhys se virou para Havelock.

– Deixei claro para a Dra. Gibson que a contratação dela dependia da sua aprovação.

O médico franziu o cenho e sua testa ficou marcada em várias camadas de dobras.

– Ela me informou que era fato consumado, aquela mocinha atrevida e presunçosa.

– No mês passado, você disse que precisava de um assistente, *aye?*

– Um que eu escolhesse, já que sou eu que terei que treiná-lo e guiá-lo.

– Duvida da competência dela? – perguntou Rhys.

Havelock poderia ter destruído a breve carreira de Garrett Gibson com um simples “sim”. No entanto, ele era honesto demais

para seguir por esse caminho.

– Se algum homem houvesse chegado a mim com as qualificações dela, eu o teria contratado na hora. Mas uma mulher? Haverá muito preconceito. Até mesmo as pacientes mulheres vão preferir um médico homem.

– A princípio. Até se acostumarem com a ideia.

Rhys percebeu a objeção no rosto do homem mais velho.

– Havelock, eu emprego centenas de mulheres que trabalham duro e que demonstram sua capacidade todo dia – prosseguiu, reprovando a postura do outro, porém divertindo-se. – Recentemente promovi uma vendedora a gerente de departamento. O desempenho dela tem sido equivalente ao de qualquer homem no mesmo nível. E, obviamente, as habilidades de Fernsby estão além de qualquer questionamento. Não sou radicalista, Havelock. São os fatos. Portanto, como homens de bom senso que somos, vamos dar à Dra. Gibson uma chance de provar sua capacidade.

Havelock levou a mão a uma mecha de cabelos brancos enquanto considerava a situação.

– Já lutei batalhas de mais para uma única vida, Winterborne. Não tenho o menor desejo de tomar parte na luta das mulheres contra as injustiças.

Rhys sorriu, o olhar implacável.

O médico deixou escapar uma mistura de suspiro com gemido, reconhecendo que não tinha escolha naquele caso.

– Maldito seja, Winterborne.



O dia estava tão frio que o ar fazia o nariz arder e os dentes baterem. Helen estremeceu. Apertou mais a capa curta de lã ao redor do pescoço e cerrou os lábios entorpecidos em um esforço inútil para esquentá-los.

De acordo com as regras do luto, já havia se passado tempo o bastante da morte de Theo para que as irmãs Ravenels agora pudessem deixar seus rostos respeitavelmente descobertos em público, desde que mantivessem véus dobrados para trás dos chapéus. Helen ficara contente por já não precisar estreitar os olhos para enxergar através do tecido negro.

A família Ravenel e um pequeno séquito de criados estavam prestes a partir de Londres em um trem para Hampshire. Parecia a Helen que a estação Waterloo Bridge, que ocupava uma área de 4 hectares de galpões abertos e tinha uma complexa rede de plataformas e anexos, não poderia ter sido mais perfeitamente projetada para causar o máximo de confusão para os viajantes. O volume de passageiros praticamente dobrava a cada ano, forçando a estação a se expandir de forma improvisada. Para tornar tudo pior, os empregados da companhia ferroviária com frequência davam informações contraditórias sobre aonde um trem chegaria ou de onde partiria. Carregadores levavam as bagagens para trens errados e orientavam mal as pessoas que precisavam encontrar as bilheterias ou carruagens de aluguel. Os passageiros se agitavam e gritavam de frustração enquanto se aglomeravam pelos galpões.

Helen se sobressaltou quando uma banda de metais começou a tocar uma marcha militar com entusiasmo estridente. O primeiro batalhão dos Coldstreams, a infantaria de elite do exército, chegava de Chichester, e uma multidão se reunira para aplaudir a chegada deles.

– Vou descobrir onde está esse maldito trem – avisou Devon a Kathleen, irritado com o barulho. – Não se movam nem um centímetro até eu voltar. Já disse ao criado que qualquer homem que se aproximar de você ou das meninas deve levar uma surra.

Kathleen encarou o marido e bateu os pés com firmeza nas tábuas da plataforma, como se estivesse se enraizando.

Devon balançou a cabeça com um sorriso relutante.

– Você não parece nem um pouco obediente – informou ele, acariciando o rosto dela com o dedo enluvado.

– Eu deveria ser? – perguntou ela, quando ele já se afastava.

– Seria interessante ver isso ao menos uma vez – retorquiu ele por sobre o ombro, sem diminuir o passo.

Kathleen riu e foi ficar ao lado de Helen.

Enquanto as gêmeas assistiam de olhos arregalados à procissão de soldados vestidos em túnicas escarlate brilhantes com botões dourados, Kathleen ficou séria e observou com preocupação a expressão abatida de Helen.

– Lamento termos que deixar Londres.

– Não há o que lamentar – disse Helen. – Estou satisfeita com esse acerto.

Não era verdade, é claro. Helen estava preocupada por ficar longe de Rhys por tanto tempo. Ainda mais se levasse em conta como ele ficara furioso com a recusa dela em fugir para casar. Ele não estava acostumado a esperar ou a ter um desejo negado.

Desde que Rhys deixara a Casa Ravenel, Helen escrevera para ele todos os dias. Na primeira carta, perguntara sobre a saúde dele. Na segunda, contara sobre os planos de viagem da família. E, na terceira, em um momento de insegurança, ousara perguntar se ele havia se arrependido do noivado.

Poucas horas depois de cada uma das primeiras duas cartas ser entregue, havia chegado uma resposta sucinta, escrita em uma letra de mão precisa. Na primeira, Rhys assegurara que o ombro estava se curando rapidamente. E, na segunda, ele agradecera pela informação sobre a partida iminente dos Ravenels.

Mas não houvera resposta à terceira carta de Helen.

Talvez ele estivesse arrependido do noivado. Talvez ela o tivesse decepcionado.

Para não perturbar o resto da família, Helen fazia o que podia para disfarçar seu abatimento, mas Kathleen percebera seu humor.

– O tempo vai passar rápido – murmurou Kathleen. – Você vai ver.

Helen conseguiu forçar um sorriso.

– Sim.

– Teríamos que voltar a Hampshire de qualquer forma, mesmo se não houvesse a questão do Sr. Winterborne. Há muito a ser feito agora que o terreno está sendo preparado para a estrada de ferro e para a extração do minério. Não podemos deixar tudo nas costas de West.

– Eu entendo. Mas... espero sinceramente que o primo Devon não continue a ser tão severo em relação ao Sr. Winterborne.

– Ele logo vai se acalmar. Devon não tem a intenção de ser severo, mas você e as gêmeas estão sob sua proteção e ele se preocupa demais com as três – garantiu e, depois de olhar ao redor, abaixou a voz para confidenciar: – Como eu disse a Devon, o fato de um homem fazer amor com a mulher com quem pretende se casar dificilmente seria considerado um crime. E ele não teve como discutir. Mas Devon não gostou do modo como o Sr. Winterborne manipulou a situação.

– Eles voltarão a ser amigos? – Helen ousou perguntar.

– Eles ainda são. Depois de nos acomodarmos, quando algumas semanas se passarem, vou convencer Devon a convidar o Sr. Winterborne para ir a Hampshire.

Helen juntou as mãos enluvadas, em um esforço para conter a empolgação e não passar vergonha em público.

– Eu ficaria muito feliz.

Os olhos de Kathleen cintilaram.

– Enquanto isso, você terá muito com que se ocupar. Vai precisar examinar toda a casa para escolher o que levar para Londres. Vai querer seus objetos pessoais, é claro, mas também qualquer mobília e enfeite que possa ajudar a tornar seu novo lar mais aconchegante.

– Isso é muito generoso da sua parte, mas não gostaria de levar nada que você possa querer mais tarde.

– Há duzentos cômodos no Priorado Eversby. Muitos deles cheios de mobília que ninguém usa e quadros que ninguém vê. Leve o que quiser, é seu direito de nascimento.

O sorriso de Helen desapareceu quando ouviu aquela última frase.

A conversa delas foi abafada pelo rugido de um trem chegando do outro lado da plataforma. Cheiro de metal, pó de carvão e vapor invadiram o galpão, e as placas de madeira embaixo dos pés delas pareciam chacoalhar de impaciência. Helen recuou instintivamente, embora a locomotiva não oferecesse nenhuma ameaça. A banda continuou a tocar, os soldados a marchar e as pessoas a aplaudir.

Passageiros desciam dos vagões em busca de carregadores com carrinhos de mão. Eram tantos gritos e vozes misturados que Helen cobriu os ouvidos. Kathleen foi chamar as gêmeas para que não se perdessem na multidão. Corpos se moviam e colidiam ao redor delas, enquanto o criado, Peter, fazia o melhor que podia para evitar que as mulheres fossem empurradas.

Uma lufada forte de vento entrou pela lateral aberta da plataforma, abrindo a capa curta de Helen. O botão que prendia o agasalho escapou do cordão de seda trançada que o prendia. Helen segurou as laterais da capa, deu as costas ao vento e lutou para prender o botão. Seus dedos estavam tão gelados que não obedeciam direito.

Duas jovens levando valises e caixas de chapéu esbarraram nela na pressa de deixarem a plataforma, e Helen foi empurrada para o lado. Teve que dar um ou dois passos extras para manter o equilíbrio e colidiu com uma silhueta alta e sólida.

Ela deixou escapar um arquejo de surpresa quando sentiu um par de mãos sustentando-a.

– Perdão, senhor – disse, ofegante. – Eu...

Helen se viu encarando um par de olhos de meia-noite. Sentiu frio na barriga e fraqueza nos joelhos.

– Rhys – sussurrou.

Sem dizer nada, ele estendeu a mão para prender o botão solto da capa. Rhys estava vestido de forma elegante, com um belo sobretudo preto de lã e chapéu cinza. Mas a roupa civilizada não conseguia suavizar a tensão do estado de espírito dele.

– Por que você veio? – conseguiu dizer Helen, com o coração na garganta.

– Achou que eu deixaria você ir embora de Londres sem me despedir?

– Eu não esperava... mas queria... quero dizer, estou feliz...

Ela ficou em silêncio, muito ruborizada. Rhys passou a mão pelas costas dela.

– Venha comigo – murmurou ele.

Ele a guiou na direção de uma barreira alta de madeira que fora erguida ao longo da plataforma. A parede estava cheia de anúncios e avisos sobre alterações nos serviços dos trens.

– Milady! – chamou alguém atrás de Helen, o que a fez parar e olhar por sobre o ombro.

O criado, Peter, a encarava, atrapalhado, enquanto tentava proteger o restante da família do ataque dos passageiros que desembarcavam.

– Milady, o conde me mandou manter todas vocês juntas.

– Eu tomarei conta dela – falou Rhys bruscamente.

– Mas, senhor...

Kathleen, que acabara de notar a presença de Rhys, interrompeu o criado.

– Dê cinco minutos a eles, Peter.

Ela lançou um olhar suplicante a Helen e levantou cinco dedos para se certificar de que a cunhada compreendera. Helen assentiu.

Rhys a puxou para um canto protegido, entre o painel de

madeira e uma coluna de ferro fundido. Ele ficou de costas para a multidão, protegendo-a da vista.

– Foi difícilimo encontrá-la – contou ele, acima do ruído. – Vocês estão na plataforma errada.

– O primo Devon foi descobrir onde devemos esperar.

Uma brisa gelada soltou do penteado alguns cachos muito louros dela e pareceu deslizar por baixo da gola do vestido. Helen estremeceu e tentou se agasalhar melhor com a capa.

– Dá para ouvir seus dentes baterem – disse Rhys. – Chegue mais perto.

Com um misto de estupefação e anseio, ela o viu abrir a frente do sobretudo.

– Acho que não... não é preciso...

Ele ignorou os protestos dela, puxou-a contra o corpo e fechou as abas do casaco ao seu redor.

Helen fechou os olhos quando o calor e a escuridão privativa a cercaram, a lã grossa abafando o barulho. Sentiu-se como uma pequena criatura da floresta aconchegada em sua toca, escondida dos perigos que a ameaçavam do lado de fora. Rhys era um homem grande, forte e quente, e Helen relaxou em seu abraço, seu corpo reconhecendo o dele como fonte de conforto.

– Melhorou? – perguntou Rhys, a voz suave ao ouvido dela.

Helen assentiu, mantendo a cabeça apoiada no peito dele.

– Por que não respondeu minha última carta? – perguntou em uma voz abafada.

Os dedos protegidos pelo couro delicado da luva preta levantaram o queixo dela. O brilho zombeteiro nos olhos dele foi inconfundível.

– Talvez eu não tenha gostado da pergunta.

– Eu estava com medo... isto é, achei...

– Que eu talvez houvesse mudado de ideia? Que não a quisesse mais?

Alguma coisa na voz dele fez um arrepio percorrer a espinha de Helen.

– Quer uma prova de como eu me sinto, *cariad*?

Antes que ela pudesse responder, sua boca foi capturada pela de Rhys em uma demonstração nada menos do que escandalosa. Ele não se importava. Desejava Helen e queria que ela soubesse disso, sentisse isso, saboreasse isso. As mãos dela subiram pelos ombros do noivo e envolveram sua nuca em busca de equilíbrio, já que os próprios joelhos tinham cedido. O beijo continuou em uma suspensão do tempo, os lábios inquietos, buscando. A mão de Rhys segurava o rosto dela contra o couro negro da luva. Ele não fora ali movido pela raiva, percebeu Helen, zozza. Fora porque queria se tranquilizar. Sentia-se tão inseguro quanto ela.

Com uma vibração rouca da garganta, ele encerrou o beijo e levantou a cabeça. Seu hálito saía em nuvens de vapor que escaldavam o ar gelado. Ele abriu o casaco que a abrigava e recuou, deixando-a parada, sozinha, de novo.

O corpo de Helen estremeceu sob o ataque do ar gelado.

Rhys enfiou a mão no bolso de dentro do casaco. Então, pegou a mão enluvada de Helen e colocou nela um pequeno envelope selado. Antes que ela pudesse perguntar o que era, ele disse:

– Diga a sua família para ir para a plataforma oito, pela passarela.

– Mas quando...

– *Hwyl fawr am nawr* – falou ele e a encarou uma última vez, com o lampejo de solidão e malícia nos olhos. – “Adeus por enquanto”, é o que isso quer dizer.

Rhys a virou na direção da família e a empurrou adiante com delicadeza. Helen parou e olhou para trás, o nome dele nos lábios. Mas Rhys já se afastava, abrindo caminho entre a multidão com passadas determinadas.



Helen escondeu a carta no punho estreito da roupa e só foi lê-la muito mais tarde, depois que Devon havia levado a família às pressas para o trem correto, na plataforma oito, e quando já estavam todos sentados em um vagão de primeira classe. Assim que o trem se afastou da estação e começou a viagem de duas horas até Hampshire, ela pegou com cuidado o envelope.

Ao constatar que as gêmeas olhavam distraídas pela janela e que Kathleen estava concentrada em uma conversa com Devon, Helen rompeu o lacre vermelho-escuro e abriu a carta.

Helen,

Você perguntou se lamento nosso noivado.

Não. Eu lamento cada minuto que você está fora do alcance dos meus olhos. Lamento cada passo que dou e não me leva para mais perto de você.

Meu último pensamento a cada noite é que você deveria estar em meus braços. Não há paz nem prazer em minha cama vazia, onde durmo com você só em sonhos e acordo amaldiçoando a aurora.

Se eu tivesse esse direito, eu a proibiria de ir a qualquer lugar sem mim. Não por egoísmo, mas porque estar longe de você é como tentar viver sem respirar.

Pense nisso. Você roubou o ar que eu respiro, cariad. E agora estou fadado a contar os dias até poder pegá-lo de volta com você, um pouco a cada beijo.

Winterborne

CAPÍTULO 12

Helen estava ajoelhada diante de uma estante em um canto de leitura no andar de cima, examinando as fileiras de livros para separar os que queria embalar. Nas três semanas desde que voltara ao Priorado Eversby, havia enchido um dos quartos com tudo o que gostaria de levar para a nova casa. Cada item tinha um significado pessoal, como uma caixa de costura de pau-rosa que havia pertencido à mãe, uma bandeja de toucador feita de porcelana e pintada com imagens de querubins, um tapete bordado para banheiro de criança e a cadeira de visitas de mogno com assento triangular que a avó materna de Helen costumava usar durante suas visitas..

Manter-se atarefada fora a única forma que Helen conseguira encontrar para se distrair da saudade que invadia seu coração. *Hiraeth*, pensou, melancólica. Os confortos familiares da casa deixaram de atraí-la, e seus antigos hábitos se transformaram em sacrifício. Até mesmo cuidar das orquídeas e praticar no piano se tornara tedioso.

Em comparação com Rhys Winterborne, o que poderia interessá-la?

Tivera tão pouco tempo a sós com ele... mas naquelas poucas horas fora possuída e alcançara o prazer com tanta intensidade que agora seus dias eram tediosos diante da recordação.

Estendeu a mão para pegar as anotações da mãe sobre orquídeas. Puxou os cadernos e os colocou um a um em uma mala

de lona. Eram doze deles, todos simples, com capa de tecido azul liso e as folhas coladas na lombada, em vez de costuradas. Ainda assim, para Helen, tinham um valor inestimável.

Jane, lady Trenear, havia preenchido cada um daqueles cadernos com informações sobre orquídeas, incluindo desenhos das diferentes variedades e anotações sobre o temperamento e as propriedades de cada uma. Às vezes a mãe de Helen usava os cadernos como diários, com reflexões pessoais e observações aleatórias.

Ler aquele material depois da morte da mãe ajudara Helen a compreendê-la muito mais. Jane costumava passar semanas, até meses, em Londres e deixava os filhos aos cuidados da criada. E, mesmo quando estava no Priorado Eversby, parecia mais uma hóspede glamorosa do que a responsável por qualquer criança. Helen não conseguia se lembrar de um dia sequer em que a mãe não estivesse perfeitamente arrumada e perfumada, com joias nas orelhas, no pescoço e nos punhos e uma orquídea fresca nos cabelos.

Ninguém teria imaginado que Jane, tão admirada por sua beleza e inteligência, tivesse qualquer problema na vida. No entanto, na privacidade dos seus cadernos, a mãe de Helen se revelava uma mulher ansiosa, solitária e frustrada por ter gerado apenas um filho homem.

“Fui rasgada como se fosse um pedaço de carne”, escrevera Jane depois do nascimento das gêmeas, “por um par de filhas. Antes mesmo que eu me levantasse da cama onde dei à luz, o conde me agradeceu por gerar ‘mais duas parasitas’. Por que ao menos uma delas não poderia ter sido um menino?”

E em outro caderno... “A pequena Helen está provando ser de grande ajuda com as gêmeas. Eu mesma gosto mais dela do que gostava antes, embora tema que a menina vá ser sempre uma criatura pálida com feições de coelho.”

Apesar das palavras duras, Helen sentia-se solidária a Jane, que se tornara cada vez mais infeliz no casamento com Edmund, lorde Treneer. Ele fora um marido desinteressado e difícil. Seu temperamento ia do ardente ao gelado, raramente se demorando em temperaturas mais amenas.

Só depois da morte da mãe Helen compreendera por que os pais sempre pareciam relutantes em reconhecer a existência dela.

Descobrira a verdade enquanto cuidava do pai durante sua última doença, causada pelo frio e pela umidade a que se expusera em um dia de caçada. Edmund entrara em rápido declínio apesar dos esforços do médico para curá-lo. Conforme o conde mergulhava em delírios, Helen se revezava com Quincy, o valete de confiança do pai, à cabeceira dele. Os dois administravam tônicos e chá de sálvia para a garganta dolorida e aplicavam cataplasmas em seu peito.

– O médico voltará logo – murmurara Helen para o pai, secando gentilmente traços de saliva do queixo dele, depois de um ataque de tosse. – Ele foi chamado para ver um paciente no vilarejo, mas disse que não demoraria.

O conde abria os olhos remelentos e dissera em uma voz seca, áspera:

– Quero um dos meus filhos... comigo... no fim. Não você.

Pensando que o pai não a reconheceria, Helen havia respondido com gentileza:

– É Helen, papai. Sou sua filha.

– Você não é minha... nunca foi. Sua mãe... teve um amante...

O cansaço dessas poucas frases provocara outro ataque de tosse. Quando os espasmos na garganta se acalmaram, o conde descansou em silêncio, de olhos fechados, recusando-se a olhar para ela.

– Não há verdade nisso – dissera Quincy a Helen mais tarde. – O pobre patrão está ensandecido por causa da febre. E sua mãe,

que Deus a abençoe, era admirada por tantos homens que isso envenenou o patrão de ciúmes. A senhorita é uma Ravenel da cabeça aos pés, milady. Nunca duvide disso.

Helen fingira acreditar. Mas tinha certeza de que o conde lhe contara a verdade. Aquilo explicava por que ela não tinha nem o temperamento nem a aparência dos Ravenels. Não era de estranhar que os pais a desprezassem – era uma criança nascida do pecado.

Durante os últimos momentos de lucidez do conde, Helen havia levado as gêmeas até ele para que se despedissem. Embora também tivesse mandado chamar Theo, ele não conseguiu chegar de Londres a tempo. Depois que o pai perdeu a lucidez, Helen não conseguira encontrar coragem para obrigar as gêmeas a voltarem ao leito de morte dele.

– Precisamos ficar? – havia sussurrado Cassandra, secando os olhos vermelhos com um lenço, sentada com Pandora em um banquinho perto da janela.

As meninas não tinham lembranças afetuosas do pai para compartilhar, nenhum conselho ou histórias para evocar. Tudo o que podiam fazer era ficar sentadas em silêncio e ouvir a respiração breve e difícil do conde, esperando, infelizes, que ele falecesse.

– Ele não iria nos querer aqui de qualquer modo – alegara Pandora em um tom monótono. – Nunca nos deu a menor atenção.

Helen ficara com pena das irmãs mais novas e abraçara e beijara as duas.

– Eu ficarei aqui – prometera. – Rezem por ele e vão procurar algo silencioso para fazer.

As duas saíram agradecidas. Cassandra parara à porta para dar uma última olhada no pai, enquanto Pandora seguira em um passo decidido, sem olhar para trás.

Helen fora até a beira da cama e abaixara os olhos para o conde, um homem alto e esguio, que parecia diminuído na cama ampla. A pele dele tinha uma cor acinzentada e emaciada, o

pescoço inchado obscurecia a forma do maxilar. Toda a determinação dele havia se reduzido ao mais frágil lampejo de vida. Helen se deu conta de que o conde parecia vir murchando lentamente nos últimos dois anos, desde que Jane falecera. Talvez ele ainda sofresse com a morte dela. O relacionamento dos dois fora complexo – duas pessoas ligadas por decepções e ressentimentos, do modo como outros casais eram ligados pelo amor.

Helen ousara pegar a mão flácida do conde, uma coleção de veias e ossos contidos em um envelope frouxo de pele.

– Lamento por Theo não estar aqui – dissera humildemente. – Sei que não sou quem o senhor queria ao seu lado no fim. Lamento por isso, também. Mas não posso deixar que enfrente este momento sozinho.

Assim que ela terminara de falar, Quincy entrara no quarto, os olhos negros profundos cintilando com lágrimas que escorriam perto das costeletas já brancas. Sem dizer uma palavra, o valete ocupara o banco ao lado da janela, determinado a esperar com a jovem.

Eles velaram o conde por uma hora, enquanto cada esforço de inspiração dele se tornava mais tênue do que o anterior. Até que finalmente Edmund, lorde Trenear, tinha falecido, na companhia de um criado e de uma filha que não possuía uma gota do seu sangue.

Helen nunca ousara conversar com Theo sobre a paternidade dela. Tinha certeza de que o irmão conheceria esse segredo: por isso ele nunca a apresentara à sociedade e por isso sua atitude em relação a ela ecoava o desprezo do pai. Helen também não fora capaz de confidenciar o segredo a Kathleen nem às gêmeas. Embora não tivesse feito nada errado, sentia uma profunda vergonha de seu nascimento ilegítimo. Não importava quanto tentasse ignorar, o segredo se alojara dentro dela como uma dose de veneno esperando para ser liberado.

Helen ficava muito incomodada por ainda não ter compartilhado

isso com Rhys. Sabia quanto ele adorava a ideia de se casar com uma filha da nobreza. Seria difícil confessar que não era uma Ravenel. Rhys ficaria desapontado. Ele a respeitaria menos.

Ainda assim... tinha o direito de saber.

Helen deu um suspiro pesado e guardou os cadernos na mala. Quando olhou de novo para a estante vazia, notou o que parecia um pacotinho pálido enfiado em um canto empoeirado. Ela franziu o cenho, abaixou-se e soltou o pacote.

Era uma folha de papel amassada.

Helen se sentou, desdobrou o papel com cuidado e descobriu algumas poucas linhas escritas na letra da mãe. As palavras eram mais espaçadas do que o normal e as frases não seguiam em linha reta.

Meu caríssimo Albion,

Sei que é tolice apelar ao seu coração quando tenho dúvidas da existência dele. Por que não recebi nem uma palavra sua? E as promessas que me fez? Se me abandonar, estará garantindo que Helen jamais será amada pela própria mãe. Eu a vejo chorar no berço e não consigo me forçar a tocá-la. Ela deve chorar sozinha, sem ser confortada, exatamente como eu, agora que você me abandonou.

Não vou me ater ao que é decente. Minha paixão não pode ser comandada pela razão. Volte para mim e juro que mandarei o bebê embora. Direi a todos que ela não tem boa saúde e precisa ser criada por uma ama em um clima seco e quente. Edmund não fará objeções – ele ficará muito feliz por não tê-la em casa.

Nada precisa mudar para nós, Albion, desde que sejamos discretos.

Não havia mais nada. Helen virou a folha da carta não terminada, mas o outro lado estava em branco.

Ela se viu pousando no chão o retângulo de papel e pressionando-o com a palma da mão para alisá-lo. Sentia-se oca, incapaz de reconhecer ou avaliar uma variedade de sentimentos, porém também que não tinha vontade de fazê-lo.

Albion.

Nunca quisera saber o nome do pai. Mas não conseguiu evitar se perguntar que tipo de homem seria. Ainda estaria vivo? E por que Jane nunca terminara a carta?

– Helen!

O grito inesperado a sobressaltou. Ela ergueu a cabeça quando Cassandra entrou na biblioteca.

– O correio foi entregue – contou a garota. – E há um caixote da Winterborne's! O criado está levando para a sala de visitas do andar de baixo. Você precisa vir agora mesmo, queremos...

Ela parou de falar e franziu o cenho.

– Seu rosto está todo vermelho. Qual é o problema?

– Poeira dos livros – conseguiu dizer Helen. – Estava embalando os cadernos da mamãe e a poeira me fez espirrar.

– Não pode terminar isso mais tarde, *por favor*, Helen querida? Queremos abrir seus presentes agora mesmo. Algumas caixas estão marcadas com “perecível” e achamos que pode haver doces dentro delas.

– Descerei daqui a alguns minutos – prometeu Helen, distraída, escondendo a carta nas dobras da saia.

– Quer ajuda com os livros?

– Obrigada, querida, mas prefiro eu mesma tomar conta disso.

– É tão difícil esperar... – disse Cassandra em um tom melancólico e concluindo a fala com um suspiro.

O olhar de Helen permaneceu na irmã. Percebeu que nos últimos tempos ela havia perdido a aparência desengonçada e

agitada da infância. A menina se parecia demais com Jane, com a estrutura óssea de uma beleza imaculada e lábios arqueados, cachos da cor de raios de sol e olhos azuis com cílios cheios.

Por sorte, Cassandra era uma versão mais suave e infinitamente mais bondosa da mãe. E Pandora, mesmo com seu humor travesso, era a menina de natureza mais doce que se poderia imaginar. Graças a Deus pelas gêmeas – elas sempre haviam sido uma constante na vida de Helen, uma fonte de amor que nunca lhe faltava.

– Por que não começam a abrir as caixas sem mim? – sugeriu Helen. – Descerei logo. Se alguém fizer objeção, diga que designei você como minha representante oficial.

Cassandra abriu um sorriso satisfeito.

– Se houver doces, separarei alguns para você antes que Pandora coma todos.

Ela saiu em disparada da sala, de um modo nada apropriado a uma dama.

– Helen disse para começarmos sem ela! – gritou enquanto descia, correndo, a grande escadaria.

Helen sorriu distraída e ficou sentada por mais um momento, observando a mala de lona com seu peso invisível de segredos e lembranças dolorosas. Tanto Jane quanto Edmund já haviam partido para o descanso eterno, mas mesmo do túmulo ainda pareciam ter o poder de magoar os filhos.

Mas ela não permitiria.

Em um gesto decidido, Helen fechou a mala, silenciando os sussurros do passado. Pegou a carta inacabada da mãe, levou-a até a lareira e pôs sobre os carvões em brasa. O papel se contraiu e escureceu com o calor antes de desaparecer em uma chama ardente.

Helen observou até a última palavra se desintegrar em cinzas.

E limpou as mãos, batendo uma na outra enquanto deixava a

biblioteca.

CAPÍTULO 13

O humor de Helen ficou mais leve quando ela se juntou à alegre confusão que agitava a sala de visitas. West e as gêmeas estavam sentados no tapete, abrindo cestos e caixas, enquanto Kathleen lia a correspondência em uma escrivaninha no canto.

– Sempre pensei que eu não gostasse dos rituais relacionados a cortejar – comentou West, examinando uma cesta da Winterborne's.
– Mas estou chegando à conclusão de que simplesmente estava do lado errado do relacionamento. Esta é uma atividade em que é melhor receber do que dar.

Weston Ravenel era muito parecido com o irmão mais velho, belo e de olhos azuis, com a mesma complexão robusta e os encantos de ter uma reputação duvidosa. Nos últimos meses, ele se dedicara a aprender o máximo possível sobre agricultura e criação de gado leiteiro. O ex-libertino agora ficava feliz por passar o dia com os arrendatários, trabalhando na terra, e voltar para casa com as botas e as calças enlameadas.

– Já cortejou alguém, primo West? – perguntou Pandora.

– Quando tinha certeza de que a dama era inteligente demais para me aceitar.

West se pôs de pé em um movimento ágil ao ver Helen entrar na sala.

– Não deseja se casar, então? – perguntou Helen, bem-humorada, acomodando-se no sofá vazio.

West sorriu e colocou uma caixa de cetim azul no colo dela.

– Como eu poderia algum dia me satisfazer com um único doce de toda uma caixa?

Helen levantou a tampa da caixa e seus olhos se arregalaram ao descobrir um tesouro de caramelos, balas cremosas, frutas caramelizadas, mais balas de caramelo e gotas de marshmallow, tudo embrulhado em papel encerado. O olhar maravilhado dela seguiu até a montanha de iguarias ali reunidas: um presunto defumado e um pedaço de bacon, uma caixa de salmão curado, potes de manteiga holandesa, moleja em conserva, um saco de tâmaras reluzentes de tão gordas, uma cesta de frutas que não eram da estação, peças de queijo Brie embrulhadas em papel branco, queijinhos envoltos em redes, potes de uma pasta de figo encorpada, ovos de codorna em conserva, garrafas de licores de frutas multicoloridos, feitos para serem bebidos em copinhos minúsculos, além de uma lata dourada de essência de cacau.

– No que o Sr. Winterborne estava pensando? – perguntou Helen com uma risada aturdida. – Ele mandou comida para um exército.

– Obviamente está cortejando a família toda – falou West. – Não posso responder pelos outros, mas de minha parte me senti completamente galanteado.

– Eu poderia comer um presunto inteiro sozinha – disse Kathleen, cheia de desejo, do canto da sala.

Nos últimos dias, ela começara a alternar momentos de fome insaciável com instantes de náuseas.

West sorriu, levantou-se e levou um pote de vidro cheio de amêndoas para ela.

– Isto ajuda?

Kathleen tirou a tampa e pegou uma amêndoa. Foi possível ouvir o som da semente partindo-se em sua boca do outro extremo da sala. Ela com certeza aprovou o sabor, porque devorou mais um punhado em seguida.

West pareceu achar ao mesmo tempo divertido e um tanto perturbador.

– Não coma tão rápido, minha cara. Vai engasgar.

Ele foi até o aparador e serviu um pouco de água para a cunhada.

– Estou faminta – protestou Kathleen. – E essas amêndoas são exatamente o que estava com vontade de comer. Só não sabia disso até agora. O Sr. Winterborne só mandou um pote?

– Estou certa de que ele mandará mais se eu pedir – ofereceu Helen.

– Ele faria isso? Porque...

Kathleen ficou em silêncio de repente, a atenção fixa na carta em sua mão.

Helen sentiu um arrepio de mau agouro subir pelo corpo, um alerta de que algo terrível acontecera. Percebeu os ombros estreitos de Kathleen se curvarem para a frente, como se ela tentasse se proteger de algo. Kathleen tateou para pousar o pote na escrivaninha, mas o colocou perto demais da beira e ele caiu. Por sorte, aterrissou no tapete, o que evitou que o vidro se estilhaçasse. A mulher nem percebeu, tamanha era a atenção que dava à carta.

Helen correu até a cunhada, chegando até ela pouco antes de West.

– O que houve, querida?

Kathleen ficara muito pálida, a respiração superficial e penosa.

– Meu pai – sussurrou. – Só consegui ler a primeira parte. Não consigo pensar.

Parecendo muito frágil, ela passou a carta para Helen.

Fazia cerca de um mês, o pai de Kathleen, lorde Carbery, havia sofrido um acidente em sua arena de montaria, em Glengarrif. O cavalo que ele montava empinara e ele tinha batido a cabeça em uma viga de sustentação. Embora houvesse sobrevivido ao golpe, sua saúde se fragilizara desde então.

West entregou o copo de água a Kathleen e pressionou as mãos dela ao redor do vidro, como se ela fosse uma criança.

– Beba isto, minha cara – disse baixinho.

Seu olhar preocupado encontrou o de Helen.

– Vou buscar Devon. Ele deve estar por perto. Estava conversando com o lenhador sobre a derrubada do carvalho no lado leste da propriedade.

– Não há necessidade de interrompê-lo – garantiu Kathleen, a voz tensa, mas calma. – Isso pode esperar até que ele termine. Estou bem.

Ela segurou o copo d'água com as mãos trêmulas e, em goles dolorosos, bebeu ao menos metade.

Helen olhou para West e lhe disse, apenas movendo os lábios, sem som: “Vá.” Ele deu um breve aceno de cabeça e saiu.

Helen voltou a atenção para a carta.

– Ele faleceu há dois dias – contou ela, lendo. – O administrador da fazenda escreveu que lorde Carbery vinha sendo perturbado por dores de cabeça e convulsões desde o acidente. Foi para a cama cedo uma noite e morreu dormindo.

Helen pousou a mão com carinho no ombro de Kathleen e sentiu os leves tremores da emoção reprimida pela amiga.

– Sinto tanto, querida.

– Ele era um estranho – disse Kathleen baixinho. – Me mandou embora para que eu fosse criada por outra pessoa. Não sei o que devo sentir por ele.

– Eu entendo.

Os dedos frios de Kathleen cobriram os dela.

– Sei que entende – disse com um sorriso frágil.

Elas ficaram assim, em silêncio, por um momento. Pandora e Cassandra se aproximaram, hesitantes.

– Há algo que possamos fazer, Kathleen? – ofereceu Pandora, ajoelhando-se perto da cadeira onde ela estava.

Kathleen olhou para o rosto ansioso da menina, balançou a cabeça e a puxou mais para perto. Cassandra se ajoelhou do outro lado e abraçou as duas.

– Não há necessidade de preocupação – falou Kathleen. – Vou ficar bem. Como não poderia ficar, quando tenho as irmãs mais queridas do mundo?

Ela fechou os olhos e apoiou a cabeça na de Pandora.

– Já passamos por muita coisa juntas em pouco tempo, não é mesmo?

– Isso significa outro ano de luto? – perguntou Pandora.

– Não para vocês – tranquilizou-a Kathleen. – Só para mim – completou, depois deu um suspiro. – Com a barriga enorme e andando por aí vestida de preto... vou parecer um desses batelões lameiros que levam lixo para o mar.

– Você é pequena demais para ser um batelão – ressaltou Cassandra.

– Será um rebocador – emendou Pandora.

Kathleen deixou escapar uma risadinha e beijou as duas. Seu rosto já recuperara um pouco de cor. Ela se levantou e arrumou as saias com alguns puxões firmes.

– Há muito o que fazer – disse. – O funeral será na Irlanda.

Ela se virou para Helen com uma expressão de espanto.

– Não vou lá desde criança – contou.

– Você não tem que tomar nenhuma decisão neste momento – declarou Helen. – Talvez seja melhor apenas subir e se deitar um pouco.

– Não posso, há coisas que preciso...

Kathleen se interrompeu quando Devon entrou na sala.

Ele a avaliou dos pés à cabeça, até parar no rosto ainda pálido.

– O que foi, amor? – perguntou com carinho.

– Meu pai se foi – contou ela, com certo esforço para que a notícia soasse trivial. – Não é uma surpresa, claro. Sabíamos que

ele estava mal de saúde.

– Sim.

Devon se aproximou e a abraçou.

– Estou calma – disse ela, com o rosto colado no ombro do marido.

Devon a beijou na têmpora. O rosto dele estava tenso de preocupação, os olhos azuis enevoados de ternura.

– Não vou chorar – garantiu Kathleen, determinada. – Ele na certa não teria desejado as minhas lágrimas.

Devon acariciou os cabelos dela, a mão cobrindo metade da cabeça pequena.

– Então dê as lágrimas para mim – disse baixinho.

Kathleen escondeu o rosto na frente da camisa dele e o corpo delicado pareceu murchar. Em poucos segundos, um lamento baixo e triste começou a emergir e não parou. O marido pousou o rosto sobre a cabeça dela e a aconchegou mais na segurança do próprio corpo.

Ao perceber que aquele era um momento profundamente particular do casal, Helen fez um gesto para as gêmeas indicando que deixassem a sala com ela.

– Vamos para a biblioteca e pediremos o chá – sugeriu Helen, depois que fecharam a porta.

– Gostaria que tivéssemos trazido os doces conosco – lamentou Pandora.

– Helen, o que vai acontecer? – perguntou Cassandra, enquanto atravessavam o saguão de entrada. – Kathleen vai mesmo para a Irlanda, para o funeral?

– Acho que ela deve ir, se for possível – respondeu ela, pensativa. – É importante dizer adeus.

– Mas o pai dela não vai saber – argumentou Pandora.

– Não é por ele – murmurou Helen, entrelaçando o braço ao da irmã mais nova e dando tapinhas carinhos na mão dela. – É por

ela.

CAPÍTULO 14

TELEGRAMA

SR. RHYS WINTERBORNE
CORK STREET, LONDRES

ACABO SABER FALECIMENTO LORDE CARBERY, PAI DE MINHA
ESPOSA. EMBORA CIRCUNSTÂNCIAS LONGE DO IDEAL, SUA
PRESENÇA BEM-VINDA EM HAMPSHIRE.
AGRADEÇO SE PUDER MANDAR AMÊNDOAS SALGADAS PARA LADY
TRENEAR.
TRENEAR

– Fernsby – chamou Rhys de repente, tirando os olhos do telegrama. – Cancele minha agenda da semana e consiga duas passagens para o próximo trem de Londres para Hampshire. Peça que alguém vá correndo até Quincy e lhe diga para arrumar a bagagem para nós dois. E mande o vendedor do setor de alimentação colocar em uma maleta de mão todas as amêndoas salgadas que tivermos.

– Todas?

– Até o último pote.

Enquanto a secretária saía do escritório em uma velocidade alucinada, Rhys se curvou na cadeira até encostar a testa na superfície da escrivaninha.

– *Diolch i Dduw* – murmurou. *Graças a Deus.*

Se não tivesse chegado logo um convite, ele não teria tido escolha senão invadir o Priorado Eversby como um exército

conquistador. Sentia muito pela morte do pai de Kathleen, mas, acima de tudo, estava desesperado para rever Helen. Parecia impossível que ela estivesse fora do seu alcance quando ele a desejava tanto. Tudo o que Rhys podia fazer era esperar. E sempre fora péssimo nisso.

Helen lhe enviara três ou quatro cartas em uma semana. Contara as últimas novidades sobre a família e os eventos mais recentes no vilarejo. Falara do trabalho de restauração que vinha sendo feito na casa e dos progressos na extração da hematita. Acrescentara breves descrições de coisas mais triviais, como terem feito velas ou colhido ruibarbo em uma das estufas. Eram cartas animadas, loquazes, delicadas.

Ele estava louco, doente de saudade.

O trabalho e a loja sempre haviam absorvido a energia ilimitada dele, mas agora aquilo não era o bastante. Rhys ardia de desejo, sentia uma febre constante lhe queimar a pele. E não tinha certeza se Helen era a doença ou a cura.

Foi informado de que o primeiro trem partiria em três horas. Como não havia tempo bastante para que o vagão particular dele fosse preparado nem locomotivas disponíveis para puxá-lo, Rhys aceitou de bom grado seguir em um comboio comum. O imperturbável Quincy arrumara as bagagens deles com tanta agilidade que os dois conseguiram chegar à estação a tempo. Se Rhys tinha alguma dúvida sobre as vantagens de se ter um valete, ela fora sanada completamente.

Durante as duas horas de viagem de Londres à estação de Alton, Rhys se pegou inclinando-se para a frente no assento como se desse modo conseguisse que a locomotiva se deslocasse mais rápido. Assim que o trem finalmente chegou a Alton, Rhys chamou um coche de aluguel para levá-lo ao Priorado Eversby.

A enorme casa em estilo jacobino estava em processo de restauração desde que Devon a herdara. Era ricamente

ornamentada com parapeitos, arcadas arredondadas e uma abundância de fileiras de chaminés elaboradas. Era também mais alta que as construções dos arredores, como uma matrona altiva em um baile. A descoberta de um depósito de hematita na propriedade chegara na hora certa: sem uma injeção pesada de capital, a mansão estaria em ruínas antes que a próxima geração pudesse herdá-la.

Rhys e Quincy foram recebidos pelo mordomo, Sims, que comentou algo sobre eles não serem esperados tão cedo. Quincy concordou que haviam mesmo chegado rápido, e os dois criados trocaram um rápido olhar de mútua comiseração pelas dificuldades impostas por patrões precipitados e exigentes.

Enquanto Rhys andava de um lado para outro na sala de visitas da frente, à espera de que alguém aparecesse, lhe ocorreu que aquele lugar era muito confortável, de um modo que sua casa moderna não conseguia ser. Ele sempre preferira o moderno; associava coisas antigas a decadência e desleixo. Mas aquela propriedade, mesmo com seus encantos desbotados, era tranquila e acolhedora. Tinha algo a ver com o modo como a mobília fora agrupada de forma aconchegante sobre o tapete floral. Havia livros e periódicos empilhados sobre mesinhas, além de almofadas e mantas espalhadas por toda parte. Uma dupla de simpáticos cocker spaniels pretos entrou para farejar a mão dele e logo saiu ao ouvir algum barulho distante na casa. O aroma de doces assando invadiu o cômodo, anunciando a proximidade do chá da tarde.

Ele não soubera o que pensar do fato de ter sido convidado para o Priorado Eversby em um momento de luto. Pelo que conhecia dos costumes desse período – o que não era muito, a não ser pelas mercadorias que vendia na loja –, uma família que sofrera uma perda recente não enviava convites nem recebia visitas. Mesmo quem quisesse lhes prestar condolências seria aguardado apenas depois do funeral.

No entanto, Quincy, que era versado no assunto e conhecia os Ravenels fazia décadas, lhe explicara o motivo do convite. “Ao que parece, senhor, lorde e lady Trenear decidiram tratá-lo como alguém da família, embora ainda não tenha se casado com lady Helen”, dissera o valete. “Essa nova geração de Ravenels nem sempre é tradicional”, acrescentara com um toque de desaprovação.

Os pensamentos de Rhys voltaram rapidamente ao presente quando Devon entrou na sala.

– Santo Deus, Winterborne! – exclamou, soando perplexo e um pouco cansado. – Mande o telegrama esta manhã.

Mas ele sorriu como fazia nos velhos tempos, com camaradagem, e estendeu a mão para apertar a de Rhys com firmeza. Parecia que as diferenças entre os dois amigos haviam sido colocadas de lado.

– Como está lady Trenear?

Devon hesitou, como se debatesse consigo mesmo quanto deveria admitir.

– Frágil – disse, por fim. – Ela está sofrendo não tanto pelo pai que perdeu, mas pelo pai que nunca teve. Mande chamar lady Berwick em Leominster. Ela chegará amanhã. Kathleen se sentirá confortada pela presença dela. Os Berwicks tomaram conta dela depois que os pais a mandaram embora da Irlanda.

– O funeral será lá?

Devon assentiu, o cenho um pouco franzido.

– Glengarrif. Eu a levarei. Não é necessário dizer que o momento é extremamente inconveniente.

– Você não poderia encontrar uma companhia de viagem adequada para ela?

– Não no estado de Kathleen. Preciso ficar com ela.

Rhys considerou a logística da viagem.

– O modo mais rápido é irem de Bristol para Waterford em um barco a vapor e passarem a noite no Granville, um bom hotel que

fica perto da estação ferroviária. Poderiam pegar o trem para Glengarrif no dia seguinte. Se desejar, posso mandar um telegrama para que meu escritório providencie os preparativos necessários para a viagem. Eles sabem os horários de todos os navios e vapores e rotas que saem da Inglaterra ou chegam ao país, assim como cada estação de trem e paradas existentes.

– Eu ficaria muito grato – disse Devon.

Sem dizer uma palavra, Rhys pegou a maleta de couro preto que levava consigo para dentro da casa e a entregou ao amigo.

Devon ergueu as sobrancelhas, destravou os fechos da maleta, a abriu e examinou o conteúdo. Um sorriso lento se espalhou por seu rosto, enquanto contava duas dúzias de potes de amêndoas salgadas acomodados entre camadas de papel de seda.

– Pelo que entendi, lady Trenear gosta delas, não? – perguntou Rhys.

– É louca por elas – garantiu Devon. – Muito obrigado, Winterborne.

Ele fechou a maleta.

– Venha à biblioteca – convidou, em tom carinhoso. – Vamos tomar um conhaque.

– Onde estão todos?

– West está na área de extração e logo estará de volta. As gêmeas saíram para caminhar e minha esposa está descansando no andar de cima. Helen provavelmente ainda está na estufa com as orquídeas dela.

Saber que Helen estava tão perto – sozinha, na estufa – fez com que o coração de Rhys acelerasse na mesma hora. Depois de um olhar discreto e desesperado para o relógio sobre o console da lareira, falou:

– Quatro da tarde é um pouco cedo para conhaque, aye?

Devon o encarou com uma expressão de incredulidade e deixou escapar uma risada baixa.

– Meu Deus, que tipo de galês é você? – perguntou e, antes que Rhys pudesse responder, prosseguiu: – Muito bem. Vou entregar isto... – disse, erguendo a maleta –... à minha esposa. Como retribuição por sua generosidade, vou ignorar seu paradeiro pelo máximo de tempo possível. Mas, se você e Helen se atrasarem para o chá, sua cabeça estará a prêmio.

Ele fez uma pausa.

– Ela está na primeira estufa depois do jardim murado.

Rhys fez um breve meneio de cabeça. Já se sentia tenso, de estômago revirado, enquanto se perguntava como Helen reagiria ao vê-lo.

Devon sorriu.

– Não precisa se preocupar, Heathcliff. Ela ficará feliz em ver você.

Embora a referência literária lhe escapasse – Rhys nunca fora chegado a ler romances –, ficou irritado ao perceber que seu nervosismo era tão óbvio. Amaldiçoou-se em silêncio, porém não conseguiu se conter e perguntou:

– Ela falou em mim em algum momento?

Devon ergueu as sobrancelhas.

– Em *algum momento*? Helen só fala de você. Andou lendo sobre a história do País de Gales e atormenta a família com considerações sobre Owain Glyndŵr e algo chamado Eistedfodd.

Seus olhos cintilaram em uma zombaria camarada.

– Helen estava tossindo e cuspiendo tanto outro dia que achamos que fosse um princípio de resfriado, até percebermos que ela estava treinando o alfabeto galês.

Normalmente, Rhys teria feito algum comentário sarcástico a respeito, mas mal conseguiu notar a zombaria. Seu peito ficara inflado de alegria.

– Ela não precisa fazer isso – murmurou.

– Helen quer agradá-lo – disse Devon. – É da natureza dela. O

que nos leva a algo que quero deixar claro: Helen é como uma irmã mais nova para mim. E, embora eu seja o último homem na face da Terra que deveria alertar alguém sobre decoro, espero que você se comporte como um coroinha com ela nos próximos dias.

Rhys encarou o amigo com uma expressão emburrada.

– Fui coroinha e posso lhe garantir que os relatos sobre a virtude deles são altamente exagerados.

Devon abriu um sorriso relutante, deu as costas a Winterborne e seguiu em direção ao corredor principal.

Rhys foi em busca de Helen. Como não queria alarmá-la correndo e se jogando em cima dela como um louco, forçou-se a caminhar a um passo razoável. Ele saiu pelos fundos da casa, pelo solário, e atravessou o gramado bem cuidado.

Um caminho sinuoso de cascalho levava além dos arbustos de flores de inverno, passando por muros de pedra antigos cobertos por vinhas que se entrelaçavam como renda. Os jardins da propriedade estavam limpos e nus, o solo congelado à espera de que a primavera o amaciasse. A brisa trazia um aroma de junco e fumaça de turfa que o fez recordar-se do vale onde passara o início da infância, antes que a família se mudasse para Londres. Não que Llanberris, com seu solo pedregoso e cheio de pequenos lagos, fosse parecido de alguma forma com aquele cenário bem cuidado. Mas lá o ar carregava o aroma de lagos e chuva, e Hampshire também tinha isso.

Conforme se aproximava da fileira de quatro estufas, Rhys notou movimento na primeira: uma forma esguia, vestida de preto, passando além dos painéis de vidro congelados. O coração dele saltou no peito e seu rosto ficou quente, apesar do ar gelado de fevereiro. Não sabia o que esperar nem por que ficara nervoso como um garoto prestes a encontrar a primeira namorada. Não fazia muito tempo, ele teria desdenhado se alguém lhe sugerisse que uma jovem inexperiente, uma menina, poderia deixá-lo naquele

estado.

Rhys usou o nó do dedo para bater gentilmente no painel de vidro. Então subiu com cuidado um degrau de pedra, entrou na estufa e fechou a porta.

Ele nunca estivera em uma estufa antes. Helen lhe descrevera o lugar em detalhes no tempo que Rhys ficara hospedado no Priorado Eversby, mas na época ele estava preso a muletas e a um gesso na perna. Depois que compreendera quanto a estufa era importante para Helen, Rhys lamentara não ter conseguido sair para vê-la.

Lá dentro era úmido e quente, com um cheiro terroso. Parecia um mundo fora da Inglaterra, um palácio de vidro cheio de cores brilhantes e formas exóticas. Rhys foi recepcionado pela pungência do aroma de terra, a densidade do verde, os perfumes agudos das orquídeas e um aroma penetrante de baunilha. O olhar encantado dele passeou pelas fileiras de plantas altas, por mesas de orquídeas em potes e vasos, depois pelas orquídeas subindo pelas paredes e se enrodilhando na direção do firmamento cintilante do teto de vidro.

Uma figura esguia emergiu de trás de um ramo de flores brancas como a neve. Os olhos cristalinos de Helen capturavam a luz e os belos lábios se curvaram feito um botão de rosa quando ela disse o nome dele em um atordoamento silencioso. Ela se adiantou na direção dele, desequilibrando-se um pouco ao contornar uma mesa rápido demais. A atrapalhação dela, a pressa óbvia, o eletrizaram. Helen sentira saudades. Ela também o queria.

Rhys a alcançou em três passadas e a abraçou com tanta força que os pés dela saíram do chão. A velocidade do encontro os fez girar em um semicírculo. Ele a afastou e mergulhou o rosto na pele quente e perfumada do seu pescoço, respirando-a, absorvendo-a.

– *Cariad* – disse Rhys com a voz rouca. – É a primeira vez que a vejo se mover com algo menos do que a graça de um cisne.

Ela deu uma risadinha insegura.

– Você me pegou de surpresa.

Helen levou as mãos quentes e delicadas ao rosto frio dele.

– Você está aqui – falou, como se ainda tentasse acreditar.

Com a respiração alterada, Rhys roçou o nariz no pescoço dela, impressionado com a maciez da pele e dos cabelos, com a delicadeza do corpo de Helen. Algo como uma exaltação, só que mais forte, se derramava em suas veias, intoxicando-o.

– Eu poderia devorar você – murmurou ele, afastando as mãos carinhosas de Helen para encontrar seus lábios, sentir sua boca.

Ela respondeu com ardor, os dedos deslizando para dentro dos cabelos dele, moldando-se ao formato do crânio.

Rhys murmurou palavras de afeto bruscas e doces ao mesmo tempo, entre beijos, enquanto Helen se agarrava a ele. A língua pequena e doce dela roçou na dele do modo como ele a ensinara, e a sensação o atingiu direto no ventre. Cambaleando ligeiramente, Rhys teve que se apoiar na beira da mesa para se equilibrar. *Santo Deus*. Precisava parar naquele exato momento, ou não seria capaz de se conter. Ele afastou a boca da de Helen, deixou escapar um suspiro trêmulo, depois outro, esforçando-se para recuperar o controle do próprio desejo. Os músculos de seus braços tremiam quando os forçou a soltá-la.

O fato de Helen espalhar beijinhos como flores por toda a linha do maxilar dele, fazendo com que uma nova onda de sensações se espalhasse por suas veias, não o ajudou muito.

– Achei que você chegaria amanhã ou depois de amanhã...

– Eu não conseguiria esperar – declarou Rhys.

Ele sentiu um sorriso se formar no rosto de Helen, que estava encostado no dele.

– Isto deve ser um sonho.

Com o corpo em chamas, ele não conseguiu se conter e puxou o quadril de Helen na sua direção.

– Isto é real o bastante para você, *cariad*?

Era um gesto grosseiro, que nenhum cavalheiro teria feito. Mas

Helen sabia o que esperar dele àquela altura.

Os olhos dela se arregalaram quando sentiu a pressão do membro rígido mesmo através das várias camadas de saias. Mas ela não se afastou.

– Você parece muito... saudável – disse. – Como está seu ombro?

– Por que não rasga a minha camisa e confere?

Aquilo arrancou uma risadinha rápida e rouca dela.

– Não na estufa.

Helen desceu da ponta dos pés e se virou para alcançar uma das plantas que estava sobre a mesa ao lado deles. Colheu uma orquídea verde, pequena e perfeita, e a enfiou na lapela esquerda dele.

– Dendróbio? – arriscou Rhys, abaixando a cabeça para olhar para a flor.

– Sim. Como você sabe? – perguntou ela enquanto apalpava a minúscula casa de seda abaixo da lapela e prendia a extremidade do caule ali. – Andou lendo sobre orquídeas?

– Um pouco.

Ele correu o dedo de forma provocante pelo nariz dela. Era impossível parar de tocá-la, de mexer nela.

– Trenear disse que você andou estudando a história do País de Gales.

– É verdade. É fascinante. Sabia que o rei Arthur era galês?

Rhys ficou deleitado. Acariciou os cabelos dela e encontrou a massa intrincada de tranças presas com grampos atrás.

– Se ele existiu, teria sido.

– Ele existiu – afirmou Helen, empolgada. – Há uma pedra com a marca do casco do cavalo dele perto de um lago chamado Llyn Barfog. Quero vê-la um dia.

O sorriso dele ficou mais largo.

– Você pronunciou bem o nome, *cariad*. Mas o “L” duplo soa

mais como “THL”. Solte um pouco do ar pelas laterais da língua quando falar.

Helen repetiu o som algumas vezes, mas não conseguiu chegar à pronúncia perfeita. E era tão adorável vê-la com a ponta da língua encaixada atrás dos dentes que Rhys não conseguiu se conter e roubou outro beijo para saborear o calor acetinado dos lábios dela.

– Você não precisa aprender galês – disse a ela.

– Mas eu quero.

– É um idioma difícil. E hoje em dia não há vantagem em sabê-lo

– argumentou, depois acrescentou em tom melancólico: – Minha mãe sempre dizia: “Evite falar galês como evitaria pecar.”

– Por quê?

– Era ruim para os negócios.

Rhys deixou as mãos descerem devagar pelos braços e pelas costas dela.

– Você conhece o preconceito que existe contra nós. Muitas pessoas acreditam que os galeses são moralmente retrógrados, preguiçosos... até mesmo sujos.

– Sim, mas isso é tolice. Pessoas civilizadas jamais diriam algo assim.

– Não em público. Mas algumas falam coisas até piores na privacidade de suas salas de visitas – contou, franzindo o cenho. – Algumas vão pensar mal de você por se casar comigo. Não admitirão na sua frente, porém você perceberá nos olhos delas. Até mesmo no sorriso.

Eles não haviam conversado sobre aquilo durante o primeiro período de noivado dos dois – na época, Rhys estava incomodado demais com sua inferioridade social, e Helen não queria correr o risco de ofendê-lo. Ele ficou aliviado por finalmente poder ser franco com ela. Ao mesmo tempo, contudo, admitir que casar com ele a rebaixaria na escala social deixou um gosto amargo na boca de Rhys.

– Serei uma Winterborne – disse Helen com calma. – Essas pessoas é que deveriam se preocupar com o que pensarei delas.

Aquilo o fez abrir um sorriso.

– Deveriam mesmo. Você será uma mulher de influência, com meios para conseguir o que quiser.

Ela tocou o rosto dele, os dedos fazendo uma pressão suave e deliciosa.

– Minha principal preocupação será manter meu marido feliz.

Rhys se inclinou na direção dela, passando os braços pelas laterais de seu quadril e apoiando as mãos na mesa atrás da moça para aprisioná-la.

– Então terá bastante trabalho, esposa – avisou baixinho.

Os olhos brilhantes dela buscaram os dele e Rhys sentiu a ponta do polegar delicado traçar os contornos de seu lábio inferior.

– Então, para você é difícil se sentir feliz?

– Aye. Só acontece quando você está perto.

Rhys capturou a boca de Helen com voracidade, deixando a língua ir fundo, enchendo a noiva de prazer até que ela ficasse entorpecida demais para lhe recusar qualquer coisa. A mão de Rhys alcançou as saias dela e, por uma fração de segundos, ele se sentiu tentado a tomar o que seu corpo torturado tanto ansiava e possuí-la ali mesmo. Seria fácil erguê-la sobre a mesa, erguer as saias, afastar suas pernas...

Ele encerrou o beijo com um gemido e apoiou a testa na dela.

– Fiquei tempo de mais sem você, *cariad*...

Rhys encheu os pulmões de ar e exalou lentamente.

– Diga alguma coisa para me distrair – pediu.

O rosto de Helen estava muito rosado, os lábios um pouco inchados.

– Você mencionou sua mãe – disse ela. – Quando vou conhecê-la?

Uma risada irônica escapou dos lábios de Rhys – Helen não

poderia ter escolhido forma mais eficiente de abrandar seu ardor.

– Quando eu não puder mais adiar isso de jeito nenhum.

A mãe dele, Bronwen Winterborne, era uma mulher dura e severa, magra e rígida como um cabo de vassoura. Seus braços fortes haviam distribuído uma boa quantidade de castigos ao longo da infância de Rhys, mas ele não conseguia se lembrar de uma única vez em que aqueles mesmos braços o houvessem enlaçado com ternura. Ainda assim, ela havia sido uma boa mãe: o mantivera alimentado e vestido, lhe ensinara os valores da disciplina e do trabalho duro. Sempre fora fácil admirá-la, mas não tão fácil amá-la.

– Ela vai me desaprovar? – perguntou Helen.

Rhys tentou imaginar como a mãe encararia aquela criatura leve e luminosa, com a cabeça cheia de livros e os dedos, de música.

– Ela vai achar você bela demais. E suave demais. Minha mãe não compreende o seu tipo de força.

Helen pareceu satisfeita.

– Você me acha forte?

– Acho – respondeu ele sem hesitar. – Você tem a determinação afiada de uma lâmina de aço – falou ele e, com um olhar sombrio, acrescentou: – Caso contrário, não conseguiria me controlar tão bem.

– Controlar você? – repetiu Helen e, com graça e agilidade, passou sob um dos braços dele e caminhou até outra mesa. – Foi isso que eu fiz quando cedi ao seu ultimato e fui para a cama com você?

A reprimenda em tom de flerte fez o pulso de Rhys disparar. Encantado e excitado, ele a seguiu enquanto ela caminhava entre as fileiras de orquídeas.

– Aye. E então partiu de Londres depois de me deixar ansiando por você. Agora me tem como um cachorrinho na coleira, implorando por mais.

– Não vejo nenhum cachorro na coleira – replicou ela em um tom

divertido. – Só vejo um lobo muito grande.

Rhys a agarrou por trás e levou a boca à lateral do pescoço dela.

– Seu lobo – disse ele em um rosnado, e roçou a pele dela com os dentes.

Helen arqueou um pouco o corpo e se apoiou no dele. Rhys podia sentir o desejo dela, o modo como estremecia ao seu toque.

– Devo ir até você esta noite? – perguntou ela. – Quando estiver escuro e todos estiverem na cama?

A pergunta fez o sangue dele arder como fogo. *Ah, sim. Por favor.* Estava desesperado para se permitir desejar e para poder aliviar aquele desejo, para sentir a carne linda e macia dela se rendendo a ele. Mas, mais do que tudo, seu coração ansiava pelos minutos de paz que se seguiriam, quando Helen ficaria deitada em seus braços e pertenceria só a ele.

Rhys fechou os olhos e encostou o queixo com carinho na orelha delicada da noiva. Meio minuto se passou antes que conseguisse reencontrar a própria voz.

– Você leu os contos de fadas. Sabe o que acontece com garotinhas que visitam lobos.

Helen se virou em seus braços.

– Sei mesmo – sussurrou e levou os lábios sorridentes ao encontro dos dele.

CAPÍTULO 15

— **P**rimo Devon, quer jogar? — convidou Pandora. — Precisamos de mais gente ou o jogo vai acabar logo.

Ela estava sentada diante da mesa de jogos com Cassandra, na sala de estar do andar de cima, onde todos relaxavam depois do jantar.

As gêmeas haviam pegado o único jogo de tabuleiro que possuíam, chamado Mansão da Felicidade. Era um brinquedo antigo, um tabuleiro com um caminho em espiral com espaços representando virtudes e vícios, pensado para ensinar valores às crianças.

Devon balançou a cabeça com um sorriso preguiçoso, sentou-se no sofá e puxou Kathleen para que se encostasse em seu ombro.

— Eu joguei da última vez — respondeu. — Agora é a vez de West.

Helen notou o olhar letal que West lançou ao irmão mais velho e achou engraçado. Os dois irmãos Ravenel detestavam aquele jogo moralista que as gêmeas com frequência os convenciam a participar.

— Já sabemos que vou perder — protestou West. — Sempre acabo na Casa de Correção.

— O lugar a que pertence — comentou Devon.

Ignorando-o, West assumiu seu posto à mesa.

— Precisamos de uma quarta pessoa — falou Pandora. — Helen, se puder colocar de lado a costura...

— Não, não a convide — protestou Cassandra. — Helen sempre

ganha.

– Eu me juntarei a vocês – ofereceu-se Rhys.

Ele bebeu o gole final de seu conhaque e ocupou a última cadeira na mesa de jogos. E sorriu para West como fazem os companheiros de infortúnio.

Helen ficou encantada por Rhys estar tão à vontade com a família dela. Quando ele visitara os Ravenels em Londres, seu comportamento fora controlado e cauteloso. Agora, no entanto, estava relaxado, se divertia e participava das conversas.

– O senhor acaba de se tornar um bêbado – informou Pandora a Rhys, em um tom severo, quando a peça dele aterrissou em um dos vícios. – Vai para o tronco de açoitamento e ficará lá pelas próximas duas rodadas.

Helen sorriu ao ver Rhys tentar parecer adequadamente arrependido.

Cassandra girou a pitorra, um pequeno dado de madeira com ponta de pião, e avançou sua peça, triunfante, para o espaço marcado com Sinceridade.

Foi então a vez de West. A peça dele parou em uma casa que ostentava o agourento nome de Infrator do Sabá.

– Três rodadas no tronco para você – avisou Cassandra.

– Preso no tronco só por não respeitar o sabá? – questionou West, indignado.

– É um jogo severo – lembrou Cassandra. – Foi inventado na virada do século e, naquela época, a pessoa era levada ao tronco, ou mesmo enforcada, só por roubar um pedaço de bacon.

– Como sabe disso? – perguntou Rhys.

– Temos um livro sobre o assunto na biblioteca – explicou Pandora. – *Crimes da humanidade decaída*. É sobre criminosos terríveis e os castigos horrorosos que recebiam.

– Já lemos três vezes – acrescentou Cassandra.

West olhou para as gêmeas com o cenho franzido, depois se

virou para o sofá.

– Elas deveriam ler livros assim? – indagou.

– Não, não deveriam – respondeu Kathleen sem hesitar. – Eu o teria removido se soubesse que estava lá.

Pandora se inclinou na direção de Rhys.

– Ela é pequena demais para ver os livros que ficam acima da sexta prateleira – disse em um tom conspiratório. – É lá que mantemos toda a literatura proibida.

West tossiu em um esforço para disfarçar uma risada, enquanto Rhys abaixou os olhos para o tabuleiro do jogo com súbito interesse.

– Helen também sabe disso – acrescentou Pandora.

Cassandra franziu o cenho para a irmã.

– Agora você conseguiu. Vão sumir com todos os livros interessantes.

Pandora deu de ombros.

– Já lemos todos mesmo.

Rhys mudou de assunto com habilidade.

– Há uma versão mais nova deste jogo – comentou, examinando o tabuleiro. – Uma empresa norte-americana comprou os direitos e tornou as punições menos severas. Temos dele na loja.

– Precisamos comprar essa versão menos sedenta de sangue – decidiu West. – Ou, melhor, vamos ensinar pôquer às gêmeas.

– West – alertou Devon, estreitando os olhos.

– Pôquer é definitivamente sadio se comparado a um jogo com mais açoitamentos do que um livro de Sade.

– *West!* – ralharam Devon e Kathleen ao mesmo tempo.

– Sr. Winterborne – chamou Pandora, os olhos azuis brilhando de interesse. – De onde vêm esses jogos de tabuleiro? Quem os inventa?

– Qualquer pessoa que crie um jogo desses pode contratar um impressor para fazer algumas cópias.

– E se Cassandra e eu criássemos um jogo? – perguntou ela. – Poderíamos vendê-lo em sua loja?

– Não quero fazer um jogo – protestou Cassandra. – Só quero jogá-los.

Pandora a ignorou, a atenção voltada para Rhys.

– Prepare um protótipo e darei uma olhada nele – prometeu. – Se achar que posso vendê-lo, serei seu patrocinador e pagarei pela primeira leva. Em troca de uma porcentagem dos lucros, é claro.

– Qual é a porcentagem habitual? – quis saber Pandora. – Seja qual for, eu lhe darei metade.

Rhys ergueu uma sobrancelha.

– Por que só metade?

– Não mereço um desconto de cunhada? – indagou ela com esperteza.

Rhys deu uma risada. Pareceu tão menino que Helen sentiu o coração acelerar.

– Aye, merece.

– Como vou conhecer os outros jogos? – perguntou Pandora, mais entusiasmada a cada minuto. – Quero que o meu seja diferente de todos.

– Eu lhe mandarei um jogo de cada que vendemos na loja. Assim você poderá examinar todos eles.

– Obrigada! Isso seria de grande ajuda. Enquanto isso... – falou a garota, com os dedos alvos a tamborilar acelerados na mesa. –... não posso mais jogar esta noite – anunciou ela.

Levantou-se depressa, obrigando West e Rhys a se porem de pé também.

– Há trabalho a ser feito. Venha comigo, Cassandra.

– Mas eu estava vencendo – resmungou a outra gêmea, abaixando os olhos para o tabuleiro. – Não está tarde demais para começar um projeto desses?

– Não quando a pessoa está sofrendo de um terrível caso de

imaginasônia.

Pandora puxou a irmã para que se levantasse da cadeira.

Depois que as gêmeas saíram da sala, Rhys se virou para Helen com um sorriso.

– Ela sempre inventou palavras?

– Desde que consigo me lembrar – respondeu Helen. – Ela gosta de tentar expressar coisas como “a tristeza de uma tarde chuvosa” ou “o aborrecimento de encontrar outro buraco em uma meia”. Mas tem tentado parar com esse hábito. Teme ser exposta ao ridículo durante a temporada de eventos sociais.

– Isso provavelmente aconteceria – ressaltou Kathleen, em tom de lamento. – As línguas venenosas estão sempre a postos para falar de meninas cheias de vida como Pandora e Cassandra. A temporada de eventos sociais raramente é uma época fácil. Lady Berwick sempre me repreendia por rir alto demais em público.

Devon olhou para a esposa com uma expressão terna.

– Eu teria achado encantador.

Ela sorriu para ele.

– Sim, mas nunca participou desses eventos. Você e West estavam em algum outro lugar de Londres, fazendo o que quer que os infames façam.

Rhys foi até o aparador para se servir de mais conhaque. Ele se virou para Devon e perguntou:

– Lady Helen e as gêmeas vão ficar na propriedade enquanto você e lady Trenear estiverem na Irlanda?

– Isso seria o melhor – falou Devon. – Pedimos a lady Berwick que servisse de acompanhante delas durante nossa ausência.

– Caso contrário, poderia haver comentários – explicou Kathleen.
– Embora todos nós saibamos que West é como um irmão para Helen e as gêmeas, ainda assim ele é um solteiro com péssima reputação.

– E me esforcei muito para adquiri-la – ressaltou West ao se

acomodar em uma poltrona perto da lareira. – Na verdade, insisto que as meninas tenham uma acompanhante. Não posso ter meu mau nome manchado pela sugestão de que seria seguro deixar três moças inocentes comigo.

– Lady Berwick será uma boa influência para as gêmeas – disse Kathleen. – Ela ensinou a mim e às filhas, Dolly e Bettina, como nos portarmos em sociedade. E não foi uma tarefa fácil.

– Partiremos para a Irlanda depois de amanhã – disse Devon, com o cenho levemente franzido. – Se Deus quiser, logo estaremos de volta.

West esticou as pernas diante do fogo e entrelaçou os dedos sobre o peito.

– Imagino que terei que adiar a visita de Tom Severin. Eu o convidei para vir a Hampshire daqui a dois dias, a fim de acompanhar as preparações para a instalação dos trilhos e a extração dos minérios.



– Seria melhor manter Severin bem longe de mim – falou Rhys em um tom tão seco que deixou Helen tensa.

Todos olharam para ele em alerta. Rhys se manteve de pé ao lado do aparador, os dedos longos ao redor do copo de conhaque para aquecer o líquido âmbar. Ele girou a bebida devagar, encarando-a com os olhos mais frios que Helen já vira.

Devon foi o primeiro a falar.

– O que Severin fez agora?

– Ele vem tentando me convencer a comprar um quarteirão de novas propriedades perto de King's Cross. Mas o nome do proprietário não estava listado em nenhum dos documentos. Nem mesmo nas hipotecas.

– Como isso é possível?

– Uma companhia privada de investimentos tem o monopólio de tudo. Contratei um investigador para descobrir o que estava por trás daquela papelada tão elaborada. Ele descobriu um acordo de transferência, já assinado e reconhecido em cartório, que terá efeito quando a compra for efetivada. Todo o valor pago pela propriedade irá para o último homem na Terra com quem eu desejaria fazer negócios. E Severin sabe disso.

Devon recolheu o braço que estava ao redor de Kathleen e se inclinou para a frente, os olhos iluminando-se com o interesse.

– Vance? – sugeriu.

Rhys respondeu com um breve aceno de cabeça.

– Maldição! – disse Devon, baixinho.

Helen olhava de um para o outro, perplexa.

– Você sabe como é Severin – disse West, no silêncio tenso. – Ele não tem maldade. Provavelmente achou que, se você descobrisse só mais tarde, já seriam águas passadas.

Os olhos de Rhys cintilaram com um brilho perigoso.

– Se o acordo houvesse sido fechado antes que eu descobrisse que o dinheiro iria para Vance, eu me certificaria de que o corpo de Severin fosse carregado pela água que movesse o moinho. Minha amizade com ele está terminada para sempre.

– Quem é o Sr. Vance? – perguntou Helen.

Ninguém respondeu.

Kathleen rompeu o silêncio com uma voz cautelosa.

– Na verdade, ele é sobrinho de lorde Berwick. Como os Berwicks nunca tiveram um filho homem, o Sr. Vance é o herdeiro presumido da propriedade. Quando lorde Berwick falecer, tudo irá para o Sr. Vance, e lady Berwick e as filhas ficarão à mercê da boa vontade dele. Por isso, elas sempre tentaram ser hospitaleiras com ele. Encontrei com o Sr. Vance em algumas ocasiões.

– Qual é a sua opinião sobre ele? – perguntou Devon.

Kathleen fez uma careta.

– Um homem repulsivo. Mesquinho, cruel e cheio de si. Está sempre endividado, mas acredita ser o mago das finanças da nossa era. Mais de uma vez, tentou pegar empréstimos de sua futura herança. Lorde Berwick ficou furioso.

Helen olhou para Rhys perturbada com a expressão fria em seu rosto. A atitude do amigo parecia tê-lo aborrecido demais.

– Tem certeza de que o Sr. Severin tinha conhecimento de seu desprezo pelo Sr. Vance? – perguntou ela, hesitante.

– Ele tinha – assegurou Rhys e deu um gole no conhaque.

– Então, por que ele fez isso?

Rhys balançou a cabeça e permaneceu em silêncio.

Algum tempo depois, foi Devon quem respondeu, em tom pensativo.

– Severin pode ser muito insensível quando persegue um objetivo. Ele tem uma mente extraordinária, não é exagero chamá-lo de gênio. No entanto, essa capacidade normalmente vem à custa da...

Ele hesitou, procurando a palavra certa.

– Decência? – sugeriu West com ironia.

Devon assentiu com uma expressão melancólica.

– Quando se faz negócio com Severin, é preciso lembrar sempre que, acima de tudo, ele é um oportunista. Seu cérebro está tão ocupado tentando atingir um objetivo que ele não se dá o trabalho de considerar os sentimentos de ninguém, incluindo os dele. Isso posto, já houve vezes em que vi Severin fazer coisas impressionantes para ajudar outras pessoas. Ele não é de todo mau.

Devon deu de ombros.

– Parece uma pena desistir da amizade dele – concluiu.

– Sou capaz de desistir de qualquer um e de qualquer coisa para garantir que jamais terei a menor ligação com Albion Vance.

CAPÍTULO 16

Helen abaixou a cabeça como se estivesse concentrada na costura. Uma sensação estranha, nauseante, lhe apertava o estômago. Sem saber bem como, ela manteve as mãos na tarefa, enfiando a agulha meio sem jeito na bainha solta de uma blusa. Pensamentos de puro pânico se embaralhavam em sua mente e ela se esforçou para ordená-los e lhes dar sentido.

Albion era um nome pouco comum, mas não era inteiramente estranho. Poderia ser coincidência.

Por favor, Deus, por favor, permita que seja coincidência.

Ah, aquela expressão no rosto de Rhys. O tipo de ódio que um homem levaria para o túmulo.

A ansiedade cresceu dentro dela, tornando excruciante o esforço de manter a aparência de calma. Precisava deixar a sala. Tinha que ir para algum lugar onde pudesse ficar sozinha, para respirar fundo algumas vezes... e precisava encontrar Quincy.

Ele chegara com Rhys. Quincy sabia mais do que ninguém sobre os segredos da família dela. Helen insistiria para que ele lhe contasse a verdade.

Enquanto a conversa continuava, ela deu nó na linha e estendeu a mão devagar para a caixa de costura perto de seus pés. Tateando, encontrou a tesourinha que ficava no compartimento de cima da caixa e afastou as lâminas. Então, de propósito, deixou o dedo correr pela lâmina até ter sentir uma ardência. Puxou a mão rápido e olhou com tristeza fingida para a gota de sangue muito vermelho

que escapou do corte.

Rhys percebeu na mesma hora. Ele deixou escapar uma expressão galesa de descontentamento.

– *Wfft.*

Rhys tirou um lenço de dentro do paletó e levou-o até ela. Sem dizer nada, agachou diante de Helen e passou o tecido dobrado ao redor de seu dedo.

– Eu deveria ter olhado antes de tentar pegar a tesoura – disse ela em um tom envergonhado.

Os olhos dele haviam perdido a frieza dura e agora estavam cheios de preocupação. Ele tirou o lenço com muito cuidado para examinar o corte.

– Não é fundo. Mas precisa de um curativo.

– Devo chamar a Sra. Church, querida? – perguntou Kathleen, do sofá.

– Prefiro ir até os aposentos dela – disse Helen em um tom despreocupado. – Será mais fácil lá, com tudo o que é necessário à mão.

Rhys ficou de pé e puxou Helen com ele.

– Irei com você.

– Não, fique – apressou-se em dizer Helen, segurando o lenço ao redor do dedo. – Ainda não terminou seu conhaque.

Ela se afastou dele, evitou seu olhar e deu um sorriso rápido para os demais.

– Está tarde – falou. – Já é hora de eu me recolher. Boa noite a todos.

Depois que a família consentiu, Helen saiu da sala de estar com passos cuidadosos, lutando contra a vontade de correr. Desceu a grande escadaria, atravessou o corredor principal e seguiu para a escada da criadagem. Em contraste com o silêncio e o vazio do térreo, ali embaixo tudo era atividade. Os criados haviam terminado de jantar e cuidavam da louça, enquanto a cozinheira

supervisionava os preparativos para as refeições do dia seguinte.

Uma gargalhada veio do salão. Ao chegar mais perto da porta, Helen viu Quincy sentado diante da longa mesa, com um grupo a ouvi-lo. Ele parecia estar regalando-os com histórias de sua nova vida em Londres. Quincy sempre fora muito querido ali e certamente haviam sentido sua falta desde que fora contratado por Rhys.

Enquanto Helen se perguntava como poderia atrair a atenção dele sem causar uma cena, ouviu a voz da governanta atrás dela.

– Lady Helen?

Ela se virou para encarar a Sra. Church, que mostrava uma expressão preocupada no rosto redondo.

– O que a traz aqui embaixo, milady? Só precisava tocar a campainha e eu mandaria alguém atendê-la.

Com um sorriso torto, Helen levantou o dedo machucado.

– Um ligeiro contratempo com a tesourinha de costura – explicou. – Achei melhor procurar logo a senhora.

A Sra. Church estalou os lábios ao ver o pequeno machucado e levou Helen aos seus aposentos de governanta, apenas duas portas adiante. Era o espaço que ela usava tanto como sala de estar quanto para gerenciar os serviços domésticos. Desde que Helen conseguia se lembrar, a Sra. Church mantinha um grande baú de medicamentos ali. Sempre que Theo, Helen ou as gêmeas se machucavam ou ficavam doentes, iam aos aposentos da governanta para receber curativos, remédios e conforto.

Helen se sentou diante da pequena mesa que havia ali.

– Todos parecem felizes esta noite – comentou.

A Sra. Church abriu o baú de medicamentos.

– Sim, estão todos animados com a visita de Quincy. Fizeram milhares de perguntas, a maior parte sobre a loja de departamentos. Quincy trouxe um catálogo que deixou todos maravilhados. Nenhum de nós consegue imaginar tantas mercadorias sob um único teto.

– A Winterborne's é enorme – explicou Helen. – Como um

palácio.

– Foi o que Quincy falou.

Depois de aplicar solução de benjoim no machucado, a Sra. Church cortou uma pequena tira de tecido branco embebido em cola de peixe e a umedeceu com água de lavanda. Com habilidade, enrolou o emplastro ao redor do dedo de Helen.

– Quincy parece revigorado, agora que está trabalhando para o Sr. Winterborne. Não o vejo tão cheio de vida há anos.

– Fico feliz em ouvir isso. Na verdade... – falou Helen, tentando manter o tom casual. –... gostaria de falar em particular com Quincy, se a senhora puder trazê-lo aqui.

– Agora?

Helen respondeu apenas com um aceno de cabeça.

– É claro, milady – respondeu a governanta, mas, depois de uma longa pausa, acrescentou: – Algum problema?

– Sim – disse Helen baixinho. – Acho que sim.

A Sra. Church se levantou, o cenho franzido.

– Devo trazer chá?

Helen fez que não com a cabeça.

– Trarei Quincy imediatamente – garantiu a Sra. Church.

Menos de dois minutos depois, Helen ouviu uma batida à porta e Quincy, baixo e robusto, entrou nos aposentos da governanta.

– Lady Helen – disse ele, os olhos negros sorrindo sob as sobrelhas brancas grossas.

Foi um alívio vê-lo. Na ausência do afeto ou de qualquer demonstração de interesse por parte do pai ou de Theo, Quincy havia sido a única presença masculina gentil na vida de Helen. Quando criança, ela o procurava sempre que tinha algum problema. E Quincy a ajudava sem hesitar. Como na vez que ela havia rasgado sem querer um verbete da Enciclopédia Britânica e ele removera a página inteira com uma lâmina de barbear e garantira a Helen que a família não ficaria pior por ser privada da história da

astronomia croata. Ou quando ela esbarrara em uma estatueta de porcelana e Quincy colara a cabeça no lugar com tanta precisão que ninguém jamais havia reparado.

Helen estendeu a mão para ele.

– Perdão por interromper sua noite.

– Não é uma interrupção – disse Quincy, apertando a palma da mão dela com carinho. – É um prazer, como sempre.

Helen indicou a outra cadeira diante da mesa.

– Por favor, sente-se comigo.

O valete permaneceu de pé e franziu os olhos.

– A senhorita sabe que isso não é adequado.

Helen assentiu brevemente, o sorriso agora tenso.

– Sim, mas esta não é uma conversa comum. Estou com medo que...

Ela parou, as palavras agitando-se dentro dela e recusando-se a emergir. Quando tentou de novo, só o que conseguiu fazer foi repetir como se anestesiada:

– Estou com medo.

Quincy ficou parado diante dela, a expressão paciente e encorajadora.

– Tenho algo importante a pedir – conseguiu dizer Helen por fim.

– Preciso que me conte a verdade.

Para irritação da moça, lágrimas salgadas se acumularam no canto de seus olhos.

– Acho que já sei a resposta – falou –, mas ajudaria se me contasse...

Ela parou ao ver o modo como o rosto dele mudara.

Os ombros de Quincy se curvaram como se suportassem um terrível fardo.

– Talvez – arriscou-se a dizer – milady não devesse perguntar.

– Eu preciso. Ah, Quincy...

As têmporas de Helen latejavam enquanto ela mantinha o olhar

fixo no dele.

– Albion Vance é meu pai?

O valete levou a mão à cadeira vazia, reposicionou-a e se sentou pesadamente. Ele entrelaçou os dedos e descansou as mãos sobre a mesa. Então fixou o olhar na única janela na parede externa.

– Onde ouviu uma coisa dessas?

– Encontrei uma carta inacabada que minha mãe escreveu para ele.

Quincy ficou em silêncio. O olhar estava distante, como se ele acompanhasse o caminho que levava ao outro lado do mundo.

– Gostaria que não tivesse encontrado.

– Eu também. Por favor, conte-me, Quincy... Ele é meu pai?

A atenção dele se voltou para Helen.

– Sim.

Ela se encolheu.

– Eu me pareço com ele? – sussurrou.

– A senhorita não se parece com ninguém – respondeu ele com carinho. – Parece apenas consigo mesma. Uma criação única e adorável.

– Feições de coelho – disse Helen, e poderia ter mordido a língua ao ouvir o toque de autopiedade na própria voz. – Ela também escreveu isso – explicou, envergonhada.

– Sua mãe era uma mulher complicada. Competitiva com todas as mulheres do mundo, incluindo as próprias filhas.

– Ela amava meu pai?

– Até o último dia da vida dela – garantiu Quincy.

Helen o encarou com um olhar incrédulo.

– Mas ela e o Sr. Vance...

– Ele não foi a única indiscrição de sua mãe. Assim como o conde nem sempre foi fiel. Mas seus pais gostavam um do outro à maneira deles. Depois que a ligação de sua mãe com o Sr. Vance chegou ao fim e a senhorita nasceu, seus pais retomaram o

relacionamento deles.

Quincy tirou os óculos, pegou um lenço no bolso do paletó e limpou as lentes com atenção.

– Foi a senhorita a sacrificada, quem foi mantida no andar de cima, no quarto das crianças, fora da vista e da mente deles.

– E quanto ao Sr. Vance? Ele amava minha mãe?

– Nenhum homem consegue ver dentro do coração de outro. Mas não acredito que ele seja capaz dessa emoção em particular.

Quincy voltou a colocar os óculos.

– Seria melhor fingir que a senhorita nunca soube disso.

– Não posso – disse Helen, afundando os cotovelos na mesa e pressionando os olhos com a palma das mãos. – O Sr. Winterborne o odeia.

– Não há um galês que não o odeie.

O tom de Quincy foi irônico de um modo que não lhe era característico. Helen abaixou as mãos e olhou para ele.

– O que o Sr. Vance fez?

– O ódio do Sr. Vance pelos galeses é bem conhecido. Ele escreveu um panfleto que é amplamente citado pelos que desejam erradicar o ensino do idioma galês nas escolas. O Sr. Vance acredita que as crianças devam falar apenas inglês.

Ele fez uma pausa.

– Mas, além disso, o Sr. Winterborne tem um ressentimento pessoal contra ele. Não sei do que se trata, só que é tão terrível que o Sr. Winterborne nem fala a respeito. O assunto é perigoso. Melhor deixá-lo de lado.

Helen o encarou estupefata.

– Está sugerindo que eu esconda isso do Sr. Winterborne?

– A senhorita jamais deve dizer uma palavra a ele nem a ninguém.

– Mas ele descobrirá algum dia.

– Se isso acontecer, a senhorita precisa negar que soubesse de

qualquer coisa.

Helen balançou a cabeça, confusa e infeliz.

– Eu não poderia mentir para ele.

– Há raros momentos na vida em que a mentira serve a um bem maior. Este é um deles.

– Mas o Sr. Vance pode abordar o Sr. Winterborne algum dia e contar a ele. Ou pode até *me* abordar.

Perturbada, ela esfregou os cantos dos olhos.

– Ah, Deus.

– Se ele fizer isso – retrucou o valete –, a senhorita vai fingir espanto. Ninguém vai perceber que já sabia.

– *Eu* vou saber. Quincy, preciso contar ao Sr. Winterborne.

– Não. Pelo bem dele. O Sr. Winterborne precisa da senhorita. Nesse curto espaço de tempo em que o conheço, ele mudou para melhor por sua causa. Se gosta mesmo dele, não o force a fazer uma escolha que o magoará além de qualquer chance de cura.

Ela arregalou os olhos.

– Uma escolha? Então acredita que ele terminaria o noivado se soubesse?

– Seria improvável. Mas não impossível.

Helen balançou ligeiramente a cabeça. Não conseguia imaginar aquilo. Não depois das coisas que Rhys dissera e fizera, do modo como ele a abraçara e beijara naquela tarde mesmo.

– Ele não faria isso.

Os olhos de Quincy cintilaram de emoção.

– Lady Helen, perdoe-me por falar abertamente. Mas a conheço desde que era um bebê, ainda no berço. Sempre achei uma grande injustiça e uma pena que uma criança inocente fosse tão desdenhada e negligenciada. Tanto seu pai quanto sua mãe, que Deus guarde suas almas, a culpavam por pecados que eram deles, não seus. Por que deveria continuar a pagar esse preço? Por que não se permitir ser amada como sempre mereceu?

– Eu quero isso. Mas primeiro preciso contar a verdade ao Sr. Winterborne sobre quem eu sou.

Quincy ficou em silêncio por algum tempo, parecendo perturbado.

– O Sr. Winterborne é um bom patrão. Exigente, mas justo e generoso. Ele cuida das pessoas que trabalham para ele e as trata com respeito, mesmo a empregada mais humilde. Mas há limites. Na semana passada, o Sr. Winterborne viu um de seus criados, Peter, esbofetear um menino, um pedinte, que o abordara na rua. Ele repreendeu Peter e o demitiu na mesma hora. O homem se desculpou, implorou por perdão, mas o Sr. Winterborne permaneceu inflexível. Alguns dos criados e eu tentamos interceder em favor dele, e o Sr. Winterborne ameaçou nos demitir se disséssemos mais uma palavra. Ele falou que alguns erros não podiam ser perdoados.

Quincy ficou em silêncio por um momento.

– Com o Sr. Winterborne, há uma linha que nunca deve ser cruzada. Quando alguém faz isso, ele apaga a pessoa por completo, sem olhar para trás.

– Ele não faria isso com a própria esposa – protestou Helen.

– Concordo – falou Quincy, desviando os olhos antes de acrescentar com dificuldade: – Mas a senhorita ainda não é esposa dele.

Surpresa, Helen se perguntou se Quincy estaria certo, se era realmente perigoso contar a Rhys sobre o pai.

– O Sr. Winterborne não é um homem comum, milady. Ele não teme nada e não dá satisfações a ninguém. De certo modo, está até mesmo acima da lei. Ouso dizer que ele se porta melhor do que a maioria de nós faria, se estive em seu lugar. Mas o Sr. Winterborne pode ser imprevisível. Se deseja se casar com ele, milady, deve guardar silêncio.

CAPÍTULO 17

O badalar distante de um relógio atravessou a casa enquanto Helen se esgueirava para fora do próprio quarto e se movia nas sombras do andar de cima. Rhys havia sido alojado em um quarto de hóspedes na ala leste, e ela ficou grata por isso. Os dois iriam precisar de privacidade para a conversa que estavam prestes a ter.

Helen sentia um medo que nunca tivera antes. O coração batia tão forte que era como se algo lhe martelasse o peito. Ela não conhecia Rhys bem o bastante para ter certeza de como ele reagiria quando lhe contasse. O que quer que sentisse por ela, esse sentimento era baseado em um ideal de perfeição: uma esposa aristocrata posta sobre um pedestal. A notícia que ela estava prestes a lhe dar não era como descer do pedestal... era como cair de um penhasco.

O problema não era algo que ela houvesse feito. Era *quem ela era*, e não havia solução para isso. Rhys seria capaz de olhar para ela sem ver as sombras de Albion Vance? Helen passara a maior parte da vida com pessoas que deveriam amá-la, mas não amavam. Não poderia suportar passar o resto da vida com um marido que faria o mesmo.

Quando chegou à ala leste, Helen estava com um frio desesperador, apesar do forro de lã da camisola e dos chinelos grossos bordados. Tremendo, ela se aproximou da porta de Rhys e bateu, hesitante.

Seu estômago se contraiu quando ela ficou diante da silhueta

enorme de Rhys recortada contra a luz da lareira e de uma pequena luminária na cabeceira. Ele usava apenas um roupão, o peito à mostra e os pés descalços. Rhys passou um braço pela cintura dela e puxou-a para que entrasse no quarto. Então trancou a porta com determinação.

Quando ele a puxou de novo para si, Helen pressionou o rosto na parte exposta de seu peito.

Sentindo o modo como ela tremia, ele a abraçou com mais força.

– Você está nervosa, *cariad*.

Ela assentiu, colada ao peito dele.

Rhys levou uma das mãos com delicadeza ao rosto dela.

– Está com medo de que eu possa machucá-la?

Helen compreendeu que ele se referia ao encontro físico que a deixara dolorida na primeira vez deles. O que realmente temia, é claro, era um tipo muito diferente de dor. Ela umedeceu os lábios secos e se forçou a responder.

– Sim, mas não do modo como você...

– Não, não – acalmou-a Rhys. – Dessa vez será diferente.

Ele inclinou a cabeça e a abraçou como se tentasse acolhê-la toda com o próprio corpo.

– Serei gentil. Seu prazer significa mais para mim do que qualquer coisa na vida.

Rhys deixou uma das mãos deslizar pelo quadril dela até a curva do traseiro. A outra mão desceu pela frente do corpo, acariciando o ventre de Helen antes de deslizar para o espaço entre suas coxas.

A carícia provocante fez um arrepio percorrer o corpo dela e suas pernas vacilaram até ela mal conseguir se manter de pé. Helen respirou fundo para falar, mas as palavras ficaram presas na garganta e saiu apenas um meio soluço. Ela tentou de novo.

– Não é isso – disse com a voz trêmula. – É... estou com medo porque acho... que posso perder você.

– Me perder?

Rhys abaixou os olhos para ela, atento, e Helen desviou o olhar. Depois de um instante, o ouviu perguntar:

– Por que se preocuparia com isso?

Aquele era o momento de contar a ele. Ela tentou dizer em um rompante “Albion Vance é meu pai”, mas não pôde. Sua boca se recusou a formar as palavras. Tudo o que conseguiu fazer foi ficar parada ali, tremendo, as vibrações da covardia atravessando seu corpo.

– Não sei – disse ela por fim.

Como manteve o rosto afastado e não parava de tremer, Rhys se inclinou para beijá-la.

– Ah, você se deixou perturbar – exclamou ele baixinho e pegou Helen no colo com uma facilidade que a surpreendeu.

Ele era tão forte! Os músculos bem definidos do peito e dos braços seriam capazes de esmagá-la. Porém ele era gentil e cuidadoso.

Carregou-a até uma poltrona perto da lareira e sentou-se com ela no colo. Então tirou um dos chinelos dela, segurou o pé muito gelado na mão grande e quente e começou a massageá-lo. Rhys deixou o polegar roçar no arco do pé, melhorando uma dorzinha que Helen nem havia se dado conta de estar lá. Ela abafou um gemido baixo quando ele seguiu massageando todos os pontos vulneráveis da sola do pé dela.

Usando o polegar e o indicador, Rhys apertou gentilmente cada um dos dedos dela e fez pequenos círculos firmes na planta do pé. Logo passou para o outro pé, acariciando e massageando com delicadeza até Helen ter relaxado em seu colo, a cabeça pousada bem perto das batidas de seu coração. Sua respiração ficou mais lenta enquanto ela entrava em uma espécie de transe, uma sensação de cochilar acordada.

Lá fora, o vento do inverno soprava com força nas colinas, fazendo os troncos e galhos de árvores balançarem como portões

destrancados. Estalos e ruídos de madeira se acomodando vinham dos ossos da casa conforme a noite se adiantava.

Rhys a aconchegou enquanto eles ouviam o crepitar da lenha de carvalho na lareira e observavam as chamas dançarem. Ninguém jamais havia segurado Helen no colo tão perto e por tanto tempo.

– Por que as casas velhas estalam tanto? – perguntou Rhys em um tom preguiçoso, brincando com a trança de Helen e roçando a extremidade sedosa no próprio rosto.

– Quando todo o calor do sol se esvai à noite, as tábuas antigas se contraem e roçam uma na outra.

– É uma casa bem grande. E você foi deixada por sua própria conta neste lugar por tempo de mais. Não conseguia compreender antes como você era solitária.

– Eu tinha as gêmeas como companhia. Tomava conta delas.

– Mas não havia ninguém para tomar conta de você.

Uma sensação de desconforto a invadiu, como sempre acontecia quando pensava em sua infância. Tinha sido como se sua sobrevivência dependesse de nunca reclamar ou chamar a atenção para si.

– Ah, eu não precisava.

– Todas as meninas precisam se sentir seguras e amadas.

Rhys afastou os cachos delicados que haviam caído ao redor do rosto dela, as pontas dos dedos seguindo com suavidade os padrões que a luz do fogo projetava nos cabelos.

– Quando a pessoa cresce sem alguma coisa, aquela ausência permanece para sempre com ela – falou Winterborne. – Mesmo quando finalmente consegue preenchê-la.

Helen levantou os olhos para ele, impressionada.

– Você já se sentiu assim?

– Minha fortuna é tão grande, *cariad*, que os números assustariam qualquer homem razoável – disse Rhys com um sorriso que parecia zombar dele mesmo. – Mas algo dentro de mim sempre

insiste que cada xelim pode desaparecer amanhã.

A mão dele desceu até o quadril de Helen e seguiu a linha da coxa. Ele parou no joelho dela e encarou seus olhos arregalados.

– Quando estávamos em Londres, você me disse que seu mundo era muito pequeno. Bem, o meu é muito grande. E você é a pessoa mais importante nele. Está em segurança e é amada agora, Helen. Com o tempo vai se acostumar a isso e não se preocupará mais.

Helen tentou esconder o rosto no peito de Rhys e ele levou a boca até sua orelha.

– Estamos ligados um ao outro – sussurrou ele. – Pelo tempo que o mundo existir. Lembra-se?

Helen roçou o rosto no roupão de veludo.

– Ainda não fizemos nossos votos.

– Fizemos naquela tarde, quando você veio para a minha cama. Foi isso que significou.

Rhys passou os dedos por baixo do queixo dela, para que o encarasse. Sua expressão divertida tornou mais profundas as linhas finas nos cantos dos olhos.

– Lamento, meu bem, mas não há como se livrar de mim.

Helen encarou angustiada o rosto dele; a força, os ângulos firmes e as sombras, uma moldura poderosa para aqueles olhos negros e atraentes. Rhys não escondeu nada, desnudou a ternura que estava reservada apenas para ela. Ela sentiu a atração avassaladora entre os dois, como a força da gravidade entre estrelas gêmeas. Rhys a ajeitou melhor, o corpo poderoso se flexionando sob o dela. Os seios de Helen estavam quentes e inchados, e ela se virou para pressioná-los contra o peito de Rhys. Zonza de culpa e desejo, passou os braços ao redor do pescoço dele. Queria mais de Rhys, a pele dele, seu sabor, queria seu corpo dentro do dela.

Conte a ele, gritou sua consciência torturada. Conte a ele!

Em vez disso, ela se ouviu sussurrar:

– Quero ir para a cama agora.

Sob o corpo onde descansava tão intimamente, Helen sentiu uma pressão provocante.

Ele ergueu as sobrancelhas em um desafio sutil.

– Sozinha?

– Com você.

CAPÍTULO 18

Rhys não entendeu por que Helen parecia tão vulnerável naquela noite, à mercê de alguma ansiedade secreta que não explicou. Ele sempre tinha a impressão de que ela guardava algo, como se algumas partes de sua alma permanecessem trancadas. O mistério dela, o toque evasivo, o fascinavam. Que Deus o ajudasse, nunca havia desejado alguém do modo como a desejava.

Rhys carregou Helen até a cama e a deitou no colchão.

Com uma determinação que o pegou de surpresa, Helen estendeu a mão para a faixa que amarrava o roupão dele e a puxou. O roupão se abriu, revelando o corpo excitado dele... e Helen pousou as mãos frias sobre o membro quente. Rhys sentiu a boca seca, a carne pulsando enquanto ela explorava sua forma e textura.

Ele se desvencilhou do roupão e ficou parado, sem saber direito onde pôr as mãos. Nunca, nem em seus sonhos mais ousados, teria imaginado que Helen faria uma coisa daquelas por iniciativa própria. E excitou-o ainda mais ver como ela era elegante até naquela situação, os dedos delgados tocando-o com a mesma leveza com que pressionavam as teclas do piano ou seguravam uma xícara de porcelana.

Helen percebeu que ele se sobressaltou e prendeu a respiração quando ela chegou à cabeça do membro ereto.

– É mais sensível aqui? – perguntou.

Incapaz de articular uma palavra coerente, Rhys assentiu com um som rouco.

Ela acariciou o sexo dele devagar com a mão esticada. Enquanto os dedos de Helen deslizavam, Rhys viu o brilho azul luminoso do anel de pedra da lua, o símbolo de que ele a reivindicara para si. Ela o segurou com as duas mãos com toda a delicadeza, como se lidasse com algo perigosamente instável. O que era verdade. O corpo de Rhys naquele momento não era nada além de um recipiente transbordando de desejo, prestes a explodir. A parte primitiva do cérebro dele sentia uma satisfação obscena diante daquela visão fantástica – uma ninfa de cabelos dourados acariciando docemente seu membro. O contraste entre a graça e a brutalidade o excitavam da forma mais selvagem.

Helen segurou a base do pênis de Rhys, juntou as pontas dos dedos ao redor em uma algema delicada e o deslizou para cima. O polegar dela tocou a ponta exposta e a acariciou em movimentos circulares. Por alguns segundos, ele não conseguiu enxergar nada além das faíscas que nublaram sua visão. Então sentiu um latejar pesado na base do ventre, avisando-o de que estava a poucos segundos do clímax. Com um gemido, tentou afastar as mãos dela.

– Pare... Não... meu bem...

Mas Helen chegou mais perto, o hálito soprando devagar o membro dele. Ela o beijou ali, os lábios demorando-se na ponta úmida. O choque que aquela carícia ousada provocou quase o fez perder o controle. Arfando, Rhys se afastou e caiu de bruços na cama, desejando desesperadamente que a sensação arrefecesse. Sentia o peito pesado, enquanto arquejava tentando inspirar enormes quantidades de ar.

– Helen – murmurou, agarrando as cobertas da cama em desespero. – Meu Deus, Helen.

Ele percebeu movimentos ao seu lado, o peso muito leve dela sobre o colchão.

– Gostou disso? – perguntou ela, cautelosa.

O vigoroso som de concordância de Rhys foi abafado pelos

lençóis.

– Ah, bom.

Ela pareceu aliviada. No instante seguinte, ele a sentiu sobre seu corpo. Helen havia despido a camisola e estava esticando o corpo nu contra o dele, como uma gata. Rhys ficou tenso, sentindo-se queimar ao contato enlouquecedor do peso dela. A pele feminina sedosa... as curvas dos seios... os cachos macios roçando nas costas dele.

– Conversei com Kathleen – disse Helen, seu hálito leve fazendo os pelos da nuca dele se arrepiarem. – Ela me explicou algumas coisas sobre o relacionamento conjugal que achou que eu deveria saber.

Ele estremeceu e Helen se ajustou melhor naquele terreno masculino a ser explorado.

– Helen. Fique quieta.

Ela parou de se mexer na mesma hora.

– É desconfortável para você eu ficar assim?

– Não, é só que estou tentando não ejacular.

– Ah... – falou Helen e pressionou o queixo contra a nuca dele. – Alguns homens conseguem fazer isso mais de uma vez – completou, tentando ajudar.

Apesar da imensa excitação, Rhys se viu sorrindo contra o colchão.

– Você está muito bem informada, *cariad*.

– Quero aprender tudo o que uma amante saberia para poder satisfazê-lo.

Rhys rolou devagar até que ele ficasse de lado e Helen, sobre o colchão. Então se posicionou em cima dela. As mãos dele seguraram a cabeça dela, os cabelos louro-prateados derramando-se por entre seus dedos.

– Meu amor – disse ele –, não se preocupe com isso. Tudo em você é um encanto para mim.

O olhar dela se tornou cauteloso.

– Estou certa de que você vai descobrir coisas de que não vai gostar.

– Espero que sim. Se você não tiver defeitos, os meus nos deixariam em um estado de extremo desequilíbrio.

– Os meus equilibrarão os seus – garantiu ela com um toque de ironia que Rhys nunca ouvira antes.

– Se por defeito está se referindo à timidez – disse Rhys –, você vai aprender a superá-la.

Ele roçou o quadril no dela.

– Veja o progresso que já fez comigo.

Helen riu e enrubesceu dos pés à cabeça. Ela deixou uma das mãos descer pelo flanco dele e a deslizou com cuidado entre os corpos dos dois.

– Qual é a palavra para isto? – perguntou, segurando de novo o membro rígido. – Como se chama?

– Sua cunhada não incluiu isso na aula que lhe deu?

– Ela me disse algumas palavras no nosso idioma – admitiu Helen –, mas quero saber como se chama em galês.

– É assim que pretende começar a aprender galês? – perguntou Rhys, em um tom zombeteiro. – Com palavras obscenas?

– Sim.

Ele sorriu e a beijou.

– Pois saiba que a maior parte dos sons de amor galeses parecem saídos de um manual de agricultura. A palavra para essa parte do corpo do homem é *goesyn*. Talo.

Ela repetiu as sílabas, os dedos segurando-o e acariciando-o com uma suavidade enlouquecedora.

– Quando o homem arremete dentro de uma mulher – disse Rhys, a respiração cada vez mais difícil –, a palavra é *dyrnu*. Debulhar.

Ele começou a distribuir beijos pelo corpo dela, cada vez

descendo mais, saboreando a pele quente com um toque de talco. Depois de assoprar com ternura os cachos que protegiam o sexo dela, murmurou:

– Isso é um *ffwrch*. Um sulco a ser lavrado.

Rhys se aproximou o bastante para que ela sentisse a ponta de sua língua correr pela fenda fechada. As coxas de Helen tremeram.

– E a palavra para isso... – continuou a ensinar, mas fez uma pausa para ir mais fundo e encontrar o botão tímido ainda escondido. –... é *chrib*, um pedacinho de favo de mel.

Ele estimulou o pequeno botão até o sentir quente e pulsante na ponta da língua.

Rhys continuou a lambê-la e excitá-la, enquanto ela se agitava sob seu corpo. Estava perdido em Helen, ignorando qualquer coisa fora daquele quarto, daquela cama. Como ela era perfeita... a pele perolada, as palmas das mãos e as solas dos pés tão macias quanto as patas de um gatinho. Helen era sensível por toda parte, os dedos dos pés esticando-se em um reflexo quando ele beijou o arco dos seus pés, a perna se sacudindo quando Rhys deixou a língua deslizar na parte de trás do seu joelho.

Ele se ajeitou em cima dela; descendo o peso do corpo com cuidado, posicionou o pênis contra o canal delicado no sexo dela e a deixou sentir o que estava prestes a lhe dar. Helen parecia desorientada, ruborizada, uma veia pulsando visivelmente em seu pescoço.

– Você me quer Helen?

– Sim. Sim.

Com medo de machucá-la se a penetrasse com muita força, Rhys prendeu o quadril inquieto de Helen com o peso do próprio corpo e sussurrou que ela precisava se manter imóvel, para que ele a penetrasse devagar. A carne dela estava úmida, mas apertada, recusando-se a ceder. Helen passou os braços ao redor do pescoço dele, arquejando, e deixou escapar um ronronar de prazer, enquanto

ele ia cada vez mais fundo, em arremetidas curtas, avançando pouco a pouco.

Rhys a beijou nos lábios, no pescoço. A mente dele se encheu de lembranças da outra vez em que haviam estado juntos e de como ele lhe causara dor. Queria que fosse bom para ela agora.

Depois de penetrar um último centímetro, ele parou para encará-la, maravilhado. A pele de Helen estava úmida, brilhando, e os olhos cintilavam. Ela era como algo saído de um faz de conta, um adorável anjo perdido que caíra nos braços dele. Rhys deixou o corpo se encaixar melhor no aconchego suave do quadril e das coxas de Helen, regalando-se com a sensação do corpo trêmulo sob o dele, do ar como seda fria em suas costas suadas. Deixou a boca deslizar sobre a colina dos seios dela e ouviu com prazer o gemido baixo que Helen deixou escapar. Rhys brincou com os seios dela, moldando as curvas firmes com as mãos, erguendo-os para provocar e morder os mamilos.

– Quando eu penetrá-la, *cariad* – disse ele com a voz rouca, deslizando uma das mãos por baixo do traseiro dela –, erga seu quadril assim – ensinou, levantando-a para penetrá-la lentamente.

Devagar, Rhys recuou e voltou a arremeter, e Helen se colou a ele em um movimento tímido que quase o enlouqueceu. Ele precisou se esforçar para conseguir respirar.

– Aye, assim mesmo... minha boa menina, minha... Ah, Deus, você vai me matar.

Rhys a sentiu pousar o pé no colchão para ganhar apoio e então erguer o quadril com vontade enquanto ele ia mais fundo. Foi como se ele estivesse fazendo outra coisa, não sexo, de tão novo, de tão inacreditavelmente intenso e doce. Rhys nunca estivera tão rígido e louco de desejo. O prazer se espalhava por todo o seu corpo enquanto a montava com determinação, indo rápido na direção do clímax.

Mas ainda não queria que aquele momento terminasse. Ele

cerrou os dentes e conseguiu parar. Helen reclamou, contorcendo-se embaixo dele.

– Espere – disse Rhys.

– Não posso...

– Quero que espere.

– Por favor...

– Agora um minuto.

Ele prendeu o corpo dela para que não conseguisse se mexer.

– Isso é como a eternidade – protestou Helen, e Rhys deixou escapar uma risada trêmula.

Quando sentiu que tinha se controlado, ele recomeçou, deixando o ritmo crescer aos poucos, enquanto a eletricidade parecia se acumular em seu corpo. De vez em quando ele parava, contendo-se dentro dela, deixando o desejo desafoguar até conseguir continuar a arremeter. Os gemidos de Helen se tornaram mais altos, os movimentos pediam mais. Rhys viu o momento em que ela perdeu o controle, os olhos fechados, o rosto profundamente ruborizado.

Ele passou os braços por baixo dos joelhos dela e empurrou suas pernas para trás, elevando o quadril de Helen até os pés dela penderem no ar, e a penetrou mais fundo. Ela agora estava aberta para ele, o corpo estimulando-o, envolvendo o membro rígido com doçura. Helen deixou escapar gritinhos agudos entre os dentes cerrados e Rhys se inclinou para colar a boca à dela, forçando-a a abri-la, lambendo os sons que saíam dali.

Ela estremeceu quando o clímax começou, e aquilo foi o limite do que ele era capaz de suportar – toda a eletricidade que vinha contendo foi liberada de uma vez e disparou até seu último fio de cabelo. Rhys continuou a arremeter, despejando cada gota de sua essência, enquanto ela recebia tudo o que ele estivesse disposto a dar com tremores que pareciam intermináveis.

Zonzo com a força do próprio orgasmo, Rhys abaixou as pernas de Helen e pairou acima dela, arfando. Helen passou os braços pelo

corpo dele e o puxou para si, fazendo com que ficassem colados feito as páginas de um livro. Rhys desejou permanecer daquele jeito para sempre – preso, fundido, guardado dentro dela. Porém usou o último resquício de força que lhe restava para desabar ao lado dela.

Depois de algum tempo, Helen saiu da cama sem dizer nada e voltou com um pano que umedecera no lavatório que havia no canto. Quando começou a limpar carinhosamente o membro dele, Rhys se virou de barriga para cima e cruzou as mãos atrás da cabeça, deleitando-se com a visão dela cuidando dele de forma tão íntima.

– Ninguém jamais me deu tanto prazer, *cariad*.

Ela parou para lhe dar um sorriso torto. Depois de terminar os cuidados, Helen deixou o pano de lado, apagou o lampião e subiu de volta na cama. Rhys puxou as cobertas sobre os dois e a aconchegou em seu braço.

Ela se acomodou no corpo dele.

– Já esteve com muitas mulheres? – ousou perguntar.

Rhys deixou a mão deslizar pela linha suave das costas dela, enquanto pensava em como responder. Quanto um homem deveria contar à esposa – à futura esposa – sobre as mulheres que conhecera antes dela?

– Isso importa? – questionou.

– Não. Mas fico curiosa em relação à quantidade de amantes que você teve.

– A loja sempre foi minha amante mais exigente.

Ela pousou os lábios no ombro dele.

– Você deve odiar ficar longe de lá.

– Nem a metade de quanto odeio ficar longe de você.

O beijo dela se abriu em um sorriso.

– Ainda não respondeu minha pergunta.

– Se estiver se referindo ao arranjo tradicional, ou seja, instalar uma mulher em uma casa e pagar suas contas, tive apenas uma

amante. Durou um ano – contou e, depois de uma pausa, continuou, com sinceridade: – É uma troca estranha, essa. Pagar pela companhia de uma mulher tanto na cama quanto fora dela.

– Por que você fez isso?

Ele deu de ombros, sentindo-se desconfortável.

– Outros homens na minha posição mantêm uma amante. Um parceiro de negócios me apresentou a ela depois que o arranjo que essa mulher tinha antes acabou. Ela precisava de um novo protetor e eu a achei atraente.

– Chegou a gostar dela?

Rhys não estava acostumado a refletir sobre o passado nem a discutir seus sentimentos sobre ele. Não conseguia compreender que bem poderia fazer expor suas fraquezas a Helen. Mas, diante do silêncio questionador dela, continuou, relutante:

– Nunca soube se o afeto dela era real ou se estava incluído na conta do negócio. E acho que ela também não sabia.

– Queria que ela sentisse afeto por você?

Ele balançou a cabeça na mesma hora, negando. A mão de Helen acariciava seu peito e seu abdômen e a paz do momento era tão grande que Rhys acabou falando mais do que pretendia.

– Tive amantes, de tempos em tempos. Mulheres que não queriam ser sustentadas e que às vezes gostavam de um relacionamento um pouco mais bruto.

– Um pouco mais bruto? – repetiu Helen, sem entender.

– Do tipo que se espera das classes mais baixas – explicou ele.

– Um amante mais rude.

A mão dela parou sobre o peito dele.

– Mas você é gentil.

Rhys ficou dividido entre o divertimento e a vergonha, enquanto sua mente voltava a alguns dos episódios mais pesados do seu passado.

– Fico feliz por você pensar assim, *cariad*.

– E você não é das classes mais baixas.

Ela voltou a traçar padrões invisíveis com os dedos sobre o torso dele.

– Nem sou da mais alta – retrucou Rhys em um tom irônico. – Aristocracia bacalhau, é como algumas pessoas nos chamam. Homens que fizeram fortuna nos negócios, mas nasceram plebeus.

– Por que “bacalhau”?

– Era o modo como se referiam aos mercadores ricos que se assentaram nas colônias americanas e ganharam dinheiro com o comércio de bacalhau. Agora o termo serve para qualquer homem de negócios bem-sucedido.

– Eu conheço *nouveau riche* – disse Helen. – Nunca é usado como elogio, é claro. Mas deveria ser. Vencer pelo próprio esforço é algo a ser admirado.

Percebeu a risadinha silenciosa dele.

– É, sim – insistiu.

Rhys virou a cabeça para beijá-la.

– Você não precisa me adular.

– Não estou adulando. Você é mesmo admirável.

Não importava se ela realmente acreditava naquilo ou se estava só desempenhando o papel de esposa leal: as palavras de Helen foram como um bálsamo para a alma dele. Deus, precisava daquilo, sempre havia precisado. Helen pressionou o corpo esguio contra o dele e deixou as mãos correrem por ali, ainda hesitantes. Rhys ficou imóvel e deixou que ela o investigasse, que satisfizesse sua curiosidade.

– Já houve alguma mulher com quem pensou em se casar? – perguntou Helen.

Rhys hesitou, sem vontade de ter o passado exposto. Mas ela já havia penetrado sua armadura.

– Houve uma moça que me interessou – admitiu ele.

– Qual era o nome dela?

– Peggy Gilmore. O pai era um fabricante de móveis que fornecia mercadorias para a minha loja.

A mente dele vasculhou lembranças indesejadas, trazendo de volta espectros de imagens, palavras e nuances de sentimentos.

– Uma bela moça de olhos verdes. Eu não a cortejei... nunca cheguei tão longe.

– Por que não?

– Eu sabia que um bom amigo meu, Ioan, estava apaixonado por ela.

Helen se acomodou melhor ao lado dele e passou uma das pernas elegantes sobre a dele.

– Esse é um nome galês, não é?

– Aye. A família de Ioan, os Crewes, moravam na High Street, não muito longe da loja do meu pai. Eles faziam e vendiam equipamentos de pesca. Havia um salmão empalhado gigantesco na vitrine.

Rhys deu um sorrisinho, lembrando-se de como ficava fascinado com os peixes e répteis empalhados naquela vitrine.

– O Sr. Crewe convenceu meus pais a me deixarem ter aulas de caligrafia com Ioan duas tardes por semana. Ele os convenceu de que seria bom para os negócios ter alguém que conseguisse escrever com uma letra bem legível. Anos mais tarde, quando comecei a expandir a loja, contratei Ioan para cuidar do controle de estoque. Era um homem elegante, honesto, um rapaz de ouro. Não poderia culpar Peggy por preferi-lo a mim... eu nunca a amei do modo como ele amava.

– Eles se casaram? Ele ainda trabalha na loja?

Uma sensação ruim se abateu sobre Rhys, como sempre acontecia quando ele pensava sobre os Crewes. Não queria deixar o passado interferir em seu tempo com Helen.

– Não vamos falar mais sobre isso, *cariad*... não é uma história bonita, e contá-la evoca o pior de mim.

Mas Helen estava determinada a arrancar informações dele.

– Vocês brigaram?

Rhys permaneceu em silêncio irritado. Respondeu apenas com um balançar de cabeça. Achou que Helen recuaria, mas logo sentiu os lábios dela em seu rosto, enquanto uma de suas mãos alcançava o cabelo e começava a acariciá-lo suavemente. O consolo silencioso, tão inesperado, o venceu.

Irritado com a própria inabilidade de omitir qualquer coisa dela, Rhys deixou escapar um suspiro.

– Ioan morreu há quatro anos.

Helen ficou imóvel e muda enquanto absorvia a informação. Depois de um instante, voltou a beijá-lo, dessa vez no peito. Na altura do coração. *Maldição*, pensou, percebendo que iria contar tudo a ela. Não seria capaz de colocar qualquer distância entre eles quando ela fazia uma coisa daquelas.

– Ele e Peggy se casaram – contou ele. – Foram felizes por um tempo. Os dois se davam bem e Ioan fez fortuna com a participação que tinha na loja. Qualquer coisa que Peggy quisesse, ele lhe dava.

Rhys fez uma pausa, antes de admitir em um tom melancólico:

– Menos o tempo dele. Ioan não reduziu a carga de trabalho depois que se casou. Ficava até tarde na loja todas as noites. Ele a deixava sozinha por tempo de mais. Eu deveria ter impedido isso. Deveria ter dito a ele para ir para casa e dar mais atenção à esposa.

– Certamente esse não era o seu papel.

– Como amigo dele, eu poderia ter dito algo.

Helen apoiou a cabeça no peito de Rhys.

– Isso não vai ser um problema no nosso casamento – murmurou ele. – Não vou manter as mesmas horas de trabalho de solteiro.

– Nossa casa é perto da loja. Se você ficar até tarde no trabalho, irei até lá buscá-lo.

A resposta prática de Helen quase o fez sorrir.

– Você não terá problema em me convencer a deixar o trabalho
– disse Rhys, brincando com os cabelos dela que se espalhavam sobre seu peito como fitas pálidas.

Helen voltou gentilmente ao assunto.

– Peggy acabou se sentindo descontente?

– Sim, ela precisava de mais companhia do que Ioan estava sendo capaz de lhe dar. Ia a eventos sociais sem ele, e acabou despertando a atenção de um homem que a encantou e seduziu.

Rhys hesitou, consciente da garganta apertada, como acontecera em todas as outras poucas vezes em que contara aquela história. Ele se forçou a continuar, expondo os eventos como se fossem cartas distribuídas em um jogo.

– Peggy procurou Ioan, envergonhada, chorando, e contou a ele que estava grávida e que o filho não era dele. Ioan a perdoou e disse que ficaria ao lado dela. Disse que a culpa era dele por tê-la feito se sentir tão solitária. E prometeu assumir o bebê como dele e amá-lo como se fosse seu verdadeiro pai.

– Que atitude honrada da parte dele – comentou Helen, baixinho.

– Ioan era um homem melhor do que eu jamais conseguiria ser. Ele se devotou a Peggy. Esteve com ela durante todos os momentos possíveis no confinamento durante a gravidez, até o trabalho de parto começar. Mas as coisas deram errado. O trabalho de parto durou dois dias, e as dores se tornaram tão fortes que foi preciso dar clorofórmio a Peggy. Ela reagiu mal... Ministraram o clorofórmio rápido demais... e ela morreu cinco minutos depois. Quando recebeu a notícia, Ioan desmaiou de tristeza. Tive que carregá-lo até o quarto dele.

Rhys balançou a cabeça, odiando relembrar a própria impotência, a necessidade desesperada que sentira de consertar tudo, de fazer dar certo, e o modo como acabara se deparando repetidamente com o fato de que não poderia.

– Ioan ficou louco de desespero – continuou. – Ao longo dos dias

que se seguiram ele teve visões, falou com pessoas que não estavam ali. Perguntou quando terminaria o trabalho de parto de Peggy, como se o relógio houvesse parado naquele momento e o tempo não pudesse voltar a correr.

Os lábios dele se curvaram em um sorriso triste.

– Ioan era o amigo com quem eu sempre conversava quando havia um problema que eu não conseguia resolver, quando eu precisava desabafar. Comecei a me perguntar se eu mesmo também não havia ficado um pouco louco porque, mais de uma vez, me peguei pensando: “Por Deus, preciso conversar com Ioan sobre isso, para que possamos descobrir o que fazer.” Só que *ele* era o problema sobre o qual eu precisava conversar. Ioan estava devastado. Chamei médicos para vê-lo. Um padre. Amigos e parentes... qualquer um que talvez conseguisse arrancá-lo daquele estado.

Rhys parou e engoliu em seco.

– Uma semana depois da morte de Peggy, Ioan se enforcou.

– Ah, meu Deus... – sussurrou Helen.

Os dois permaneceram em silêncio por um longo tempo.

– Ioan era como um irmão para mim – disse Rhys por fim. – Achei que, com o tempo, eu conseguisse superar. Mas até agora isso não aconteceu. Tudo o que consigo fazer é deixar isso de lado, não pensar.

– Eu entendo – falou Helen, parecendo realmente compreender.

A palma da mão dela se movia em círculos gentis sobre o peito dele.

– O bebê morreu?

– Não, sobreviveu. Uma menina. A família de Peggy não a quis, por causa de sua origem, por isso ela foi mandada para o pai natural.

– Você não sabe o que foi feito dela?

– Não dou a mínima – disse Rhys em um tom amargo. – Ela é

filha de Albion Vance.



Helen se viu invadida por uma sensação estranha, um tipo de entorpecimento. Como se sua alma houvesse se desprendido do corpo. Permaneceu imóvel, encostada no corpo de Rhys, os pensamentos dando voltas em sua mente como mariposas na escuridão. Por que não lhe ocorrera antes que a mãe provavelmente não fora a única mulher que Vance seduzira e abandonara?

Pobre criança indesejada... A menina tinha 4 anos agora... O que Vance fizera com ela? Será que a aceitara?

Por algum motivo, Helen achava que não.

Não era de estranhar que Rhys odiasse o homem.

– Sinto muito – disse ela, baixinho.

– Pelo quê? Você não teve nada a ver com isso.

– Eu só... sinto muito.

Ela notou que ele respirava fundo, tenso, e o próprio entorpecimento foi varrido por uma onda de compaixão e ternura. Sentiu uma vontade desesperada de confortá-lo, pela dor do passado e pela mágoa que ainda lhe seria infligida.

O fogo da lareira se reduzira a carvões em brasa em um leito de cinzas, projetando um brilho suave e amanteigado. A maior parte do calor no quarto vinha da forma masculina ao lado dela. Helen se moveu pelo corpo dele, usando os lábios e as mãos. Rhys permaneceu imóvel, curioso com o que ela pretendia. A superfície muito rígida de seu abdômen se contraiu conforme a boca de Helen a percorria. Quando chegou ao órgão dele, Helen inspirou o aroma íntimo, almiscarado e com um toque mais forte como o da casca da bétula e ao mesmo tempo doce como uma campina em um verão quente. Ela o ouviu exclamar baixinho enquanto tocava a extensão firme do seu membro, e o segurou até senti-lo inchar.

Rhys arquejou algumas palavras, suplicantes e urgentes. Nem devia ter percebido que falara em galês, pensou Helen – que, é claro, ela não compreendia. Porém ele pareceu gostar tanto que Helen se inclinou para beijá-lo ali, como fizera antes. Ele ergueu o quadril em um reflexo e grunhiu como se sentisse dor. Helen hesitou. Mas Rhys pousou a mão trêmula sobre sua cabeça e acariciou os cabelos dela no que pareceu uma mistura de súplica e aprovação. Helen ousou pousar os lábios ao redor do membro rígido, sentindo o gosto de sal enquanto recuava lentamente. Ele ficou tenso como um homem preso a um instrumento de tortura e gemeu quando ela repetiu a carícia.

No instante seguinte, Rhys a rolou para o lado e se encaixou atrás dela, os corpos dos dois como um par de colheres. Ele passou um dos braços musculosos sob o joelho dela que ficara por cima e o ergueu. Helen ficou tensa e surpresa ao sentir que ele a penetrava. Rhys beijou a lateral do pescoço dela e murmurou palavras suaves como carícias em galês. Sua boca encontrou um ponto vulnerável atrás da orelha dela, onde ele sabia que Helen era mais sensível. Ela relaxou, indefesa, e Rhys ajustou a posição do corpo e arremeteu mais para cima, o ângulo alcançando um novo lugar de prazer dentro dela. Rhys ajeitou a perna de Helen sobre a dele e deslizou uma das mãos entre suas coxas.

Gemendo, Helen se entregou ao ritmo que ele imprimiu, à força do corpo que a envolvia, à energia vital que a penetrava fundo. O quadril de Rhys ganhou mais rapidez, levando as sensações do ato sexual a um nível mais alto, até o prazer parecer vir de todas as direções. Uma onda escaldante a atingiu, seguida por outra ainda mais forte. Helen virou a boca contra o braço firme que estava sob seu pescoço e mordeu o músculo denso, tentando abafar os próprios gritos. A respiração de Rhys saía em arquejos, e Helen sentiu os dentes dele e a sombra da barba arranharem a pele macia. Ela se virou, o corpo em espasmos, e forçou o quadril para

baixo, recebendo-a em sua plena extensão. Com um gemido rouco, arremetendo fundo e rápido, Rhys se derramou dentro dela.

Os dois ficaram imóveis, relaxando aos poucos. Quando Helen por fim conseguiu se mover, foi para abaixar a perna. Sentia-se mole e pesada, plena de satisfação. No fundo de seu ventre, onde Rhys ainda a pressionava, sentia um latejar insistente, e não saberia dizer se vinha do corpo dela ou do dele.

Rhys deixou a mão percorrer o quadril e a cintura dela, acariciando. Helen estremeceu quando ele mordeu de leve o lóbulo de sua orelha. Ele havia colado às pernas às dela e os pelos roçavam deliciosamente em sua pele.

– Você se esqueceu de falar inglês – comentou Helen depois de um instante, a voz lânguida. – Durante...

Os lábios dele brincaram com a beira da orelha dela.

– Estava tão louco por você que não conseguiria ter dito nem meu próprio nome.

– Não acha que alguém nos ouviu, não é?

– Acho que não foi por acaso que me deram um quarto longe da família.

– Talvez tenham medo de que você ronque – disse ela em um tom brincalhão, mas depois de uma pausa quis confirmar: – *Você ronca?*

– Acho que não. Você vai ter que me dizer.

Helen se aconchegou mais no abraço dele.

– Não posso ser encontrada aqui pela manhã, quando a criada vier cuidar da lareira – disse, suspirando. – Tenho que voltar para o meu quarto.

– Não. Fique – pediu Rhys e a abraçou com mais força. – Acordarei você cedo. Nunca durmo além do amanhecer.

– Nunca? Por que não?

Rhys deu um sorriso preguiçoso.

– É o que acontece quando se é filho de um dono de mercearia.

Meu dia começava ao alvorecer, entregando cestas de encomendas para as famílias de todo o bairro. Se fosse rápido o bastante, conseguia parar para jogar bola de gude por cinco minutos com meus amigos antes de voltar para a loja.

Ele deu uma risadinha.

– Sempre que minha mãe ouvia as bolinhas de gude chacoalhando no meu bolso, ela as guardava e me dava um cascudo. Não havia tempo para brincar, dizia ela, com tanto trabalho a fazer. Comecei a embrulhar as bolinhas de gude em um lenço para que não fizessem barulho.

Helen imaginou um menino magrela correndo para completar as tarefas matinais, com um monte de bolinhas de gude proibidas no bolso. Uma onda de emoção a invadiu, uma felicidade eletrizante que parecia dor.

Ela o amava. Amava o menino que ele havia sido e o homem que era agora. Amava a aparência, o cheiro e a sensação dele, o encanto brusco do seu sotaque, o orgulho sensível e a determinação que o haviam levado tão longe na vida, além das outras muitas qualidades que o tornavam tão extraordinário. Helen se virou nos braços de Rhys, aproximou o corpo o máximo possível do dele e, gradualmente, se rendeu a um sono inquieto.

CAPÍTULO 19

— **A** carruagem está se aproximando — anunciou Cassandra, ajoelhada no sofá e observando da janela da sala de visitas. — Quase chegando à casa.

Coubera a West a tarefa de buscar lady Berwick e a camareira na estação de Alton e levá-las ao Priorado Eversby.

— Ah, Deus — murmurou Kathleen, levando a mão ao peito, como se para acalmar o coração disparado.

Ela passara a manhã tensa e distraída, andando de um cômodo a outro para se certificar de que todos os detalhes estivessem perfeitos. Arranjos de flores haviam sido examinados em detalhes para que não restasse qualquer flor seca. Os tapetes tinham sido batidos sem piedade e escovados, a prataria e os vidros tinham sido polidos com tecidos macios e todos os castiçais receberam velas novas de cera de abelha. Os aparadores estavam cheios de tigelas de frutas frescas e havia garrafas de champanhe e de água com gás guardadas em caixas cheias de gelo.

— Por que você está tão preocupada com a casa? — perguntou Cassandra. — Lady Berwick já esteve aqui antes, quando você se casou com Theo.

— Sim, mas na época eu não era responsável por nada. Agora estou morando aqui há quase um ano e, se alguma coisa estiver fora de ordem, ela vai saber que a culpa é minha.

Kathleen continuou a andar em círculos.

— Lembrem-se de fazer uma cortesia quando lady Berwick

chegar – falou, distraída. – E não digam “Como vai?”. Ela não gosta disso. Digam apenas “Boa tarde”.

Ela parou abruptamente e olhou ao redor.

– Onde estão os cachorros?

– Na sala de estar do andar de cima – disse Pandora. – Quer que desçam?

– *Não*, pelo amor de Deus! Lady Berwick não permite cães na sala de visitas – falou Kathleen e parou de repente, quando um pensamento incômodo lhe ocorreu. – Também não comentem nada sobre o porco de estimação que morou dentro de casa no ano passado.

Ela voltou a andar.

– Quando lady Berwick fizer uma pergunta, tentem responder do modo mais simples possível. E não façam gracinhas. Ela não gosta.

– Faremos o melhor possível – garantiu Pandora. – Mas ela já não gosta de mim e de Cassandra. Depois que a conhecemos, no casamento, eu a ouvi comentar com alguém que nos comportávamos como uma dupla de cabras selvagens.

Kathleen continuou sua andança.

– Eu escrevi para ela dizendo que vocês duas haviam se tornado jovens damas muito prendadas e de boas maneiras.

– Você mentiu? – falou Pandora, de olhos arregalados.

– Havíamos acabado de começar nossas aulas de etiqueta na época – disse Kathleen, na defensiva. – Presumi que o progresso seria um pouco mais rápido.

Cassandra pareceu preocupada.

– Quem me dera eu tivesse prestado mais atenção às aulas...

– Não me importa nem um pouco se lady Berwick me aprova ou não – declarou Pandora.

– Mas importa para Kathleen – argumentou Helen com gentileza.

– Por isso vamos fazer o melhor que pudermos.

Pandora suspirou.

– Queria conseguir ser perfeita como você, Helen.

– Como eu? – repetiu Helen e balançou a cabeça com uma risadinha desconfortável. – Querida, sou a pessoa mais imperfeita do mundo.

– Ah, nós sabemos que você comete erros – disse Cassandra de um jeito animado. – O que Pandora quer dizer é que você sempre *parece* ser perfeita, que é o que realmente importa.

– Na verdade – falou Kathleen –, isso não é o que realmente importa.

– Mas não há diferença entre *ser* perfeito e *parecer* perfeito, desde que ninguém perceba – argumentou Cassandra. – O resultado é o mesmo, não é?

Kathleen pareceu perturbada e esfregou a testa.

– Sei que há uma boa resposta para isso. Mas não consigo pensar em nenhuma neste exato momento.

Cerca de dois minutos depois, o mordomo, Sims, acompanhou lady Berwick até a sala de visitas.

Eleanor, lady Berwick, era uma mulher com a compleição física de uma escala majestosa: alta, de ombros largos e seios fartos, com um modo de se mover que fez Helen se lembrar da proa de um grande veleiro deslizando por águas calmas. O efeito era intensificado pelas pregas complexas que formavam as saias de seu vestido azul-escuro, que ondulavam ao seu encalço a cada passo da dama imponente pela sala. Com o rosto estreito, os lábios muito finos e olhos grandes de pálpebras pesadas, a condessa não era uma mulher bela. No entanto, possuía um ar de segurança assombroso, a autoconfiança de que teria resposta para qualquer pergunta que valesse a pena.

Helen percebeu o prazer que iluminou o rosto de lady Berwick quando o olhar dela caiu sobre Kathleen, que se adiantou rapidamente. Estava claro que o carinho de Kathleen pela condessa era retribuído. No entanto, quando a jovem passou os braços ao

redor dela, lady Berwick pareceu constrangida com a demonstração de afeto.

– Minha querida! – exclamou ela, com um toque de repreensão.

Kathleen não a soltou.

– Eu pretendia me comportar da forma mais altiva – falou Kathleen, a voz saindo abafada pelo ombro da outra. – Mas, quando a senhora entrou, eu me senti novamente com 5 anos.

O olhar de lady Berwick se tornou distante e uma das mãos longas e pálidas pousou nas costas de Kathleen.

– Sim – disse ela por fim. – Não é fácil perder um pai. E você teve que passar por isso duas vezes, não é mesmo?

A voz de lady Berwick era como chá sem açúcar, forte como tanino.

– Vamos vestir nossa armadura de controle – disse, depois de algumas batidinhas carinhosas nas costas de Kathleen.

Kathleen assentiu e se afastou. E logo lançou um olhar surpreso para a porta vazia.

– Para onde foi West?

– O Sr. Ravenel estava ansioso para escapar da minha presença – explicou lady Berwick em um tom irônico. – Ele não pareceu se empolgar com nossa conversa na carruagem – disse e, depois de uma pausa, comentou, sem sorrir: – Um sujeito animado, não?

Helen estava certa de que a declaração não pretendia ser um elogio.

– West pode parecer um pouco irreverente – começou Kathleen –, mas posso lhe assegurar...

– Não há necessidade de explicar o caráter do rapaz, que é realmente pouco: nada além de ar e açúcar.

– A senhora não o conhece – sussurrou uma das gêmeas.

Ao ouvir o murmúrio de rebeldia, lady Berwick virou o olhar penetrante na direção das três irmãs Ravenels.

Kathleen se apressou a apresentá-las, enquanto cada uma fazia

uma reverência ao ter seu nome mencionado.

– Lady Berwick, minhas cunhadas. Lady Helen, lady Cassandra e lady Pandora.

O olhar impassível da condessa pousou primeiro em Cassandra, e ela gesticulou para que a moça se aproximasse.

– A postura é apenas adequada – observou –, mas isso pode ser corrigido. Quais são os seus talentos, criança?

Como já havia sido preparada com antecedência para aquela pergunta, Cassandra respondeu, hesitante:

– Milady, sei costurar, desenhar e pintar com aquarela. Não toco instrumentos, mas leio bastante.

– Estudou idiomas?

– Um pouco de francês.

– Tem algum hobby?

– Não, madame.

– Excelente. Os homens têm medo de moças que cultivam hobbies.

Ela se voltou para Kathleen.

– Ela é uma beldade – comentou, em um aparte. – Com um pouco mais de polimento, será a *belle* da temporada social.

– Eu tenho um hobby – adiantou-se Pandora, falando sem ser chamada.

Lady Berwick se virou para ela com as sobrancelhas erguidas.

– Sinceramente... – disse em um tom gélido. – E qual é, mocinha ousada?

– Estou criando um jogo de tabuleiro. Se tudo der certo, eu o venderei nas lojas e ganharei dinheiro.

A condessa pareceu perplexa e lançou um olhar questionador para Kathleen.

– Jogo de tabuleiro?

– Do tipo usado para entretenimento na sala de estar – explicou Kathleen.

Lady Berwick se virou para Pandora com os olhos semicerrados. Infelizmente, Pandora se esqueceu de manter os olhos baixos. Encarou a condessa com audácia.

– Um excesso de vitalidade – determinou lady Berwick. – Os olhos são de um tom agradável de azul, mas o olhar é o de uma corça selvagem.

Helen arriscou um olhar na direção de Kathleen, que parecia pronta a saltar em defesa de Pandora.

– Madame – começou Kathleen –, Pandora é apenas...

Mas lady Berwick gesticulou para que ela se calasse.

– Não a preocupa – perguntou a dama a Pandora – que esse hobby, junto com o desejo desagradável de ganhar dinheiro, acabe afastando possíveis pretendentes?

– Não, madame.

– Deveria. Não deseja se casar?

Diante da ausência de resposta de Pandora, ela insistiu com impaciência:

– E então?

Pandora olhou de relance para Kathleen, em busca de orientação.

– Devo dar a resposta convencional ou ser sincera?

Lady Berwick respondeu antes que Kathleen pudesse abrir a boca.

– Responda sinceramente, criança.

– Nesse caso – disse Pandora –, não, eu não desejo me casar. Gosto bastante dos homens... ao menos dos que conheço... mas não gostaria de ter que obedecer a um marido e servir a suas necessidades. E não ficaria nada feliz em ter uma dúzia de filhos e ficar em casa tricotando enquanto meu marido sai em busca de diversão com os amigos. Prefiro ser independente.

A sala ficou em silêncio. A expressão de lady Berwick não se alterou, e ela nem piscou enquanto continuava a encarar Pandora.

Parecia que uma batalha silenciosa estava sendo travada entre a mulher mais velha, autoritária, e a jovem extremamente independente.

– Você deve ter lido Tolstói – falou lady Berwick por fim.

Pandora piscou, pega de surpresa pela declaração inesperada.

– Li – admitiu, espantada. – Como sabe?

– Nenhuma jovem deseja se casar depois de ler Tolstói. Por isso nunca permiti que minhas filhas lessem romances russos.

– Como estão Dolly e Bettina? – perguntou Kathleen, tentando virar o assunto para as filhas da condessa.

Contudo, nem lady Berwick nem Pandora estavam dispostas a mudar de assunto.

– Tolstói não é a única razão para que eu não deseje me casar – declarou Pandora.

– Sejam quais forem as suas razões, são distorcidas. Eu lhe explicarei mais tarde por que você quer, *sim*, se casar. Além do mais, você é uma moça não convencional e deve aprender a disfarçar isso. Não existe felicidade para qualquer indivíduo, homem ou mulher, que não saiba transitar pela larga avenida do senso comum.

Pandora a encarou com interesse e confusão.

– Sim, madame.

Helen desconfiou que as duas estivessem ansiosas por uma grande discussão.

– Venha até aqui – ordenou a condessa, fazendo um gesto para Helen.

A jovem obedeceu e ficou parada pacientemente enquanto lady Berwick a examinava.

– Comportamento gracioso – comentou lady Berwick –, com um olhar baixo e modesto. Absolutamente adorável. Mas não seja tímida demais, ou as pessoas a acusarão de orgulhosa. Deve cultivar um ar adequado de confiança.

– Tentarei, madame. Obrigada.

A condessa continuou a observá-la com uma expressão avaliativa.

– Você está noiva do misterioso Sr. Winterborne.

Helen deu um sorrisinho.

– Ele é misterioso, madame?

– Para mim, sim, já que nunca o encontrei pessoalmente.

– O Sr. Winterborne é um homem de negócios – retrucou Helen, com cuidado – e tem muitas obrigações que o mantêm ocupado demais para que consiga frequentar muitos eventos da sociedade.

– E ele também não é convidado para os mais exclusivos, já que é um comerciante. Você deve estar preocupada com a perspectiva de um casamento desigual. Afinal, ele está abaixo da sua classe.

Embora as palavras a magoassem, Helen manteve as feições impassíveis, consciente de que estava sendo testada.

– O Sr. Winterborne não está de forma alguma abaixo de mim, madame. Caráter é uma medida de valor mais importante para um homem do que berço.

– Muito bem colocado. Felizmente para o Sr. Winterborne, o casamento com uma Ravenel vai elevá-lo o suficiente na escala social para que ele tenha permissão para transitar pela boa sociedade. Devemos torcer para que ele se prove digno do privilégio.

– Torço para que a aristocracia seja digna *dele* – respondeu Helen com determinação.

Os olhos cinza a encararam com mais intensidade.

– Ele tem bons princípios? Gostos refinados? Um comportamento sofisticado?

– O Sr. Winterborne é cortês, inteligente, honesto e generoso.

– Mas não é refinado? – insistiu lady Berwick.

– O refinamento que ele não possuir certamente será capaz de adquirir se desejar. Mas eu não pediria ao Sr. Winterborne que

mudasse nada em seu modo de ser, afinal, já há muito a admirar nele, e eu correria o risco de demonstrar um orgulho excessivo por ele.

O olhar de lady Berwick permaneceu firme, mas o cinza dos seus olhos se tornou mais cálido.

– Que jovem extraordinária. “Fresca como uma brisa suave”, como costumava dizer meu avô escocês. Você vai ser desperdiçada com um galês... juro que poderíamos casá-la com um duque. Ainda assim, esse tipo de união, a aliança da riqueza com o bom nascimento, é necessária até para as melhores famílias hoje em dia. Devemos nos conformar com isso com graça e boa vontade.

A condessa se voltou para Kathleen.

– O Sr. Winterborne dá valor à boa sorte que teve em conseguir uma esposa dessas?

Kathleen sorriu.

– A senhora poderá avaliar por si mesma quando o conhecer.

– E quando isso acontecerá?

– Espero que o Sr. Winterborne e lorde Trenear cheguem a qualquer momento. Os dois saíram a cavalo para visitar o perímetro leste da propriedade, para ver o lugar que está sendo preparado para receber os trilhos da ferrovia e uma plataforma. Prometeram voltar e se trocar a tempo para o chá da tarde.

Antes que Kathleen tivesse tempo de terminar a frase, Devon apareceu à porta e sorriu para a esposa.

– E foi o que fizemos.

Uma breve conversa aconteceu no olhar que trocaram – uma pergunta silenciosa, preocupação, apoio –, antes que ele entrasse na sala para encontrar lady Berwick.

Devon foi seguido por Rhys, que também estava vestido em roupas de montaria: calções de montar, botas e um casaco pesado de lã.

Rhys parou ao lado de Helen e sorriu para ela. Ele trazia o cheiro

de ar livre: ar frio da manhã, folhas úmidas e cavalos. Como sempre, seu hálito tinha o aroma de menta.

– Boa tarde – disse ele, do mesmo modo que dissera “Bom dia” depois de acordá-la bem mais cedo naquele dia.

Ao se lembrar da noite deles juntos, Helen sentiu um forte rubor dominá-la, do tipo que só ele conseguia provocar, uma onda de cor que ficava cada vez mais intensa.

Tivera um sono inquieto, se virara e se debatera, a mente atormentada por preocupações. Mais de uma vez, percebera que Rhys a acalmava e a acariciava até que pegasse no sono de novo. Quando ele a acordara, ao amanhecer, Helen o encarara como quem pedisse desculpas e murmurara:

– Você nunca mais vai querer dividir uma cama comigo.

Rhys rira baixinho, puxara Helen para perto de seu peito e acariciara suas costas nuas.

– Então você vai ficar surpresa quando eu insistir para fazermos o mesmo esta noite.

Depois disso, ele fizera amor com ela uma última vez, descartando os protestos frágeis de Helen de que precisava ir embora.

Agora, enquanto tentava controlar o rubor, Helen desviou o olhar do dele.

– A cavalgada foi agradável? – perguntou baixinho, observando Kathleen apresentar Devon a lady Berwick.

– A que cavalgada se refere?

O tom dele foi tão natural que, a princípio, Helen não percebeu a provocação. Mas logo o encarou com uma expressão pasma.

– Não seja malicioso – sussurrou.

Rhys sorriu, pegou a mão dela e a levou aos lábios. A pressão gentil de sua boca nas costas dos dedos dela não ajudou a suavizar o rubor forte que a dominava.

A voz áspera de lady Berwick veio de vários metros de distância.

– Não tão fria e composta agora, ao que vejo. Lady Helen, apresente-me ao cavalheiro que parece tê-la deixado tão agitada.

Helen levou Rhys até ela.

– Lady Berwick – murmurou –, este é o Sr. Winterborne.

Uma mudança curiosa ocorreu no rosto da condessa quando ela encarou o galês grande e de cabelos negros diante dela. Os olhos duros da mulher se tornaram suaves e enevoados e um toque de rosado juvenil coloriu seu rosto. Em vez de assentir com a cabeça em cumprimento, ela estendeu a mão para ele.

Sem hesitar, Rhys envolveu com gentileza os dedos cobertos de joias da velha dama e se inclinou com graça para um cumprimento. Então endireitou o corpo e sorriu para ela.

– É um prazer.

Lady Berwick o examinou, os olhos muito abertos e quase maravilhados, enquanto sua voz permanecia fria.

– Um jovem. Confesso que esperava alguém de idade mais avançada, levando em consideração suas conquistas.

– Comecei cedo no negócio do meu pai, milady.

– O senhor me foi descrito como um “magnata dos negócios”. Pelo que entendo, esse termo é usado para um homem que angariou tamanha fortuna que não pode ser descrita em qualquer medida comum.

– Tive alguns golpes de sorte aqui e ali.

– A falsa modéstia é a prova do orgulho secreto, Sr. Winterborne.

– O assunto me deixa desconfortável – admitiu Rhys com franqueza.

– Como deveria ser. Qualquer discussão sobre dinheiro é vulgar. No entanto, na minha idade, posso perguntar o que quiser e quero ver alguém ter a ousadia de me repreender.

Rhys riu de repente, daquele seu jeito livre e atraente, os dentes muito brancos contra a pele cor de âmbar.

– Lady Berwick, eu nunca a repreenderia nem lhe recusaria

nada.

– Muito bem, então. Tenho uma pergunta para o senhor. Lady Helen insiste que, ao aceitá-lo como marido, não está se rebaixando. O senhor concorda?

Rhys olhou para Helen com uma expressão cálida.

– Não – disse baixinho. – Todo homem se casa acima de sua condição.

– Acredita, então, que ela deveria se casar com um homem de origem nobre?

Rhys voltou a atenção para a condessa e deu de ombros de um jeito despreocupado.

– Lady Helen está tão acima de qualquer homem que nenhum de nós a merece. Portanto, esse homem pode muito bem ser eu.

Lady Berwick deixou escapar uma risadinha relutante e o encarou como se estivesse enfeitiçada.

– Encantadoramente arrogante – falou. – Quase me vejo concordando com o senhor.

– Madame – chamou Kathleen. – Talvez seja melhor deixarmos os homens se refrescarem e se trocarem para que estejam apropriadamente vestidos para o chá. A governanta terá uma síncope ao ver essas botas enlameadas marcando os tapetes.

Devon sorriu.

– O que quer que seja uma síncope, estou certo de que não quero ser o causador dela.

Ele se abaixou e beijou a testa da esposa, apesar de todos os avisos que ela lhe dera sobre lady Berwick reprovar demonstrações de afeto.

Depois de se despedirem educadamente, os homens deixaram a sala de visitas.

Lady Berwick torceu os lábios.

– Não há falta de vigor masculino nesta casa, não é mesmo?

O olhar dela se tornou ausente ao encarar a porta por onde eles

havam saído. Quando voltou a se pronunciar, parecia quase falar para si mesma.

– Quando eu era jovem, havia um criado na propriedade do meu pai... Um patife de Gales do Norte, com os cabelos negros como a noite e um olhar experiente...

Ela parecia presa em uma lembrança distante, e uma expressão contida mas terna suavizou temporariamente seu rosto.

– Um patife – repetiu com suavidade –, mas galante.

A condessa se recompôs e encarou as jovens ao seu redor com um olhar duro.

– Escrevam o que digo, meninas: não há inimigo maior da virtude do que um galês encantador.

Ao sentir o cotovelo de Pandora cutucando-a discretamente, Helen pensou mortificada que era capaz de atestar aquela declaração.

CAPÍTULO 20

— Não cruze as pernas Pandora. Ocupe a sua cadeira toda. Cassandra, tente não espalhar as saias ao seu redor quando se senta.

Com o talento de uma mulher que havia treinado muitas jovens damas na arte do bom comportamento, lady Berwick distribuiu essas e muitas outras instruções às gêmeas durante o chá da tarde.

Pandora e Cassandra fizeram o melhor possível para seguir as ordens da condessa, embora reclamassem a sós, mais tarde, sobre como a mulher conseguira transformar o ritual agradável da hora do chá em um teste de paciência.

Kathleen e Devon tiveram êxito em concentrar a maior parte da conversa em um dos assuntos preferidos de lady Berwick: cavalos. Tanto lorde quanto lady Berwick eram apaixonados por esses animais e ocupavam seu tempo treinando puros-sangues na propriedade que tinham em Leominster. Na verdade, fora assim que haviam conhecido os pais de Kathleen, lorde e lady Carbery, que eram proprietários de um haras de cavalos árabes na Irlanda.

Lady Berwick ficou interessadíssima ao saber que Kathleen herdaria pelo menos duas dúzias de cavalos árabes de raça pura e um terreno que abrigava uma escola de equitação, estábulos, pátios de treinamento e uma arena. Embora o título e as terras da propriedade de lorde Carbery fossem ser passados para o parente do sexo masculino mais próximo, um sobrinho-neto do lado do pai dele, o haras fora construído pelos pais de Kathleen e nunca havia

sido atrelado ao título.

– Vamos trazer três ou quatro cavalos para cá – contou Devon. – Mas o resto dos animais terá que ser vendido.

– A dificuldade será encontrar compradores que compreendam a natureza dos árabes – comentou Kathleen com o cenho franzido. – Eles têm que ser tratados de um modo particular, diferente de como se age com outras raças. Entregar um árabe ao tipo errado de proprietário poderia criar muitos problemas.

– O que farão com o haras? – perguntou Rhys.

– Gostaria de vendê-lo ao próximo lorde Carbery e encerrar o assunto – disse Devon. – Infelizmente, de acordo com o administrador do haras, Carbery não tem interesse por cavalos.

– Ele não tem interesse por cavalos? – ecoou lady Berwick, parecendo horrorizada.

Kathleen assentiu, aborrecida.

– Quando lorde Trenear e eu chegarmos a Glengarrif, poderemos ter uma noção melhor de tudo o que precisa ser feito. Temo que tenhamos que passar umas duas semanas lá para resolver tudo. Talvez um mês.

A condessa franziu o cenho.

– Lamento, mas creio que não poderei permanecer aqui por tanto tempo.

– Ah, que pena... – disse West em tom nada sincero.

Ele se sentara o mais longe possível de lady Berwick.

– Minha filha Bettina está em seu primeiro confinamento – explicou lady Berwick. – Preciso ficar com ela em Londres quando o bebê chegar.

– Por que a senhora não fica na Casa Ravenel com Helen e as gêmeas? – sugeriu Devon. – Poderia cuidar delas tão tranquilamente em Londres quanto aqui.

Pandora bateu palmas, entusiasmada.

– Eu *adoraria* isso, há *tão mais* a fazer na cidade...

– *Por favor, diga sim, milady!* – exclamou Cassandra, saltitando na cadeira.

A condessa encarou as duas com uma expressão severa.

– Essa atitude é imprópria.

Quando as meninas fizeram silêncio, lady Berwick se dirigiu a Devon.

– Milorde, essa parece ser a solução ideal. Sim, faremos isso.

Helen permaneceu calada e imóvel, mas seu coração acelerou diante da ideia de voltar a Londres, onde ficaria mais perto de Rhys. Não ousou olhar na direção dele, mesmo quando o ouviu falar calmamente com lady Berwick.

– Acompanharei a senhora e as jovens no trem até Londres, se a ideia lhe agradar.

– Agradaria, Sr. Winterborne – foi a resposta resoluta.

– Estou a seu dispor – continuou Rhys. – Seria um privilégio atender a qualquer necessidade sua quando estiver na cidade.

– Obrigada – disse a condessa com grande dignidade. – Vindo de um homem com tantas conexões, tenho certeza de que não é uma oferta qualquer. Recorreremos ao senhor, se necessário.

Ela parou para colocar mais um torrão de açúcar no chá.

– Talvez possa nos visitar na Casa Ravenel de vez em quando.

Rhys sorriu.

– Seria um grande prazer para mim. Em troca, gostaria de convidá-la para conhecer a Winterborne's como minha convidada particular.

– Uma loja de departamentos? – falou lady Berwick, parecendo desconcertada. – Só frequento lojas pequenas, onde os vendedores estão a par de minhas preferências.

– Meus vendedores lhe mostrariam a maior variedade de mercadorias de luxo que a senhora já viu em um único lugar. Luvas, por exemplo. Quantos pares lhe trazem em uma loja pequena? Uma dúzia? Duas dúzias? No balcão de luvas da Winterborne's, a

senhora veria dez vezes isso, feitas de pelica, de camurça, de pele de veado, de alce, de pecari, de antílope, até mesmo de canguru.

Rhys percebeu o interesse dela, então continuou, em um tom casual.

– Nada menos do que três países participam da fabricação de nossas melhores luvas. São forradas com pele de carneiro na Espanha, cortadas na França e costuradas à mão na Inglaterra. Cada luva é tão delicada que pode ser guardada em uma casca de noz.

– O senhor tem produtos assim em sua loja? – perguntou a condessa, claramente sucumbindo.

– Sim. E temos mais oitenta departamentos que oferecem mercadorias vindas do mundo todo.

– Estou intrigada – admitiu a velha dama. – Mas ficar esbarrando em uma horda de pessoas comuns... a massa...

– A senhora poderia levar as moças lá depois do horário de funcionamento normal da loja, quando os outros clientes já tiverem ido embora – sugeriu Rhys. – Pedirei a alguns vendedores que permaneçam na loja para auxiliá-las. Se desejar, minha assistente marcará um horário para que lady Helen converse em particular com a modista da loja. Está na hora de começar a preparar o enxoval dela, aye?

– Já passou da hora – disse Kathleen, lançando um olhar questionador ao marido.

– Sei pouco desses assuntos – retrucou Devon. – Deixo a seu critério.

– Então, se lady Berwick consentir e Helen desejar – disse Kathleen –, a modista da Winterborne's poderia começar a trabalhar no vestido enquanto lorde Trenear e eu estivermos fora.

Helen assentiu.

– Seria ótimo.

Ela olhou para Rhys por apenas um instante e viu além do verniz

relaxado. A julgar pelo brilho em seus olhos, ele estava cheio de planos.

– Vou dar ao assunto a devida consideração – declarou lady Berwick, franzindo o cenho quando Pandora tamborilou com os dedos das duas mãos na mesa, empolgada. – Criança, não faça da mesa de chá um tamborim.



Helen achou ao mesmo tempo um prazer e uma tortura seguir normalmente com o dia tendo Rhys no Priorado Eversby. Ele ficava ao alcance de seus olhos e de suas mãos, mas os dois estavam sempre na companhia de outros. Era exaustivo ter que esconder o que sentia, o modo como seu coração disparava sempre que ele entrava em um cômodo. Helen nunca imaginara como poderia ser poderosa a combinação de desejo físico e amor. Em alguns momentos, ela se pegava melancólica, pensando que seu tempo com Rhys estava escorrendo entre os dedos como areia fina. Precisava contar a ele sobre sua paternidade... Só não conseguia se forçar a isso ainda.

As horas antes da meia-noite se arrastaram enquanto Helen andava de um lado para outro, irritada, e esperava no quarto até que a casa finalmente se assentasse para dormir. Ela correu descalça pelos corredores até a ala leste, de camisola branca e roupão, a impaciência latejando nas veias.

Helen chegou à porta do quarto de Rhys, que se abriu antes mesmo que ela encostasse na madeira, e um braço forte a puxou para dentro. A porta se fechou, a chave girou na fechadura e Rhys a agarrou com uma risadinha. Helen sentiu-se eletrizada pela sensação do corpo dele colado ao dela, pela pressão agressiva da masculinidade dele contra sua barriga.

A boca de Rhys afastou qualquer pensamento da cabeça de

Helen ao capturar os lábios dela com voracidade, liberando uma onda de desejo que ela era inexperiente demais para controlar. Helen reagiu cegamente, desesperada por ele, as mãos buscando os cabelos negros e grossos.

Depois de despi-la onde ela estava, Rhys a carregou para a cama. Ele se posicionou em cima dela e começou a saboreá-la com uma lentidão deliberada, mordendo e lambendo a carne latejante do pescoço, dos seios e dos pulsos de Helen. Ela sentiu o toque das mãos dele entre suas coxas, provocando-a suavemente. Rhys afastou a carne delicada, as pontas dos dedos frias e gentis acariciando cada lado do botão quente no centro do prazer dela. Helen não conseguia parar de se contorcer, de se esticar, envolvendo o corpo dele com as pernas e os braços a cada oportunidade. Rhys resistiu, queria brincar, queria se deleitar com uma variedade de sensações eróticas, quando tudo o que ela desejava era tê-lo dentro dela. *Naquele momento.*

O sussurro de Rhys envolveu a orelha dela.

- Você não está úmida o bastante para me receber, *cariad*.
- Estou – conseguiu dizer Helen, entre arquejos.
- Mostre-me.

Depois da mais breve hesitação, ela estendeu a mão para a ereção dele. E deixou escapar um arquejo rouco ao sentir a carne dele pulsar e inchar até já não conseguir mais fechar os dedos ao seu redor. Ela o guiou para o meio das coxas, roçou a cabeça do sexo dele sobre as dobras do próprio sexo, girando a parte mais sensível dele contra ela, até a umidade ser abundante e os dois estarem tremendo de desejo.

Rhys a penetrou, a abriu, persuadindo a carne dela a recebê-lo. Helen arqueou o corpo, impotente e entregue, consciente apenas do prazer que a preenchia. Ele agarrou o quadril dela, empurrando e puxando-a lentamente sobre o membro rígido, e Helen deixou escapar sons que nunca fizera na vida, gemendo e ronronando com

o prazer absoluto de ser possuída por ele.

Quando o último espasmo cessou e Helen recuperou o ar, Rhys rolou na cama, levando-a consigo com facilidade. Ela se viu montada no colo dele, que agora estava sentado na beira da cama. A posição a fez sentir-se estranha, constrangida, e ela passou os braços ao redor do pescoço dele, com medo de cair para trás.

Rhys pousou a mão nas costas de Helen para apoiá-la. Sua boca buscou a dela, os dentes roçando suavemente no lábio inferior. Ele pareceu estar à espera de algo. Helen abaixou os olhos, confusa, para a ereção exuberante pressionada entre os dois, perguntando-se o que ele desejava dela.

Rhys riu baixinho, a luz do lampião projetando centelhas nos olhos de meia-noite.

– Você parece uma pomba presa em uma armadilha.

– Não sei o que fazer – protestou ela, quente e constrangida.

Ele segurou o traseiro dela com a mão livre, levantou-a e puxou-a gentilmente mais para perto.

– Abaixе-se sobre mim, *cariad*.

Helen arregalou os olhos quando compreendeu o que ele pretendia.

Então agarrou os ombros dele e obedeceu, descendo o corpo centímetro por centímetro, com cuidado. Incapaz de contê-lo todo, ela parou, mostrando desconforto. A mão de Rhys logo a ergueu, diminuindo a pressão interna.

Rhys abaixou as pálpebras e franziu o cenho. Uma camada de suor deixara seu rosto e seu peito com a aparência de bronze polido. Ele mordeu os lábios e murmurou algo em galês.

– Não consigo compreender o que você está dizendo – sussurrou Helen.

Ele respirou fundo e deixou escapar uma risadinha rouca.

– Melhor assim. Eu lhe fiz um elogio... mas rude. Agarre-se a mim.

Ele se deitou e apoiou o peso do corpo nos cotovelos, deixando-a descansar parcialmente sobre seu torso.

– Fica melhor?

Helen assentiu com um breve arquejo de alívio. Naquela posição, conseguia controlar quanto ele a penetrava. Que sensação incrível era ter todo aquele vigor embaixo dela, o corpo robusto preso entre suas coxas.

Ela viu um lampejo de desafio nos olhos de Rhys, que levantou o quadril em um convite para brincar.

Helen se moveu com cuidado, erguendo e abaixando o corpo, prendendo a respiração ao senti-lo deslizar quente dentro dela. Rhys foi paciente, deixou que ela experimentasse a nova posição, enquanto seu coração batia disparado sob as mãos espalmadas dela. Helen encontrou um ritmo que fez com que espasmos de calor a percorressem. A julgar pelo gemido ardente de Rhys, ele pareceu gostar também. A boca dele capturava os mamilos de Helen sempre que ela se aproximava o bastante, e ela começou a gostar de provocá-lo, às vezes deixando que ele conseguisse o que queria, às vezes recuando. A fita que prendia os cabelos dela se soltara e agora as mechas loiras caíam ao redor dos seus ombros em uma cortina prateada, fazendo cócegas no rosto e no peito dele.

– Você gosta de me atormentar – disse Rhys, as pálpebras pesadas de prazer.

– Gosto.

Na verdade, era divertido e excitante de um modo que ela nunca imaginara.

A sombra de um sorriso cruzou os lábios dele, mas desapareceu assim que Helen abaixou o corpo mais fundo, deixando-se preencher. Rhys acompanhava o ritmo dela em uma entrega ardente, os punhos cerrados segurando o lençol. Ela amou vê-lo perdido na paixão, a cabeça inclinada para trás, o pescoço forte exposto, os músculos do peito agudamente delineados. Uma

tempestade de sensações pareceu varrer Helen quando, trêmulo, seu corpo se colou ao de Rhys. Ele continuou a arremeter, os movimentos tornando-se bruscos e determinados. Na última estocada, arqueou o quadril, as costas quase descoladas da cama.

Assim que foi capaz, ele abaixou o corpo e afastou os cabelos de Helen para trás com a mão trêmula para conseguir olhar no rosto dela.

– Fui rude demais com você, *cariad*?

– Não.

Helen esticou o corpo voluptuosamente sobre o dele.

– Eu fui rude demais com você? – perguntou ela.

Ele riu e relaxou.

– Sim, não me ouviu implorando por clemência?

– Era isso o que você estava fazendo? – perguntou Helen e, quando inclinou a cabeça, deixou os cabelos caírem em uma cortina ao redor deles. – Achei que estivesse me pedindo para continuar.

Um lento sorriso se abriu no rosto de Rhys.

– Era um pouco de ambos – concordou e a puxou para si.

Eles conversaram preguiçosamente por algum tempo, enquanto a noite adormecia ao redor dos dois e as sombras diminuía.

– Você encantou lady Berwick – comentou Helen, recostando-se no peito de Rhys, que estava sentado na cama, com os ombros encostados na cabeceira. – Acho que ela o convidou para nos visitar na Casa Ravenel antes mesmo de se dar conta do que estava fazendo.

A mão quente dele deslizou pelo braço esguio dela.

– Eu as visitarei com o máximo de frequência que ela permitir.

– Estou certa de que ela vai querer visitar a Winterborne's depois de tudo o que você falou sobre luvas. Como soube que a deixaria tentada?

– A maior parte das mulheres da idade dela vai direto ao balcão de luvas quando entra na loja.

– Para que balcão vão as mulheres da minha idade?

– Perfumes e talcos.

Ela estava se divertindo.

– Você sabe tudo sobre mulheres, não é?

– Eu não diria isso, *cariad*. Mas sei em que gostam de gastar dinheiro.

Helen se virou de lado e apoiou a cabeça no ombro dele.

– Vou persuadir lady Berwick a convidá-lo para jantar assim que estivermos acomodadas em Londres.

Ela suspirou.

– Será difícil ver você e me comportar de maneira formal.

– Aye. Você terá que controlar suas mãos.

Helen sorriu e beijou o peito dele.

– Vou tentar.

Rhys ficou em silêncio um instante.

– Não gosto da ligação entre lady Berwick e Vance – falou ele, do nada. – Vou dizer a Treneer que deixe claro para ela que não quero Vance a menos de dois quilômetros de você e das gêmeas.

Helen se esforçou para permanecer relaxada, embora o comentário houvesse lhe provocado um arrepio. A perspectiva de conhecer o pai verdadeiro era aterrorizante, mas ainda assim ela se sentia curiosa em relação a ele. Seria errado?

– Eu também não iria querer isso – falou ela, e o coração disparou de um modo desagradável. – O Sr. Vance tem família?

– A esposa dele morreu de pneumonia no ano passado. Eles não tiveram filhos, todos nasceram mortos. Os outros parentes de Vance moram longe, no Norte, e não costumam ir a Londres.

– Que irônico que ele tenha tido uma filha ilegítima com a mulher do seu amigo, mas nenhum filho legítimo com a própria esposa.

Uma sombra de tristeza a abateu.

– Imagino se a pobre menininha sobreviveu.

– Melhor que não tenha sobrevivido – declarou Rhys de pronto. –

Qualquer filho dele é cria do demônio e não daria em nada bom.

Helen ficou rígida, embora compreendesse por que ele dissera aquilo.

Na cultura em que viviam, os laços de sangue eram tudo. A sociedade era baseada no princípio de que a linhagem de uma pessoa determinava sua vida – sua moral, seu temperamento, inteligência, posição social, tudo o que conquistaria. As pessoas não podiam ir contra o sangue de seus ancestrais – seus futuros já estavam traçados. Por isso tantos de sangue azul consideravam degradante o casamento com um plebeu. Por isso um homem que havia conseguido alcançar o sucesso com o próprio esforço, mas tinha quinhentos anos de ancestrais da classe mais baixa, jamais seria tão respeitado quanto um nobre. Por isso as pessoas acreditavam que criminosos, lunáticos e tolos gerariam mais de si mesmos.

O sangue dirá.

Rhys percebeu a mudança no corpo de Helen, apoiou-a na cama e se inclinou para observá-la melhor.

– Qual é o problema?

Ela demorou a responder.

– Nada. É só que... você pareceu tão insensível agora.

Rhys ficou em silêncio por um instante.

– Não gosto desse lado meu que Vance faz aflorar, mas não há nada que eu possa fazer. Não vamos falar nele de novo.

Quando ele se acomodou ao seu lado, Helen fechou os olhos e engoliu as lágrimas que tentavam aflorar. Ela desejou desesperadamente poder conversar com alguém sobre aquilo. Alguém além de Quincy, que deixara sua opinião clara. Desejou poder se aconselhar com Kathleen. Mas a cunhada já tinha muitas preocupações e, na condição dela, não precisava de mais uma.

Os pensamentos de Helen foram interrompidos quando Rhys a puxou para mais perto de seu corpo quente.

– Descanse agora, meu bem – sussurrou. – Quando você acordar, pela manhã, prometo que sua fera mal-humorada já terá se transformado em homem de novo.

CAPÍTULO 21

O dia seguinte foi dedicado à arrumação das bagagens. Criados enchiam freneticamente baús, malas, bolsas, valises e caixas de chapéus para todos os membros da família, com exceção de West. Kathleen, Devon, o valete Sutton e a camareira Clara partiriam para Bristol de trem naquela mesma noite. Eles dormiriam em um hotel no porto e pegariam um vapor para Waterford na manhã seguinte. A pedido de Rhys, o escritório de transportes da Winterborne's havia planejado a viagem com atenção a cada detalhe.

Alguns minutos antes de partirem para a estação de Alton, Kathleen encontrou Helen em seu quarto, arrumando uma pequena valise para ser levada na mão.

– Querida, por que está fazendo isso? – perguntou Kathleen, ofegante. – Clara deveria tomar conta disso.

– Eu me ofereci para ajudar – retrucou Helen. – Clara precisa de mais alguns minutos para arrumar os próprios pertences.

– Obrigada. Santo Deus, este lugar está parecendo um hospício. Você e as gêmeas terminaram de arrumar as coisas que vão levar para Londres?

– Sim, partiremos pela manhã com o Sr. Winterborne e lady Berwick.

Helen abriu a valise sobre a cama para mostrar o conteúdo à cunhada.

– Venha dar uma olhada. Espero não ter esquecido nada.

Ela havia guardado ali o xale favorito de Kathleen, de lã, em um

dégradé de matizes; um pote de amêndoas salgadas; caderno e lápis; um estojo de costura com tesouras minúsculas e uma pinça; uma escova de cabelos e um estojo com grampos; lenços e luvas extras; um pote de creme para a pele; um frasco de água de rosas; um copo; uma latinha de pastilhas para a garganta; um calção de baixo extra; uma bolsinha cheia de moedas; e um romance em três volumes.

– As gêmeas tentaram me persuadir a incluir um par de pistolas, para o caso de o vapor de vocês ser invadido por piratas – disse Helen. – Coube a mim lembrar a elas que piratas já não navegam o mar da Irlanda há dois séculos e meio.

– Que decepcionante! Estou certa de que teria acabado com eles. Ah, bem... se não terei a aventura, pelo menos terei um romance para ler.

Kathleen pegou um dos volumes, leu o título e começou a rir.

– *Guerra e paz?*

– É longo e muito bom – explicou Helen. – E eu sabia que você ainda não havia lido, já que estava guardado acima da sexta prateleira na biblioteca. E, mesmo se Tolstói realmente influenciar uma dama contra o casamento, como alega lady Berwick, você já está casada; é tarde demais.

Ainda rindo, Kathleen voltou a guardar o livro na valise.

– Nada poderia me influenciar contra o casamento depois do modo como Devon tem me tratado. Estável como a Estrela Polar e tão terno... Descobri que preciso ainda mais dele do que imaginava.

– Ele também precisa de você.

Kathleen fechou a valise e encarou a cunhada com afeto.

– Vou sentir muito a sua falta, Helen. Mas meu coração fica mais leve por saber que você e as gêmeas estarão se divertindo em Londres. Espero que o Sr. Winterborne visite a Casa Ravenel com frequência. Sei que ele é capaz de qualquer coisa, com exceção de dar saltos mortais de costas, para deixá-la feliz.

Ela fez uma pausa antes de acrescentar baixinho:

– Ele ama você. É óbvio.

Helen não soube como responder. Ansiava por abrir o coração e confidenciar que não importava quanto Rhys a amasse, aquilo não seria o bastante para superar o terrível fato de quem era ela. Ele ficaria devastado quando descobrisse. Mas ela forçou um sorriso e desviou o rosto, fingindo timidez.

Kathleen passou os braços ao redor da cunhada.

– Serão dias felizes para você, querida. Não terão problemas com lady Berwick. Ela é a mulher mais digna que já conheci, além da mais sábia. Você e as gêmeas devem confiar nela e buscar seu apoio enquanto eu estiver longe.

– Farei isso – assegurou Helen e abraçou Kathleen com força. – Não se preocupe com nada. Serão dias tranquilos e relaxados enquanto esperamos por seu retorno.



Qualquer um que tivesse testemunhado as longas despedidas da família Ravenel presumiria que o grupo ficaria separado por um período de anos, em vez de semanas. Felizmente, lady Berwick, que teria desaprovado tamanha demonstração de afeto, estava em seu quarto. De sua parte, Rhys tivera a delicadeza de se recolher à biblioteca para dar privacidade à família.

Tanto Pandora quanto Cassandra tentaram manter o tom leve e divertido, mas, quando chegou a hora de dizer adeus, as duas ficaram chorosas e abraçaram Kathleen ao mesmo tempo, até que ela quase sumisse, imprensada entre as duas. Por grande parte do último ano, Kathleen havia tratado as gêmeas com uma mistura de interesse e afeto que era inegavelmente de natureza maternal. As meninas sentiram muito a falta dela.

– Queríamos ir com vocês – disse Pandora, abalada.

Cassandra deixou escapar um soluço.

– Pronto, pronto – veio a voz de Kathleen do meio do abraço das meninas. – Logo estaremos juntas, queridas. Nesse meio-tempo, vocês se divertirão muito em Londres. E voltarei com um lindo cavalo para cada uma... Pensem nisso!

– E se meu cavalo não for um bom marinheiro? – aventou Cassandra.

Kathleen tentou retrucar, mas, como ainda estava engolfada pelas duas, era difícil se fazer ouvir.

Devon, que se divertia com a situação, se adiantou e resgatou a esposa da mistura afetuosa de braços.

– Os cavalos terão estábulos acolchoados a bordo do barco – explicou. – Também haverá cintas de lona sob seus corpos, como redes, para impedi-los de tombar ou cair. Ficarei nos deques de baixo com os cavalos para mantê-los calmos.

– Eu também – acrescentou Kathleen.

Devon a encarou com um alerta no olhar.

– Como discutimos mais cedo, meu trabalho durante a viagem de volta será tomar conta dos cavalos, enquanto o seu será tomar conta do meu futuro filho ou filha.

– Não sou uma inválida – protestou Kathleen.

– Não – concordou ele. – Mas é a coisa mais importante no mundo para mim, e não vou colocar sua segurança em risco.

Kathleen cruzou os braços e tentou parecer indignada.

– Como posso argumentar contra isso?

Devon sorriu e deu um beijo estalado nela.

– Não pode.

Ele se virou para as gêmeas, abraçou as duas ao mesmo tempo e beijou o topo de suas cabeças.

– Adeus, suas levadas. Tentem não causar muitos problemas para lady Berwick e tomem conta de Helen.

– Está na hora de irem – avisou West da porta. – Têm certeza de

que não precisam que eu os acompanhe até a estação?

Devon sorriu para o irmão.

– Obrigado, mas a carruagem já está cheia o bastante. Além do mais, não quero afastá-lo de suas obrigações aqui como anfitrião de lady Berwick.

– Está certíssimo – retrucou West com suavidade, mas, quando se virou, fez um gesto discreto que apenas Devon deveria notar.

– Kathleen – chamou Pandora. – O primo West fez aquele gesto com o dedo de novo.

– Cãibra na mão – apressou-se West em se defender, estreitando os olhos para Pandora.

Kathleen sorriu e passou os braços ao redor do pescoço do cunhado.

– West – disse ela, com carinho –, o que vai fazer quando todos nós o deixarmos em paz?

Ele suspirou e deu um beijo na testa dela.

– Sentir saudades de vocês, ora.



Antes que o resto da família partisse na manhã seguinte, West puxou Helen para uma conversa a sós. Eles caminharam até o solário, um espaço cercado de vidro e pedra, cheio de vasos luxuriantes de palmeiras e samambaias. As janelas de vidro revelavam um grupo de faias, os galhos como pêndulos, caindo frouxos como se estivessem exaustos pelas atribulações do inverno. Um bando de tentilhões laranja e cinza desceu do céu nublado para se alimentar no tapete de nozes espalhadas ao redor dos troncos retorcidos.

– Ocorreu-me – disse West, abaixando a cabeça para não esbarrar nas cestas penduradas no teto, cheias de uma variedade de plantas – que essa é a primeira vez que você e as gêmeas

passarão mais de uma noite em Londres sem ninguém da família para tomar conta de vocês.

- Lady Berwick estará conosco – lembrou Helen.

- Ela não é da família.

- Kathleen a tem em alta conta.

- Só porque lady Berwick a acolheu depois que os pais de Kathleen tentaram deixá-la em uma esquina com uma placa dizendo “Criança à disposição” ao redor do pescoço. Ah, sei que Kathleen a vê como a fonte de toda a sabedoria e benevolência, mas você e eu temos consciência de que não vai ser fácil. A condessa e Pandora passarão o tempo todo se bicando.

Helen sorriu ao notar a preocupação nos olhos azul-escuros dele.

- Será só por um mês. Vamos aprender a lidar com lady Berwick. E o Sr. Winterborne estará por perto.

West franziu ainda mais o cenho.

- Isso não faz com que eu me sinta nada melhor.

- Com o que está preocupado? – perguntou Helen, perplexa.

- Que ele tire vantagem de você e a manipule até você ter a sensação de ser uma roupa suja nas mãos de uma boa lavadeira.

- Winterborne não vai tirar vantagem de mim.

West bufou.

- Você só diz isso porque ele já tirou.

Ele pegou Helen pelos ombros e a encarou nos olhos.

- Amiguinha, quero que seja cautelosa. Lembre-se de que Londres não é uma terra mágica de felicidade e confeitarias, onde cada estranho é um herói disfarçado.

Helen o encarou com severidade.

- Não sou *tão* inexperiente assim.

West arqueou uma das sobrancelhas.

- Estamos certos disso? Porque, na última vez que você esteve em Londres, decidiu procurar Winterborne desacompanhada e, veja

só, voltou para casa deflorada.

A cor ficou mais intensa no rosto de Helen.

– Nós dois fizemos um acordo.

– Não havia necessidade de acordos. Ele teria se casado com você de qualquer forma.

– Você não tem como ter certeza disso.

– Querida, qualquer um tem certeza disso, exceto você, ao que parece. Não, não se dê o trabalho de discutir, não temos tempo. Apenas mantenha em mente que, se houver qualquer problema, se alguma coisa der errado para você ou para as gêmeas, quero que mande me chamar. Peça para um criado levar um bilhete ao posto de telégrafo mais próximo, e estarei lá em um instante. Prometa-me que fará isso.

– Prometo – falou Helen e ficou na ponta dos pés para beijar o rosto dele. – Acho que você é um herói disfarçado.

– Acha mesmo? – falou West e balançou a cabeça com uma expressão melancólica. – Então é bom que não me conheça melhor. Ele lhe ofereceu o braço.

– Venha, está na hora de nos juntarmos aos outros no saguão de entrada. Por acaso tem um espelho de bolso?

– Infelizmente, não. Por quê?

– Fiz com que você se atrasasse, o que significa que a essa altura já brotaram serpentes da cabeça de lady Berwick, e não posso olhar para ela diretamente.



Não foi surpresa para ninguém que lady Berwick insistisse em que Rhys ocupasse o assento ao lado dela na viagem para Londres. Ele fez a vontade dela, é claro, mas de vez em quando se virava com um olhar saudoso para Helen, que ia atrás deles, com seu bastidor de bordado.

Enquanto trabalhava em um aplique de flor, arrematando os cantos de uma folha com um ponto delicado, ela ouvia a conversa dos dois sem se envolver. Rhys tratava lady Berwick com um interesse respeitoso, mas não parecia nem um pouco impressionado com ela. Ele fez perguntas sobre o assunto favorito da velha dama – cavalos e o treinamento dos animais –, admitindo francamente que sabia muito pouco do assunto e que era um cavaleiro adequado, na melhor das hipóteses. Essa confissão causou uma reação entusiasmada da condessa, que tinha como maior prazer dar conselhos e informações.

A atenção de Helen se desviou para as gêmeas, que conversavam na fileira de trás.

–... aquela palavra de *Otelo* que não deveríamos saber – dizia Pandora.

– Escória? – arriscou Cassandra.

– Não, boba. E essa palavra não é de *Otelo*, é de um dos Henriques. Estou me referindo àquele nome de que Otelo chama Bianca quando acha que ela ama outro homem.

Diante da expressão perplexa da irmã, Pandora sussurrou a palavra proibida.

– Não conheço essa – disse Cassandra.

– Isso é porque você leu a versão resumida. Mas eu li o original, depois procurei a palavra no dicionário. É como se chama uma mulher que se deita com um homem por dinheiro.

– Por que um homem pagaria a uma mulher para dormir com ele? – perguntou Cassandra, parecendo confusa. – A menos que esteja muito frio e não haja cobertores o bastante. Mas seria mais simples comprar mais, não seria?

– Eu preferiria dormir com os cães. São muito mais quentes do que as pessoas.

Perturbada, Helen refletiu que não era certo proteger tanto as gêmeas. Anos antes, ela assumira para si a tarefa de contar às

meninas sobre os períodos mensais para que, quando eles acontecessem, as duas não ficassem espantadas e atemorizadas como ela mesma ficara. Por que deveriam ser mantidas na ignorância? Afinal, ter informação era a melhor forma de proteção. Helen decidiu explicar os fatos básicos às gêmeas na primeira oportunidade, para não correr o risco de que as duas chegassem a conclusões erradas por conta própria.

O trem chegou à estação de Waterloo e seus galpões lotados, o ar cheio da cacofonia de sempre. Assim que as Ravenels e seus acompanhantes desceram para a plataforma, foram recebidos por quatro funcionários da Winterborne's de uniforme azul, que recolheram as bagagens e as colocaram em carrinhos de transporte e abriram caminho com uma eficiência mágica. Helen achou particularmente divertido o esforço de lady Berwick para não parecer impressionada enquanto elas eram acompanhadas até duas carruagens particulares – uma para a família, outra para os criados – e uma carroça para a bagagem excedente.

A carruagem de Rhys era um veículo magnífico, um modelo moderno com acabamento em laca preta brilhante e o W ornamentado tão conhecido aplicado na lateral. Rhys ficou parado ao lado da porta da carruagem e ajudou cada uma das ocupantes a entrar no veículo, começando por lady Berwick e então Helen. Quando uma das gêmeas puxou sua manga com uma expressão suplicante, ele se voltou brevemente para as mulheres sentadas e disse em tom de desculpas:

– Peço que me deem licença por um momento.

A porta foi fechada, deixando Helen e lady Berwick lá dentro.

A condessa franziu o cenho.

– O que houve?

Helen balançou a cabeça devagar, também surpresa.

A porta foi aberta uns poucos centímetros com um *clique* suave, depois voltou a se fechar. *Clique*. Foi aberta e fechada mais uma

vez.

Helen disfarçou um sorriso ao perceber que as gêmeas brincavam com a maçaneta externa moderna, que se abria quando era pressionada suavemente para baixo, em vez de ser preciso girá-la, como era comum até então.

– Meninas! – exclamou lady Berwick, aborrecida, quando a porta voltou a ser aberta. – Entrem de uma vez.

Pandora e Cassandra obedeceram, parecendo encabuladas, e se sentaram ao lado de Helen.

A condessa as encarou com frieza.

– Não brincamos com maçanetas.

– O Sr. Winterborne disse que podíamos – murmurou Pandora.

– Eu me arrisco a dizer que ele sabe muito pouco sobre o comportamento adequado das jovens damas.

Depois de se acomodar no assento ao lado da condessa, Rhys disse com o rosto muito sério – embora os cantos de seus olhos se franzissem levemente:

– Perdoe-me, milady. Quando percebi o interesse delas, pensei em lhes mostrar como o mecanismo funcionava.

– É preciso conter as mentes jovens muito ativas – comentou a condessa em um tom mais calmo. – Pensar demais acabará instigando as fagulhas do vício.

Helen cutucou Pandora com o cotovelo, alertando-a para que permanecesse em silêncio.

– Meus pais eram da mesma opinião – comentou Rhys com tranquilidade. – Uma mente superativa, dizia meu pai, me tornaria insolente e insatisfeito. “Conheça o seu lugar”, ele me dizia, “e guarde-o.”

– O senhor obedeceu? – perguntou lady Berwick.

Rhys riu baixinho.

– Se eu o tivesse ouvido, milady, estaria em uma lojinha na High Street neste momento... não sentado em uma carruagem com uma

condessa.

CAPÍTULO 22

Para decepção de Helen, houve poucas oportunidades de ver Rhys durante a primeira semana delas em Londres. Depois de ter passado alguns dias longe do escritório, o trabalho se acumulara e havia muitos assuntos que exigiam sua atenção. Certa tarde ele conseguiu fazer uma visita à Casa Ravenel, mas seu contato com Helen se limitou a uma conversa banal, com a condessa e as gêmeas sentadas ao lado. As regras de lady Berwick para as visitas eram explícitas e inflexíveis: deveriam ser feitas em horas determinadas, e o visitante não poderia se demorar mais de quinze minutos. Depois que se passou o tempo adequado, a condessa relanceou o olhar para o relógio.

Os olhos de Rhys encontraram os de Helen em um momento de impaciência em comum – e de saudade – e ele torceu os lábios ao se levantar.

– Acredito que já me demorei demais.

– Foi um grande prazer receber sua visita, Sr. Winterborne – disse lady Berwick, levantando-se também. – É bem-vindo para jantar conosco depois de amanhã, se sua agenda permitir.

– Na sexta-feira? – Rhys franziu o cenho, aborrecido. – Nada me daria mais prazer, milady, porém já me comprometi em comparecer a um jantar privado com o primeiro-ministro.

– O Sr. Disraeli? – perguntou Helen, com os olhos arregalados. – Ele é seu amigo?

– Um conhecido. O primeiro-ministro quer meu apoio para uma

lei de reforma trabalhista que permita que os trabalhadores tenham direito à greve.

– Não sabia que era ilegal – disse Helen.

Rhys sorriu diante do interesse dela.

– Apenas algumas associações de artesãos, como carpinteiros, pedreiros e fundidores têm permissão legal para fazer greve. Mas muitas outras categorias entram em greve mesmo assim, e as pessoas são presas por isso.

– O senhor quer que eles tenham o direito de fazer greve? – perguntou Helen. – Mesmo sendo proprietário de um negócio?

– Sim. A classe trabalhadora deve ter garantidos os mesmos direitos que qualquer um na sociedade.

– Não cabe a nós, mulheres, nos preocuparmos com esses assuntos – ressaltou lady Berwick, finalizando a conversa com um gesto de mão. – Eu me empenharei em encontrar uma data que nos seja mutuamente aceitável para o jantar, Sr. Winterborne.

– Eu o levarei até a porta, madame – anunciou Helen, tentando abrandar a frustração de não ter um segundo a sós com ele.

Lady Berwick balançou a cabeça com determinação.

– Minha querida, é impróprio acompanhar um cavalheiro de saída.

Helen lançou um olhar suplicante para as irmãs.

Na mesma hora, Pandora empurrou a cadeira com a parte de trás da perna, tombando-a.

– *Maldição!* – exclamou. – Como isso aconteceu?

A condessa se virou para encará-la.

– Pandora, essa palavra!

– O que devo dizer quando derrubo algo?

Houve um breve silêncio enquanto lady Berwick considerava a pergunta.

– Você deve dizer “ai de mim”.

– “Ai de mim”? – repetiu Pandora, em tom de desgosto. – Mas é

uma exclamação tão sem graça.

– O que essa expressão quer dizer exatamente? – perguntou Cassandra.

Enquanto as gêmeas mantinham lady Berwick ocupada, Helen se esgueirou para o corredor com Rhys.

Sem dizer uma palavra, ele passou a mão pela nuca de Helen e puxou sua boca para a dele, devorando-a com calor e um apetite másculo. Ela inspirou fundo quando se viu apertada contra o corpo de Rhys, o hálito dele parecendo queimar sua pele.

– Helen? – disse a voz da condessa, vinda da sala de estar da frente da casa.

Rhys soltou Helen no mesmo instante e a encarou, abrindo e fechando os punhos como se ardesse ao tocá-la.

Zonza, Helen tentou se equilibrar sobre os joelhos bambos.

– É melhor você ir – avisou ela e, tentando fazer graça, acrescentou: – Ai de mim.

Rhys lançou-lhe um olhar triste, depois recolheu o chapéu e as luvas de uma mesa em formato de meia-lua.

– Não posso voltar aqui durante as horas de visita, *cariad*. Nos últimos quinze minutos, sofri como um homem faminto observando a vitrine de uma confeitaria.

– Quando voltarei a vê-lo?

Ele colocou o chapéu na cabeça e calçou as luvas.

– Encontrarei uma forma para que vocês visitem a loja na segunda-feira à noite.

– E teremos alguma privacidade lá? – perguntou Helen, cética, seguindo-o até a porta.

Rhys parou para encará-la e acariciou seu rosto com a ponta dos dedos, fazendo-a estremecer ao toque do couro negro e macio da luva. Ele segurou o queixo dela e fitou sua boca.

– A loja é meu território – disse ele. – O que você acha?



No dia seguinte, a sala de estar estava repleta de mulheres que lady Berwick havia convidado para uma visita especial. Aquelas eram as matronas que supervisionavam os eventos mais importantes da temporada. Era responsabilidade delas moldar a próxima geração de esposas e mães, e os destinos de todas as jovens casadoiras dependia de sua boa vontade.

– Falem o mínimo possível – disse lady Berwick às moças em um tom severo. – Lembrem-se de que o silêncio é de ouro.

Ela se virou para Pandora.

– No seu caso, é de platina – acrescentou.

As três irmãs ocuparam um canto da sala de estar e permaneceram em silêncio e de olhos muito abertos enquanto o grupo de matronas tagarelava e bebia chá à saúde da rainha. Uma discussão animada sobre o tempo levou a um consenso de que o frio havia estado fora do comum e que a primavera certamente chegaria mais tarde naquele ano.

Helen prestou atenção quando lady Berwick perguntou a opinião geral sobre a modista da Winterborne's e se tranquilizou ao ouvir que as criações da dama em questão, Sra. Allenby, eram de excepcional qualidade. Agora que a Sra. Allenby se tornara uma modista oficial da corte, era impossível conseguir um horário com ela sem ter que aguardar em uma lista de espera.

– Presume-se, no entanto – lembrou uma matrona, com um sorriso – que lady Helen conseguirá um horário com ela sem ter que esperar.

Helen manteve o olhar baixo, em uma atitude modesta.

– É verdade – respondeu lady Berwick por ela. – O Sr. Winterborne tem sido muito prestativo.

– A senhora o conheceu? – perguntou uma das damas.

Várias cadeiras rangeram em uníssono quando o grupo se

inclinou para a frente, os ouvidos atentos para a resposta da condessa.

– Ele nos acompanhou no trem de volta para Londres.

Quando murmúrios empolgados se elevaram do grupo, lady Berwick lançou um olhar expressivo para Helen, que na mesma hora entendeu a deixa.

– Se as senhoras não fizerem objeção – disse Helen com discrição –, minhas irmãs e eu vamos nos retirar para estudar nossas lições de história.

– É muito bom cuidar de sua educação, minha querida.

Helen e as gêmeas fizeram uma mesura para o grupo e deixaram a sala. Quando passavam pela porta, uma avalanche de perguntas sobre o Sr. Winterborne encheu o cômodo.

– Vamos subir – disse Helen às gêmeas, sentindo-se desconfortável, quando as duas pararam para ouvir. – Quem ouve atrás das portas não escuta nada de bom sobre si mesmo.

– Sim – admitiu Pandora —, mas também ouve coisas *fascinantes* sobre outras pessoas.

– Shhh – sussurrou Cassandra, esticando a cabeça para ouvir.

– As feições dele são agradáveis, embora não tão delicadas quanto se poderia desejar – dizia lady Berwick, que então baixou a voz. – Tem cabelos abundantes, muito negros, a insinuação viril de uma barba e um físico robusto.

– E quanto ao temperamento? – perguntou alguém.

– Tão cheio de energia quanto um garanhão – retrucou lady Berwick com malícia. – Obviamente é um homem bem equipado para os deveres da paternidade.

Seguiu-se uma onda empolgada de comentários e perguntas.

– Eu me pergunto se elas em algum momento chegam a falar sobre eventos de caridade – sussurrou Cassandra, enquanto Helen as empurrava para longe.



Depois de terem conseguido sobreviver à reunião das damas sem cometer um suicídio social, Pandora, Cassandra e Helen foram liberadas da obrigação de recepcionar as visitas do dia seguinte. Pandora convenceu Cassandra a ajudá-la na criação das imagens para seu jogo de tabuleiro, enquanto Helen permanecia sentada sozinha com um livro, na sala de estar do andar de cima.

Helen passou vários minutos encarando as palavras sem lê-las, enquanto a mente girava como um carrossel entediante. Com frio, apesar de o cômodo estar aquecido, ela deixou o livro de lado e passou os braços ao redor do corpo.

– Milady – chamou o criado, Peter, à porta da sala de estar. – Lady Berwick deseja que a senhorita se junte a ela na sala de visitas.

Helen endireitou o corpo na cadeira e o encarou com surpresa.

– Ela explicou por quê?

– Para ajudá-la a entreter uma visita.

Helen se levantou, desconfortável.

– Ela pediu para chamar as gêmeas também?

– Não, milady, apenas a senhorita.

– Por favor, diga a ela que vou descer imediatamente.

Helen arrumou os cabelos, alisou as saias, desceu as escadas e foi até a sala de visitas. Mas diminuiu o passo, piscando confusa, ao ver lady Berwick à sua espera na porta.

– Madame – falou Helen, o cenho franzido em uma expressão questionadora.

A condessa se manteve de costas para o visitante na sala. A postura dela era ereta e elegante como sempre, mas algo ali fez Helen se lembrar de um estorninho que vira uma vez empoleirado na mão de um vendedor de pássaros itinerante. As asas do pássaro haviam sido presas dos lados com arames e barbante... mas seus

olhos estavam alertas e cintilantes, ansiosos pela liberdade.

– Inesperadamente – disse lady Berwick em um tom muito baixo –, o herdeiro do meu marido apareceu para conhecê-la. Não precisa falar muito com ele. Endireite a postura.

Sem mais preparo do que isso, Helen se viu puxada para a sala de visitas.

– Lady Helen – disse a condessa em um tom controlado –, este é meu sobrinho, o Sr. Vance.

CAPÍTULO 23

Helen sentiu uma ardência se espalhar pelo corpo inteiro, como se houvesse caído em uma fogueira. Depois não conseguiu sentir nada além do latejar brutal do próprio coração, como um punho batendo com força em uma porta fechada. Ela fez uma mesura sem levantar os olhos.

– Como vai? – ouviu-o murmurar.

Uma voz agradável, seca e suave, não muito profunda.

Alguma força externa parecia guiar as ações de Helen. Ela entrou na sala e se acomodou em uma cadeira perto do sofá, arrumando as saias pela força do hábito. Depois que Vance ocupou o sofá, obrigou-se a olhar para ele.

Albion Vance era de uma beleza singular, de um modo que a deixou arrepiada. Nunca vira ninguém com a aparência dele, a compleição muito branca e estranhamente juvenil, os olhos de um azul-acinzentado pálido, o cabelo curto da cor da neve e brilhante como a parte interna da concha de uma ostra. As feições bem delineadas a fizeram pensar nas cabeças em cera com narizes muito finos que ficavam expostas em vitrines das barbearias para exhibir a última moda em penteados. Era um homem de altura média, corpo esguio e compacto, e havia cruzado as pernas com uma graça felina.

Com um choque de reconhecimento nada agradável, Helen viu que as sobrancelhas e os cílios dele eram escuros, exatamente como os dela. Ah, que situação peculiar... Helen se sentiu grata pela

calma sobrenatural que se abatera sobre ela, abafando todas as sensações.

Vance a encarou com atenção. Havia algo ao mesmo tempo corrompido e magnético nele, a sensação de uma chama gelada animando um espírito que só se interessava por si mesmo.

– A senhorita me lembra a sua mãe – observou ele. – Embora seja mais delicada.

Perfeitamente consciente de ter sido avaliada em um instante e não ter sido aprovada, Helen perguntou:

– Chegou a conhecê-la, Sr. Vance? Não me lembro de tê-lo visto no Priorado Eversby.

– De tempos em tempos eu a via em eventos sociais, quando ela estava na cidade.

Ele sorriu, revelando uma fileira perfeita de dentes brancos.

– Uma beleza cativante. Infantil em sua impetuosidade. Ela adorava dançar e não conseguia manter os pés parados enquanto a música tocasse. Uma vez eu lhe disse que ela me fazia lembrar aquele belo conto de fadas, o dos sapatos vermelhos.

Helen sempre odiara aquela história, em que uma garotinha que ousara usar sapatos vermelhos na igreja fora amaldiçoada a dançar com eles até morrer.

– Está se referindo à história de Hans Christian Andersen? Trata-se de um conto cuja moral é sobre o preço do pecado, não?

O sorriso dele se apagou e o olhar voltou a encontrar o dela, agora com mais admiração do que desprezo.

– Confesso que não me lembro da moral da história.

– Sem dúvida já faz um longo tempo que o senhor leu o conto.

Helen manteve no rosto a expressão impenetrável que sempre irritava as gêmeas e fazia com que elas a chamassem de “esfinge”.

– Os sapatos vermelhos se tornam instrumentos de morte depois que uma menina cai em tentação.

Vance a fitou com desconfiança, claramente se perguntando se

ela o sondava.

– Senti muito quando soube do falecimento da sua mãe e, mais recentemente, do seu pai e do seu irmão. Têm sido tempos trágicos para os Ravenels.

– Torcemos por dias melhores à frente – disse Helen em um tom neutro.

Vance se voltou para lady Berwick com um sorriso desagradável que fez Helen visualizar uma raposa.

– As Ravenels parecem estar se recuperando lindamente. Nossa esperta Kathleen com certeza não perdeu tempo em fisgar o próximo conde de Trenear.

A condessa não conseguiu esconder sua irritação pela insinuação de que Kathleen se casara com Devon por oportunismo.

– Foi um casamento por amor – disse apenas.

– Como foi o primeiro casamento dela. Que conveniente para Kathleen, amar com tanta facilidade.

Helen o odiou. Havia algo imundo nele, algo implacavelmente cruel. Sentia-se horrorizada por saber que o sangue daquele homem corria em suas veias. E lembrou-se do que Rhys dissera algumas noites antes: *Qualquer filho dele é cria do demônio e não daria em nada de bom.* Agora que conhecera Vance, Helen tinha que concordar. Como a mãe dela se deixara enfeitiçar por um homem daqueles? Como Peggy Crewe se deixara seduzir por ele?

Provavelmente o mal tinha seus próprios atrativos, assim como o bem.

Vance se virou para ela.

– Lady Helen, soube que está noiva do Sr. Winterborne. Uma pena que precise se casar com alguém fora de sua esfera. Ainda assim, meus parabéns a ambos.

O comentário provocou uma irritação muito maior do que quando lady Berwick dissera a mesma coisa em Hampshire. Helen só não perdeu a compostura por saber que Vance a provocava de

propósito. Contudo, sentiu-se imensamente tentada a retrucar que, se ele estava tão preocupado com as pessoas permanecerem dentro de suas “esferas”, deveria ter se contido antes de ter *affairs* com mulheres casadas.

– Espero que alguém já a tenha alertado – continuou Vance – de que seus filhos terminarão sendo uma turba de rebeldes rudes, não importa a gentileza com que os crie. Está no sangue. É possível adestrar um lobo, mas sua cria sempre nascerá selvagem. Os galeses são voláteis e desonestos por natureza. Mentem com facilidade e frequência, mesmo quando a verdade lhes serviria muito bem. E o que mais gostam é de alardear as próprias qualidades, e farão ou dirão qualquer coisa para evitar o trabalho honesto.

Helen pensou em Rhys, que trabalhara sem cessar a vida toda, e não fizera nada para merecer o desprezo de um homem que nascera cheio de privilégios. Quando percebeu que começava a cerrar os punhos, ela se forçou a manter as mãos cruzadas no colo.

– Como acabou tão bem informado sobre o assunto? – questionou Helen.

– Sr. Vance, creio que... – intercedeu lady Berwick.

– A maior parte disso é de conhecimento comum – argumentou ele. – Mas também viajei por todo o País de Gales para recolher informação para um panfleto que escrevi. Eu me senti na obrigação de banir o idioma galês das escolas deles. É um meio de instrução miserável, ainda assim eles insistem teimosamente em se agarrar a ele.

– Imagine só... – comentou Helen, baixinho.

– Ah, sim – voltou a falar Vance, sem perceber a ponta de sarcasmo no tom de Helen ou optando por ignorá-lo. – Algo precisa ser feito para despertar a inteligência deles, e é preciso começar forçando-os a adotar o inglês como idioma, gostem eles ou não.

Conforme Vance continuava o discurso, Helen percebeu que ele já não estava se exibindo nem tentando provocá-la: falava com

convicção.

– Os galeses precisam ser salvos da própria indolência e brutalidade. Do modo como estão as coisas agora, eles não servem nem para criados.

Lady Berwick lançou um olhar rápido para o rosto rígido de Helen e procurou amainar a tensão.

– O senhor deve ter ficado aliviado ao voltar à Inglaterra depois dessa viagem – comentou.

A resposta dele foi enfática.

– Eu preferiria ser jogado em um poço ardente no inferno a voltar ao País de Gales.

Incapaz de tolerá-lo por mais um segundo que fosse, Helen ficou de pé e disse friamente:

– Estou certa de que isso pode ser arranjado, Sr. Vance.

O homem foi pego desprevenido e se levantou devagar.

– Ora, a senhorita...

– Peço sua licença – disse ela. – Tenho que cuidar das correspondências agora.

Então Helen deixou a sala sem dizer nem mais uma palavra, lutando com todas as forças para não sair em disparada.



Helen não tinha ideia de quantos minutos haviam se passado desde que se deitara em posição fetal na cama, com um lenço nos olhos molhados. Respirava com dificuldade, porque a garganta doía muito.

Não ter pai seria infinitamente melhor do que aquilo. Albion Vance era muito mais odioso do que ela poderia ter imaginado, um homem corrompido de todas as maneiras. E ela viera dele. O sangue dele corria em suas veias como um veneno.

Eu, o Senhor teu Deus, castigo os filhos pelos pecados de seus

pais. Todos conheciam aquele princípio da Bíblia. Em algum lugar em sua natureza, ela herdara algo vil daquele homem.

Helen ouviu uma breve batida à porta e lady Berwick entrou carregando dois copos de um líquido âmbar.

– Você se comportou muito bem – elogiou a condessa, parando nos pés da cama.

– Insultando seu convidado? – perguntou Helen em uma voz chorosa.

– Ele não era meu convidado – disse a condessa sem rodeios. – É um parasita desprezível. Um verme que se banquetearia nas feridas abertas de Jó. Eu não tinha ideia de que Vance apareceria aqui hoje sem uma palavra de aviso.

Helen tirou o lenço de cima dos olhos úmidos e assoou o nariz.

– Winterborne vai ficar furioso – disse. – Ele deixou claro que não queria que eu tivesse nenhum tipo de contato com o Sr. Vance.

– Então, se eu fosse você, não contaria a ele.

Helen amassou o lenço entre os dedos.

– Está me aconselhando a guardar um segredo dele.

– Acredito que tanto eu quanto você sabemos por que é muito melhor para você *não* contar a Winterborne.

Helen a encarou muda. Ah, Deus, ela sabia, *ela sabia*.

A condessa foi até a beira da cama e entregou um dos copos a Helen.

– Conhaque.

Helen levou o copo aos lábios e deu um gole cauteloso. A bebida queimou seus lábios, e o sabor era muito forte.

– Eu supunha que damas não deversem beber conhaque – comentou com a voz rouca.

– Não em público. No entanto, uma dama pode tomar uma dose em particular quando precisa de um estimulante.

Enquanto Helen bebericava o conhaque, a condessa voltou a falar, e seu tom de superioridade habitual foi substituído por uma

sinceridade temperada com um surpreendente toque de bondade.

– No ano passado, quando informei a Vance de que Kathleen iria se casar com alguém de sua família, ele me confidenciou o affaire que teve com sua mãe. E alegou que você era filha dele. Na primeira vez que a vi, não tive dúvidas disso. Seus cabelos são da cor que os dele já foram um dia, e as sobrancelhas e os olhos são os mesmos.

– Kathleen sabe?

– Não, ela não tem ideia. Eu não estava certa se você sabia, até ver seu rosto pouco antes que entrasse na sala. Mas você se recompôs depressa. Tem um autocontrole admirável, Helen.

– Hoje o Sr. Vance pretendia me revelar que sou filha dele?

– Sim. No entanto, você transformou os planos dele em uma cena dramática.

A condessa fez uma pausa para dar um gole no conhaque.

– Antes de partir, Vance me pediu que deixasse claro a você que ele é seu pai – continuou, em um tom sombrio.

– Essa palavra não se aplica a ele.

– Concordo. Um homem não tem o direito de ser chamado de pai meramente porque em algum momento seu ventre teve um espasmo oportunista.

Helen deu um sorrisinho, apesar da tristeza que a abatia. Aquela declaração poderia muito bem ter saído da boca de Kathleen. Ela se sentou melhor na cama e esfregou os cantos dos olhos com o polegar e o indicador.

– Ele vai querer dinheiro – deduziu Helen.

– Obviamente. Você logo se tornará um canal para uma das maiores fortunas da Inglaterra. Não tenho dúvidas de que, no futuro, Vance também lhe pedirá que influencie as decisões de seu marido nos negócios.

– Eu não faria isso com Winterborne. Além do mais... não poderia viver com as ameaças de Vance pairando sobre minha

cabeça.

– Vivo assim há décadas, minha jovem. Desde o dia em que me casei com lorde Berwick, sabia que, até que gerasse um filho homem, teria que me submeter a Vance. Agora você precisa fazer o mesmo. Se não cumprir suas exigências, ele arruinará seu casamento. Possivelmente, antes mesmo de começar.

– Vance não terá essa chance – disse Helen em uma voz sem expressão. – Eu mesma vou contar ao Sr. Winterborne.

Lady Berwick arregalou os olhos.

– Você não seria tola a ponto de acreditar que ele ainda iria querê-la se soubesse.

– Não, ele não vai me querer. Mas eu lhe devo a verdade.

A condessa virou o resto do conhaque em um gole impaciente e deixou o copo de lado.

– Santo Deus, criança, quero que preste atenção em cada palavra que vou dizer – falou, convicta e irritada.

Ela esperou até que o olhar atormentado de Helen encontrasse o seu.

– O mundo não é gentil com as mulheres. Nossos futuros são desenhados na areia. Sou uma *condessa*, Helen, e, ainda assim, no inverno da minha vida, provavelmente me tornarei uma viúva pobre, uma mera nulidade. Você deve fazer o que for preciso para se casar com o Sr. Winterborne, porque há uma coisa que uma mulher precisa acima de qualquer outra: segurança. Mesmo se você vier a perder a afeição do seu marido, a menor parte que seja da fortuna dele já irá garantir que você nunca sofra com a degradação ou a pobreza. Melhor ainda se você lhe der um filho... essa é a fonte do verdadeiro poder e influência de uma mulher.

– O Sr. Winterborne não vai querer um filho que descenda de Albion Vance.

– Ele não poderá fazer nada a respeito depois que acontecer, não é mesmo?

Foi a vez de Helen arregalar os olhos.

– Eu não poderia enganá-lo dessa forma.

– Minha querida – disse lady Berwick em um tom objetivo –, você é ingênua. Acha que não há partes da vida do Sr. Winterborne, no passado e no presente, que ele oculta de você? Maridos e esposas nunca são completamente honestos uns com os outros. Nenhum casamento sobreviveria a isso.

Helen se deu conta de que suas têmporas latejavam e seu estômago estava nauseado. Imaginou, desesperada, se seria o início de uma enxaqueca.

– Estou me sentindo mal – sussurrou.

– Termine seu conhaque.

A condessa foi até a janela e afastou um pouco a cortina para olhar a vista.

– Vance quer encontrá-la amanhã. Caso se recuse, ele irá até Winterborne antes que o dia termine.

– Eu não recusarei – disse Helen.

Com raiva, prometeu-se que contaria a verdade a Rhys no momento que escolhesse, em seus próprios termos.

– Mandarei um recado a ele avisando para nos encontrar em território neutro. Não o receberei de novo na Casa Ravenel.

Helen pensou por um momento.

– O Museu Britânico – sugeriu. – As gêmeas têm pedido para visitar o setor de zoologia. Vance e eu poderemos trocar algumas palavras lá sem que ninguém perceba.

– Sim, acho que funcionaria. Que lugar você sugere como ponto de encontro?

Helen parou com o copo a caminho dos lábios.

– Na exibição de serpentes venenosas – disse e deu outro gole.

Lady Berwick deu um sorrisinho, porém logo pareceu abatida.

– Já imagino o modo como Vance lhe apresentará a situação. Estou bastante familiarizada com a forma como a mente dele

funciona. Ele não gosta da palavra chantagem... e vai usar termos como “taxa anual”, por exemplo, em troca de permitir que você encontre a felicidade com o Sr. Winterborne.

– Não existe taxa para ser feliz – disse Helen, esfregando a testa.

A condessa a encarou com um misto de solidariedade e pesar.

– Minha pobre moça... a felicidade certamente não sai de graça.

CAPÍTULO 24

— **H**elen, tem certeza de que está tudo bem com você? — perguntou Cassandra, depois que elas desceram da carruagem da família. — Tem andado muito quieta, e seus olhos estão vidrados.

— Estou com um pouco de dor de cabeça, só isso.

— Ah, sinto muito. Devemos deixar o museu para outro dia?

— Não, eu não me sentirei melhor ficando em casa. Talvez caminhar um pouco me faça bem.

Elas deram os braços e seguiram juntas, enquanto, mais adiante, Pandora se adiantava na direção do pórtico de pedra imponente do Museu Britânico.

Lady Berwick bufou com impaciência, enquanto se apressava atrás da jovem.

— Pandora, não saia por aí como um cavalo em disparada!

O Museu Britânico, um prédio em estilo grego com um pátio de 8 mil metros quadrados, era tão grande que, apesar de já terem visitado o lugar uma meia dúzia de vezes, as jovens ainda não tinham conseguido ver mais que um terço das mostras. Na noite da véspera, quando lady Berwick sugerira casualmente o passeio, as gêmeas ficaram empolgadíssimas. Helen, que sabia a razão para a visita, se mostrou bem menos animada.

Depois de comprar os ingressos e pegar mapas no saguão, o grupo seguiu na direção da escadaria principal, que levava aos andares de cima. Um trio de girafas muito altas havia sido engenhosamente arrumado no topo da escadaria, na entrada do

setor de zoologia. As patas dianteiras do animal maior eram mais altas até do que lady Berwick. Uma pequena grade de madeira havia sido erguida na frente das girafas para evitar que o público se aproximasse demais.

As mulheres pararam para observar os animais empalhados, impressionadas.

Como era de esperar, Pandora se adiantou com as mãos esticadas.

– Pandora – chamou lady Berwick, irritada. – Se você tocar no que está sendo exibido, não voltaremos ao museu.

A moça se virou e encarou a condessa com uma expressão suplicante.

– Há uma girafa *bem ali...* e ela já caminhou pela savana na África! Não tem vontade de saber como é tocá-la?

– Na verdade, não.

– Não há nenhuma placa dizendo que não podemos.

– A grade deixa isso implícito.

– Mas a girafa está *tão* perto... – argumentou Pandora, aflita. – Se a senhora olhasse para o outro lado por cinco segundos, eu estenderia a mão e a tocaria com a maior facilidade... então eu não teria mais que imaginar como é.

Lady Berwick suspirou, a expressão severa, e olhou ao redor para ter certeza de que não eram observadas.

– Seja rápida, então – falou bruscamente.

Pandora foi rápida. Estendeu a mão por cima da grade, tocou a pata e os joelhos peludos da criatura e voltou correndo para junto do grupo.

– É como pelo de cavalo – contou, satisfeita. – Os pelos não têm mais de um centímetro de comprimento. Cassandra, quer sentir também?

– Não, obrigada.

Pandora pegou a mão da irmã gêmea.

– Vamos, então... Devemos visitar os animais que têm cascos ou os que têm garras?

– Garras.

Lady Berwick começou a seguir as duas, mas parou para dar mais uma olhada na girafa. Em passadas rápidas, aproximou-se do animal, tocou furtivamente sua perna e olhou com uma expressão culpada na direção de Helen.

A jovem reprimiu um sorriso e, baixando os olhos para o mapa que levava, fingiu não ter visto o gesto da condessa.

Depois que lady Berwick se juntou às gêmeas na galeria sul, Helen se encaminhou para a galeria norte, que consistia de cinco salões enormes, cheios de peças contidas em gigantescas vitrines de vidro. Ela encontrou o segundo salão e passou pelos répteis à mostra. Parou ao ver um lagarto-de-gola, que a fez se lembrar das roupas da rainha Elizabeth. De acordo com a placa ao lado, graças a um suporte de cartilagem, o lagarto era capaz de abrir a pele extra em volta do pescoço feito um leque, para parecer ameaçador.

Antes que Helen pudesse passar à próxima vitrine, que continha uma variedade de serpentes, um homem parou ao seu lado. Ao perceber que era Vance, ela fechou os olhos brevemente, os músculos tensos, em um antagonismo instantâneo.

Ele examinou um par de camaleões africanos.

– Seu perfume... é o mesmo que sua mãe usava – murmurou por fim. – Orquídea *Calanthe* e baunilha... Eu nunca me esqueci.

Helen ficou surpresa por ele conhecer tão bem o perfume da mãe dela. Ninguém jamais havia percebido que Helen usava a mesma fragrância.

– Encontrei a receita em um dos diários dela.

– Combina com você.

Helen levantou os olhos e encontrou os dele, que a avaliavam.

A curta distância, Albion Vance era impressionante, o rosto de malaras altos passando uma impressão de delicadeza andrógina.

Seus olhos eram da cor do céu às vésperas do inverno.

– Você é uma bela jovem, mas não tão linda quanto ela – comentou ele. – Se parece comigo. Ela se ressentia de você?

– Prefiro não falar da minha mãe com o senhor.

– Quero que compreenda que ela foi importante para mim.

Helen voltou sua atenção para a vitrine de lagartos. Vance parecia esperar algum comentário por parte dela, mas a jovem não conseguiu pensar em nenhum.

A ausência de resposta pareceu irritá-lo.

– É claro, sou um sedutor sem coração que abandonou a amante e a filha recém-nascida – disse Vance em um tom seco. – Mas Jane não tinha intenção de deixar o conde, nem eu queria que ela fizesse isso. Quanto a... eu não estava em posição de fazer nada por você, nem você por mim.

– Mas, agora que estou noiva de um homem rico, o senhor finalmente se interessou por mim – falou Helen, em um tom frio. – Não vamos perder tempo, Sr. Vance. O senhor tem uma lista de exigências ou vai preferir estipular um valor?

Ele ergueu as finas sobrancelhas escuras.

– Eu tinha a esperança de que pudéssemos chegar a um acordo sem sermos grosseiros.

Helen permaneceu em silêncio, forçando-se a ter paciência, e o encarou de um modo que pareceu deixá-lo desconfortável.

– Um tanto fria você, não? – perguntou ele. – Me lembra uma vestal. Sem humor. Por isso não tem a beleza de sua mãe.

Helen se recusou a morder a isca.

– O que quer, Sr. Vance?

– Entre as várias preocupações filantrópicas de lady Berwick – disse ele –, há uma instituição de caridade que administra pensões para cegos pobres. Quero que você convença Winterborne a doar 20 mil libras para o conselho administrador dessa instituição. Você vai explicar que a generosa colaboração dele será usada para

comprar áreas arrendadas em West Hackney, que gerará lucros anuais em benefício dos pensionistas cegos.

– Contudo, em vez disso, o senhor arrumou um modo de beneficiar a si mesmo – deduziu Helen.

– A doação deve ser feita o quanto antes. Tenho necessidade imediata de capital.

– Quer que eu peça isso ao Sr. Winterborne antes mesmo que estejamos casados? – perguntou Helen, incrédula. – Não acho que conseguiria convencê-lo.

– As mulheres têm seus meios. Você vai conseguir.

Helen balançou a cabeça.

– Ele não vai doar nada antes de investigar a instituição de caridade. E vai descobrir.

– Não haverá documentos a serem descobertos – retrucou Vance em um tom presunçoso. – Não há como rastrear minha ligação nem com a instituição de caridade nem com a propriedade em West Hackney, porque os acordos são verbais.

– O que vai acontecer com os pensionistas cegos?

– Parte do dinheiro será destinada a eles, é claro, para fazer tudo parecer acima de qualquer suspeita.

– Então, se entendi direito, o senhor está chantageando sua filha para conseguir roubar de pensionistas cegos pobres.

– Ninguém está roubando os pensionistas. Para começo de conversa, o dinheiro não é deles. E isso não é chantagem. Uma filha tem a obrigação natural de ajudar o pai quando ele precisa.

– Por que eu teria qualquer obrigação com o senhor? – perguntou Helen, perplexa. – O que já fez por mim?

– Eu lhe dei o presente da vida.

Ao ver que ele falava sério, Helen o encarou sem acreditar. Uma risada meio histérica, incontrolável, nasceu em seu peito. Ela pressionou os dedos contra os lábios, tentando sufocar a risada, mas aquilo só serviu para piorar as coisas. Ver a expressão

ofendida de Vance não ajudou.

– Está achando divertido? – perguntou ele.

– P-perdão – disse Helen, esforçando-se para parar de rir. – Mas não foi preciso muito esforço da sua parte para isso, não é mesmo? A não ser um... espasmo oportunista do ventre.

Vance a encarou com uma expressão gelada, como Helen houvesse ofendido sua dignidade.

– Não menospreze a relação que tive com sua mãe.

– Ah, sim. Ela “foi importante” para o senhor.

As risadas insanas e melancólicas cessaram, e Helen respirou com dificuldade.

– Imagino que tenha sentido o mesmo por Peggy Crewe.

O olhar frio dele encontrou o dela.

– Então Winterborne lhe contou. Achei que faria isso.

Quando percebeu que uma mulher e três crianças se aproximavam para ver a vitrine do lagarto, Helen se conteve antes de responder. Ela fingiu interesse na vitrine de tartarugas e cágados e andou até lá lentamente, enquanto Vance a acompanhava.

– Não há razão para Winterborne guardar um ódio eterno de mim por fazer algo que a maior parte dos homens já fez – disse Vance. – Não sou o primeiro a dormir com uma mulher casada, nem serei o último.

– Por sua causa – acusou Helen –, a Sra. Crewe morreu ao dar à luz, e o marido dela, um homem a quem o Sr. Winterborne amava como a um irmão, terminou morto também.

– É minha culpa que o marido tivesse a mente tão fraca a ponto de cometer suicídio? É minha culpa que a mulher não tivesse a constituição física necessária para dar à luz uma criança? Toda a situação poderia ter sido evitada se, antes de mais nada, Peggy tivesse escolhido manter as pernas fechadas. Eu só tomei o que me foi oferecido de muito bom grado.

A crueldade dele tirou o ar de Helen. Vance parecia não ter mais

consciência do que um tubarão. O que o deixara daquela forma? Ela buscou algum indício de humanidade nele, algum lampejo de culpa, arrependimento ou tristeza. Não encontrou nada.

– O que o senhor fez com o bebê? – perguntou a ele.

A pergunta pareceu pegá-lo de surpresa.

– Encontrei uma mulher disposta a tomar conta dela.

– Quando foi a última vez que a viu?

– Nunca vi a criança. Nem pretendo – respondeu Vance com impaciência. – Isso não tem nada a ver com o assunto em questão.

– O senhor não tem interesse no bem-estar da menina?

– Por que eu deveria, se a família da mãe não tem? Ninguém quer a bastarda indesejada.

Sem dúvida ele havia pensado o mesmo sobre ela, Helen, que agora sentia uma preocupação insistente e cada vez maior pela menininha, sua meia-irmã. A criança estaria sendo bem alimentada e educada? Ou negligenciada? Maltratada?

– Qual é o nome da mulher que toma conta dela? – perguntou. – Onde ela mora?

– Isso não é da sua conta.

– Aparentemente não é da *sua* conta – devolveu Helen. – Contudo, eu gostaria de saber.

– Para que possa usá-la contra mim de algum modo? – sugeriu Vance com um sorrisinho cínico. – Para tentar me envergonhar?

– Por que eu tentaria envergonhá-lo? Assim como o senhor, não tenho interesse em um escândalo.

– Então eu a aconselho a esquecer essa criança.

– Que vergonha! – disse Helen em voz baixa. – Além de negar a responsabilidade pela filha, tenta evitar que outra pessoa a ajude.

– Venho pagando pelo sustento dela nos últimos quatro anos. O que mais você queria que eu fizesse? Que desse comida na boca da pirralha pessoalmente?

Helen tentou pensar além da onda de raiva que ameaçava

dominá-la. Não conseguiria descobrir as condições em que a irmã estava sendo criada, a menos que pudesse arrancar a informação de Vance. Ela vasculhou o cérebro e se lembrou do que Rhys lhe dissera uma vez sobre a melhor maneira de negociar.

– O senhor exigiu uma larga soma de dinheiro e vai contar com mais no futuro – afirmou ela. – Tudo o que me ofereceu em troca, porém, foi permitir que eu mantenha algo que já possuo. Não vou concordar com uma barganha onde não haja nenhuma concessão da sua parte. E se trata de uma pequena concessão, já que não lhe custará nada me contar quem está com sua filha.

Houve um longo silêncio antes que Vance respondesse.

– Ada Tapley. Ela é arrumadeira de parentes do meu advogado, em Welling.

– Onde...

– É um vilarejo na estrada principal que liga Londres a Kent.

– Qual é o nome da criança?

– Eu não tenho ideia.

É claro que não. Helen se contorceu de fúria.

– Concordamos com a barganha, então? – perguntou Vance. – Precisa convencer Winterborne a fazer a doação o mais rápido possível.

– Se eu pretendo me casar com ele – disse Helen, em um tom rude –, não tenho escolha.

A expressão de Vance se suavizou e, um instante depois, ele sorriu.

– Acho delicioso que ele pense que comprou uma Ravenel para procriar e, em vez disso, leve adiante a *minha* linhagem. Vances galeses, que Deus nos ajude.

Depois que ele partiu, Helen ainda ficou olhando por alguns minutos para a exposição de criaturas tão engenhosamente preservadas e arrumadas. Os olhos vidrados e cegos dos animais estavam arregalados de surpresa, como se não pudessem

compreender como tinham ido parar ali.

Helen teve consciência plena da própria ruína e, com isso, nasceu uma nova sensação. Asco por si mesma.

Ela jamais pediria a suposta doação a Rhys. E também não poderia se casar com ele. Não agora. Jamais infligiria Albion Vance – ou a si mesma – a ele.

Contar a verdade a Rhys seria um pesadelo, mais terrível do que ela conseguia imaginar. Não sabia como encontrar coragem para fazer aquilo, mas não tinha escolha.

Uma sombra de dor parecia pairar sobre ela, mas Helen não podia se entregar. Haveria tempo para o sofrimento mais tarde.

Anos, na verdade.



Ainda naquele dia, depois que voltaram do museu, Helen se sentou sozinha diante da escrivaninha da sala de estar do andar de cima e mergulhou uma pena em um tinteiro com nanquim.

Cara Sra. Tapley,

Soube recentemente a respeito de uma criança, uma menina recém-nascida, que foi entregue aos seus cuidados cerca de quatro anos atrás. Gostaria de lhe perguntar se ela ainda reside com a senhora e, se for esse o caso, agradeceria qualquer informação que possa me dar sobre ela...

CAPÍTULO 25

— **T**udo isso parece muito impróprio – disse lady Berwick, franzindo o cenho, quando a carruagem Ravenel se aproximou das cavaliças atrás do enorme prédio da loja de departamentos. – Fazer compras às seis horas da noite, em um lugar desses... Mas o Sr. Winterborne insistiu tanto.

– É uma ida às compras *particular* – lembrou Pandora. – O que, se pensarmos bem, na verdade é muito mais discreto do que fazer compras ao longo de um passeio público no meio do dia.

A condessa não pareceu apaziguada pela ideia.

– Os vendedores não vão conhecer minhas preferências. Podem ser impertinentes.

– Eu lhe prometo, senhora – disse Helen –, que serão todos muito prestativos.

Ela teria continuado a falar, mas a dor latejante que sentia estava piorando. A ansiedade por estar prestes a ver Rhys provocara uma enxaqueca. Ela não sabia se conseguiria se comportar como se não houvesse problemas. Como poderia falar, sorrir e agir afetuosamente com ele quando sabia que os dois jamais se casariam? A dor se espalhou por seu rosto como uma mancha.

– Só quero ver as luvas – disse lady Berwick com um ar afetado. – Depois disso, ocuparei uma cadeira e esperarei enquanto você se reúne com a modista.

– Imagino que não vá demorar muito – murmurou Helen, mantendo os olhos fechados. – Talvez precise voltar logo para casa.

– Sua cabeça está doendo? – perguntou Cassandra, preocupada.

– Temo que sim.

Cassandra tocou o braço da irmã com gentileza.

– Pobrezinha.

Pandora, no entanto, não foi tão solidária.

– Helen, *por favor*, tente superar a dor. Pense em algo relaxante... imagine que sua cabeça é um céu cheio de nuvens brancas serenas.

– Está mais parecendo uma gaveta cheia de facas – murmurou Helen, aborrecida, esfregando as têmporas. – Prometo aguentar o máximo que puder, querida. Sei que vocês querem tempo para fazer compras.

– Vamos levá-la para o departamento de móveis e você pode se deitar em uma *chaise longue* – sugeriu Pandora, prestativa.

– Damas não se recostam em público – assegurou lady Berwick.

O cocheiro as ajudou a descer da carruagem e as guiou até uma das entradas dos fundos, onde um porteiro uniformizado as aguardava.

Dominada pela dor de cabeça lancinante, Helen acompanhou o grupo às cegas enquanto elas eram levadas para dentro da loja. Ouviu os murmúrios de assombro de lady Berwick ao passar pelos espaços opulentos, com aberturas em arco e tetos muito altos, os candelabros cintilantes iluminando o piso de madeira encerada. Mesas e balcões estavam cheios de tesouros, e vitrines mostravam fileiras e mais fileiras de mercadorias luxuosas. Em vez de salas pequenas e apertadas, os departamentos era salões arejados e abertos, que encorajavam a clientela a andar por eles livremente. O ar tinha cheiro de polidor de madeira, de perfume e de novidade, um aroma caro.

Quando chegaram à rotunda central, que se erguia por seis andares, com balcões decorados com arabescos em todos os

andares e uma imensa cúpula de mosaicos, lady Berwick não conseguiu esconder o deslumbramento.

Pandora seguiu o olhar da condessa.

– É a catedral das compras – comentou ela em um tom reverente.

A condessa estava encantada demais para repreender a jovem pela blasfêmia.

Rhys se aproximou das mulheres, belo e relaxado em um terno escuro. Nem mesmo a enxaqueca iminente de Helen conseguiu impedir que uma sensação de prazer a dominasse ao vê-lo tão poderoso e seguro de si naquele mundo que criara. O olhar de Rhys encontrou o dela por um instante breve e ardente, então se voltou para lady Berwick. Ele se inclinou sobre a mão da mulher para cumprimentá-la de modo formal, depois sorriu ao endireitar o corpo.

– Seja bem-vinda à Winterborne's, milady.

– Este lugar é extraordinário.

Lady Berwick parecia estupefata. Ela olhou para os dois lados, para os salões que pareciam continuar para sempre, como se um par de espelhos gigantes houvesse sido colocado ali para refletir um ao outro indefinidamente.

– Deve haver quase 10 mil metros quadrados de área útil aqui.

– Vinte, incluindo os andares de cima – falou Rhys.

– Como alguém consegue encontrar algo em todo esse excesso?

Rhys lhe deu um sorriso tranquilizador.

– É tudo muito organizado, e há meia dúzia de vendedores aqui para atendê-las.

Ele gesticulou para mostrar uma fileira de atendentes, todos impecavelmente vestidos em uniformes em preto, branco e no azul-escuro que era marca registrada da loja. Diante de um aceno de cabeça de Rhys, a Sra. Fernsby se aproximou. Ela usava um vestido preto elegante, com gola e punhos de renda marfim.

– Lady Berwick – disse ele –, esta é minha secretária particular, a Sra. Fernsby. Ela está aqui para auxiliá-la em qualquer coisa de que precise.

Em cinco minutos, as apreensões de lady Berwick haviam se transformado em prazer e encantamento à medida que a Sra. Fernsby e as vendedoras se dedicavam a satisfazer todos os seus desejos. Enquanto a condessa era levada até o balcão de luvas, Pandora e Cassandra passeavam pelas vitrines do primeiro andar.

Rhys se aproximou de Helen.

– Qual é o problema? – perguntou baixinho.

A luz forte parecia perfurar o cérebro dela. Helen tentou sorrir, mas o esforço foi excruciante.

– Minha cabeça está doendo – confessou.

Rhys deixou escapar um murmúrio solidário e a virou na direção dele. Sua mão grande pousou na testa dela e no rosto, como se conferisse a temperatura.

– Tomou algum remédio para isso?

– Não – sussurrou ela.

– Venha comigo.

Rhys passou o braço pelo dela.

– Vamos encontrar alguma coisa no balcão da farmácia para fazer com que se sinta melhor.

Helen duvidava que qualquer coisa pudesse ajudar, agora que a enxaqueca cravara suas garras e presas nela.

– Lady Berwick vai querer que eu me mantenha dentro de seu campo de visão.

– Ela não vai notar nada. Vão mantê-la ocupada por pelo menos duas horas.

Helen estava mal demais para discutir quando Rhys a levou dali. Felizmente, ele não fez perguntas nem tentou puxar conversa.

Chegaram ao setor de farmácia, onde o piso era de cerâmica polida preta e branca. A luz ali era muito mais baixa, já que a maior

parte das luminárias havia sido apagada depois que a loja fechara. Os dois lados do salão eram cobertos por armários, prateleiras e mesas, com um balcão grande, em curva, estendendo-se de uma das paredes. Todas as prateleiras estavam cheias de frascos de pós, comprimidos, linimentos e cremes, além de garrafas e frascos de tinturas, xaropes e tônicos. Várias balas medicinais haviam sido arrumadas sobre as mesas: pastilhas de ervas para a tosse, pastilhas de pimenta para a garganta, xarope de bordo e goma-arábica. Normalmente, Helen não teria se incomodado com a mistura de aromas adstringentes e terrosos no ar, mas, no estado miserável em que se encontrava, era nauseante.

Havia alguém no balcão, examinando as gavetas e parando para tomar notas. Quando se aproximaram mais, Helen viu que era uma mulher não muito mais velha do que ela, o corpo esguio vestido em um conjunto vinho, o cabelo castanho encimado por um chapéu discreto.

A mulher levantou os olhos e sorriu, satisfeita.

– Boa noite, Sr. Winterborne.

– Ainda trabalhando? – perguntou ele.

– Não, estou prestes a sair, vou até um orfanato local, para visitar a enfermaria. Estou com poucos remédios comigo e o Dr. Havelock me disse para pegar o que preciso na farmácia da loja. Naturalmente, pagarei por eles amanhã.

– A loja assumirá a despesa – afirmou Rhys sem hesitar. – É uma causa nobre. Leve o que precisar.

– Obrigada, senhor.

– Lady Helen – disse Rhys –, esta é a Dra. Garrett Gibson, uma médica que faz parte de nossa equipe.

– Boa noite – murmurou Helen, com um sorriso tenso, pressionando os dedos na têmpora direita enquanto um nó parecia latejar dentro de seu cérebro.

– É uma honra – disse a outra mulher, observando Helen com

preocupação. – Milady, parece estar desconfortável. Há algo que eu possa fazer para ajudá-la?

– Ela precisa de um pó para dor de cabeça – contou Rhys.

Do outro lado do balcão, a Dra. Gibson olhou para Helen, os olhos verdes muito vivos avaliando-a.

– A dor é por toda a cabeça ou concentrada em uma área?

– Nas minhas têmporas.

Helen parou e avaliou as dores abrasadoras na cabeça, que lhe davam a sensação de que alguém havia enfiado carvões em brasa ali.

– E também atrás do olho direito.

– Uma enxaqueca, então – disse a Dra. Gibson. – Há quanto tempo começou?

– Há apenas alguns minutos, mas está piorando.

– Eu recomendaria um pó nevralgico. É mais efetivo para enxaquecas porque contém citrato de cafeína. Deixe-me encontrar uma caixa... sei exatamente onde estão.

– Lamento incomodar – disse Helen com a voz fraca, apoiando-se no balcão.

Rhys pousou a mão nas costas dela para tranquilizá-la.

– Enxaquecas são uma tortura – disse a Dra. Gibson, indo até um armário próximo e procurando entre caixas e latas. – Meu pai sofre com elas. Ele é forte como um hipopótamo, mas fica de cama assim que uma delas começa.

A médica pegou uma lata pintada de verde, assentindo satisfeita para si mesma, e a levou até o balcão.

– A senhorita pode se sentir um pouco zozza depois de tomar um, mas me arrisco a dizer que isso é melhor do que uma dor lancinante.

Helen gostou demais do temperamento da Dra. Gibson, eficaz e simpática, nem um pouco distante, como se costumava esperar que fosse um médico.

Enquanto a médica abria a tampa da lata, Rhys puxou uma porta de madeira deslizante do balcão e pegou um suporte de metal com quatro garrafas geladas de água com gás.

– Balcão refrigerado – explicou ele, notando o interesse de Helen. – Como os das mercearias.

– Nunca estive em uma mercearia – admitiu Helen, observando Rhys pegar uma garrafa no suporte.

As garrafas tinham a base oval, de forma que não ficavam em pé sozinhas.

A Dra. Gibson pegou um envelope de papel da lata de pó nevrálgico e o abriu de modo a formar um “v” por onde o pó escorresse.

– O gosto é horrível – avisou ela, estendendo o papel para Helen. – Sugiro que derrame o pó o mais para trás da língua possível.

Rhys abriu o minúsculo fecho de arame que prendia a rolha ao topo da garrafa e a entregou a Helen. Ele sorriu quando ela pareceu não entender.

– Você nunca bebeu direto de uma garrafa antes, não é?

O olhar dele era terno quando acariciou o queixo dela com o nó do dedo.

– É só não virar rápido demais – explicou ele.

Helen encostou o papel na boca, inclinou a cabeça para trás e deixou o pó amargo deslizar por sua garganta. Com cuidado, levou a garrafa aos lábios, virou um gole e engoliu o líquido frio e efervescente. O sabor acre da água gaseificada ajudou a disfarçar o amargo do remédio.

– Tome um pouco mais, *cariad* – falou Rhys e usou o polegar para limpar uma minúscula gota no canto da boca de Helen. – Desta vez, tente selar a boca da garrafa com os lábios.

Ela deu mais um ou dois goles, afastando o sabor do pó, e devolveu a garrafa a Rhys. Ele a pousou de volta no suporte sem

colocar a rolha.

A Dra. Gibson encarou Helen com simpatia.

– Vai começar a fazer efeito em mais ou menos cinco minutos – falou baixinho.

Helen fechou os olhos e levou os dedos às têmporas de novo, tentando aliviar a sensação de agulhas sendo cravadas no crânio. Estava consciente da silhueta grande de Rhys ao seu lado, da presença dele, que era ao mesmo tempo reconfortante e estressante. Ela pensou no que precisava conversar com ele, em como ele reagiria, e seus ombros vergaram.

– Algumas pessoas acham que uma bolsa de gelo ou emplastro de mostarda ajudam – ela ouviu a Dra. Gibson dizer baixinho. – Ou uma massagem nos músculos do pescoço.

Helen se contorceu, agitada, quando sentiu as mãos de Rhys pousarem em sua nuca exposta.

– Oh, não aqui...

– Shhh.

As pontas dos dedos dele encontraram lugares onde a dor era muito forte e começaram a massagear gentilmente.

– Apoie os braços no balcão.

– Se alguém vir...

– Não verã. Relaxe.

Embora as circunstâncias estivessem longe do que Helen teria considerado relaxante, ela se viu obedecendo.

Rhys usou os polegares na nuca de Helen, enquanto os outros dedos pressionavam os nós rígidos na base de seu crânio. Ela abaixou a cabeça enquanto seus músculos eram convencidos a aliviar a tensão. As mãos fortes de Rhys trabalharam no pescoço e nos ombros dela, com sensíveis variações de pressão, encontrando cada ponto tenso. Helen se pegou respirando mais fundo, rendendo-se ao prazer do toque dele.

Enquanto continuava a massageá-la, Rhys retomou a conversa

com a Dra. Gibson.

– Esse orfanato aonde vai... já esteve lá antes?

– Sim, tento ir toda semana. Também visito um asilo de pobres. Nenhum dos lugares pode pagar os serviços de um médico, e as enfermarias estão sempre lotadas.

– Onde ficam?

– O asilo é em Clerkenwell. E o orfanato é um pouco mais longe, em Bishopsgate.

– Não são lugares seguros para se ir desacompanhada.

– Estou bastante familiarizada com Londres, senhor. Não corro riscos com a minha segurança. E carrego um bastão de caminhada para me defender.

– E de que adianta um bastão de caminhada? – perguntou Rhys em um tom cético.

– Nas minhas mãos, é uma arma poderosa – assegurou a Dra. Gibson.

– É pesado?

– Não, posso dar três vezes mais golpes com um bastão leve do que com um pesado. Seguindo a sugestão do meu mestre de esgrima, fiz entalhes em pontos estratégicos do bastão para conseguir segurá-lo com mais firmeza. Meu mestre me ensinou algumas técnicas bastante eficazes para derrubar um oponente com uma bengala.

– A doutora luta esgrima? – perguntou Helen, a cabeça ainda baixa.

– Sim, milady. A esgrima é um excelente esporte para damas. Desenvolve força, postura e respiração adequadas.

Helen gostava cada vez mais daquela mulher.

– Eu a acho fascinante.

A Dra. Gibson respondeu com uma risadinha surpresa.

– Que gentil da sua parte. Temo que a senhorita tenha contrariado a minha expectativa... achei que seria esnobe e, em vez

disso, é uma dama adorável.

– Aye. Ela é – disse Rhys baixinho, os polegares fazendo círculos no pescoço de Helen.

Para surpresa dela, as brasas em sua cabeça pareceram esfriar abençoadamente. A dor agoniante diminuía a cada segundo. Depois de mais um ou dois minutos, Helen apoiou as palmas das mãos no balcão e empurrou o corpo para cima, piscando.

– A dor já quase passou – falou em um tom maravilhado de alívio.

Rhys virou o rosto de Helen com cuidado em sua direção e a avaliou, afastando uma mecha loura que caíra sobre um dos olhos.

– Sua cor está melhor – declarou.

– É extraordinário – disse Helen. – Estava me sentindo tão mal e agora...

Uma sensação de euforia se espalhara por seu corpo, não apenas afastando as preocupações que a assombravam, mas tornando impossível para ela recapturá-las. Como era estranho saber exatamente por que deveria sentir-se ansiosa e infeliz, mas por algum motivo não ser capaz de experimentar essas emoções. Era o efeito do remédio, é claro. Não duraria muito. Por ora, no entanto, Helen se sentia grata pelo alívio.

Ela cambaleou um pouco quando se voltou para a outra mulher, e Rhys no mesmo instante passou o braço ao seu redor para apoiá-la.

– Obrigada, Dra. Gibson – falou com ardor. – Achei que a enxaqueca me deixaria de cama.

– Posso lhe garantir que não foi nada de mais – respondeu a Dra. Gibson, franzindo os olhos verdes em um sorriso, depois empurrou a latinha de pós nevrálgicos por cima do balcão. – Tome outro desses em doze horas, se necessário. Nunca tome mais de dois por dia.

Rhys pegou a lata e a examinou antes de guardá-la no bolso do

casaco.

– De agora em diante, vou mandar chamá-la sempre que precisar de um médico... – disse Helen à Dra. Gibson; em seguida apontou para o bastão de caminhada de punho curvo pendurado na beira do balcão. –... ou de um guarda-costas.

A médica riu.

– Por favor, não hesite. Correndo o risco de ser presunçosa, a senhorita também, fique à vontade para me procurar se precisar de uma amiga, por qualquer motivo.

– Chamarei – exclamou Helen, empolgada. – Sim, a doutora é minha amiga. Vamos nos encontrar em uma casa de chá... sempre quis fazer isso. Sem as minhas irmãs, quero dizer. Nossa, minha boca está seca.

Embora ela não tivesse consciência de ter se movido, passou os braços ao redor do pescoço de Rhys, o corpo apoiando-se pesadamente no noivo. Ondas de calor a percorriam como se ela fosse banhada pela luz do sol.

– Posso tomar um pouco mais de água com gás? – pediu a Rhys. – Gosto do modo como borbulha na minha boca. É como se houvesse fadas dançando na minha língua.

– Sim, meu bem.

A voz dele saiu tranquila e agradável, mas o olhar que lançou para a Dra. Gibson foi de preocupação.

– O que mais havia naquele pó?

– Ela ficará muito mais estável em poucos minutos – garantiu a médica. – Normalmente há uma sensação inicial de euforia quando o medicamento entra na corrente sanguínea.

– Estou vendo.

Rhys manteve um dos braços ao redor de Helen enquanto pegava a garrafa aberta no suporte e entregava a ela.

– Devagar agora, *cariad*.

– Gostei de beber direto da garrafa – falou Helen e tomou um

gole longo e gostoso da água com gás. – Sou boa nisso. Veja só.

Ela bebeu de novo para mostrar a Rhys, que logo tirou a garrafa gentilmente de suas mãos.

– Não tão rápido – murmurou, os olhos iluminados por uma mistura de ternura e divertimento –, ou todas essas bolhas vão lhe provocar soluços.

– Não se preocupe com isso – tranquilizou-o Helen, gesticulando com extravagância para a mulher do outro lado do balcão. – A Dra. Gibson pode curar *qualquer coisa*.

– Lamentavelmente, até agora não consegui descobrir a cura para soluços – disse a médica com um sorriso, pegando seu bastão de caminhada pelo punho curvo.

Depois que Rhys devolveu a garrafa ao suporte, Helen passou os braços ao redor da cintura dele, mesmo sabendo em um canto distante da mente que aquele era um gesto bastante impróprio. Mas parecia ser a única maneira de se manter de pé.

– Já percebeu – perguntou a ele, animada – que soluços rimam com “de bruços?”

Rhys apoiou a cabeça dela com cuidado no peito.

– Dra. Gibson – pediu ele –, quando sair, por favor, encontre uma das vendedoras e peça discretamente a ela para correr até a modista e remarcar o horário de lady Helen para outro dia.

– Ela estará ótima em poucos minutos... – começou a dizer a médica.

– Não quero que Helen comece a planejar seu vestido de casamento nesse estado. Deus sabe qual seria o resultado.

– Vestido de arco-íris – disse Helen em um tom sonhador, a cabeça ainda apoiada no casaco dele. – E sapatos de unicórnio.

Rhys encarou a médica de forma expressiva.

– Está certo – apressou-se a concordar a Dra. Gibson. – Boa noite para os dois.

Helen jogou a cabeça para trás para encarar Rhys.

– Estava brincando sobre os sapatos de unicórnio.

Rhys a sustentava com os dois braços agora, sorrindo. Ah, como ele era maravilhosamente grande e firme. E tão belo!

– Estava? – perguntou ele com carinho. – Porque posso ir atrás de um unicórnio para você. Com certeza ele fornecerá material suficiente para fazer uma valise combinando com os sapatos.

– Não, não o transforme em valise, deixe-o livre.

– Está certo, *cariad*.

Helen levantou as mãos para traçar a curva firme e tentadora dos lábios dele com o dedo.

– Estou dona de mim de novo – disse ela. – Não farei mais papel de tola.

Quando Rhys abaixou os olhos para ela, em dúvida, Helen tentou parecer solene, mas não conseguiu controlar uma gargalhada.

– Estou falando s-sério – insistiu.

Ele não discutiu, apenas começou a beijá-la no nariz, no rosto e no pescoço.

Helen se contorceu, dando mais risadinhas.

– Isso faz cócegas.

Os dedos dela deslizaram pelos belos cabelos dele, as mechas grossas e vibrantes como um cetim negro pesado. Os lábios de Rhys se demoraram num ponto delicado na altura do queixo de Helen, até ela começar a sentir o corpo pulsando de desejo. Helen segurou a cabeça dele de forma desajeitada, para que as bocas se encontrassem. Rhys correspondeu com uma lentidão sensual. Ela relaxou e acompanhou com facilidade os movimentos dele, que se apoiou no balcão com os braços firmes ao redor dela.

Uma das mãos de Rhys sustentava a nuca de Helen, massageando ali até não haver mais dor ou tensão, e ela arqueou o corpo encostado ao dele, ronronando de prazer. Era delicioso se ver envolvida pelo abraço de seu amante magnífico... que não sabia

que logo deixaria de amá-la.

Aquele último pensamento fez tudo parecer um pouco menos mágico.

Ao perceber a mudança nela, Rhys se afastou para encará-la.

Helen manteve os olhos fechados. Seus lábios estavam inchados, ansiando por mais contato com os dele, mais daquela pressão macia.

– Os outros homens beijam como você? – perguntou ela em um sussurro.

Rhys deixou escapar um murmúrio divertido, seu hálito mentolado chegando às narinas dela.

– Não sei, meu tesouro. E você nunca irá descobrir.

Ele deu um beijinho rápido, provocante, nela.

– Abra os olhos.

Helen o encarou enquanto ele avaliava seu estado.

– Como se sente agora? – perguntou, soltando-a com cuidado, para que ficasse de pé sozinha.

– Mais firme – disse Helen, girando em um pequeno círculo para testar o equilíbrio.

Já não sentia vertigem. E a enxaqueca estava controlada e não a incomodava.

– E cheia de energia – completou ela. – A Dra. Gibson estava certa, *estou* bem o bastante para conversar com a modista.

– Veremos. Se você ainda se sentir disposta a isso em meia hora, eu a levarei a ela. Enquanto isso, quero lhe mostrar uma coisa. Acha que consegue dar conta das escadas?

– Eu poderia subir mil degraus correndo.

– Quatro andares serão suficientes.

Uma vozinha interior alertou Helen de que não era uma boa ideia ficar sozinha com Rhys: acabaria cometendo um erro e dizendo algo que não devia. Mas deu o braço a ele assim mesmo e o acompanhou até uma escadaria larga de mármore travertino.

– Não pensei em pedir ao ascensorista para ficar até mais tarde
– disse Rhys em tom de desculpas, enquanto subiam os degraus. – Sei o básico para operá-lo, mas não gostaria de me arriscar em uma primeira tentativa com você lá dentro.

– Não quero jamais pisar em um elevador – afirmou Helen. – Se os cabos arrebentam...

Ela se interrompeu e estremeceu.

Embora o elevador da loja fosse de um modelo hidráulico, moderno, reconhecidamente mais seguro do que os tipos movidos a vapor, a ideia de ser levada para cima e para baixo em um espaço tão minúsculo e fechado era aterrorizante.

– Não há perigo. O elevador tem três cabos de segurança extras, assim como um mecanismo automático embaixo do carro que segura as laterais no caso de todos os cabos se romperem.

– Ainda prefiro as escadas.

Rhys sorriu e continuou de mãos dadas com ela. Quando terminaram de subir o primeiro lance e começaram o segundo, ele perguntou casualmente:

– O que fez nos últimos dias?

– Fomos ao Museu Britânico na sexta-feira – respondeu Helen, tentando soar despreocupada. – E lady Berwick tem recebido visitas sociais das amigas.

– Como foi no museu?

– Tolerável.

– Apenas tolerável?

– Visitamos o setor de zoologia, e não gosto tanto dele quanto das galerias de arte. Todos aqueles pobres animais, os membros rígidos, os olhos vidrados...

Ela contou a ele sobre Pandora e as girafas, e sobre lady Berwick ter tocado discretamente no bicho quando pensara que ninguém estava olhando.

Rhys riu baixinho, parecendo se divertir com a história.

– Aconteceu mais alguma coisa enquanto estavam lá?

Ele pareceu relaxado, mas Helen se agitou, inquieta.

– Nada que eu consiga me lembrar.

Odiava mentir para Rhys. Sentia-se culpada e desconfortável, além de nervosa por estar sozinha com ele, o homem que amava. Aquilo lhe deu vontade de chorar.

Rhys parou com ela no terceiro piso.

– Gostaria de sentar em algum lugar por um momento, *cariad*?

A pergunta foi feita em um tom gentil e preocupado, mas, por um instante, quando o encarou, Helen percebeu uma expressão nos olhos dele que nunca vira antes. Uma expressão perigosa. Mas desapareceu tão depressa que ela achou que tinha sido apenas imaginação.

Forçou-se a sorrir.

– Não, estou muito bem.

O olhar de Rhys avaliou o rosto dela por mais alguns segundos. Quando ele a guiou para longe da escadaria, Helen perguntou:

– Você não disse que seriam quatro lances de escada?

– Aye, o resto das escadas fica nesta direção.

Surpresa, Helen o acompanhou além das pilhas enormes de tapetes franceses, persas e indianos, das mesas cheias de amostras de oleado, de revestimentos e pisos de madeira diversos. O ar ali era carregado do cheiro de cedro e benzeno, usado para afastar traças.

Rhys a guiou até uma porta modesta de quatro painéis que ficava quase escondida em um recuo.

– Aonde essa porta leva? – perguntou Helen, observando Rhys pegar uma chave do bolso.

– À escada que leva à nossa casa.

– Por que estamos indo para lá? – perguntou Helen, perturbada.

Rhys manteve uma expressão indecifrável, abriu a porta e devolveu a chave ao bolso.

– Não se preocupe. Não vamos demorar.

Apreensiva, Helen atravessou a porta e entrou em uma escada fechada da qual se lembrava. Mas, em vez de entrar na casa, Rhys a guiou por outro lance de escadas onde também havia uma porta.

– Essa porta leva a um dos terraços da nossa casa – explicou ele. – É coberto e todo cercado.

Ele pretendia mostrar a vista de Londres a ela? Expondo-a ao tempo e ao perigo no alto do terraço?

– Vai estar frio lá fora – lembrou Helen, ansiosa.

Rhys se inclinou para beijar a testa dela.

– Confie em mim.

Ele manteve a mão de Helen na sua, abriu a porta e passou com ela pelo umbral.

CAPÍTULO 26

Helen ficou desnorteada ao se ver cercada por um ar tão morno quanto uma brisa de verão. Lentamente, entrou em uma ampla galeria, formada por milhares de painéis de vidro iluminados e cintilantes presos por uma rede de suportes de ferro forjado.

Era uma estufa, percebeu ela, encantada. *Em um terraço.* A construção etérea, bela como um bolo de casamento, havia sido feita sobre uma base firme de tijolos, com pilares de ferro e vigas mestras soldadas a estacas verticais e apoios diagonais.

– Isso é para as minhas orquídeas – murmurou Helen.

Rhys veio por trás dela, as mãos pousadas em sua cintura. E colocou a boca gentilmente em sua orelha.

– Eu lhe disse que encontraria um lugar para elas.

Um palácio de vidro no céu. Era mágico, um golpe inspirado e romântico de imaginação. E ele construía aquilo para ela... Helen apreciou deslumbrada a vista de Londres ao pôr do sol, um brilho avermelhado atravessando o céu cinzento em direção ao oeste. As nuvens pareciam rasgadas em certos pontos e a luz dourada escapava contra o fundo colorido de fogo. Quatro andares abaixo, a cidade se espalhava diante deles, as ruas antigas, as formas escuras e os pináculos de pedra dispostos ao redor da curva sinuosa do rio. Pontos distante de luz ganhavam vida conforme os lampiões na rua eram acesos.

Rhys começou a explicar que o piso era aquecido com canos de água quente e que haveria uma pia de cerâmica com uma bica.

Falou também algo sobre como as vigas de ferro haviam sido testadas para suportar a pressão hidráulica. Só mesmo um homem mencionaria detalhes práticos em um momento como aquele. Helen se agarrou a ele, desejando prolongar aquele momento para sempre, fixá-lo no céu com raios de estrelas brilhantes.

Quando Rhys começou a descrever os painéis pré-fabricados que haviam permitido que a estrutura fosse erguida tão rápido, Helen se virou em seus braços e o interrompeu com a boca. Ele ficou imóvel de surpresa, mas em menos de meio segundo já estava reagindo com todo o entusiasmo. Cheia de amor, gratidão e desespero, Helen o beijou com ansiedade. Seu coração pareceu se partir quando ela se deu conta de que nunca preencheria aquele lugar lindo com suas orquídeas. Embora tivesse pensado que conseguiria manter as lágrimas sob controle, sentiu uma gota errante deslizar de um dos seus olhos e temperar o beijo deles com sal.

Rhys a encarou preocupado. Pousou a mão no rosto dela e, com o polegar, secou a trilha úmida deixada pela lágrima.

– É que estou feliz demais – sussurrou Helen.

Rhys não pareceu convencido e a fitou com desconfiança enquanto a puxava contra o peito. Sua voz chegou baixa e suave ao ouvido de Helen.

– Coração do meu coração... não posso ajudá-la se não me contar o que houve.

Helen ficou imóvel.

Era a hora de contar a ele. Mas arruinaria aquele momento, acabaria com tudo. Ela ainda não estava pronta para dizer adeus a Rhys. Nunca estaria, mas se pudesse ter só um pouco mais de tempo com ele, mais alguns dias, viveria da lembrança deles para sempre.

– Não é nada – apressou-se em dizer e tentou distraí-lo com mais beijos.

Helen sentiu a relutância de Rhys em sua reação aos beijos. Ele queria que ela lhe contasse o que estava errado. Helen passou os braços ao redor do pescoço dele e o beijou até suas línguas deslizarem juntas, até o inebriante frescor do hálito de Rhys ter preenchido todos os seus sentidos.

Totalmente concentrado nela, Rhys a puxou para si até Helen estar na ponta dos pés. Ele inclinou a cabeça sobre a dela e buscou o interior sedoso de sua boca. Helen deixou a mão deslizar para dentro do casaco dele e acompanhou com os dedos a curva do torso sólido e musculoso, até a cintura estreita.

Rhys ergueu a cabeça e praguejou baixinho, a respiração difícil, e estremeceu quando ela beijou seu pescoço.

– Helen, você está brincando com fogo.

Sim. Ela podia sentir a força latente dele, pronta para ser liberada.

– Leve-me para o seu quarto – pediu Helen em um impulso.

Sabia que aquela era uma das piores ideias que já tivera. Mas não se importava. Valia tudo, qualquer escândalo ou sacrifício, para estar com ele mais uma vez.

– Só por alguns minutos – insistiu. – Não é tão longe.

Rhys balançou a cabeça sem nem parar para considerar a proposta.

– Aquele maldito pó para dor de cabeça – disse ele, muito sério.
– Afrouxou sua virtude.

A frase antiquada, vinda dele, fez Helen esconder o rosto no peito do noivo para abafar uma risada.

– Você já acabou com a minha virtude há muito tempo.

Rhys não pareceu achar divertido.

– Não está sendo você mesma esta noite, *cariad*. O que a aborreceu tanto a ponto de lhe provocar uma enxaqueca?

Aquilo a deixou sóbria de imediato.

– Nada.

Rhys segurou o queixo dela e a fez encará-lo.

– Conte-me.

Ao ver a exasperação no olhar dele, ela tentou pensar em alguma explicação que o satisfizesse.

– Sinto saudades de você – falou. E era verdade. – Não imaginei que seria tão difícil ficar aqui em Londres sabendo que você está tão perto, mas que, ainda assim, nunca posso ter você.

– Você pode ter a mim sempre que quiser.

Helen deu um sorrisinho torto.

– Eu quero agora.

A mão dela tocou a frente da calça dele.

– Helen, você vai me deixar louco.

Ele prendeu a respiração quando ela agarrou o enorme volume que se destacava na calça. O rosto de Rhys mudou, os olhos escuros agora com lampejos de fogo. Helen amava a facilidade com que ele reagia a sua proximidade, aquele homem tão vigoroso... amava a alma e a solidez dele.

Uma última pincelada de luz alaranjada passou por eles e se dissolveu na sombra, enquanto a lua de inverno se embrulhava em nuvens em um canto distante do céu. Eram só os dois, agora, naquele lugar alto e escuro, enquanto a cidade se estendia bem abaixo, os barulhos distantes incapazes de alcançá-los.

Helen pousou as mãos em cada lado do rosto dele, deliciando-se com a textura máscula da pele barbeada. Como ele era vital, como era real e concreto! Rhys ficou parado, imóvel, cativo do toque suave dela, enquanto seu corpo ardia com uma fome insaciável, e ela sentiu como ele estava no limite do autocontrole. O desejo a invadiu como um jato de faíscas, nas pontas de seus dedos das mãos e dos pés, na parte interna de seus cotovelos e joelhos... em toda parte. Não conseguia parar de tocá-lo, e também não conseguiu se impedir de dizer algo que não tinha o direito de dizer.

– Eu amo você.



Profundamente abalado, Rhys encarou Helen. Os olhos da cor de pedras da lua estavam luminosos e assombrados, tão lindos que ele teve vontade de cair de joelhos diante dela.

– *Dw i'n dy garu di* – sussurrou, quando conseguiu respirar de novo, uma frase que nunca dissera a ninguém, e beijou-a com intensidade.

O mundo envolveu os dois naquela esfera cintilante onde havia apenas escuridão, carne e sensações. Ele se viu empurrando-a para trás, encurralando-a em um canto, contra a frente plana de um poste de ferro. Helen se agarrou a ele, contorcendo-se como se tentasse escalar seu corpo. Rhys precisava sentir a pele dela, a forma de seu corpo e, como sempre, havia camadas de roupas no caminho.

Inflamado, ele agarrou a parte da frente da saia dela e ergueu aos punhados, até alcançar a abertura profunda nos calções de baixo. Encaixou os joelhos entre as pernas dela e Helen as abriu de boa vontade, arquejando quando ele acariciou a parte interna de suas coxas no lugar onde a pele era fina e quente. Ela se apoiou no poste, gemendo enquanto ele a beijava. A trilha de pelos que descia pelo sexo dela estava quente seca, mas, quando Rhys espalmou a mão ali, acariciando gentilmente, sentiu o calor íntimo e úmido nos dedos. Como ela era delicada, como era macia. Não parecia possível que Helen conseguisse contê-lo todo naquele espaço tão doce e pequeno.

Rhys segurou gentilmente os lábios externos, acariciando-a com ternura, e os afastou. Helen ficou úmida enquanto ele fazia movimentos circulares na entrada do corpo dela e nas pétalas sedosas ao redor. Ela contorceu os quadris, seguindo o ritmo da carícia suave. Rhys deixou um dedo provocador descansar sobre o pequeno botão do clitóris, sentindo-a agitar-se em resposta como as

asas de um minúsculo passarinho. Helen jogou a cabeça para trás e agarrou os suspensórios dele.

O pescoço muito branco exposto parecia cintilar na escuridão quente, e Rhys se inclinou faminto sobre ele, usando a língua na pele dela, acariciando-a com os lábios entreabertos. Ele tateou às cegas os botões da calça para livrar o membro rígido. Abaixou a mão, então, segurou um dos joelhos de Helen e passou a perna dela ao redor de sua cintura. Os dois arquejaram quando a cabeça do membro dele pressionou o calor íntimo dela. Em busca do ângulo certo, Rhys inclinou os joelhos e a penetrou em uma estocada forte, segura. Helen deixou escapar um grito e ele hesitou, apavorado com a hipótese de tê-la machucado. Mas logo sentiu o corpo dela envolvendo o dele em espasmos profundos, que o fizeram soltar um som rouco de desejo. Ele deixou o peso dela assentar mais plenamente sobre seu membro e usou o polegar e o indicador para abrir o sexo dela. Helen temeu quando ele pressionou o corpo contra o dela e arremeteu, levantando-a um pouco a cada estocada.

Tudo o que ele conseguia ouvir eram os arquejos de ambos, o farfalhar incessante das roupas e um ocasional som mais íntimo e úmido enquanto continuava a penetrá-la com determinação. Helen deixou a própria carne se fechar docemente em volta da dele, exigindo mais, e Rhys agarrou seu quadril e a fez cavalgá-lo com mais intensidade, penetrando-a sem descanso, usando o próprio corpo para dar prazer a ela.

Os dois seguiram juntos em meio às sensações crescentes, chegando mais perto, e mais perto, até já não haver fricção, apenas a ligação pulsante, úmida e firme que os levava juntos e rápido em direção ao clímax. Helen gemeu e seus braços se enrijeceram ao redor do pescoço dele, então ficou em silêncio e foi dominada pelos espasmos do prazer. A sensação do êxtase dela provocou o dele, um alívio tão pleno que foi como perder a consciência, como morrer e renascer.

Rhys colocou a boca na lateral da cabeça dela, gemeu baixinho e a abraçou, esperando que o tremor em suas pernas diminuísse. Helen relaxou nele, a perna deslizando de seu quadril. Mas quando ele começou a se afastar, relutante, ela agarrou suas costas com as mãos, para mantê-lo perto, e a sensação foi tão boa que a carne dele, ainda dentro dela, se contorceu e inchou. Os lábios de Rhys se moveram lentamente sobre o rosto dela, enquanto os dois ficavam parados, os corpos ainda unidos, calor pulsando dentro de calor.

Ela deixou a cabeça cair sobre o ombro dele.

– Eu não sabia que isso podia ser feito dessa forma – sussurrou.

Rhys sorriu, se inclinou para capturar o lóbulo da orelha dela com os dentes e lambeu a pontinha da orelha. O gosto delicado de sal do suor dela o excitou como uma droga exótica. Nunca se saciaria de Helen.

– Você não deve me encorajar, *cariad* – disse ele com a voz rouca. – Alguém precisa me dizer para me comportar como um cavalheiro. Esse é o seu trabalho, certo?

A palma da mão dela deslizou suavemente pela nádega direita dele.

– Eu jamais lhe direi isso.

Rhys continuou a abraçá-la. Sabia que ela estava lhe escondendo algum segredo, assustada por algo que não queria contar. Mas não a forçaria. Ainda não.

No entanto, logo eles teriam uma conversa mais séria.

Ele afrouxou os braços com relutância e a segurou pelo quadril, mantendo-a firme enquanto saía de dentro dela. Helen ofegou quando seu corpo ficou sem o dele, mas Rhys a acalmou murmurando baixinho. Ele pegou um lenço no bolso do casaco e colocou o tecido macio dobrado nos lábios do sexo dela, depois ajeitou os calções de baixo. Embora não conseguisse ver o rubor de Helen na escuridão, conseguia sentir o calor que irradiava dela.

– Ainda há coisas que precisam ser ditas entre nós – avisou ele

em um tom suave, enquanto abotoava a calça.

Depois de dar um beijo demorado na têmpora dela, acrescentou:

– Embora eu aprecie seu modo de me distrair.



Helen passou o resto da noite em um estupor, incapaz de dizer quanto dele se devia ao pó nevrálgico e quanto era por conta de seu interlúdio com Rhys.

Depois de deixarem a estufa no topo do prédio, Rhys a levava a um banheiro, onde ela fizera o melhor possível para se arrumar e ajeitar os cabelos. Depois, ele a acompanhara até o estúdio da modista, no segundo andar, e a apresentara à Sra. Allenby, uma mulher alta e leve, com um sorriso agradável. Ela se solidarizara ao saber da enxaqueca de Helen e assegurara que as duas ainda tinham tempo o bastante para tirar as medidas. Helen poderia voltar outro dia, quando se sentisse melhor, e elas se dedicariam a planejar o enxoval.

Depois disso, Helen saiu do estúdio e Rhys a esperava para acompanhá-la ao primeiro andar. Ao se lembrar do tórrido encontro dos dois apenas uma hora antes, Helen sentiu um rubor intenso dominá-la.

O noivo sorriu para ela.

– Tente não parecer tão culpada, *cariad*. Passei os últimos quinze minutos justificando nosso desaparecimento a lady Berwick.

– O que disse a ela?

– Dei todas as desculpas que consegui encontrar. Algumas até eram verdadeiras.

– Ela acreditou em alguma? – perguntou Helen, mortificada.

– Está fingindo que acreditou.

Para alívio de Helen, lady Berwick pareceu satisfeita e bem-humorada durante a volta de carruagem para a Casa Ravenel. Ela

havia comprado nada menos do que uma dúzia de pares de luvas, assim como artigos variados de outros departamentos da loja. E admitiu, com certa culpa, que pretendia voltar logo, para outra excursão de compras, mesmo que isso significasse ir à Winterborne's durante o horário normal de funcionamento e se misturar à horda de plebeus que frequentava a loja.

Pandora e Cassandra brindaram Helen com um relatório de tudo o que as vendedoras haviam contado a elas que estaria na moda em breve. Alfinetes elegantes para lenços estavam se tornando itens disputados, assim como bordas trançadas, douradas e prateadas em vestidos e chapéus. E os cabelos das damas seriam arrumados com pequenos cachos.

– Pobre Helen – disse Pandora. – Vamos para casa com uma montanha de caixas e bolsas, e a única coisa que você está levando é uma latinha de pó para dor de cabeça.

– Não preciso de nada – retrucou Helen, abaixando os olhos para a lata verde em seu colo.

– E, enquanto passávamos momentos adoráveis comprando – disse Cassandra, em tom de lamento –, Helen estava tirando as roupas.

Helen levantou os olhos rapidamente, toda a cor fugindo de seu rosto.

– Na modista – explicou Cassandra. – Você disse que tiraram suas medidas, não disse?

– Ah, sim.

– Ora, isso não pode ter sido muito divertido – continuou a jovem.

– De fato não foi.

Helen colou os olhos de novo à lata de pó nevrálgico, consciente do silêncio de lady Berwick.

A carruagem chegou à Casa Ravenel e o criado carregou uma torre de caixas marfim para dentro com a destreza de um

malabarista. Enquanto as gêmeas subiam para seus quartos, lady Berwick informou ao mordomo que queria que fosse servido chá na sala de estar.

– Gostaria de uma xícara? – perguntou a condessa a Helen.

– Não, obrigada, acho que vou cedo para a cama – respondeu Helen, mas hesitou, tomando coragem. – Posso conversar com a senhora?

– É claro. Venha para a sala de estar comigo.

Elas entraram na sala, que estava fria apesar da lareira acesa. Lady Berwick sentou-se em uma poltrona e estremeceu.

– Atice o fogo, por favor.

Helen foi até a lareira, pegou o atiçador e empurrou os carvões até conseguir um fogo mais forte. Ela esticou as mãos para perto do calor e disse, em um tom constrangido:

– Sobre meu desaparecimento com o Sr. Winterborne...

– Não há necessidade de explicar. Eu aprovo.

Helen a encarou estupefata.

– A senhora... a senhora aprova?

– Eu lhe disse nesta mesma sala que você deve fazer o que for necessário para se casar com o Sr. Winterborne. Em outras circunstâncias, eu objetaria severamente, é claro. Entretanto, se o fato de você permitir que ele tome liberdades prendê-lo mais a você e, assim, garantir o casamento, estou disposta a olhar para o outro lado. A acompanhante de uma jovem dama, quando é sensata, aceita que às vezes é preciso perder a batalha para ganhar a guerra.

– A senhora é de uma... – *crueza* –... praticidade impressionante, milady.

– Devemos usar os meios que temos à disposição.

Lady Berwick parecia resignada.

– Costuma-se dizer que a arma de uma mulher é sua língua... mas essa está longe de ser nossa única arma.

CAPÍTULO 27

Pela manhã, enquanto lady Berwick tomava café no quarto e as gêmeas ainda dormiam, Helen recebeu uma carta.

Quando o mordomo lhe estendeu a bandeja de prata com o envelope, Helen viu de relance que era de Ada Tapley. A mão dela tremia ao pegar a carta.

– Gostaria que o senhor não mencionasse esta carta a ninguém.

O mordomo a encarou de forma impassível.

– Sim, milady.

Ela esperou até ficar sozinha, abriu o envelope e pegou a carta. Seu olhar correu rapidamente pelas linhas mal traçadas.

Milady,

Escreveu para mim perguntando sobre o bebê que me deram para criar. Eu a batizei de Charity para lembrá-la de que ela poderia estar na rua não fosse por caridade, pois então deveria tentar merecer o que tinha. Ela sempre foi uma boa menina e nunca me deu problemas, mas o dinheiro que me davam não era suficiente para tomar conta dela. Todo ano eu pedia um aumento, e nunca me deram nem uma migalha a mais. Faz cinco meses, não tive escolha a não ser mandar a menina para o Orfanato Stepney, que fica em St. George-in-the-East. Escrevi para o advogado para dizer que pegaria a garota de volta se ele melhorasse as coisas para mim, mas ele

nunca me respondeu. Rezo para que um dia aquele patife sem coração seja julgado com rigor por deixar a pobre criança acabar em um lugar daqueles. Como a menina não tem sobrenome, no orfanato ela é chamada de Charity Wednesday, porque foi numa quarta-feira que ela chegou lá. Se houver alguma coisa que a senhorita possa fazer pela menina, que Deus a abençoe por isso. Ela é um fardo doloroso na minha consciência.

Sempre às ordens,

Ada Tapley

Helen ficou grata por ainda não ter tomado o café da manhã. Não teria conseguido mantê-lo no estômago depois de ler a carta. Ela se levantou de um pulo da cadeira e ficou andando de um lado para outro com a mão pressionada contra a boca.

A meia-irmã dela, uma menininha, estava completamente sozinha fazia meses, em uma instituição onde talvez passasse fome, fosse maltratada... onde poderia ficar doente.

Embora nunca tivesse acreditado ser capaz de violência, Helen sentiu vontade de matar Albion Vance da forma mais dolorosa possível. Desejou que fosse possível matar um homem várias vezes – teria *prazer* em vê-lo sofrer.

Naquele momento, no entanto, precisava pensar apenas em Charity. A criança tinha que ser tirada do orfanato imediatamente. Era preciso encontrar uma casa para ela, um lugar onde pudesse ser tratada com bondade.

Primeiro, contudo, Helen precisava descobrir se a menina ainda estava viva.

Ela tentou colocar o pânico e a fúria de lado para poder pensar com clareza. Tinha que ir ao orfanato, encontrar Charity e levá-la para a Casa Ravenel. Quais seriam as regras para tirar uma criança de uma instituição daquelas? Seria possível fazer aquilo sem

precisar revelar seu nome verdadeiro?

Precisava de ajuda.

Mas a quem poderia recorrer? Não a Rhys, certamente não a lady Berwick, que lhe diria para esquecer a existência da criança. Kathleen e Devon estavam muito longe. West dissera para chamá-lo caso precisasse, mas, mesmo confiando nele a própria vida, Helen não tinha certeza de como o primo reagiria àquilo. Não lhe escapara que West tinha um lado prático demais, não muito diferente de lady Berwick.

Ela se lembrou da Dra. Gibson, que havia lhe dito: “Fique à vontade para me procurar se precisar de uma amiga, por qualquer motivo.” A médica teria falado sério? Helen poderia contar com ela?

Era um risco. A Dra. Gibson era empregada de Rhys, e talvez o procurasse para contar. Ou talvez se recusasse a se envolver, temendo que o patrão desaprovasse. Mas, então, Helen se lembrou dos olhos verdes incisivos da mulher e de seus modos independentes e cheios de energia. *Ela não teme nada*, pensou. Além do mais, a Dra. Gibson estava familiarizada com Londres e estivera dentro de um orfanato antes, portanto deveria saber como eles funcionavam.

Embora Helen se sentisse relutante em colocar em teste uma amizade que nem sequer havia começado, Garrett Gibson era a melhor oportunidade dela de salvar Charity. E, por alguma razão, baseada em nada mais do que o próprio instinto, Helen teve certeza de que a médica a ajudaria.



– Por que deseja ver um médico? – perguntou lady Berwick, levantando os olhos da escrivaninha em seu quarto. – Outra dor de cabeça?

– Não, madame – disse Helen, parada à porta do quarto da

condessa. – É uma questão feminina.

Lady Berwick torceu os lábios em uma linha irregular. Para uma mulher que conversava sobre criação e reprodução de cavalos com tanta tranquilidade, ela se mostrava surpreendentemente desconfortável quando falava sobre os mesmos processos na espécie humana. A menos que estivesse no círculo pequeno e exclusivo de suas amigas da sociedade.

– Já tentou uma garrafa de água quente?

Helen considerou como colocar a questão de forma delicada.

– Desconfio que eu talvez possa estar em... uma situação.

O rosto de lady Berwick ficou muito pálido. Com grande cuidado, ela pousou a caneta de volta no apoio.

– Se essa preocupação é resultado de seu encontro com o Sr. Winterborne na outra noite, é cedo demais para dizer se algum fruto brotou daquilo.

Helen abaixou o olhar para o tapete estampado.

– Compreendo – disse com cuidado. – No entanto... o Sr. Winterborne e eu tivemos outro... encontro... bem antes desse.

– Está querendo dizer que você e ele...

– Daí o nosso noivado – admitiu Helen.

A condessa a encarou com exasperação.

– *Galeses!* – exclamou. – Qualquer um deles consegue passar até pela barreira de um cinto de castidade. Entre, criança. Esse não é assunto para ser conversado da porta.

Helen obedeceu.

– Seu desconforto mensal cessou? – perguntou a condessa.

– Acredito que sim.

Depois de considerar a situação, lady Berwick começou a parecer até satisfeita.

– Se você estiver esperando um bebê, seu casamento com Winterborne é praticamente fato consumado. Vou mandar chamar o Dr. Hall, que cuida da minha filha Bettina.

– A senhora é muito gentil, mas já mandei um bilhete pedindo uma consulta à Dra. Gibson, quando for mais conveniente.

A condessa franziu o cenho.

– Você quis dizer Dr. Gibson? Quem é ele?

– É mesmo Dra. Gibson. Uma mulher. Eu a conheci na noite de segunda-feira, na Winterborne's.

– Não, não, isso não vai dar certo. Mulheres não foram feitas para serem médicas. Não temos compreensão científica suficiente nem a frieza necessária. Não se pode confiar em uma mulher em uma questão tão importante quanto um parto.

– Madame – disse Helen –, meu senso de modéstia ficaria menos ofendido se eu fosse examinada por uma mulher em vez de um homem.

Lady Berwick bufou, indignada, e levantou os olhos para o céu. Quando voltou a olhar para Helen, falou com severidade:

– A Dra. Gibson deve atendê-la aqui.

– Temo que eu precise ir ao consultório particular dela, em sua residência, em King's Cross.

A condessa ergueu as sobrancelhas.

– Ela não a examinará na privacidade da sua casa?

– A Dra. Gibson tem em seu consultório todos os equipamentos médicos e científicos mais modernos – afirmou Helen, lembrando-se da descrição que Rhys fizera quando lhe contara de como a Dra. Gibson cuidara do ombro deslocado dele. – Incluindo uma mesa de exame especial. E uma luminária, com um refletor que concentra a luz.

– Isso é mesmo muito estranho – disse a condessa, em um tom grave. – Um médico homem teria a decência de fechar os olhos durante o exame.

– A Dra. Gibson é moderna.

– Parece que sim.

Lady Berwick, que desconfiava de tudo o que fosse moderno,

franziu o cenho.

– Que seja.

– Obrigada, madame.

Aliviada, Helen saiu depressa do quarto, antes que a condessa mudasse de ideia.



A consulta foi marcada para a tarde seguinte, às quatro. Em uma agitação crescente, Helen mal conseguiu dormir naquela noite. Quando finalmente cruzou a porta de entrada da casa da Dra. Gibson, estava exausta e com os nervos em frangalhos.

– Estou aqui sob falsos motivos – disse de supetão quando a Dra. Gibson a fez entrar na casa estreita, de três andares, em estilo georgiano.

– É mesmo? – perguntou a Dra. Gibson, parecendo não se abalar. – Ora, fique à vontade para me visitar, não importa a razão.

Uma criada rechonchuda, de rosto redondo, apareceu no pequeno saguão de entrada.

– Posso pegar seu casaco, milady?

– Não, não posso me demorar.

A Dra. Gibson encarou Helen com um sorriso inquisidor, os olhos verdes em alerta.

– Vamos conversar na sala de estar por alguns minutos?

– Sim.

Helen a seguiu até uma sala agradável e arrumada, mobiliada de forma simples, com um sofá e duas poltronas forrados de azul e branco, além de duas mesinhas. O único quadro na parede era uma pintura de gansos desfilando perto de um chalé no campo, com uma treliça de rosas. A imagem relaxou Helen, porque a fez se lembrar de Hampshire. Um relógio sobre o console da lareira badalou quatro vezes.

A Dra. Gibson se acomodou na poltrona ao lado da de Helen. Sob a luz amarelada que entrava pela janela da frente, ela parecia desconcertantemente jovem, apesar de sua atitude. Era limpa e bem-arrumada como uma colegial, o cabelo castanho preso com elegância em um coque firme. No corpo esguio, um vestido sem adornos, de um verde-floresta quase preto.

– Se não está aqui como paciente, milady – disse a Dra. Gibson –, o que posso fazer pela senhorita?

– Preciso da sua ajuda em um assunto particular. Achei que a doutora seria a melhor pessoa com quem abordar o assunto. A situação é... complicada.

Helen fez uma pausa.

– Gostaria que esta conversa fosse mantida em segredo.

– Tem a minha palavra.

– Quero descobrir o paradeiro de uma criança. A minha acompanhante, lady Berwick, tem um sobrinho que foi pai de uma criança fora do casamento e não assumiu a responsabilidade por ela. A menininha tem 4 anos. Parece que, há cinco meses, ela foi mandada para o orfanato Stepney, na paróquia de St. George-in-the-East.

A Dra. Gibson franziu o cenho.

– Conheço a área. É um antro. Certas partes não são seguras nem durante o dia.

Helen entrelaçou as mãos com força.

– Mesmo assim, preciso descobrir se Charity está lá.

– Esse é o nome dela?

– Charity Wednesday.

A Dra. Gibson franziu os lábios.

– Se há um nome mais institucional, eu nunca ouvi.

O olhar da médica se tornou indagador.

– Devo ir até lá para a senhorita? Não mencionarei seu nome, é claro. Se Charity estiver lá, descobrirei em que condições está e lhe

contarei. Estou certa de que consigo encontrar tempo amanhã ou depois.

– Obrigada. É muito generoso da sua parte, mas... preciso ir hoje – falou Helen e fez uma pausa. – Mesmo se a doutora não puder.

– Lady Helen – disse a Dra. Gibson com calma –, aquele não é lugar para uma mulher nascida na nobreza. As pessoas lá vivem em uma miséria que pode ser perturbadora demais para alguém que sempre teve uma vida protegida.

Helen compreendeu que a médica tinha intenção de ser gentil, mas suas palavras a incomodaram mesmo assim. Não era frágil, nem tola – já havia decidido que reuniria a força que fosse necessária para fazer o que tivesse que ser feito.

– Darei um jeito – falou. – Eu me arrisco a dizer que, se uma criança de 4 anos sobreviveu em um lugar desses, conseguirei suportar uma visita.

– A senhorita não poderia conversar com o Sr. Winterborne a respeito? Um homem com os recursos dele...

– Não, não quero que ele saiba.

Surpresa com a veemência de Helen, a Dra. Gibson a encarou com um olhar indagador.

– Por que deve ser a senhorita a lidar com essa situação? Por que correria um risco tão grande por uma criança que tem uma ligação tão distante com a senhorita?

Helen permaneceu em silêncio, com medo de revelar demais.

A outra mulher esperou.

– Se vou ajudá-la, lady Helen – disse a médica depois de um instante –, precisa confiar em mim.

– Minha ligação com essa criança não é... distante.

– Entendo.

A Dra. Gibson fez uma pausa antes de perguntar com gentileza:

– A criança na verdade é sua filha? Eu não a julgaria se for esse o caso... Muitas mulheres cometem erros.

Helen ficou ruborizada. Mas se forçou a encarar a Dra. Gibson.

– Charity é minha meia-irmã. O pai dela, o Sr. Vance, teve um caso com minha mãe há muito tempo. Seduzir e abandonar mulheres é uma espécie de esporte para ele.

– Ah... – disse a Dra. Gibson em voz baixa. – É assim para muitos homens. E vejo as consequências cruéis desse esporte, se vamos chamar assim, sempre que visito mulheres e crianças que estão sofrendo em abrigos para pobres. Na minha opinião, castração seria a solução ideal.

Ela fitou Helen longamente. Então pareceu ter tomado uma decisão e se levantou.

– Vamos para lá, então.

Helen piscou, surpresa.

– A senhora vai comigo? Agora?

– Com certeza não permitirei que vá sozinha. Precisamos partir o mais rápido possível. A luz do dia começa a cair por volta das 18h15. Teremos que mandar seu cocheiro e seu criado para casa e contratar um coche de aluguel. Seria temerário levar uma carruagem elegante para o lugar aonde vamos, e duvido que seu criado a deixasse colocar os pés fora do veículo depois que visse a área.

Helen a seguiu da sala até o corredor.

– Eliza – chamou a Dra. Gibson.

A criada rechonchuda logo apareceu.

– Vou sair pelo resto da tarde – avisou, e a criada a ajudou a vestir o casaco. – Tome conta do meu pai – continuou a médica – e não deixe que ele coma doces.

Ela se virou para Helen e comentou brevemente:

– Doces são um desastre para a digestão dele.

– Nunca deixo, Dra. Gibson – protestou a criada. – Escondo os doces o tempo todo, mas seu pai sempre arruma um jeito de encontrá-los.

A Dra. Gibson franziu o cenho, colocou o chapéu e calçou um par de luvas.

– Espero que você preste mais atenção. Pelo amor de Deus, ele é sutil como um elefante quando desce as escadas.

– Ele tem os pés muito leves quando está atrás de doces – retrucou a empregada, em um tom defensivo.

A Dra. Gibson se virou para o cabideiro no saguão, puxou o bastão de caminhada e o pegou com agilidade no ar.

– Talvez precisemos disso – disse ela, com a satisfação de ser uma mulher bem armada em uma missão. – Adiante, milady.

CAPÍTULO 28

Depois que o criado e o cocheiro foram mandados de volta para a Casa Ravenel, com a mensagem de que a consulta demoraria mais do que o esperado, Helen e a Dra. Gibson foram a pé até a Pancras Road. Enquanto caminhavam a passo rápido, a médica alertou Helen sobre como deveria se portar no East End, principalmente perto da área das docas.

– Fique alerta ao que a cerca. Preste atenção nas pessoas às portas dos lugares, entre os prédios ou ao lado das carruagens estacionadas. Se alguém se aproximar da senhorita para fazer uma pergunta, ignore, mesmo que seja uma mulher ou uma criança. Sempre caminhe com determinação. Jamais pareça indecisa ou perdida, sobretudo se estiver indecisa ou perdida, e nunca sorria. Se duas pessoas vierem caminhando em sua direção, não passe entre elas.

Elas chegaram a uma rua ampla e pararam perto de uma esquina.

– Sempre se consegue encontrar um coche de aluguel nas ruas principais – continuou a Dra. Gibson. – Lá vem um.

Ela acenou para o veículo.

– Eles estão sempre muito acelerados, por isso tome cuidado para não ser atingida quando o coche se aproximar do meio-fio. Assim que ele parar, teremos que nos sentar rapidamente. Os cavalos desses coches tendem a empinar e saltar, por isso tome cuidado para não cair do estribo quando subir.

Helen assentiu, tensa, sentindo o coração em disparada quando o veículo de duas rodas parou diante delas. A Dra. Gibson subiu assim que a porta foi aberta. Abaixou a cabeça para passar sob as rédeas.

Com uma determinação feroz, Helen subiu atrás da médica, tentando se equilibrar. O estribo estreito estava escorregadio por causa da lama que havia nele. Para piorar a situação, o peso e o volume das anquinhas que ela usava ameaçavam fazê-la tombar para trás. De algum modo, Helen conseguiu manter o equilíbrio e se jogou desajeitadamente dentro do coche.

– Muito bem – disse a Dra. Gibson.

Ela impediu que Helen estendesse a mão para fechar a porta.

– O cocheiro a fechará com uma alavanca – explicou.

Ela disse o destino ao cocheiro por um alçapão no teto, depois de usar o bastão para afastar um jornal que havia caído por ali. A porta foi fechada, o veículo se moveu e elas seguiram pela rua com uma velocidade crescente.

Apesar de as pessoas comuns andarem de coche o tempo todo, mulheres jovens da classe social de Helen jamais faziam isso. A viagem em si foi assustadora, mas empolgante. Helen mal podia acreditar no que estava acontecendo. O coche de aluguel seguia a uma velocidade de quebrar o pescoço, passando pela massa de carruagens, carroças, ônibus puxados por cavalos e animais que lotavam as vias. Chacoalhava e saltava, desviando-se por centímetros de lampiões, veículos estacionados e pedestres.

– Está quase na hora de descer – avisou a Dra. Gibson. – Eu pagarei o cocheiro pelo buraco no teto, e ele vai abrir a porta com a alavanca. Tome cuidado para que as rédeas penduradas no alto não arranquem seu chapéu quando a senhorita saltar.

O coche parou de repente. A Dra. Gibson passou o pagamento ao homem e cutucou Helen com o cotovelo quando a porta foi aberta. Helen se pôs em ação na mesma hora – inclinou o corpo

para fora e apoiou o pé no estribo. Teve que girar o quadril para que as anquinhas não ficassem agarradas. Mais por sorte do que por habilidade, conseguiu pular para a rua sem cair nem perder o chapéu. A anquinha a desequilibrou quando ela aterrissou, fazendo-a cambalear para a frente. Logo a seguir, a Dra. Gibson desceu do coche com uma graça atlética.

– A doutora faz parecer muito fácil – comentou Helen.

– Prática – retrucou a médica, ajustando o ângulo do chapéu. – Além disso, nada de anquinhas. Agora, lembre-se das regras.

Elas começaram a caminhar.

O lugar era completamente diferente de qualquer parte de Londres que Helen já vira. Até o céu parecia outro: tinha a cor e a textura de esfregões velhos. Só havia um punhado de lojas, todas com janelas escurecidas e placas dilapidadas. As fileiras de casas de cômodos, que serviriam para garantir abrigo aos destituídos, não pareciam adequadas para serem habitadas por ninguém. Pessoas se aglomeravam na rua discutindo, praguejando, bebendo, brigando. Outras sentavam-se em degraus ou no meio-fio, ou ocupavam os batentes das portas com uma lassidão fantasmagórica, os rostos com olhos fundos, a pele com uma palidez nada natural.

Por mais poluída que fosse a rua principal, cheia de lixo e de objetos achatados pelas rodas dos veículos que passavam, nada se comparava às ruelas que saíam dela, onde o chão cintilava com filetes escuros de água e poças de líquidos pútridos. Helen viu de relance a carcaça de um animal morto e uma privada sem porta. Enrijeceu o corpo para controlar o arrepio que correu por sua espinha. Pessoas moravam naquele lugar. Comiam, bebiam, trabalhavam, dormiam ali. Como sobreviviam? Ela ficou bem perto da Dra. Gibson, que parecia não se abalar pela imundície ao redor.

Um fedor marcante pairava por toda parte, tornando impossível evitá-lo. A cada poucos metros, o miasma pesado – denso,

orgânico, podre – assumia uma nova forma, uma versão mais repugnante de si mesmo. Quando elas passaram por uma ruela particularmente suja, um cheiro fétido intenso pareceu penetrar no nariz de Helen e seguir direto para o estômago, que se revirou.

– Respire pela boca – orientou-a a Dra. Gibson, apressando o passo. – Vai passar.

Por sorte, a náusea cedeu, embora Helen estivesse ligeiramente zozza, como se houvesse sido envenenada, e ela sentisse um sabor metálico na boca.

As duas dobraram uma esquina e se viram diante de um grande prédio de tijolos com portões de ferro altos e uma cerca com pontas agudas.

– Aqui é o orfanato – disse a Dra. Gibson.

– Parece uma prisão.

– Já vi piores. Pelo menos o terreno é razoavelmente limpo.

Elas desceram a rua até um conjunto de portões de ferro altos que estavam abertos e entraram por ali. A Dra. Gibson deu um puxão firme na corda de um sino. Elas o ouviram badalar em algum lugar dentro do prédio.

Passado um minuto, a Dra. Gibson já estendia a mão para tocá-lo de novo, porém a porta se abriu.

Uma mulher pesada, com o corpo compacto e largo, as encarou. Ela parecia absurdamente cansada, como se não dormisse havia anos, a pele do rosto flácida.

– A senhora é a responsável? – perguntou a Dra. Gibson.

– Sou. E a senhorita quem é?

– Sou a Dra. Gibson. Minha acompanhante é a Srta. Smith.

– Sou a Sra. Leech – apresentou-se a mulher com um murmúrio.

– Gostaríamos de lhe fazer algumas perguntas, se pudermos.

O rosto da mulher não se alterou, mas ficou claro que a ideia não agradou nem um pouco.

– O que eu ganharia com isso?

– Estou disposta a doar meus serviços médicos para as crianças que estiverem na enfermaria.

– Não precisamos de médico. As irmãs de caridade vêm três vezes por semana para evangelizar e cuidar da saúde das crianças.

A porta começou a se fechar.

– Pelo seu tempo – disse Helen, estendendo uma moeda para a mulher com discrição.

A mão da responsável pelo orfanato se fechou em torno do dinheiro e seus olhos cintilaram brevemente quando ela percebeu que ganhara uma moeda de prata que valia meia coroa. Ela se afastou e abriu mais a porta para que Helen e a Dra. Gibson entrassem.

As duas se viram em uma sala principal em formato de L, ladeada por escritórios de um lado e um berçário do outro, de onde uma criança berrava. Uma mulher ninava o bebê no colo, tentando acalmá-lo.

Adiante, depois de uma porta dupla, Helen viu fileiras de crianças sentadas a mesas compridas. E ouviu uma enorme quantidade de colheres raspando tigelas.

– A refeição delas vai durar mais dez minutos – avisou a Sra. Leech, consultando um relógio de bolso. – É todo o tempo que tenho.

Algumas crianças curiosas haviam descido dos bancos e chegado até a porta para observar as visitantes. A Sra. Leech as encarou com severidade.

– Voltem para a mesa, se sabem o que é bom para vocês!

As crianças correram de volta para o refeitório. A Sra. Leech se virou de novo para a Dra. Gibson e balançou a cabeça, parecendo exausta.

– Algumas delas insistem que as mães vão voltar para pegá-las. Toda vez que há um visitante, fazem uma confusão.

– Quantas crianças a senhora tem aqui? – perguntou a Dra.

Gibson.

– Temos 120 meninos, 97 meninas e 18 bebês.

Helen percebeu que uma das meninas havia ficado meio escondida atrás da porta. A criança esticou o pescoço devagar para olhar além do batente. Seu cabelo, de um tom muito claro de louro, havia sido cortado curto, as mechas irregulares apontando para todas as direções. Alguns tufo estavam amassados, o que dava à menina a aparência de um passarinho na muda. Ela encarava Helen fixamente.

– Alguma mãe já voltou? – perguntou a Dra. Gibson.

– Algumas costumavam voltar – falou a Sra. Leech e pareceu irritada. – Megeras encrenqueiras que tratavam este lugar como se fosse um alojamento gratuito. Traziam os filhos para cá, os deixavam para viver da caridade e voltavam para pegá-los quando assim desejavam. Nós as chamávamos de vem-e-vai. Então o conselho administrativo dificultou os procedimentos para admissão e liberação, para parar com esse entra e sai. Mas isso complicou o meu trabalho e o da minha equipe, e nós já...

Ela parou com um olhar furioso quando percebeu a garotinha, que dera alguns passos incertos na direção de Helen.

– *O que foi que eu disse?* – explodiu a mulher. – Volte para a mesa!

A criança não tirava os olhos – arregalados, assustados, impressionados – de Helen.

– Mamãe? – perguntou em uma voz baixa, um mero sussurro.

A menina entrou em disparada na sala, as pernas finas apenas um borrão determinado. Ela passou por baixo do braço da Sra. Leech e se jogou em cima de Helen, agarrando suas saias.

– Mamãe – repetia sem parar, em arquejos que soavam como preces.

Por menor e mais frágil que fosse a criança, o impacto quase derrubou Helen. Ela ficou perturbada ao ver a menina puxar em

desespero os próprios cabelos cortados, como se tentasse encontrar um cacho que estivesse longo o bastante para que ela conseguisse vê-lo. Helen abaixou a mão para deter aquele gesto. Seus dedos roçaram nos da criança, e a mãozinha minúscula se apressou em agarrar a dela com tanta força que doeu.

– Charity! – gritou a Sra. Leech, ainda mais furiosa. – Tire suas patas sujas de cima da dama.

Ela se preparou para dar um cascudo na criança, mas, sem pensar, Helen bloqueou o golpe com o próprio braço.

– O nome dela é Charity? – apressou-se em perguntar a Dra. Gibson. – Charity Wednesday?

– Sim – respondeu a mulher, o olhar feroz ainda fixo na pequena rebelde.

A Dra. Gibson balançou a cabeça, fascinada, e se voltou para Helen.

– O que deve ter feito a criança...

Ela parou e abaixou os olhos para a menina.

– Ela deve ter notado a cor do seu cabelo... é tão fora do comum que... – concluiu a médica, com o olhar indo de uma irmã para a outra. – Pelos anjos do Senhor... – murmurou.

Helen não conseguia falar. Já havia percebido como Charity se parecia com ela: as sobranceiras e os cílios escuros, os olhos cinza, os cabelos louros quase brancos. Ela também se viu refletida no olhar perdido de uma criança que não tinha lugar no mundo.

A menininha apoiou a cabeça na cintura de Helen. E virou o rosto sujo para cima, os olhos fechados, como se estivesse se banhando com a luz do sol. Um alívio cansado se espalhou por suas feições. *Você está aqui. Veio me buscar. Eu pertenco a alguém.*

Quando criança, Helen talvez tivesse sonhado com um momento semelhante... não conseguia se lembrar. Tudo o que sabia era que o momento não acontecera.

Ela conseguia ouvir a Sra. Leech exigindo saber o que estava

acontecendo e o que elas queriam com a criança, enquanto a Dra. Gibson revidava com perguntas também. Gritos continuavam a chegar do berçário. As crianças no refeitório haviam se tornado inquietas. Mais delas haviam retornado à porta, espiando a cena e falando ao mesmo tempo.

Helen pegou a irmã no colo. Seu corpo era pequeno e leve, quase etéreo. Charity passou os braços e as pernas ao redor dela, como um macaquinho. A menina precisava desesperadamente de um banho. De vários banhos. E o uniforme do orfanato – um vestido de sarja azul, com um avental cinza – teria que ser queimado. Helen ansiava por levar a irmã para algum lugar limpo e tranquilo, para poder limpar a sujeira que a cobria, oferecer uma refeição quente e nutritiva. Em um momento de desespero, ela se perguntou o que seria necessário para tirar a criança do orfanato e o que poderia dizer a lady Berwick quando chegasse à Casa Ravenel com a meia-irmã a reboque.

Uma coisa era certa: não abandonaria Charity naquele lugar.

– Sou sua irmã mais velha, querida – murmurou. – Meu nome é Helen. Não sabia que você estava aqui, ou teria vindo buscá-la antes. Vou levá-la para casa comigo.

– Agora? – perguntou a menina em um sussurro.

– Sim, agora.

Enquanto permanecia parada ali, com a irmã nos braços, Helen percebeu que o curso de sua vida acabara de ser alterado para sempre, como um trem que mudasse de trilhos. Nunca mais seria uma mulher sem filhos. Uma confusão de emoções se debatia dentro dela... Medo de que ninguém, nem mesmo Kathleen, concordasse com o que estava fazendo. Tristeza porque havia perdido Rhys, e todo passo que desse naquele novo caminho a levaria mais para longe dele... E uma leve e solitária nota de alegria. Haveria compensações no futuro. Haveria consolo.

Porém nunca mais haveria um homem como Rhys Winterborne.

A atenção de Helen se voltou para as duas mulheres, que começaram discutir ardentemente.

– Sra. Leech – disse Helen em um tom determinado.

As duas ficaram em silêncio e olharam para ela.

Helen manteve o tom de comando que havia pegado emprestado de lady Berwick.

– Vamos aguardar em um de seus escritórios enquanto a senhora atende às crianças no refeitório. Seja rápida, por favor, já que nosso tempo é curto. Nós duas temos negócios a discutir.

– Sim, senhorita – respondeu a mulher, parecendo bastante aborrecida.

– Pode se referir a mim como “milady” – avisou Helen em um tom frio, e teve um momento particular de satisfação diante do olhar de surpresa da mulher.

– Sim, milady – foi a resposta submissa.

Depois que a Sra. Leech as levou a um escritório com móveis em mau estado, Helen se sentou com Charity no colo.

A Dra. Gibson andou ao redor do cômodo pequeno, examinando sem a menor vergonha uma pilha de papéis que estava sobre a escrivaninha e abrindo algumas gavetas.

– Se pretende levá-la hoje – disse a médica –, lamento lhe dizer que talvez não seja possível.

Charity levantou a cabeça do ombro de Helen, respirando pesadamente.

– Não me deixe aqui.

– Shhh – disse Helen e alisou os tufo rebeldes de cabelo. – Você vai comigo. Eu lhe prometo.

Pelo canto dos olhos, ela notou a Dra. Gibson balançar a cabeça.

– Eu não prometeria se fosse a senhorita – alertou a médica, baixinho.

– Se eu tiver que ir contra a lei e simplesmente sair andando

com ela daqui – disse Helen –, farei isso.

Ela ajeitou Charity em seu colo e continuou a acariciar os cabelos da menina.

– Por que acha que cortaram o cabelo dela assim? – perguntou.

– Costumam raspar os cabelos das crianças quando elas chegam, para evitar uma infestação de pragas.

– Se estão *tão* preocupados com pragas – retrucou Helen –, deveriam dar um banho nas crianças de vez em quando.

Charity levantou os olhos para ela, ansiosa.

– Não gosto de água.

– Por que não, querida?

O queixinho da menina tremeu.

– Quando fazemos coisas feias, as freiras enfiam nossa cabeça no balde cheio de água.

Ela olhou para Helen com uma expressão do mais puro sofrimento infantil e voltou a pousar a cabeça no ombro da irmã.

Helen ficou até feliz com a fúria que a dominou: dava uma clareza extra aos seus pensamentos e lhe infundia força. Ela começou a ninar a menina devagarzinho, como se ela fosse um bebê.

A Dra. Gibson se sentara na beira da escrivaninha, o que só era possível por estar usando um vestido na nova moda, reto e liso na frente, com as saias pregueadas atrás, sem anquinhas. Helen invejou sua facilidade de locomoção.

– O que vão exigir para liberá-la? – perguntou Helen.

– De acordo com a Sra. Leech – respondeu a Dra. Gibson, com o cenho franzido –, a senhorita terá que preencher formulários administrativos para dar entrada no que eles chamam de “reivindicação”. Só a deixarão levar a criança se puder provar que há laços familiares. Isso significa que a senhorita terá que conseguir uma declaração legal do Sr. Vance confirmando a paternidade, tanto sua quanto dela. Depois a senhorita teria que comparecer diante do

conselho de administração do orfanato. Uma vez explicado seu relacionamento com Charity em detalhes, eles decidirão se autorizarão ou não a liberação da menina.

Helen ficou indignada.

– Por que precisam dificultar tanto a adoção dessas crianças?

– Na minha opinião, o conselho administrativo prefere manter as crianças aqui para que possam explorá-las, vender seus serviços e ficar com o pagamento delas. Aos 6 anos, a maior parte das crianças que moram nesses orfanatos aprende um ofício e é colocada para trabalhar.

Enojada, Helen pensou a respeito. Quando abaixou os olhos para o corpinho subnutrido em seus braços, uma ideia lhe ocorreu.

– E se a presença dela representar um perigo? E se a doutora a diagnosticar com uma doença que poderia se espalhar por todo o orfanato, a menos que ela fosse removida imediatamente daqui?

A Dra. Gibson parou para pensar.

– Uma ideia brilhante – disse. – Estou um pouco aborrecida por não haver pensado nisso. Um caso de escarlatina servirá. Estou certa de que a Sra. Leech concordará com o plano, desde que a senhorita lhe ofereça uma nota de 5 libras.

Ela hesitou, a mente repassando as possibilidades.

– Pode haver questionamentos sobre a guarda legal no futuro, se o conselho de administração algum dia resolver se dar o trabalho de reclamá-la. No entanto, eles não ousariam ir contra um homem tão formidável quanto o Sr. Winterborne.

– Não acredito que o Sr. Winterborne terá alguma coisa a ver com isso – comentou Helen baixinho. – Não depois que eu conversar com ele, amanhã.

– Ah – disse a Dra. Gibson e ficou em silêncio por um momento.

– Lamento ouvir isso, milady. Por várias razões.



O sol havia acabado de se pôr quando elas deixaram o orfanato. Cientes de que sua segurança estava mais em risco a cada minuto que passava, agora que escurecia, as duas mulheres caminhavam a passadas rápidas. Helen carregava Charity, que se agarrava a ela, com as pernas em torno de sua cintura.

Elas dobraram a primeira esquina e continuaram na direção da segunda, quando dois homens começaram a segui-las.

– Duas damas *elegante deve tê* um *poco* de prata pra *nóis* – disse um deles.

– Sigam seu caminho – respondeu a Dra. Gibson sem se abalar, mantendo o passo firme.

Os dois homens riram de um jeito que fez os pelos da nuca de Helen se arrepiarem.

– Acho que o nosso caminho *tá* no caminho de vocês – disse o outro.

– Parasitas das docas – murmurou a Dra. Gibson para Helen. – Ignore-os. Logo alcançaremos a rua principal e eles não vão mais nos incomodar.

No entanto, os homens não tinham intenção de deixá-las seguir em frente.

– Se não *tivé* prata pra *nóis* – disse o homem atrás de Helen –, *vô levá* essa gracinha então.

Uma mão rude agarrou o ombro de Helen, fazendo-a girar. Ela cambaleou levemente com o peso da criança, por mais leve que Charity fosse.

O homem manteve a mão enorme no ombro de Helen. Era grande e pesado, o rosto redondo, a pele grossa com a textura de uma casca de laranja. O cabelo tinha uma cor indeterminada sob um boné oleoso.

Ele encarou Helen, os olhos pequenos e brilhantes arregalados de satisfação.

– Carinha de anjo – sussurrou ele e umedeceu os lábios

pequenos e finos com a língua.

Havia manchas escuras entre seus dentes, como as teclas pretas de um piano.

– Eu ia *gostá* de uma pernada com ocê, ah, ia.

Helen tentou se livrar dele, mas a mão do homem a apertou com mais força.

– *Ocê não vai a lugá ninhum*, minha gatinha arrumada... *Diabo!*

Ele deixou escapar um grito quando um bastão de madeira sibilou no ar e acertou a junta do pulso dele com um *craque* sinistro.

Helen recuou depressa e o bastão zuniu de novo, dessa vez acertando a lateral da cabeça do homem. Um golpe certo atingiu o estômago dele, que se inclinou com um gemido. A Dra. Gibson continuou a mover o bastão com destreza, enfiou o punho curvo entre as pernas do oponente e o puxou como se fosse um gancho. O homem despencou no chão, enrodilhado como um camarão cozido em excesso. Toda a ação não durou mais do que cinco ou seis segundos.

Sem parar para pensar, a Dra. Gibson se virou para enfrentar o outro homem, que se adiantava para atacá-la. No entanto, antes que ele pudesse alcançá-la, alguém o agarrou por trás e o virou.

O estranho mostrou uma agilidade extraordinária, abaixando-se com tranquilidade quando o ladrão o atacou. Ele reagiu com uma combinação rápida e brutal: um soco, um cruzado de direita, um de baixo para cima com a esquerda e mais um golpe com força total com a direita. O malfeitor despencou no chão ao lado do companheiro.

– Está tudo bem. Acabou – sussurrou Helen para a criança apavorada que chorava em seu ombro.

A Dra. Gibson encarou o estranho com cautela e abaixou o bastão.

Ele retribuiu o olhar sem vacilar e ajustou a aba do chapéu.

– Estão ilesas, damas?

– Sim – disse a Dra. Gibson, em um tom seco. – Agradecemos a sua ajuda, embora eu tivesse a situação sob controle.

Helen teve a impressão de que a médica estava aborrecida por ter sido privada da chance de acabar com o segundo bandido como fizera com o primeiro.

– Obviamente a senhorita poderia dar conta sozinha – disse o estranho, aproximando-se.

Era um jovem bem-vestido, ligeiramente mais alto do que o normal e em incrível boa forma.

– Porém, quando vi duas mulheres sendo perturbadas, achei que seria civilizado ajudar.

Ele tinha um sotaque fora do comum, que era difícil localizar. Os sotaques do país costumavam ser tão específicos que era possível discernir facilmente de que região a pessoa vinha, às vezes até mesmo de que condado. Quando o homem se aproximou, Helen percebeu que era muito bem-apessoado, com olhos azuis, cabelos castanho-escuros e feições fortes.

– O que está fazendo nesta área? – perguntou a Dra. Gibson, desconfiada.

– Vou encontrar um amigo em uma taberna.

– Qual o nome da taberna?

– The Grapes.

A resposta foi dada com tranquilidade. O olhar do homem se desviou para Helen com a criança nos braços.

– Não é seguro aqui – informou ele em um tom gentil – e a noite está caindo rápido. Posso chamar um coche de aluguel para as damas?

A Dra. Gibson respondeu antes que Helen pudesse abrir a boca.

– Obrigada, mas não precisamos de ajuda.

– Ficarei a alguma distância, então – concordou ele. – Mas vou ficar atento até que estejam em segurança em um carro de aluguel.

– Faça como quiser – disse a Dra. Gibson, muito fria. – Milady,

vamos.

Helen hesitou e se dirigiu ao estranho.

– Poderia nos dizer seu nome, senhor, para que possamos saber a quem devemos nossa gratidão?

Ele encontrou o olhar dela e sua expressão se suavizou ligeiramente.

– Perdoe-me, milady, mas prefero não dizer.

Ela sorriu para ele.

– Compreendo.

O homem ergueu o chapéu em um gesto respeitoso, os cantos dos olhos se franzindo em um sorriso enquanto elas se afastavam. Helen voltou a sorrir, lembrando-se do aviso de West sobre estranhos e heróis disfarçados. Ela mal podia esperar para contar a ele sobre *aquilo*.

– Sem sorrisos – lembrou a Dra. Gibson.

– Mas ele nos ajudou – protestou Helen.

– Não é ajuda quando não se precisa dela.

Quando elas já haviam quase alcançado a rua principal, a Dra. Gibson deu uma rápida olhada por sobre o ombro.

– Ele está nos seguindo a distância – comentou aborrecida.

– Como um anjo da guarda – disse Helen.

A Dra. Gibson bufou.

– Milady viu o modo como ele derrubou aquele ladrão? Seus punhos eram rápidos como o pensamento. Como um lutador profissional. Não é estranho que um homem assim apareça do nada, no momento certo?

– Acho que o homem causou menos danos ao oponente dele do que a doutora ao seu – comentou Helen com admiração. – O modo como atacou aquele patife com o bastão... nunca vi nada parecido.

– Minha mira não foi precisa – disse a Dra. Gibson. – Não atingi em cheio o nervo ulnar no pulso dele. Preciso consultar meu mestre de esgrima sobre a minha técnica.

– Ainda assim, estou muito impressionada – garantiu Helen. – Tenho muita pena de qualquer um que cometer o erro de subestimá-la, Dra. Gibson.

– Milady, o sentimento da minha parte é exatamente o mesmo em relação à senhorita.

CAPÍTULO 29

Embora, no passado recente, Helen houvesse descoberto certo prazer em chocar as pessoas, naquele momento ela concluiu que havia superestimado essa sensação. E sentiu saudades dos dias tranquilos e pacíficos no Priorado Eversby, quando nada acontecia. Agora, coisas de mais vinham acontecendo.

Foi como se a Casa Ravenel inteira se paralisasse no momento em que Helen chegou com uma órfã de origem misteriosa, em estado de saúde questionável e, decididamente, péssimas condições sanitárias. Ela colocou Charity no chão e deu a mão à menina, que se aconchegou nela. Os criados interromperam o que faziam. A governanta, Sra. Abbott, ficou estática de surpresa. Pandora e Cassandra, que desciam as escadas tagarelando, caíram em um silêncio abrupto ao ver Helen parada no saguão com uma criança em farrapos.

A reação mais enervante foi a de lady Berwick, que saiu da sala de estar e estacou à porta. Enquanto seu olhar ia de Helen para a criança, a condessa compreendeu a situação sem perder o autocontrole. Ela parecia um general militar observando as tropas recuarem de uma batalha perdida e calculando como reagrupar as forças.

Como era de prever, naquele cenário horrível e silencioso, Pandora foi a primeira a falar.

– Isso está parecendo uma peça onde ninguém se lembra das falas.

Sem dizer uma palavra e sem que sua expressão se alterasse, lady Berwick deu as costas a todos e entrou na sala de estar.

O gosto metálico voltou à boca de Helen. Não tinha ideia do que a condessa iria lhe dizer, mas sabia que seria terrível. Ela guiou Charity até a base das escadas, enquanto as irmãs desciam para encontrá-las.

Depois de um olhar para as gêmeas, que pareciam pairar muito altas acima dela, Charity se escondeu atrás das saias de Helen.

– Como podemos ajudar? – perguntou Cassandra.

Helen nunca amara mais as irmãs do que naquele momento, por oferecem ajuda antes de exigirem explicações.

– Esta é Charity – disse Helen em voz baixa. – Eu a tirei hoje de um orfanato, e ela precisa se limpar e se alimentar.

– Cuidaremos disso – falou Pandora e estendeu a mão para a menina. – Venha conosco, Charity. Vamos nos divertir muito! Conheço jogos e músicas e...

– Pandora – interrompeu Helen, enquanto a criança se encolhia diante da jovem agitada. – Devagar – pediu e baixou a voz para prosseguir. – Você não sabe de onde ela veio. Seja delicada.

Helen desviou o olhar para Cassandra.

– Charity tem medo de banhos. Façam o melhor que puderem para limpá-la com panos úmidos.

Cassandra assentiu, parecendo em dúvida.

A Sra. Abbott se aproximou de Helen.

– Milady, levarei bandejas com sopa e pão para a senhorita e para a pequenina.

– Só para ela. Não estou com fome.

– Deve comer – insistiu a governanta. – Milady parece prestes a desmaiar.

Antes que Helen pudesse responder, a mulher seguiu apressada para a cozinha.

Helen relanceou os olhos para a sala de estar. Um arrepio de

medo percorreu seu corpo. Ela voltou a atenção para Charity.

– Querida – murmurou –, essas são minhas irmãs, Pandora e Cassandra. Quero que vá com elas e que as deixe cuidar de você enquanto converso com uma pessoa.

A menininha ficou alarmada na mesma hora.

– Não me deixe!

– Não, nunca. Estarei novamente com você em poucos minutos. Por favor, Charity.

Para seu desespero, a criança só a agarrou com mais força, recusando-se a se afastar.

Foi Cassandra quem resolveu o problema. Ela se agachou e sorriu para Charity.

– Não quer vir conosco? – perguntou baixinho. – Somos muito boazinhas. Vou levar você para um quarto lindo no andar de cima. Há um fogo aconchegante na lareira e uma caixa que toca música. Seis melodias diferentes. Venha, deixe eu lhe mostrar.

A menina saiu de trás das dobras das saias de Helen e estendeu os braços para ser pega no colo.

Depois de parecer desconcertada por um instante, Cassandra a pegou no colo e se levantou.

Pandora deu um sorriso resignado.

– Sempre disse que você é a mais gentil.

Helen esperou até que as irmãs chegassem ao topo da escadaria. Então seguiu para a sala de estar, pensando que, não importava o que lady Berwick dissesse, ou quanto estivesse aborrecida, não seria nada se comparado ao que já vira naquele dia. Ainda a assombrava saber o que outras pessoas eram forçadas a sofrer. Nunca mais conseguiria olhar para os lugares privilegiados por onde circulava sem que algo nela contrastasse aquela visão com as ruelas e espeluncas em Stepney.

Helen hesitou na porta da sala de estar e viu lady Berwick sentada em uma das duas poltronas perto da lareira. O rosto da

condessa estava rígido, como se houvesse sido engomado e colocado diante do fogo para secar. Ela nem olhou para Helen, que foi até a outra cadeira e se sentou.

– Milady, a criança que trouxe comigo...

– Sei quem ela é – cortou lady Berwick bruscamente. – Ela se parece com o pai. Vai tomar para si a tarefa de recolher todos os bastardos dele, como se fossem gatos desgarrados?

Helen ficou em silêncio, olhando para o fogo, enquanto lady Berwick lhe passava um sermão em um tom que poderia ter arrancando dos eixos a roda de uma carruagem. A condessa fez comentários duros sobre o caráter de Helen e sobre sua criação, sobre os Ravenels, sobre a tolice de mulheres que achavam que poderiam ignorar as regras e o julgamento da sociedade e sobre as muitas iniquidades de Albion Vance e dos homens em geral.

No fim, encarou Helen, as narinas e o queixo vibrando em uma expressão ultrajada.

– Eu jamais teria esperado isso de você. Essa farsa! Essa desonestidade! Você tem uma inclinação para a autodestruição. Não consegue ver, menina insensata, que estou tentando impedir que jogue fora uma vida na qual você poderia fazer um bem enorme para outras pessoas? Poderia ajudar milhares de órfãos, em vez de apenas uma. Acha que tenho o coração duro? Admiro sua compaixão por aquela pobre criatura... Você deseja ajudá-la e deve fazer isso... mas não desse modo. Ela é um perigo para você, Helen. A semelhança entre vocês duas pode ser a sua *ruína*. Ninguém olhará para vocês sem chegar à mais desastrosa das conclusões. Não importa que não seja verdade. As fofocas nunca precisam ser verdadeiras, só têm que ser interessantes.

Helen encarou a mulher mais velha, percebendo que, embora seu modo contido transmitisse uma fúria fria e cada nuance de sua postura fosse autoritária... os olhos a entregavam. Estavam cheios de uma preocupação sincera, de bondade verdadeira e de amor. E

de angústia.

Lady Berwick não estava brigando *com* ela, estava brigando *por* ela.

Por isso Kathleen a ama.

Quando a condessa ficou em silêncio, Helen a encarou com gratidão, afeto e uma determinação melancólica.

– A senhora está certa. Em tudo o que disse. Concordo com a senhora. Compreendo o que estou prestes a perder. Mas o fato é... Charity tem que pertencer a alguém. Ela tem que ser amada por alguém. E quem fará isso, se eu não fizer?

Diante do silêncio gelado de lady Berwick, Helen se viu indo até a poltrona dela, abaixando-se e apoiando a cabeça em seus joelhos. E sentiu a condessa enrijecer.

– A senhora recebeu Kathleen quando ela era apenas um ano mais velha do que Charity – disse Helen. – E a amou quando ninguém mais a queria. Ela me disse que a senhora salvou sua vida.

– Mas não fiz isso à custa da minha própria ruína.

A condessa respirou fundo, e Helen sentiu a pressão leve da mão dela em sua cabeça.

– Por que não me escuta?

– Tenho que escutar meu coração – disse Helen baixinho.

Aquilo provocou uma risadinha amarga.

– A queda de toda mulher desde Eva começou exatamente com essas palavras.

A mão deixou a cabeça de Helen. Outra inspiração profunda.

– Permita-me alguma privacidade, agora.

– Lamento muito ter aborrecido a senhora – sussurrou Helen e deu um beijo rápido nos dedos frios e enrugados.

Helen se levantou devagar e notou que a condessa virara rapidamente o rosto. Uma lágrima cintilava nas feições marcadas pelo tempo.

– *Vá* – falou lady Berwick em um tom brusco, e Helen deixou a

sala.



Enquanto subia as escadas, Helen se deu conta de uma dor nas costas e de uma exaustão profunda que ameaçava dominá-la. Ela se segurou no corrimão para ter forças para subir. Suas saias pareciam feitas de chumbo. E, a cada movimento das pernas cansadas, aromas desagradáveis subiam da barra da saia.

Quase no topo da escada, ela ouviu o som alegre de notas musicais flutuando delicadamente no ar. A melodia vinha de uma caixa de música feita de pau-rosa que Rhys lhe dera de presente havia algum tempo. Era tão grande que vinha em uma mesa própria, com uma gaveta contendo os cilindros de seu mecanismo. Helen seguiu a música até a sala de estar da família e olhou lá para dentro.

A notar a presença da irmã, Pandora foi até a porta com um dedo nos lábios. Os olhos azuis estavam iluminados de prazer.

Elas ficaram paradas juntas no umbral, observando Cassandra balançar o corpo e girar em círculos graciosos ao ritmo da melodia. Charity estava perto dela, usando uma camisa branca, de alças, absurdamente grande para seu tamanho. Embora Helen não pudesse ver o rosto da menina, sua empolgação era óbvia pelo modo como pulava descalça. Era uma criança tão delicada, os ossos tão protuberantes, que era como se o vento pudesse carregá-la como carregaria um dente-de-leão. Mas parecia muito mais limpa, e o cabelo estava úmido e penteado, de modo que a maior parte estava colada à cabeça.

Charity tentava imitar Cassandra e se movia com pulos e giros desajeitados, como um bebê-fada. Ela não parava de olhar para Cassandra em busca de aprovação, como se estivesse se adaptando à ideia de brincar com um adulto.

Aquela imagem renovou o espírito de Helen como nada mais poderia ter feito.

Pandora a pegou pelo braço e a tirou da sala.

– Venha comigo, Helen. Há uma bandeja de sopa em seu quarto. Você pode comer enquanto elas brincam. E *imploro* para que tome um banho. Não sei que cheiro é esse, mas estava em Charity também, e é como uma mistura de todos os fedores que já senti na vida.

– Como foi para limpá-la?

– Não foi fácil, Helen – disse Pandora, muito séria. – Charity está suja em uma escala geológica... há camadas de sujeira. Poderíamos ter usado cinzeiros para limpá-la. Ela não deixou lavar os cabelos direito, mas descobrimos que, dando um paninho para segurar sobre os olhos, ela conseguia inclinar a cabeça para trás o bastante para que conseguíssemos derramar uma xícara de água sobre ela. Fizemos isso duas vezes e foi tudo o que ela permitiu. Crianças podem ser muito determinadas.

– É mesmo? – perguntou Helen, com ironia.

– Charity tomou uma tigela inteira de sopa e comeu pão com manteiga. Não tivemos problema em limpar seus dentes... ela gosta do sabor do dentífrico. As gengivas estão vermelhas e inchadas, mas seus dentes são como pequenas pérolas. Não há nenhum podre nem com cáries, até onde eu vi. Cortei suas unhas das mãos e dos pés, mas a sujeira está funda em algumas delas e não consegui alcançar. Ela está usando uma das minhas camisas de baixo como camisola... eu suspendi as alças. E a Sra. Abbott está lavando as roupas delas... na verdade, a Sra. Abbott queria queimá-las, mas eu lhe disse para não fazer isso, ou não teremos mais nada para Charity usar.

– Vamos comprar roupas para ela amanhã – comentou Helen, em um tom distraído.

– Helen, posso lhe fazer uma pergunta?

– Sim, querida.

– Quem é ela, de onde veio, por que está aqui e o que você vai fazer com ela?

Helen gemeu e suspirou.

– Há tanto a explicar...

– Você pode começar enquanto toma a sua sopa.

– Não, quero esperar por Cassandra. Há tanta coisa a contar que não quero ter que repetir.

Depois que Helen comeu, se banhcou e vestiu uma camisola e um roupão, sentou-se na cama com Charity aconchegada ao seu lado. As duas assistiram às gêmeas encenarem a história dos três ursos. Cassandra fazia o papel de Cachinhos Dourados, naturalmente, enquanto Pandora incorporava os três ursos.

Fascinada pela história e pela encenação das gêmeas, Charity ficou de olhos arregalados na hora em que o urso maior perseguiu Cachinhos Dourados para que ela saísse do quarto. Quando a apresentação terminou, a garotinha tinha a respiração acelerada, tamanha sua empolgação.

– De novo, de novo – pediu.

– Eu contarei a história dessa vez – disse Helen.

As gêmeas se acomodaram na cama também, ocupando cada centímetro de espaço disponível, e Helen esticou a história o máximo possível. Ela manteve a voz baixa, em uma cadência suave, enquanto observava os olhos de Charity ficarem pesados.

–... então Cachinhos Dourados se deitou na cama do urso menorzinho, do mais pequenininho... e era uma cama limpa, gostosa, macia, com lençóis de linho e uma manta feita da lã de um carneiro branco muito fofo. Cachinhos Dourados deitou a cabeça em um travesseiro recheado de plumas e pensou que era como flutuar em uma nuvem. Ela sabia que teria sonhos deliciosos enquanto dormisse naquela caminha quente e que, pela manhã, haveria coisas saborosas para comer e uma xícara de chocolate doce para

sua barriguinha...

Helen parou quando viu os longos cílios se abaixarem e a boca da criança relaxar.

– Sua versão é prolixa demais, Helen – comentou Pandora. – Como alguém consegue ficar acordado quando você estica a história desse jeito?

Helen trocou um sorriso com ela. Então se afastou com cuidado da criança adormecida e puxou as cobertas até seus ombros.

– Ela não ri – sussurrou, abaixando os olhos para o rosto pequeno e solene.

– Vai aprender.

Cassandra estava parada na beira da cama. Ela esticou a mão e, suavemente, com a ponta do dedo, seguiu o contorno de uma das sobrancelhas escuras da menina. Depois olhou para Helen, parecendo perturbada.

– Vamos para o meu quarto – sugeriu Pandora. – Tenho a impressão de que a próxima história de dormir é que vai ser realmente interessante.



Helen começou pela descoberta da carta inacabada da mãe e terminou com a visita ao orfanato. Depois de ouvir uma história daquela, qualquer jovem dama convencional, com altos padrões morais, teria ficado chocada e perturbada. Suas irmãs, no entanto, haviam sido criadas fora da sociedade. Não a reverenciavam nem temiam; não davam a menor importância para obter sua aprovação. Helen se sentiu imensamente confortada pelo fato de, apesar de terem ficado surpresas e preocupadas, aceitarem a situação sem se abalarem.

– Você ainda é nossa irmã – disse Pandora. – Não dou a mínima se foi concebida pelo nosso pai terrível ou pelo seu novo pai terrível.

– Eu não precisava do pai terrível extra – resmungou Helen.

– Helen, tem certeza de que o Sr. Winterborne não vai querer se casar com você quando descobrir? – perguntou Cassandra.

– Tenho; e eu não iria querer, se fosse ele. O Sr. Winterborne trabalhou duro a vida toda para se destacar acima de suas circunstâncias. Ele ama coisas belas e elegantes e merece uma esposa que o eleve, não uma que o rebaixe.

– Você jamais o rebaixaria – assegurou Pandora, ultrajada.

Helen deu um sorriso triste.

– Estarei ligada ao erro, ao escândalo. Quando as pessoas me virem com Charity, vão presumir que é minha filha bastarda e que eu provavelmente a tive fora dos laços do casamento. Vão sussurrar que a esposa do Sr. Winterborne é uma meretriz. E fingirão lamentar por ele, mas sentirão um prazer malicioso em comentar sobre sua vergonha.

– Sussurros não podem ferir ninguém.

– Sussurros podem estripá-la e fatiá-la como se você fosse um pedaço de carne – replicou Cassandra, encarando a irmã gêmea com reprovação.

Pandora ficou carrancuda, mas se viu obrigada a concordar.

– O fato é que eu arruinaria a imagem de Winterborne – continuou Helen.

– Do homem ou da loja? – perguntou Cassandra.

– De ambos. A loja é um símbolo de perfeição e elegância, e eu seria uma fissura em sua armadura. Mais do que uma fissura: Charity e eu seríamos um buraco enorme e crescente na armadura.

– Quando vai falar com ele?

– Amanhã, eu acho.

Helen levou a mão ao estômago, sentindo uma ligeira pontada diante da ideia de encará-lo.

– Depois levarei Charity para o Priorado Eversby e ficaremos lá até Kathleen e Devon voltarem da Irlanda.

– Iremos com você – disse Cassandra.

– Não, é melhor que fiquem em Londres. Há mais coisas para fazerem aqui, e lady Berwick é boa para vocês. Ela quer muito que tenham sucesso. Eu a desapontei terrivelmente, e ela precisa de vocês para se animar e para que lhe façam companhia.

– Você vai morar com Charity no priorado? – perguntou Cassandra.

– Não – respondeu Helen, baixinho. – Será melhor para todos nós se Charity e eu morarmos bem longe, onde ninguém nos conheça. Entre outras coisas, isso diminuirá a chance de que minha desgraça possa causar danos às perspectivas de casamento de vocês.

– Ah, não se preocupe com isso – apressou-se em dizer Cassandra. – Pandora não vai se casar de jeito nenhum. E eu certamente não vou querer um homem que faça pouco de mim porque minha irmã era uma meretriz.

– Gosto dessa palavra – falou Pandora. – Meretriz. Soa como um instrumento musical atrevido.

– Que animaria uma orquestra – disse Cassandra. – Você não gostaria de ouvir um “Concerto Duplo para Meretriz em Dó”, de Vivaldi?

– Não – retrucou Helen, sorrindo com relutância diante da irreverência da irmã. – Parem com isso, vocês duas... estou tentando ser solene e trágica, e vocês estão dificultando tudo.

– Você não vai morar longe – falou Pandora e abraçou Helen. – Você e Charity vão morar comigo. Vou começar a ganhar dinheiro logo, muito dinheiro, e vou comprar uma casa bem grande para nós.

Helen puxou a irmã para abraçá-la.

– Acho que você será um grande sucesso – murmurou.

Cassandra passou os braços ao redor das outras duas.

– Vou morar com vocês também.

– É claro – disse Pandora com determinação. – Quem precisa de

marido?

CAPÍTULO 30

Helen acordou quando Agatha, a camareira que atendia a ela e às gêmeas, entrou no quarto com a bandeja do café da manhã.

– Bom dia, milady.

– Bom dia – disse Helen, sonolenta.

Ela se espreguiçou, se virou para o lado e ficou brevemente surpresa ao ser confrontada com o rosto de uma criança adormecida.

Então não havia sido um sonho.

Charity estava em um sono tão profundo que nem o ligeiro tilintar das xícaras na bandeja que se aproximava a fez se mexer. Helen a encarou com certo assombro. Apesar da lamentável magreza da menina, seu rosto era arredondado como o de um bebê. As pálpebras que cobriam os olhos grandes eram finas como papel, com veias azuis delicadas, mais finas do que um fio de cabelo, gravadas na superfície. Sua pele era muito lisa, sem um poro aparente, translúcida sobre os pulsos. Helen ficou assustada ao perceber como aquela pequena pessoa era vulnerável, uma construção frágil de ossos, carne e veias delicadamente unidos.

Ela se sentou com cuidado e deixou Agnes pousar a bandeja em seu colo. Havia uma xícara de chá bem quente e um bule de prata com chocolate perto de outra xícara, vazia.

– A pequenina dormiu bem, milady?

– Sim, acho que ela não se mexeu a noite toda. Agnes... eu não pedi que o chá fosse servido na cama esta manhã, pedi?

Ela costumava tomar o chá e o café da manhã no andar de baixo.

– Não, milady. A condessa me pediu para trazer para a senhorita, junto com chocolate para a menina.

– Que gentil da parte dela.

A princípio, Helen pensou que fosse uma oferta de paz, depois da cena desconfortável na noite da véspera.

Mas logo descobriu que não era o caso.

Ela encontrou um retângulo de papel com lacre enfiado sob o pires. Pegou-o e leu:

Helen,

Após refletir, encontrei a solução óbvia para a trapalhada em que você se encontra. A criança, e a responsabilidade por ela, pertencem ao meu sobrinho. Finalmente é hora de ele resolver um dos problemas que criou. Mande um bilhete para ele esta manhã dizendo que venha buscar a filha e faça com ela o que achar adequado.

O assunto agora está fora de suas mãos, como deve ser. Espero que o Sr. Vance chegue em uma hora. Deixe a criança vestida e pronta. Vamos tentar não fazer uma cena quando chegar a hora de ela partir.

É o melhor a ser feito. Se não consegue perceber isso agora, logo conseguirá.

Helen respirava com dificuldade quando terminou de ler o bilhete. O quarto parecia girar lentamente ao redor dela. Vance faria o que lady Berwick exigira, porque queria que Helen se casasse com o Sr. Winterborne e Charity seria um obstáculo para os planos dele. Porém, se levasse a menina embora com ele, Charity morreria. Ele não a mataria, mas a deixaria em uma situação à qual ela não

conseguiria sobreviver. O que era mais ou menos o que já fizera.

Só vão levá-la por cima do meu cadáver. Helen tentou tomar um pouco de chá, mas achou difícil levar a xícara até os lábios com as mãos trêmulas. Derramou um pouco do líquido quente na camisola.

– Algum problema, milady?

– Nenhum – respondeu Helen e abaixou a xícara. – Mas lady Berwick pediu que eu vestisse e arrumasse Charity o mais rápido possível. Vamos precisar das roupas que a Sra. Abbott lavou para ela na noite passada. Poderia pedir para que a Sra. Abbott as trouxesse até meu quarto imediatamente? Preciso falar com ela.

– Sim, milady.

– Pegue a bandeja, por favor, e coloque-a de lado.

Depois que Agatha saiu, Helen pulou da cama e correu até o guarda-roupa. Tirou de dentro uma bolsa de veludo, levou-a até a cômoda e começou a jogar lá dentro peças como: uma escova de cabelo, lenços, luvas, meias e um pote de unguento. Jogou também a lata de pós nevralgicos – embora não fosse tomar enquanto estivesse viajando, talvez precisasse muito quando chegasse ao seu destino.

– Helen? – chamou Charity.

A menina se sentou na cama e olhou para a irmã com os olhos brilhantes e muito grandes. Um tufo de cabelo se erguia do topo de sua cabeça como a plumagem de um pássaro.

Helen sorriu, apesar do pânico que ameaçava sufocá-la, e foi até a menina.

– Bom dia, minha pintinha.

Ela abraçou Charity, que logo passou os bracinhos confiantes ao redor dela.

– Você tem um cheiro bom.

Helen a soltou, fez um carinho em seus cabelos, foi até a bandeja de café da manhã e colocou chocolate na xícara. Ela testou a temperatura com a ponta do dedo mínimo e viu que estava morno,

mas não quente demais.

– Gosta de chocolate, Charity?

A pergunta foi recebida com um silêncio perplexo.

– Experimente para saber.

Helen entregou a xícara com cuidado à menina, curvando seus dedos ao redor da porcelana quente.

Charity provou, estalou os lábios e olhou para Helen com um sorriso maravilhado. E continuou a beber em goles de passarinho, para que a bebida durasse.

– Voltarei logo, querida – murmurou Helen. – Tenho que acordar minhas irmãs dorminhocas.

Ela caminhou devagar até a porta, mas, quando chegou ao corredor, saiu em disparada na direção do quarto de Cassandra. A irmã dormia profundamente.

– Cassandra – sussurrou, dando tapinhas carinhos no ombro dela e sacudindo-a com delicadeza. – Por favor, acorde. Acorde, preciso de ajuda.

– Cedo demais – murmurou Cassandra.

– O Sr. Vance vai chegar em uma hora. Ele vai levar Charity embora. Por favor, você precisa me ajudar. Tenho que ir embora da Casa Ravenel o mais rápido possível.

Cassandra se sentou na mesma hora e encarou Helen sem entender.

– O quê?

– Chame Pandora e venham para o meu quarto. Tentem não fazer barulho.

Em cinco minutos, as gêmeas estavam no quarto de Helen. Ela mostrou o bilhete às duas, que leram uma de cada vez.

Pandora ficou furiosa.

– “O assunto agora está fora de suas mãos” – leu ela em voz alta, o rosto vermelho de raiva. – Eu a odeio.

– Não, não deve odiá-la – disse Helen baixinho. – Ela está

fazendo a coisa errada pelo motivo certo.

– Não me importo com o motivo, o resultado continua sendo revoltante.

Alguém bateu delicadamente à porta.

– Lady Helen? – chamaram. Era a voz da governanta.

– Sim, entre.

A governanta entrou com uma pilha de roupas cuidadosamente dobradas.

– Todas lavadas e remendadas – disse. – Não restou muito das meias, mas as costurei o melhor que pude.

– Obrigada, Sra. Abbott. Charity vai gostar de usar roupas limpas.

Ela gesticulou para mostrar a criança na cama, o que lembrou a todas que Charity estava ouvindo cada palavra. Entregou, então, o bilhete à governanta e esperou até que ela lesse, antes de murmurar em tom de desculpas:

– Gostaria de lhe explicar melhor a situação, mas...

– A senhorita é uma Ravenel, milady – foi a resposta leal da governanta. – Isso é tudo o que preciso compreender. O que está planejando?

– Vou para a estação Waterloo, para pegar o próximo trem para Hampshire.

– Direi ao cocheiro para preparar a carruagem.

– Não, isso levaria muito tempo. Alguém vai perceber, e nunca nos permitirão sair. Tenho que chegar à rua principal pela saída dos empregados e pegar um coche de aluguel até a estação.

A Sra. Abbott pareceu alarmada.

– Milady, um coche...

– Não se preocupe com isso. O problema é que, quando o Sr. Vance perceber que não estou aqui, vai me seguir até a estação. É óbvio que o Priorado Eversby é o único lugar para onde eu poderia levar Charity.

– Nós o atrasaremos para você – disse Pandora. – Trancaremos a porta do seu quarto e fingiremos estar ajudando com Charity.

– E eu falarei com um dos criados – ofereceu-se a governanta, baixinho. – Quando o Sr. Vance tentar partir, estará faltando um parafuso no eixo da sua carruagem.

Em um impulso, Helen pegou a mão da mulher e a beijou.

A Sra. Abbott pareceu ligeiramente enervada com o gesto.

– Pronto, pronto, milady. Vou mandar Agatha subir de novo para ajudá-la a se vestir.

– Tomaremos conta do resto – garantiu Cassandra.

Os minutos seguintes foram uma mistura estranha de atividade febril e murmúrios. Quando Agatha chegou ao quarto, Helen já vestira a camisa e os calções de baixo e lutava com o espartilho. Na pressa, não conseguiu combinar os ganchos da frente com os fechos corretos.

Agatha se apressou a ajudá-la, levando a mão ao topo do espartilho e começando a fechar os ganchos com habilidade.

– Minha mãe sempre disse que a pressa é inimiga da perfeição.

– Vou tentar me lembrar disso – respondeu Helen, aborrecida.

Depois de terminar com o espartilho, a empregada foi até o guarda-roupa.

– Não – disse Helen, ao perceber o que a camareira procurava.

– Não vou usar anquinhos.

– Milady? – perguntou a criada, parecendo estupefata.

– Simplesmente prenda as partes frouxas das minhas saias de viagem para cima – insistiu Helen. – Não posso caminhar a passos minúsculos hoje. Tenho que me *mexer*.

Agatha voltou correndo com uma saia de viagem preta e uma blusa branca.

Do outro lado do quarto, Cassandra vestia Charity com uma velocidade impressionante, enquanto contava à menina, sorrindo, que ela iria passear com Helen.

– Pandora, ela não tem touca nem casaco. Você conseguiria um xale ou algo assim?

Pandora saiu em disparada para o próprio quarto e voltou com um xale e um chapéu pequeno de feltro com um cordão na borda. Como não havia diferença significativa entre estilos de chapéu de meninas e mulheres, funcionaria muito bem.

Depois de ajudar Helen a vestir o casaco de viagem, Agatha perguntou:

– Devo correr até a despensa e separar alguma coisa para levarem, milady?

Cassandra respondeu da janela, para onde havia corrido depois de ouvir um barulho do lado de fora.

– Não há tempo – disse com a voz tensa. – A carruagem do Sr. Vance chegou.

Agatha recolheu os cachos soltos de Helen, enrolou-os com puxões violentos, tirou alguns grampos da própria cabeça e prendeu o cabelo de Helen em um coque alto simples. Pandora pegou um chapéu do guarda-roupa e o jogou para a camareira, que o pegou no ar com uma das mãos e o prendeu logo abaixo do coque.

– Tem dinheiro? – perguntou Cassandra.

– Sim.

Helen pegou suas luvas na bolsa e a fechou.

– Charity – chamou, forçando um sorriso –, está pronta para sair para passear?

A criança assentiu. O chapéu cobria os cabelos mal-cortados e o xale escondia a maior parte do uniforme do orfanato. Ela parecia limpa e arrumada.

Cassandra se virou para Helen.

– Você parece tão calma...

– Meu coração está prestes a explodir – retrucou Helen. – Rápido, vamos nos despedir.

Cassandra beijou o rosto da irmã.

– Amo você – sussurrou e abaixou-se para abraçar Charity.

Pandora fez o mesmo, deu um beijo em Helen e se inclinou para segurar o rosto de Charity entre as mãos. Provavelmente presumindo que Pandora iria inspecionar seus dentes, como fizera na noite da véspera, Charity abriu a boca para mostrar os incisivos inferiores.

Pandora sorriu, acariciou o queixinho da menina com o dedo e deu um beijo em seu nariz. Então se levantou e assentiu para Helen de um modo profissional.

– Vamos ganhar o máximo de tempo que pudermos para você.

Helen pegou a bolsa, deu a mão a Charity e seguiu Agatha para fora do quarto. Assim que ela chegou ao corredor, as irmãs fecharam a porta e giraram a chave na fechadura com determinação.

CAPÍTULO 31

No caminho para a estação Waterloo, em um coche alugado que saltava e balançava com fervor suicida, Helen descobriu que era mais fácil ser corajosa na presença de uma criança do que sozinha. Estava tão determinada a impedir que Charity se preocupasse que se pegou fazendo comentários absurdos, como “Não é emocionante?” na hora em que quase bateram em um ônibus ou “Que empolgante!” quando as rodas passaram por um buraco e o veículo voou por um breve momento. Charity permaneceu em silêncio, observando o mundo caótico que passava às pressas por elas. A menina tinha uma disposição impressionante para suportar desconforto e incerteza sem reclamar. Na infância, Helen costumava ser elogiada pela mesma qualidade. Não tinha certeza se isso era bom.

O coche parou na Waterloo Road, ao lado dos enormes galpões da estação de trem. Helen entregou o pagamento ao cocheiro, pegou a bolsa e desceu do veículo. Então pegou Charity, que meio pulou, meio caiu nos braços da irmã. Helen a segurou com destreza e a colocou de pé na calçada. E se permitiu um breve momento de empolgação por seu triunfo. *Eu não conseguiria fazer isso se estivesse usando uma anquinha.* Segurou a bolsa com uma das mãos e deu a outra a Charity, depois seguiu o fluxo da multidão que entrava na estação.

O caminho até a bilheteria era estreito e cheio, e era preciso passar por várias estruturas temporárias. A estação estava sendo

ampliada, por isso as salas de espera e as áreas de serviços estavam inacabadas e sem pintura. Helen segurou a mão de Charity com força e esperou sua vez na fila, enquanto via controladores da estação, bilheteiros e carregadores indo e voltando apressados da fila de caixas. Ela chegou à frente da fila, onde um empregado a informou de que o trem para a estação de Alton partiria em uma hora e meia.

Helen comprou dois bilhetes de primeira classe. Ficou aliviada por não perder o trem, mas preferiria não ter que esperar tanto. Com sorte, as gêmeas e os criados conseguiriam deter Vance pelo tempo necessário para que ele não conseguisse chegar à estação antes que o trem partisse. Ela levou Charity até um amontoado de bancas que vendiam jornais, romances baratos e periódicos, sanduíches em caixas, petiscos e chá. Depois de comprar uma xícara de leite e um pãozinho para Charity, Helen examinou as bancas de livros e comprou um volume de histórias infantis ilustradas.

Elas foram para a área de espera da primeira classe, mobiliada apenas com bancos de madeira sem encosto. Alguns viajantes reclamavam da ausência de assentos estofados e das paredes cruas, sem pintura, enquanto outros apenas se sentavam. Helen encontrou um banco vazio em um canto e se acomodou ali com Charity, mantendo a bolsa a seus pés. Enquanto a menininha comia o pão e tomava o leite, Helen abriu o livro e o folheou.

Charity apontou, animada, para uma ilustração de três ursos.

– Conte essa, Helen. Essa aí.

Helen sorriu.

– Ainda não se cansou dessa história?

Charity balançou a cabeça.

Enquanto procurava pelo início da história, Helen reparou no título de outra: *Sapatinhos vermelhos*. Ela franziu o cenho.

– Espere, tenho que consertar uma coisa.

Com puxões firmes, Helen arrancou a história odiada do livro.

Lamentavelmente, uma página de *João e o pé de feijão* foi junto, mas ela achou que valia a pena o sacrifício.

Ao ouvir o som de papel sendo rasgado, uma mulher que estava sentada perto se voltou para elas. A mulher fez uma expressão contrariada ao ver um livro sendo mutilado daquela forma. Sentindo-se rebelde, Helen encontrou o olhar da mulher, amassou as páginas que arrancara e as enfiou na bolsa.

– Assim está melhor – disse, satisfeita.

Ela encontrou *Cachinhos Dourados e os três ursos* e começou a ler para Charity em uma voz sussurrada.

Levantava os olhos de tempos em tempos e conferia os arredores, com medo de ver Albion Vance se aproximar. O que faria se ele as encontrasse? Vance tentaria levar Charity à força? Em um conflito público entre uma mulher e um homem bem-vestido, de aparência respeitável, o homem certamente venceria. Ninguém ergueria um dedo para ajudá-la.

A sala de espera não era aquecida. O ar gelado deixava os pés de Helen dormentes e ela ficou remexendo os dedos até eles pinicarem de forma desconfortável. O banco parecia se tornar mais duro a cada minuto, e Charity perdeu o interesse no livro. Ela se apoiou em Helen, tremendo. Helen apertou o xale com mais força ao redor do corpinho frágil da menina e desejou ter levado uma manta. Pessoas deixavam a área de espera, outras chegavam, e os gritos incessantes, os apitos de trem e os ruídos do lugar começaram a deixar Helen tensa.

Alguém se aproximou delas e Helen levantou a cabeça depressa, alarmada, o coração aos pulos. Para seu alívio, não era Albion Vance, mas o bilheteiro baixo e idoso que lhe vendera a passagem. Ele tinha um rosto bondoso e um bigode grisalho que se erguia para cima nas pontas, dando a impressão de um eterno sorriso.

– Perdão, madame – disse em voz baixa. – A senhora está no

próximo trem para a estação Alton?

Helen assentiu brevemente, sendo pega de surpresa por ser chamada de “madame” em vez de “senhorita”, mas então se lembrou de que dera o nome “Sra. Smith”.

– Haverá um atraso de pelo menos uma hora.

Helen o encarou desalentada.

– Posso saber por quê?

– O trem está sendo mantido fora da estação, porque estamos com um número insuficiente de plataformas. Um trem especial causou atrasos nos nossos horários de partida.

Outra hora de espera. Outra hora para que Albion Vance a encontrasse.

– Obrigada por me avisar.

Ele falou ainda mais baixo.

– Madame, à luz das circunstâncias, como a senhora é a única aqui com uma criança... gostaria de ir para uma área de espera mais confortável? Nem sempre fazemos essa oferta, é claro, mas a pequenina parece estar com frio...

– Há outra área de espera próxima? – perguntou Helen, cautelosa.

O sorriso fez o bigode do rosto do homem subir mais alto.

– Os escritórios nos fundos do balcão da bilheteria. São mais quentes e mais silenciosos do que aqui. A senhora pode descansar em uma cadeira macia enquanto espera.

A oferta era irresistível. Além de ficarem mais confortáveis, estariam em segurança, fora de vista.

– Não quero perder minha hora de partida – disse Helen, ainda insegura.

– Ficarei atento ao relógio para a senhora.

– Obrigada – falou para o bilheteiro, então endireitou o xale e o chapéu de Charity. – Vamos esperar em outra sala, onde está mais quente – sussurrou para a menina.

Ela pegou a bolsa e ignorou uma enormidade de pequenas dores pelo corpo. Seguiu o empregado da ferrovia com Charity, passando pelas bilheterias e entrando por uma porta que dava para uma fileira de escritórios. O homem foi até o último escritório e abriu a porta para Helen.

Era uma bela sala, elegantemente arrumada, com mapas nas paredes, uma escrivaninha cheia de tabelas de horários, livros e panfletos, e uma janela com persiana que oferecia vista parcial das plataformas principais. Uma pequena cadeira estava posicionada atrás da escrivaninha e uma poltrona grande, de aparência confortável, ocupava o canto.

– Acha aceitável, milady? – perguntou ele.

– Sim. Obrigada.

Helen sorriu para ele, mas sentiu uma súbita apreensão.

O empregado da estação deixou o escritório e Helen se ocupou em fazer com que Charity ficasse confortável. Ela acomodou a menina na poltrona, colocou a bolsa em um dos lados para que a irmã pudesse se recostar e a cobriu com o xale. A criança se aconchegou ali na mesma hora.

Helen foi até a janela e ficou observando a plataforma cheia.

Então um pensamento lhe ocorreu: o bilheteiro acabara de chamá-la de “milady”?

Sim. Helen estava tão acostumada ao termo que demorara a perceber. Não havia como o homem saber sobre sua origem nobre. Ela não dera o nome verdadeiro a ele.

Seu estômago ficou gelado.

Helen correu para a porta e a abriu. A saída estava bloqueada por um homem de terno escuro e chapéu de aba baixa. Ela reconheceu primeiro o chapéu, depois os olhos azuis.

Era o homem que ajudara a ela e à Dra. Gibson quando as duas foram importunadas ao sair do orfanato Stepney.

Helen o encarou com puro espanto.

– Por que está aqui? – perguntou com a voz nada firme.
Ele deu um sorriso suave que parecia pretender tranquilizá-la.

– Mantendo-a sob as minhas vistas, milady.

Helen inspirou com dificuldade.

– Vou pegar a criança e sair agora.

– Lamento que isso não seja possível.

– Por que não?

– Terá que esperar um pouco mais.

A porta se fechou no rosto dela.

Helen cerrou os punhos, furiosa com o homem, com a situação e, acima de tudo, consigo mesma. *Não deveria ter confiado em um estranho.* Como fora estúpida! As lágrimas ardiam em seus olhos e ela se esforçou para não perder o autocontrole. Depois de respirar fundo algumas vezes, Helen se voltou para Charity, que cochilava, parecendo já ter tido experiências novas o suficiente.

Helen foi até a janela, abriu mais as persianas e olhou para a plataforma oito. Um trem acabara de parar. Tinha o mesmo número que estava impresso no bilhete que ela comprara. Não houvera atraso.

O medo e a determinação a fizeram agir. Helen foi até a poltrona, pegou Charity no colo e a bolsa de viagem. Arfando com o esforço, carregou a criança adormecida até a porta e a chutou.

A porta se abriu e o homem a encarou com um olhar questionador.

– Precisa de alguma coisa, milady?

– Sim, preciso partir. Meu trem está na plataforma.

– Terá que esperar mais alguns minutos.

– Não posso esperar. Quem é o senhor? Por que está fazendo isso?

A porta voltou a ser fechada e, para fúria e espanto de Helen, uma chave foi virada na fechadura. Ela fechou os olhos, desesperada.

– Desculpe – sussurrou contra a cabeça de Charity. – Desculpe.

Helen carregou a menina de volta para a poltrona, deixou-a confortável de novo e começou a andar de um lado para outro no escritório.

Alguns minutos depois, ouviu vozes masculinas do outro lado da porta. Uma conversa breve, em voz baixa.

A porta foi destrancada e Helen se colou na frente de Charity em uma atitude protetora quando alguém entrou. E sentiu o coração prestes a sair pela boca quando levantou os olhos.

– Rhys? – sussurrou, estupefata.

Ele entrou no escritório, fitando-a com uma expressão dura nos olhos escuros. Rhys inclinou levemente a cabeça quando olhou para a criança adormecida na poltrona.

Helen se deu conta de que ele nunca havia ficado realmente furioso com ela antes. Não daquele jeito.

Nervosa com o silêncio dele, ela falou com a voz abalada.

– Preciso pegar o trem para Hampshire.

– Pode pegar o próximo. Nesse momento, vai me contar que diabo está acontecendo.

Ele estreitou os olhos.

– Vamos começar com uma explicação sobre o que está fazendo com a filha de Albion Vance.

CAPÍTULO 32

Era humilhante ver-se manipulada e encurralada daquele jeito. Também era enfurecedor.

Helen olhou para Charity, que dormia tranquilamente na poltrona.

– Não quero acordá-la. Há outro lugar em que possamos conversar?

Sem dizer uma palavra, Rhys a levou com ele pela porta. Helen odiou o modo como ele a guiou com a mão ao redor de sua nuca, como se ela fosse um filhotinho de gato impotente carregado pelo cangote. O fato de fazer aquilo na frente do... capanga dele, ou o que quer que o homem fosse, tornava tudo ainda pior. Rhys a conduziu até um pequeno escritório do outro lado do corredor, parando antes para falar brevemente com o homem.

– Ransom, não deixe ninguém chegar perto da criança.

– Sim, senhor.

Aquele escritório era menor do que o outro, com espaço apenas para uma escrivaninha, uma cadeira e uma estante. Rhys pareceu ocupar a maior parte do ambiente. Ele parecia no comando, dono de si, e Helen pôde imaginar como se sentiam seus concorrentes nos negócios ao se sentarem diante dele.

Helen recuou para o espaço na parede entre a escrivaninha e a porta, ainda com a sensação da mão dele em sua nuca.

– Aquele homem, no corredor... trabalha para você?

– De vez em quando.

– Você o contratou para me seguir.

– A princípio, eu o contratei para seguir Vance. Tive informações sobre alguns negócios clandestinos em que ele estava envolvido, e não tinha a menor intenção de ser enganado pelo desgraçado. Para minha surpresa, recebi um relatório informando que Vance havia visitado a Casa Ravenel e que vocês tinham se encontrado no dia seguinte, para uma conversa a sós no museu.

Uma pausa gelada.

– Achei interessante você não se dar o trabalho de mencionar isso a mim.

– Por que você não comentou nada? – devolveu Helen.

– Queria que você me contasse. E lhe dei todas as chances para fazer isso naquela noite na loja.

Ela se sentiu ruborizar ao lembrar daquela noite. Ao perceber seu rubor, Rhys pareceu debochado, mas felizmente não fez nenhum comentário.

– Como eu não lhe contei – deduziu Helen –, você pediu que o Sr. Ransom me seguisse.

– Pareceu uma boa ideia – concordou ele com um sarcasmo cortante. – Principalmente depois que você e a Dra. Gibson decidiram perambular pelas docas do East End à noite.

– Ela lhe contou quem Charity era?

– Não. Ransom subornou a responsável pelo orfanato. Quando encurralei a Dra. Gibson para perguntar a respeito, ela me mandou para o inferno.

– Por favor, não a culpe. A Dra. Gibson só foi porque eu disse que iria sozinha se ela não me ajudasse.

Por alguma razão, aquilo fez Rhys perder o controle.

– Por Deus, Helen!

Ele se virou como se buscasse algo para destruir no escritório minúsculo.

– Diga-me que não teria ido sozinha. Diga-me ou juro que...

– Eu não teria – apressou-se em dizer Helen. – E não fui. Levei a

Dra. Gibson comigo, por segurança.

Rhys se virou para ela com um olhar letal. Seu rosto estava rubro.

– Você diz isso como se ela fosse capaz de lhe garantir algum tipo de proteção! A ideia de vocês duas passeando pela Butcher Row, passando por aquele bando de prostitutas e ladrões...

– Ninguém estava passeando – retrucou Helen, indignada. – Só fui até lá porque não tinha escolha. Precisava me certificar de que Charity estava em segurança, e... ela não estava. O orfanato é um lugar indescritível, e a menina estava lá porque ninguém a queria. Mas eu quero. Eu a quero e vou ficar com ela e tomar conta dela.

Ele finalmente explodiu.

– *Maldição, por quê?* Ela não é sua!

– *Ela é minha irmã!* – disparou Helen e um soluço escapou por sua garganta.

Rhys ficou pálido. Sentou-se devagar na beira da escrivaninha, encarando Helen como se ela fosse uma estranha.

– Vance e minha mãe...

Helen foi forçada a parar. Tossiu para tentar engolir o choro.

Não havia nada além de silêncio no escritório minúsculo. Ela precisou de um minuto até conseguir controlar o bastante as emoções para poder voltar a falar.

– Perdão. Foi errado da minha parte enganá-lo, mas não sabia como lhe contar depois que descobri. Perdão.

Rhys parecia letárgico e desorientado.

– Quando descobriu?

Helen contou toda a história a ele. Deus, estava tão cansada de explicar aquilo... Sentia-se desesperançada e resoluta como uma alma condenada em sua última confissão. Era uma agonia cortar todos os laços entre eles, um por um, palavra por palavra. Mas também havia alívio naquilo. Quando terminasse, não restaria nada a temer.

Rhys manteve a cabeça baixa enquanto escutava, as mãos agarradas à mesa com tal força que pareciam capazes de partir o móvel.

– Eu só queria um pouco mais de tempo com você antes de romper o nosso noivado – terminou Helen. – Foi egoísta da minha parte. Eu deveria ter lhe contado assim que descobri. Só que... perder você me dava a sensação de que eu morreria, e não consegui...

Ela parou, chocada por a verdade ter soado tão melodramática, como se ela quisesse manipulá-lo. Depois de mais um instante, conseguiu continuar com mais calma.

– Você vai sobreviver sem mim. Ela, não. Obviamente não podemos mais nos casar. Acho que seria melhor se eu deixasse a Inglaterra para sempre.

Helen desejou que Rhys dissesse alguma coisa. Desejou que ele olhasse para ela. E, mais do que tudo, desejou que ele não respirasse daquele jeito, com uma energia controlada a custo, como se algo terrível estivesse prestes a acontecer.

– Você já decidiu tudo, não é? – perguntou ele, por fim, a cabeça ainda inclinada.

– Sim. Vou levar Charity para a França. Posso tomar conta dela lá. Você vai poder seguir com sua vida aqui, e não estarei por perto para... perturbar ninguém.

Rhys murmurou uma palavra.

– O quê? – perguntou Helen, sem entender, e se inclinou um pouco para ouvi-lo.

– Eu disse “Tente”.

Rhys se afastou da escrivaninha e alcançou Helen com uma facilidade impressionante, encurralando-a com o corpo e batendo com a lateral dos punhos na parede. O escritório vibrou. Ele encarou o rosto assustado da noiva.

– Tente me deixar e vai ver o que acontece. Vá para a França,

ou para qualquer outro lugar, e vai ver quanto tempo levo para alcançá-la. Nem cinco minutos, maldição!

Ele respirou fundo algumas vezes, com determinação, o olhar preso ao de Helen.

– Eu amo você. Não estou nem um pouco interessado se seu pai é o diabo em pessoa. Eu a deixaria cravar uma faca em meu coração se você quisesse, e a amaria até meu último suspiro.

Helen teve vontade de se contorcer em agonia. Já não conseguia ver direito o rosto dele através da nuvem de lágrimas que embaçava seus olhos.

– Você... você não vai querer terminar morando com duas filhas de Albion Vance.

Ao menos foi o que ela achou ter dito. Estava chorando demais para saber.

– Sei o que quero.

Rhys a puxou para perto e encostou a cabeça na dela.

Helen tentou se desvencilhar febrilmente e a boca de Rhys aterrisou em seu maxilar, deixando uma trilha quente na pele dela. Empurrar o peito dele era como tentar mover um muro.

– Solte-me – pediu ela, chorando, desesperada e irritada, ciente de que ele tomara aquela decisão sem pensar.

Por mais forte que fossem a determinação de Rhys e o desejo que sentia por ela, aquilo não mudava os fatos. E ela precisava fazê-lo enxergar isso.

Rhys beijou seu pescoço, a barba arranhando a pele macia até arder. Mas os lábios foram gentis ao roçar o ponto onde o coração pulsava.

– Você disse que qualquer filho dele era cria do diabo.

Rhys levantou a cabeça, os olhos ardentes.

– Não me referia a você. Qualquer coisa cruel e má que eu diga, nunca se aplicará a você.

– Toda vez que você olhar para mim, vai se lembrar que sou

metade ele.

– Não – falou ele, perto do rosto de Helen, enquanto seu polegar secava as lágrimas dela. – Você é toda minha – garantiu, a voz baixa e trêmula. – Cada fio de cabelo. Cada parte sua foi feita para ser amada por mim.

Ele se inclinou de novo sobre ela. Helen tentou empurrá-lo, mas estava cercada por pelo menos 90 quilos de um homem muito excitado e logo se viu distraída demais para se lembrar do que queria dizer a ele. Passou a lutar menos, sua determinação enfraqueceu e Rhys aproveitou a vantagem, devorando e seduzindo cada ponto sensível do corpo dela que conseguiu encontrar. Em algum momento, ele se tornou gentil e passou a acariciá-la com um ardor vagaroso, até Helen se apoiar nele com um gemido. Ela sentiu que ele puxava os pequenos grampos que prendiam seu chapéu, que logo foi posto de lado. As mãos de Rhys seguraram a cabeça dela, e ele capturou sua boca com voracidade.

– Rhys – conseguiu arquejar Helen, contorcendo-se em seus braços. – Pare. Isso... não vai resolver nada. Você não parou para pensar no que está prometendo.

– Não preciso. Quero você.

– Isso não é o bastante para consertar tudo.

– É claro que é – disse ele, tão arrogante e teimoso que Helen se viu sem palavras.

Rhys encarou os lábios entreabertos dela, os olhos escurecendo de um modo que fez arrepios percorrerem as costas de Helen. A voz dele ficou rouca.

– Maldita seja por dizer que eu poderia viver sem você. Terei que castigá-la por isso, *cariad*. Por horas...

As duas bocas se encontraram em um beijo inebriante e absolutamente sensual, carregado de promessas que fizeram o coração dela acelerar.

Depois de um longo tempo, Rhys ergueu a cabeça, enfiou a mão

no casaco e pegou um lenço branco e macio, que entregou a Helen. Ele manteve um braço ao redor dela, protetor, apoiando-a, enquanto ela secava os olhos e assoava o nariz.

– Diga-me do que tem medo – pediu ele, com calma.

– O escândalo nunca irá cessar – disse Helen, com uma voz triste. – As pessoas vão fofocar, vão dizer coisas maliciosas, as palavras mais terríveis...

– Estou acostumado com isso.

– Eu deveria ajudar você a ascender socialmente. Mas agora isso não vai acontecer. Charity e eu somos... – Mais um soluço. –... pesos.

– Não no meu mundo, *cariad*. Só no seu. Só naquela camada fina como uma lâmina da qual eu estava tão determinado a fazer parte.

Um sorriso autodepreciativo se esboçou nos lábios dele.

– Por nenhuma outra razão além de orgulho – ressaltou ele. – Para me exhibir e provar que um galês poderia ter tudo o que quisesse. Mas isso não significa nada para mim agora. Você é tudo o que importa.

– E Charity?

A expressão de Rhys ficou cuidadosamente contida.

– Ela também importa.

Helen sabia que ele tentava se acostumar com a ideia. Mas também sabia quanto pedia a ele. Demais.

– Não será suficiente que apenas a tolere. Cresci com um pai frio, que não me amava, e...

Ela se interrompeu. Engoliu em seco com dificuldade.

– Olhe para mim – pediu Rhys e levantou o queixo dela. – Eu posso amá-la, Helen.

Ela tentou desviar o olhar, mas ele a segurou com mais firmeza.

– Como isso poderia ser difícil? Metade dela é exatamente a mesma metade de você.

– A metade que veio de Albion Vance – disse Helen em um tom amargo. – Você não pode desprezar isso, dizer que não importa.

– *Cariad*, nada em relação a essa situação é casual para mim. Mas, se você deseja uma conversa longa e sensível sobre os meus sentimentos, não posso ajudá-la. Sou de Gales do Norte, onde nos expressamos atirando pedras nas árvores. Experimentei mais sentimentos nessa última meia hora do que em toda a minha vida, e estou no meu limite.

– Isso ainda não...

– Eu amo tudo o que faz parte de você. Tudo.

Ele parecia acreditar que aquilo resolvia o problema.

– Mas...

– Pare de discutir – falou Rhys com carinho. – Senão encontrarei um uso melhor para a sua boca.

– Rhys, você não pode.

Os lábios dele se colaram com firmeza aos dela, cumprindo o que acabara de prometer. A princípio, Helen manteve o corpo rígido, não se permitindo ceder, mas, conforme o beijo se tornava mais apaixonado e intenso, ela se pegou agarrando-se a ele, fraca de desejo. O beijo ficou profundo e lânguido, e Helen teve a sensação de que todos os seus ossos se derretiam enquanto ela afundava na corrente escura e densa de sensações que ameaçava afogá-la em prazer.

Toc. Toc. Toc. Helen gemeu em protesto ao ouvir o som determinado da batida à porta.

Com um grunhido de irritação, Rhys tateou para encontrar a maçaneta. Ele afastou a boca da de Helen e lançou um olhar letal para Ransom, que estava parado diante deles, desviando os olhos.

– É bom que essa interrupção valha a pena – alertou-o Rhys.

Helen descansou o rosto quente no peito dele. E não conseguiu ouvir o que Ransom dizia. O peito de Rhys se moveu em um suspiro curto.

– A interrupção era mesmo necessária.

Ele afastou Helen com relutância, encorajando-a gentilmente a se manter de pé sozinha. Ela se sentia fraca e zozna, as pernas trêmulas.

– Meu amorzinho – murmurou ele –, quero que você e Charity vão com Ransom. Ele as levará até a minha carruagem. Eu as encontrarei em um minuto.

– Aonde você vai? – perguntou ela, ansiosa.

– Preciso resolver uma coisa.

– Tem a ver com o Sr. Vance? Ele está aqui?

Rhys encarou o rosto preocupado dela, deu-lhe um sorrisinho e um beijo na testa.

– Só vou dizer algumas palavras a ele.

Helen foi até a porta e viu Rhys descer o corredor com passos determinados.

– É só isso que ele vai fazer mesmo? – perguntou.

Ransom a encarou com uma expressão evasiva.

– Por enquanto. Mas, se eu fosse o Sr. Vance... tentaria manter um continente entre mim e Winterborne.



Depois de trocar algumas palavras com o bilheteiro grisalho da estação e de lhe entregar um soberano de ouro, Rhys foi até a plataforma oito, onde os últimos passageiros haviam embarcado e os carregadores colocavam as últimas bagagens no trem.

Os cabelos cor de neve de Albion Vance cintilavam sob o chapéu-coco de feltro. Ele gesticulava para um dos vagões da primeira classe, ao lado de três oficiais uniformizados da estação de trem: um supervisor de plataforma, um guarda e um condutor. Vance queria que os homens procurassem Helen. Estava calmo e determinado – um predador que não tinha ideia de que estava

sendo perseguido por outro, bem maior.

Rhys parou no extremo da plataforma e não pôde deixar de imaginar... Quando conheceu Helen, se soubesse que aquele homem era pai dela, isso teria importado?

Talvez a princípio. Não tinha certeza. Mas sem dúvida acabaria sucumbindo à atração irresistível que sentia por ela, à magia que ela sempre guardava para ele. Na mente de Rhys, não havia ligação entre Helen e Vance, a não ser pela semelhança física, os laços sanguíneos e hereditários. Só havia o bem em Helen. Aquela mulher de espírito gentil e valente, uma perfeita mistura de força e bondade, era uma criação de si mesma.

Ainda o aterrorizava pensar que Helen fora sozinha àquela área de cortiços no East End. Mesmo tendo sabido depois, já ciente de que ela estava segura, a história o abalara terrivelmente. “Tem certeza de que ela não sofreu nenhum mal?”, havia perguntado a Ransom meia dúzia de vezes, e as diversas confirmações dele não haviam sido o bastante para aplacar sua preocupação.

Naquelas últimas dezoito horas, Rhys compreendera muito mais o pobre Ioan Crewe e a escolha que ele fizera depois da morte de Peggy. Rhys teria que fazer Helen compreender que, ao arriscar a própria vida, estaria arriscando a dele também. Ele desmoronaria se a perdesse. Não sobreviveria.

No entanto, naquele momento, o que Helen mais precisava era de ser protegida do homem parado diante dele. Enquanto encarava Albion Vance, Rhys sentiu que sua humanidade e decência eram engolidas por algo dentro dele que sempre tentara manter oculto. Era um lado remanescente de uma época mais difícil de sua vida, quando a violência havia sido habitual e necessária. Havia coisas que ele preferia que as pessoas não soubessem de que era capaz. E o que desejava fazer com Albion Vance definitivamente se encaixava naquela categoria.

Rhys se aproximou devagar do grupo de homens. O supervisor

da plataforma foi o primeiro a notá-lo e lançou um olhar interrogativo ao indivíduo grande e carrancudo que não usava sobretudo nem chapéu e luvas. Os outros seguiram o olhar do supervisor e se viraram também.

Quando Vance reconheceu Rhys, uma sucessão de emoções ficou clara em seu rosto: surpresa, raiva, frustração, derrota.

– Ela não está no trem – anunciou Rhys sem rodeios. – Está comigo.

Vance suspirou e se dirigiu aos empregados da ferrovia.

– Parece que não há necessidade de se preocuparem. Vão cuidar dos seus negócios.

Como não havia outra forma de deixar a plataforma, Vance se viu obrigado a andar ao lado de Rhys.

O soar inoportuno de um sino rasgou o ar, e o trem deixou escapar dois apitos pequenos e agudos.

– Eu deveria ter dito a Helen que a pirralha tinha morrido – disse Vance depois de um instante. – Não imaginei que ela fosse se interessar tanto pela criatura. Mas as mulheres são assim mesmo, as emoções nublam seu senso crítico.

Rhys não respondeu. Ouvir o nome de Helen nos lábios daquele homem lhe provocou uma vontade quase irresistível de partir para cima do canalha, quebrar juntas e ossos com as mãos e depois jogá-lo nos trilhos.

– O que vai fazer em relação a ela? – perguntou Vance.

– Em relação à órfã?

– Não, em relação a Helen.

Rhys cerrou os punhos. Pare de dizer o nome dela.

– Vou me casar com ela.

– Mesmo agora? Ah, céus. Que bela ninhada de vira-latas vocês vão gerar – falou Vance, que pareceu se divertir. – E meus netos herdarão sua fortuna.

Quando eles chegaram à estrutura de uma passarela que estava

sendo erguida, Rhys agarrou a frente do casaco de Vance com uma das mãos e o empurrou contra as vigas de suporte.

Os olhos do homem se arregalaram e seu rosto ficou muito vermelho. Ele segurou o pulso de Rhys, ofegante.

Rhys chegou mais perto e falou baixinho.

– Quando eu era menino, meu pai me mandou trabalhar com o açougueiro algumas tardes porque o homem tinha machucado a mão e precisava de ajuda para preparar e limpar os animais pequenos. A maior parte dos homens tem asco por esse trabalho. A princípio, revolta mesmo o estômago. Mas eu logo aprendi a serrar ao longo do centro da coluna vertebral de um porco, a partir as costelas de um carneiro e a quebrar o maxilar de um novilho para retirar sua língua. Tudo isso sem me incomodar nem um pouco.

Ele fez uma pausa proposital.

– Se você tentar se comunicar de novo com a minha esposa, eu o desmembrarei como faria com um cordeiro. Levará dez minutos, e você vai implorar para morrer antes que eu termine.

Rhys soltou o casaco de Vance com um leve empurrão.

O outro homem endireitou a roupa e encarou Rhys com uma expressão hostil e desdenhosa.

– Acha que tenho medo de você?

– Deveria. Na verdade, você deveria deixar a Inglaterra. Para sempre.

– Sou herdeiro de um condado, você é um porco grosseiro. Está louco se acha que pode me intimidar e me obrigar a viver no exílio.

– Ótimo. Prefiro que fique.

– Sim – disse Vance em um tom sarcástico – Assim você poderá ter o prazer de me desmembrar como faria com um carneiro. Já entendi.

– Entendeu mesmo? – falou Rhys e o fitou com uma expressão assassina. – Você passou anos proclamando para o mundo quanto odeia os galeses. Como somos primitivos e brutais. E selvagens.

Isso não é nem metade da história. Nunca vou conseguir esquecer o som dos gritos de Peggy Crewe enquanto sangrava até a morte na cama em que deu à luz. Era como se alguém estivesse usando uma linha de pesca para arrancar os órgãos de dentro dela, um de cada vez. Um dia, e não vai demorar, vou fazer o mesmo com você, Vance. E vamos descobrir se você consegue gritar ainda mais alto.

Quando ouviu a sinceridade cruel na voz de Rhys, o sorriso presunçoso de Vance desapareceu. E ele finalmente mostrou uma expressão de medo verdadeiro: os olhos fixos, os minúsculos espasmos nos músculos tensos do rosto.

– Deixe a Inglaterra – aconselhou Rhys em um tom suave. – Ou sua vida será muito curta.

CAPÍTULO 33

Depois de trocar algumas palavras com Ransom, que esperava do lado de fora da carruagem, Rhys entrou no veículo e bateu no teto, dando o sinal para que o cocheiro partisse. Então, sentou-se ao lado de Helen, que estava apoiada em um canto, com a criança no colo. Ela estava desarrumada – o que não lhe era característico –, tinha os cabelos desalinhados e parecia perturbada e tensa.

– Deu certo o que você precisava fazer? – perguntou, insegura.

– Aye.

Rhys acariciou o rosto dela e a encarou nos olhos.

– Agora, relaxe – murmurou. – Está segura comigo. Ele não a incomodará mais.

Ainda com o olhar fixo no dela, Rhys viu a expressão de Helen relaxar e ela deixou escapar um longo suspiro. Sua ansiedade pareceu dar lugar à tranquilidade e à segurança.

– Para onde vai nos levar? – perguntou Helen, quando a carruagem se afastou da estação e seguiu ao longo da rua.

– Aonde gostaria de ir?

– Para qualquer lugar, desde que seja com você.

Satisfeito com a resposta, Rhys a recompensou com um beijo. A menininha se contorceu entre eles.

Ele se afastou e, pela primeira vez, olhou com atenção para a criança que prometera criar como se fosse sua filha. Charity guardava uma grande semelhança com Helen, com os olhos redondos e inocentes e o cabelo louro muito claro. Rhys achou

divertido quando a menina se virou e abraçou Helen possessivamente, olhando para ele de esguelha. O movimento deslocou o chapéu dela para o lado e o fez deslizar de sua cabeça, revelando um emaranhado de cachos curtos que pareciam ter sido aparados com uma tesoura de jardinagem.

– Vamos para casa, na Cork Street, e ficaremos lá pelo resto do dia – disse Rhys, voltando a atenção para Helen. – Farei todos os preparativos para partirmos esta noite em um trem especial para Gales do Norte.

– Vamos fugir para casar?

– Vamos. Tomar conta de você é um trabalho em tempo integral. Ou me caso e a mantenho em segurança comigo ou terei que contratar ao menos uma dúzia de homens para segui-la por toda parte.

Ele pousou o braço no encosto da carruagem e brincou com um cacho que havia se soltado e caía por cima da orelha dela.

– Você pode escrever um bilhete para lady Berwick e para as gêmeas, para contar a elas o que aconteceu.

Um sorriso conformado curvou os lábios dele.

– E, já que vai escrever, faça cartas também para Trenear e Ravenel... e tente organizar as palavras de um modo que eles não queiram cair sobre mim como a ira divina.

– Eles vão compreender – assegurou Helen, roçando o rosto na mão dele.

Rhys a teria beijado de novo, mas a menina havia se virado no colo de Helen e o encarava com uma curiosidade indisfarçada.

– Quem é esse?

– Ele é... logo vai ser meu marido.

Ciente do olhar atento da menininha, Rhys enfiou a mão no bolso do casaco e pegou uma latinha de biscoitos de menta. Ele enfiou um na boca e estendeu a lata aberta para ela.

– Quer um doce, *bychan*?

Desconfiada, Charity estendeu a mão e pegou um. Quando mordiscou o biscoito, o prazer da surpresa se espalhou em seu rosto.

Rhys reparou nos traços de sujeira sob as unhas da criança, nas cascas dentro da orelha e nas linhas escuras na dobra do pescoço.

– Por que ninguém deu um banho decente nela? – perguntou a Helen.

Helen respondeu em voz baixa, os olhos cheios de preocupação.

– Um castigo no orfanato a deixou um tanto... relutante.

Rhys tentou imaginar o que deveriam ter feito para deixar uma criança pequena com medo de banho.

– *Wfft* – resmungou.

Alguns segundos depois, ouviu uma resposta:

– *Wfft*.

Rhys olhou para a menina, que o imitara com perfeição. E sorriu.

– Já tentou bolhas? – perguntou a Helen.

– Bolhas?

– Sim. Um banho de espuma, em que ela possa brincar.

Charity falou com ele pela primeira vez.

– Não gosto de banhos.

Rhys a encarou com um olhar inquisidor.

– Nem mesmo de um banho quente e gostoso?

– Não.

– Prefere ter cheiro de flores ou de carneiros?

– Carneiros – foi a resposta imediata.

Rhys teve que se esforçar para conter um sorriso.

– Quer um canudo para soprar bolhas grandes no ar? – perguntou ele, apelando para o suborno.

Charity assentiu e colocou na boca o último pedaço de biscoito de menta.

– Ótimo. Vai ganhar um se concordar em entrar na banheira com água e espuma de banho.

Ela engoliu o resto do doce.

– Sem água – falou.

– Um pouquinho de água, *bychan* – falou Rhys, tentando persuadi-la. – Não dá para fazer bolhas sem água.

Rhys mostrou um espaço de aproximadamente 5 centímetros entre as duas mãos.

– Só isso – prometeu ele.

A criança o encarou considerando a proposta. Lentamente, as mãozinhas encostaram nas dele, aproximando-as um pouco mais.

Rhys riu.

– Você é uma negociante nata.

Durante a conversa entre os dois, Helen os observara com apreensão.

Para surpresa de Rhys, Charity saiu do colo de Helen e, com cautela, começou a subir no dele. Ele permaneceu imóvel e relaxado.

– Você não é uma batedora de carteira, é? – perguntou, em um tom levemente preocupado, quando a menina enfiou a mão dentro de seu casaco.

Como percebeu que Rhys não a deteria, a menina começou a procurar dentro dos bolsos dele. Pegou a lata de biscoitos assim que a encontrou.

– Só mais um – avisou ele. – Doces de mais vão acabar deixando você com dor de dente.

Ela pegou um biscoito, fechou a lata e a devolveu para Rhys, em um movimento delicado e preciso.

Rhys a examinou, aquela pessoa tão pequena que provocaria tantas mudanças em sua vida. Charity. O nome não fluía bem na língua de um galês. Além disso, nomes relacionados a virtudes – Charity, Patience e assim por diante – eram dados com tanta frequência em abrigos e orfanatos que haviam começado a ser relacionados a eles no imaginário popular. Uma menina de uma

família próspera talvez escapasse do estigma, mas, para uma órfã de verdade, seria uma lembrança de suas origens que a acompanharia pela vida inteira.

Nenhuma filha de Winterborne teria um nome que pudesse diminuí-la.

– Charity não é um nome que costumemos dar às meninas no País de Gales – disse ele. – Quero chamá-la por outro nome, bem parecido.

A menina o encarou com expectativa.

– Carys – propôs Rhys. – Significa “pequena amada”. Gostou?

A criança assentiu e o pegou totalmente desprevenido ao sentar-se em seu colo. Ela não pesava mais do que um gato. Perplexo e desconcertado pela rapidez com que a menina o aceitara, Rhys a acomodou melhor sobre as pernas.

– Carys Winterborne. É um belo nome, *aye*?

Ele se voltou para Helen e viu que ela estava com os olhos úmidos.

– Podemos chamá-la de qualquer nome que você...

– É lindo – disse Helen, sorrindo por entre as lágrimas. – Lindo.

Helen estendeu a mão para acariciar o rosto dele e se aconchegou ao seu lado.

Pelo resto do caminho para casa, as duas se apoiaram nele. E pareceu... perfeito.

CAPÍTULO 34

— **F**ernsby, vou fugir para me casar.

Depois de acomodar Helen e Carys na casa dele, Rhys não perdera tempo em ir até o escritório e convocar a secretária particular para uma reunião de emergência.

A declaração foi recebida com um sangue-frio impressionante: a Sra. Fernsby não mostrou nenhuma reação além de ajeitar os óculos.

— Para onde e quando, senhor?

— Gales do Norte, esta noite.

Não parecia cedo demais. Agora que uma cerimônia de casamento de verdade com Helen estava ao alcance de Rhys, ele estava ansioso para que acontecesse logo. Sentia-se eufórico e irresponsável, à beira de cometer uma tolice.

A sensação o fez lembrar uma tarde, no verão anterior, quando estivera bebendo com Tom Severin e alguns amigos em uma taberna. Eles observaram algumas abelhas que haviam entrado por uma janela e pousado em uma caneca com um pouco de rum no fundo. As abelhas ficaram inebriadas. Quando tentavam voar, executavam giros sem rumo, zonzas, e uma delas simplesmente se deixou cair com as patas para cima no fundo da caneca. Rhys e os outros acharam aquilo hilariante, ainda mais porque eles também já haviam bebido além da conta e estavam perto do limite.

Agora Rhys pensava com muito mais simpatia naquelas abelhas, pois sabia exatamente como elas haviam se sentido. Aquilo era o

que o amor fazia com um homem: transformava-o em uma abelha semibêbada, voando em círculos de cabeça para baixo.

– Se pretende se casar com uma licença especial – disse a Sra. Fernsby –, talvez haja um problema.

Rhys a encarou com um olhar questionador.

– Até onde eu sei – continuou a Sra. Fernsby –, o arcebispo só concede licenças especiais a homens ou mulheres da nobreza por mérito, membros do Parlamento e do Conselho Privado de Sua Majestade, além de juizes. Não estou certa se lady Helen tem o direito de solicitar ou não, já que o título dela é apenas de cortesia. Vou tentar descobrir.

– Diga ao arcebispo para abrir uma exceção se necessário. Lembre a ele que me deve um favor.

– Que favor?

– Ele sabe – respondeu Rhys.

Cheio de vigor, ele não parava de andar ao redor da escrivaninha.

– Vamos para Caernarvon no meu vagão de trem particular. Reserve um apartamento no Royal Hotel por pelo menos uma semana.

– Vai querer que Quincy viaje com vocês?

– Vou, e encontre uma camareira para ir conosco também.

Fernsby começava a parecer preocupada.

– Sr. Winterborne, não se pode simplesmente “encontrar” uma camareira para uma dama. Há todo um processo... colocar anúncios no jornal, entrevistar as candidatas, confirmar as recomendações...

– Fernsby, das centenas de mulheres que eu emprego, você não poderia encontrar *uma* que saiba arrumar os cabelos de uma dama e abotoar o vestido dela nas costas?

– Acredito que a função abranja um pouco mais do que isso, senhor – respondeu a secretária com ironia. – Mas vou encontrar alguém.

– Já que vai estar dedicada a isso, aproveite para contratar uma ama também.

A Sra. Fernsby parou de escrever.

– Uma ama também – repetiu, confusa.

– Aye, vamos levar uma menina de 4 anos conosco. Aliás, ela também vai precisar de roupas e brinquedos. Coloque alguém da equipe de vendas a cargo disso.

– Entendi.

– E lady Helen vai precisar de algumas coisas novas para usar. Peça à Sra. Allenby para tomar conta disso. Diga a ela que quero ver lady Helen usando *qualquer cor* que não seja preto.

Ele tamborilou com os dedos na mesa, pensando alto.

– Imagino que seja demais pedir um vestido de noiva...

– Sr. Winterborne! – exclamou a Sra. Fernsby. – Espere *mesmo* que tudo isso esteja pronto para esta noite?

– Fernsby, você tem a maior parte do dia, desde que não se demore demais no almoço.

Quando ela ia protestar, Rhys disse:

– Eu cuidarei dos arranjos para o trem especial.

– E quanto a todo o resto? – perguntou a secretária enquanto Rhys saía a passos largos do escritório. – Que tal flores? E um bolo? Que tal...

– Não me perturbe com detalhes – retrucou ele por sobre o ombro. – Só faça acontecer.



– Então, agora somos amigos de novo – disse Tom Severin satisfeito, esticando as pernas e pousando-as sobre a mesa grande de bronze do seu escritório no quinto andar.

– Só porque eu quero uma coisa – esclareceu Rhys. – Não por gostar de você.

- Meus amigos não precisam gostar de mim – garantiu Severin.
- Na verdade, prefiro que não gostem.

Rhys teve que se forçar a controlar um sorriso.

- A amizade depende de você conseguir me fazer o favor – lembrou.

Severin levantou uma das mãos em um gesto que pedia para que Rhys aguardasse.

- Um momento – falou, então ergueu a voz: – Barnaby! E a informação que pedi?

– Está aqui, senhor.

O secretário pessoal de Severin, um camarada robusto, com as roupas amarrotadas e uma massa indomável de cachos, entrou correndo no escritório com alguns papéis, que colocou com cuidado em cima da escrivaninha.

- Até agora, descobri quatro estações particulares, senhor. Aguardo a confirmação da quinta.

Quando o secretário saiu apressado da sala, Severin pegou as folhas e as examinou.

- Esta – disse, estendendo um papel a Rhys. – Uma estação que parece feita sob medida para você. Pequena e com uma linha dedicada ligando-a à rota Great Western. Podemos fazer um trem especial partir dali para Caernarvon. O prédio da estação é uma estrutura de dois andares, com uma sala de espera onde se pode ficar até a partida. Sem multidões, sem bilhetes, sem demora. Meu supervisor geral cuidará pessoalmente para que seus vagões particulares sejam acoplados ao nosso melhor material móvel, incluindo uma nova locomotiva e um vagão extra de passageiros com cabines para os criados.

Rhys sorriu enquanto examinava o papel.

- Nenhum outro homem na Inglaterra seria capaz de providenciar tudo isso em tão pouco tempo.

– Dois outros homens na Inglaterra poderiam – refutou Severin

com modéstia. – Só não lhe fariam isso como presente de casamento, como estou fazendo.

– Obrigado, Tom.

Severin estendeu uma das mãos para pegar o papel que estava com Rhys.

– Barnaby – chamou.

O secretário entrou correndo. Severin entregou o papel a ele.

– Esta estação será suficiente. Tudo tem que estar pronto para esta noite. Certifique-se de que o vagão particular de Winterborne tenha um bom estoque de gelo e água fresca, depois que tiver sido entregue.

– Sim, senhor – disse Barnaby, que assentiu depressa e saiu correndo.

Severin lançou um olhar inquisidor a Rhys.

– Quer sair para almoçar? Ou ao menos tomar um uísque aqui?

Rhys balançou a cabeça, lamentando.

– Tenho muito que fazer. Vamos nos encontrar depois que eu voltar do País de Gales.

Então lhe ocorreu que, a essa altura, já seria um homem casado. Teria Helen na cama dele toda noite, tomando café da manhã com ele para começarem o dia. Por um momento, Rhys se viu perdido em um devaneio, imaginando a vida diária com ela, a enormidade de pequenos prazeres que nunca deixaria de valorizar.

– É claro.

Os olhos azul-esverdeados de Severin eram simpáticos e curiosos. A luz se refletia em seu olho direito, tornando-o ainda mais verde.

– Vou levar algum de tempo para me acostumar – disse Severin.

– A tantos sorrisos e tanto bom humor. Você sempre foi o tipo de pessoa que fica com a cabeça cheia o dia inteiro.

– Não estou com a cabeça vazia, estou... com o coração pleno.

Severin deu um sorriso pensativo, enquanto os dois trocavam

um aperto de mão.

– Deve ser bom se sentir assim – falou.



Rhys voltou à Winterborne's e descobriu que uma parte significativa de sua equipe corria para cima e para baixo em um ritmo tão frenético que rivalizava com o de Barnaby. Vendedores e assistentes da modista carregavam pilhas de caixas brancas e braçadas de peças de roupa para o escritório particular dele, onde sua secretária para assuntos sociais, a Srta. Edevane, fazia listas detalhadas de bagagem. As coisas estavam caminhando bem, observou Rhys, satisfeito. Ele decidiu procurar Fernsby e perguntar sobre o progresso dela.

Ao se aproximar da escrivaninha da secretária, Rhys se viu atrás do Dr. Havelock. O homem mais velho carregava uma bandeja com pratos cobertos, um copo de limonada gelada e um vasinho minúsculo com uma rosa perfeita, ainda não totalmente desabrochada.

– Havelock?

A cabeça semelhante à de um leão se voltou para trás.

– Winterborne – disse em um tom rabugento.

– Para quem é isso? – perguntou Rhys.

– Não é para você.

Havelock seguiu até a mesa da Sra. Fernsby e pousou a bandeja ali.

– Ouvi falar do frenesi que você criou aqui, obrigando toda a equipe do escritório e de outros três departamentos a se matarem de trabalhar. Todos os fusíveis ligados ao mesmo tempo, como sempre. Por que sua fuga para casar precisa acontecer com essa pressa toda?

– Fugas para casar não costumam ser conhecidas por sua

lentidão – argumentou Rhys.

– Os pais dela estão perseguindo vocês? Há um amante rival determinado a impedir o enlace? Não... apenas um noivo impaciente que não se aquieta pelo tempo necessário para que sua secretária dedicada possa ao menos almoçar!

Nesse exato momento, a Sra. Fernsby chegou à mesa. O olhar dela pousou em Rhys primeiro.

– Senhor, encontramos uma camareira temporária, uma das assistentes da Sra. Allenby, no departamento de modas. A Sra. Allenby está ajustando pelo menos dois vestidos já prontos, de uma encomenda feita por uma cliente com medidas semelhantes às de lady Helen. A cliente concordou, desde que substituíssemos esses dois por outros modelos mais caros, de graça. Quanto à ama, a Srta. Edevane tem uma irmã mais nova que ficaria encantada em acompanhar o senhor e lady Helen para tomar conta da...

Ela parou de falar ao perceber o outro homem parado ali também.

– Dr. Havelock. Algum problema?

– Não, Sra. Fernsby – respondeu Havelock. – Mas poderá haver se a senhora não se alimentar direito, ainda mais nesse ritmo enlouquecido que Winterborne estabeleceu.

Ele a levou até a mesa e a fez se sentar.

– O doutor me trouxe almoço? – perguntou a Sra. Fernsby, espantada.

Ela pegou o guardanapo de linho na bandeja e o colocou no colo.

– Isso mesmo.

Havelock desviou o olhar disfarçadamente para ela, a fim de avaliar sua reação. Um lampejo de triunfo cintilou em seus olhos ao perceber que a Sra. Fernsby ficara satisfeita. Mas ele logo disfarçou o prazer com outra declaração indignada, dirigida a Rhys.

– Se deixasse por conta de Winterborne, a senhora logo estaria

sendo carregada até a minha porta em um estado de exaustão nervosa e desnutrição. E já tenho pacientes o bastante para atender.

Ele descobriu os pratos e girou a rosa, para mostrar seu melhor ângulo.

– Estou mesmo com fome – admitiu a Sra. Fernsby em uma voz frágil, como se mal tivesse forças para levantar o garfo. – O senhor me faria companhia, Dr. Havelock?

– Imagino que seja melhor eu fazer – foi a resposta entusiasmada. – Para me certificar de que Winterborne lhe permitirá quinze minutos de paz.

Rhys tentou soar rabugento.

– Muito bem, Fernsby. Pode comer. Mas só porque Havelock insiste.

Antes de lhes virar as costas, ele trocou um breve olhar com a Sra. Fernsby, que piscou para ele.

CAPÍTULO 35

O vagão privativo de Rhys consistia em duas longas seções com uma passagem coberta flexível entre elas. Era magnificamente mobiliado, com poltronas luxuosas forradas com um veludo bronze sedoso e pisos cobertos por um carpete grosso. Havia uma sala de estar com grandes janelas panorâmicas e uma de jantar com uma mesa de mogno extensível. Rhys e Helen dormiriam na cabine-dormitório com banheiro anexo da primeira seção, enquanto Charity – não, Carys, Helen lembrou a si mesma – ocuparia uma das duas cabines-dormitório menores na segunda seção, junto com a ama.

A princípio, Helen se preocupara com a possibilidade de Carys ficar insegura por dormir longe dela no trem. No entanto, a garotinha havia se apegado imediatamente a Anna Edevane, a irmã mais nova da secretária para assuntos sociais de Rhys. Anna era bonita e animada e tinha experiência com crianças, pois ajudara a criar os quatro irmãos mais novos. Assim que eles embarcaram, Anna levou Carys para o quarto delas, onde uma coleção de livros e brinquedos novos as aguardava. A menina ficou tão atônita quando viu os brinquedos – que incluíam uma boneca de porcelana com vestido de seda lilás e um conjunto da Arca de Noé – que pareceu nem saber o que fazer com eles. Ela se sentou no chão e tocou com delicadeza os animais entalhados e pintados, como se achasse que podiam quebrar.

Agora que Carys havia tomado um banho de verdade – a espuma de banho funcionara brilhantemente –, estava limpa e

cheirosa. Usava um vestido cor-de-rosa com uma sainha pregueada, cada prega enfeitada com uma rosinha feita de fita.

– São onze horas – disse Helen a Anna. – Carys precisa ir para a cama logo... foi um longo dia, e ela só tirou um cochilo rápido.

– Não quero – protestou a menina.

– Lerei uma história para ela antes de dormirmos – prometeu Anna. – Ouvi dizer que Carys tem uma história preferida... acho que é... *Chapeuzinho Vermelho*?

– *Os três ursos* – disse Carys, do chão.

Anna fingiu não ouvir.

– Talvez seja *Rumplestiltskin*...

Carys se levantou e puxou as saias da moça.

– Os três ursos.

– Os três porquinhos, você disse?

Anna pegou a menina nos braços e caiu com ela na cama.

Carys ficou deitada, rindo.

– Ursos, ursos, *ursos*!

O som da risada dela, pensou Helen, era mais lindo do que qualquer música.

O resto do séquito de Winterborne, incluindo a camareira de Helen, Quincy, um criado e uma cozinheira, foi alojado mais distante no trem particular, em belos vagões da estrada de ferro, providenciados pelo Sr. Severin.

– Estou tão feliz por você ter reatado sua amizade com o Sr. Severin – exclamou Helen, enquanto andava pelos compartimentos privativos deles e parava para admirar uma luminária dourada na parede. Ela citou um poema popular: – “O perdão! Certamente nenhuma virtude traz mais da própria recompensa.”

– *Aye* – retrucou Rhys, com um toque de ironia. – Como uma locomotiva de graça.

– Essa não foi a única razão para você tê-lo perdoado.

Ele a puxou para si e beijou seu pescoço.

– *Cariad*, está tentando se convencer de que, secretamente, sou um homem honrado, com virtudes ocultas? Logo farei você mudar de ideia quanto a isso.

Helen se contorceu em protesto quando a mão dele desceu até a parte de trás de suas saias. Ela usava um dos vestidos de viagem que eram vendidos já prontos na loja e que havia lhe servido com perfeição depois de alguns mínimos ajustes, feitos por uma das assistentes da Sra. Allenby. Era um modelo simples, em seda azul-clara e caxemira, com um casaquinho elegante na altura da cintura. Não havia anquinhas, e as saias tinham sido puxadas para trás confortavelmente, para revelar a forma do corpo de Helen. As saias desciam em babados e pregas, com um grande laço decorativo preso nas costas, acima do traseiro dela. Para consternação de Helen, Rhys não deixava o laço em paz. Estava fascinado pelo adereço. Toda vez que ela lhe dava as costas, ele brincava com a fita.

– Rhys, não!

– Não consigo evitar. Ele fica me chamando.

– Você já viu laços em vestidos antes.

– Mas não *aí*. E não em você.

Ele a soltou com relutância e tirou o relógio do bolso.

– O trem já deveria ter partido. Estamos com cinco minutos de atraso.

– Para que tanta pressa? – perguntou ela.

– Cama – foi a resposta sucinta dele.

Helen sorriu. E ficou na ponta dos pés para dar um beijo rápido no rosto dele.

– Temos uma vida inteira pela frente.

– *Aye*. E já perdemos muitas noites.

Ela se virou e se inclinou para pegar a pequena valise que havia sido posta no chão. Na mesma hora, ouviu o som de tecido se rasgando.

Antes mesmo de endireitar o corpo e se virar para conferir a parte de trás da saia, já sabia o que acontecera. O laço estava pendurado. Pelo menos metade dos pontos que o prendiam à saia tinham sido arreventados.

Rhys encontrou o olhar indignado dela com a expressão tímida de um menino pego com uma maçã roubada.

– Não imaginei que você fosse se abaixar.

– O que eu vou dizer para a camareira quando ela vir isso?

Ele refletiu por um momento.

– “Ai de mim”? – sugeriu.

Os lábios de Helen tremeram com uma risada contida.

Um apito sinalizou que eles estavam prestes a partir. Dois sons curtos, e logo estavam a caminho. A locomotiva era mais lenta do que os trens expressos em que Helen já andara, indo e voltando a Hampshire, e a viagem era mais suave, com vibrações sutis e poucas oscilações, em vez de sacolejos. Quando o trem se afastou das luzes, dos prédios e das ruas e entrou na noite, os passageiros – que tinham enfrentado um dia mais longo e exaustivo do que o normal – começaram a se recolher.

Rhys foi para outro compartimento na hora que a camareira chegou para ajudar Helen a se preparar para dormir.

– O laço do meu vestido se soltou – comentou Helen, quando a camareira recolheu suas roupas. – Deve ter agarrado em alguma coisa.

Ela não sentiu a necessidade de explicar que a “alguma coisa” haviam sido dedos masculinos curiosos.

– Eu o costurarei amanhã, milady.

Enquanto Helen ficava parada atrás da porta dupla da cabine de dormir, a camareira lhe entregou uma camisola nova. Helen olhou para o tecido fino e sedoso em suas mãos.

– A camisola é só isso? – perguntou.

– Sim, milady – respondeu a moça. – A Sra. Allenby escolheu

pessoalmente. Gostou?

– Ah... é um encanto.

Helen levantou a peça de roupa à luz da pequena luminária na cabine de dormir e percebeu que a seda branca era semitransparente. A camisola tinha o decote baixo e era aberta na frente. Cobria tão pouco que mal começava a servir a seu propósito original. Ela ruborizou. Passou a peça pela cabeça e suspirou ao sentir o frescor da seda no corpo.

– Precisa de algo mais, milady?

– Não, obrigada – apressou-se a dizer Helen, seminua. – Vou me recolher agora. Boa noite.

Ela subiu na cama e deslizou para baixo do peso dos lençóis macios de linho e das mantas acolchoadas, suspirando de novo ao sentir o conforto de tudo aquilo. Todos os seus membros estavam exaustos, e a leve oscilação do trem a embalou. Relaxou e ficou deitada de olhos semicerrados.

A porta dupla foi puxada para trás e uma silhueta esguia entrou em seu campo de visão. Helen ficou de barriga para cima e jogou um braço languidamente sobre o travesseiro.

Rhys pairou acima dela. Despiu lentamente a camisa, a luz suave desenhando as curvas firmes dos músculos por todo o seu torso. Ele afastou as cobertas com delicadeza, e seu olhar ficou nebuloso ao ver o que ela usava. Correu um dedo por cima da seda fina, acariciando a noiva.

– Meu amor tão lindo... – disse com a voz rouca.

A luminária foi apagada, e a camisola, despida sem pressa. Houve movimentos no escuro, toques gentis no corpo dela... o calor líquido da boca de Rhys, a ponta da língua dele acariciando-a em lugares que a fizeram tremer. Rhys brincou com os cachos entre as pernas dela, excitando-a e acariciando-a com os dedos e com a língua, respirando ali até Helen deixar de lado toda a modéstia e afastar bem as pernas. Ela sentiu uma risada suave em seu sexo, e

ele logo respondeu ao convite sensual com uma lambida.

Helen sussurrou e gemeu e agarrou os cabelos sedosos de Rhys. As mãos dele brincaram com o corpo dela, as pontas dos dedos traçando trilhas sensíveis ao longo da pele. Ele capturou um mamilo entre o polegar e o indicador e o puxou em um ritmo que combinava com os movimentos eletrizantes de sua boca entre as coxas dela.

Quando Rhys já não podia esperar, levou o corpo para cima do dela e a penetrou, o membro pesado abrindo-a deliciosamente, arremetendo fundo. O balanço do trem os embalou à perfeição, o movimento sutil provocando os sentidos. Os músculos internos de Helen começaram a se fechar ao redor dele sem que ela conseguisse se controlar, e Rhys seguiu aquele ritmo secreto, sensível a cada necessidade dela. Helen buscou a boca de Rhys às cegas, e ele a entregou. Estava fundo nela, acariciando-a por dentro e por fora, inundando-a de prazer. Helen impulsionou o quadril para cima no momento final, quase conseguindo levantar o peso de Rhys. Tremendo, ela deixou a mão correr com suavidade pelas costas arqueadas dele.

– Agora – sussurrou ela. – Entre em mim agora.

Rhys gemeu e obedeceu com uma arremetida forte, derramando seu calor dentro dela e abraçando-a como se nunca mais fosse soltá-la.



O Royal Hotel era uma estrutura majestosa, de três andares, em Caernarvon. Rhys quisera levar Helen para aquela cidade costeira de Gales do Norte em parte porque era perto do lugar onde ele nascera, Llanberis, mas principalmente porque imaginara que ela gostaria do charme romântico do lugar. Mitos e contos de fadas eram uma consequência natural naquele ambiente, com suas ruínas

pitorescas e profundos vales verdes, cascatas abundantes, lagos e lagoas. Sempre se podiam ver os picos irregulares da Snowdon – segundo a lenda, o homem que a escalasse desceria de lá louco ou poeta.

Graças ao talento da Sra. Fernsby, a viagem seguira à perfeição até ali. Assim que Rhys e Helen chegaram, foram encaminhados a uma suíte espaçosa, no Royal Hotel, com outra suíte em anexo para Carys e a ama. Os criados também haviam sido levados a acomodações elegantes e pareceram muito satisfeitos.

O ministro de uma igreja local concordara em realizar a cerimônia de casamento no que sobrava de uma antiga capela no topo de uma colina, a uma curta caminhada do hotel. Enormes arranjos de flores brancas e rosa haviam sido transportados para a capela em ruínas, que era acessível por uma trilha e uma pequena ponte. Do topo da colina, tinha-se a vista do castelo de Caernarvon, da cidade, da montanha e da cintilação azul-escura do mar da Irlanda.

Na manhã seguinte à chegada deles, o céu estava claro e sem nuvens, um fato raro naquela época do ano. O grupo que seguiria para o casamento se reuniria no terraço de pedra, nos fundos do hotel, caminharia até a capela e voltaria para um lauto café da manhã.

Rhys escolhera usar um terno para o dia, com fraque e uma gravata de cor clara. Esperava sozinho no solário que ficava no térreo do hotel. Ele e Helen haviam combinado de se encontrar antes de se juntar aos outros. Ele resistiu à vontade de pegar o relógio no bolso e pensou que teria pagado 10 mil libras com satisfação para fazer com que a hora seguinte já houvesse passado e Helen já fosse sua esposa.

Então ouviu um farfalhar de seda atrás dele.

Rhys se virou e viu Helen parada ali, usando um vestido feito de camadas finas e cintilantes de seda branca enfeitada com renda. O

vestido se moldava ao corpo esguio dela. As saias, puxadas para trás, destacavam o quadril e caíam em camadas suaves. Helen ergueu a barra de um véu branco muito fino, adornado com renda e pérolas minúsculas, empurrou-o para trás e sorriu para ele. Estava tão linda que não parecia daquele mundo, tão leve e delicada quando um arco-íris atravessando um céu enevoadado. Rhys sentiu a boca seca e levou a mão ao coração palpitante, como se tentasse impedir que ele saltasse do peito.

– Não sabia que haviam conseguido um vestido de noiva – conseguiu dizer por fim.

– A Sra. Allenby conseguiu operar um milagre. Quando voltarmos, terei que perguntar a ela como fez isso.

– Você está tão linda! Eu... – Rhys tentou falar, mas a voz falhou enquanto ele encarava Helen. – Você é realmente minha?

Helen sorriu e foi até ele.

– Em todos os sentidos, menos no legal.

– Consertaremos isso logo – murmurou ele e estendeu a mão para puxá-la para si.

Helen balançou a cabeça e tocou os lábios dele delicadamente com a ponta dos dedos.

– Espere até fazermos nossos votos – pediu ela, com os olhos cintilando. – Quero que o próximo beijo seja dado pelo meu marido.

– Que Deus me ajude! – retrucou ele, com intensidade. – Nenhum homem jamais quis tanto que uma cerimônia de casamento chegasse ao fim quanto eu.

O sorriso de Helen era conformado agora.

– Por falar na cerimônia... você já viu a multidão do lado de fora do hotel?

Ele balançou a cabeça, negando, e franziu de leve o cenho.

– Suspeito que teremos mais companhia do que imaginávamos. Quando os hóspedes do hotel e algumas pessoas da cidade descobriram que Rhys Winterborne em pessoa estava aqui para se

casar, todos se convidaram para ir à capela conosco. Alguém me disse que, em Gales do Norte, é tradição que todos os vizinhos compareçam ao casamento.

Rhys gemeu.

– Não teremos como nos livrar deles. Sinto muito. Você se incomoda, *cariad*?

– É claro que não. Vou gostar de ver todas aquelas pessoas olhando para você fascinadas.

– Elas não estarão olhando para mim – garantiu ele.

Rhys enfiou a mão no bolso e pegou uma pedra branca lisa, que mostrou para ela na palma da mão.

Helen sorriu.

– A pedra para o juramento?

– Carys encontrou ontem, enquanto estávamos caminhando.

– É perfeita. Onde vamos atirá-la, depois que nos casarmos?

– Deixarei que você decida – disse Rhys e guardou a pedra no bolso. – O mar da Irlanda é naquela direção – falou, apontando. – O estreito de Menai fica ali... ou posso levá-la a um grande número de lagos galeses. Conheço um que dizem ter sido a localização final da Excalibur.

Os olhos de Helen cintilaram diante da ideia. Mas, no momento seguinte, um pensamento lhe ocorreu, e ela pareceu desconcertada.

– Esta manhã eu me dei conta de que não há ninguém para me entregar a você no altar.

Rhys abaixou o rosto até que as testas deles se tocassem e se perdeu no brilho de pedra da lua dos olhos dela.

– Coração do meu coração, você não precisa que homem nenhum a entregue. Simplesmente vá a mim de livre e espontânea vontade. Ame-me por quem eu sou, como eu a amo por quem você é... e nosso laço durará até as estrelas perderem o brilho.

– Posso fazer isso – sussurrou Helen.

Rhys recuou lentamente e sorriu para ela.

– Vamos, então, *cariad*. Temos um casamento à nossa espera. Há um limite para o tempo que um homem consegue esperar pelo beijo da esposa.

EPÍLOGO

Oito meses depois

— **E** Pandora disse que não participará de nenhum evento da temporada se o jogo dela se tornar um sucesso — contou Helen, enquanto polinizava as flores de baunilha à mão, com destreza. — Ela avisou a lady Berwick que não tem a menor intenção de ser pastoreada de baile em baile como uma ovelha desorientada.

Rhys sorriu e a observou preguiçosamente, as costas apoiadas em uma coluna de tijolos. Ele era uma bela visão, a presença tão masculina em meio às fileiras e fileiras de orquídeas.

— Como lady Berwick reagiu?

— Ficou ultrajada, é claro. Mas, antes que as duas pudessem começar outra briga, o primo Devon lembrou que Pandora havia acabado de preencher o formulário para a solicitação da patente e que a temporada de eventos sociais provavelmente já teria começado antes que recebesse a resposta. Portanto, Pandora pode muito bem ir a alguns bailes e jantares, nem que seja para fazer companhia a Cassandra.

— Treinar está certo. Há muito mais a se fazer para produzir um jogo de tabuleiro do que solicitar uma patente e levar o projeto para impressão. Se Pandora levar a iniciativa a sério, demorará pelo menos um ano até que ele chegue às vitrines.

— Ah, Pandora está levando muito a sério — comentou Helen, enfática.

Ela acabara de voltar com Carys de uma visita matinal à Casa

Ravenel. Tinham visitado o bebê recém-nascido de Kathleen, William, que era saudável e bem-disposto. Carys ficara fascinada pelo bebê de 2 semanas e passara vários minutos brincando com ele, até Pandora convencê-la a ajudá-la a testar o protótipo do jogo de tabuleiro. A menina amava o jogo de compras, batizado de Boutique, em que jogadores moviam suas fichas por um circuito de departamentos, recolhendo cartas de mercadorias ao longo do caminho. Por insistência de Pandora, o jogo não trazia lições de moral: era para ser usado apenas para diversão.

– Sabe – disse Helen, pensativa –, tenho a sensação de que o jogo de Pandora vai vender muito bem. Lady Berwick e Carys se divertiram muito jogando-o esta manhã. As duas pareceram adorar recolher todas aquelas cartinhas com imagens detalhadas das mercadorias... o guarda-chuva, o sapato e daí em diante.

– A natureza humana é consumista – comentou Rhys em um tom realista. – Aye, o jogo vai vender.

– Vender bem?

Helen usou um palito de dentes para transferir o pólen para o estigma da flor.

Rhys riu baixinho.

– Não sou um oráculo, *cariad*.

– Sim, você é. Conhece essas coisas.

Ela terminou a última flor de baunilha, deixou o palito de dentes de lado e se virou para ele com um olhar de expectativa.

– Pandora vai ganhar uma fortuna – afirmou ele. – Esse ainda é um mercado pouco explorado, e é possível produzi-lo em massa se usarmos impressão litográfica. E, como você acaba de destacar, o jogo tem um amplo apelo.

Helen sorriu, mas se sentia um pouco perturbada. Queria que o trabalho e o talento da irmã mais nova fossem recompensados. No entanto, preocupava-a que, em sua determinação de ser independente e autossuficiente, Pandora parecesse determinada a

não dar a homem nenhum a chance de amá-la. Por que a jovem era tão radicalmente contra a ideia de dividir a vida com outra pessoa?

– Espero que isso a faça feliz – comentou Helen.

Rhys descruzou os braços e se aproximou dela devagar. A luz cálida de setembro, da cor de limões maduros, se derramava através dos painéis de vidro da estufa e iluminava o cabelo dele.

– Falando por experiência própria – disse ele, segurando-a pela cintura –, o sucesso fará Pandora feliz a princípio. Mas, no fim, ela se sentirá solitária, e vai perceber que há mais na vida do que ganhos financeiros.

Helen sorriu e passou os braços ao redor da nuca do marido.

– Você se sentia solitário antes de me conhecer?

O olhar de Rhys foi como uma carícia no rosto dela.

– Aye, como qualquer homem se sentiria, se tentasse viver cada dia com metade de sua alma faltando.

Ele abaixou a cabeça e roçou a boca na dela várias vezes, indo mais fundo a cada vez, até o beijo se tornar intenso.

– Vamos para a cama – murmurou quando Helen entreabriu os lábios.

Ela arregalou os olhos ao sentir a mão de Rhys em seu seio.

– É hora do almoço.

– Você é o meu almoço.

Rhys se inclinou para beijá-la de novo e Helen se virou nos braços dele com uma risadinha ofegante.

– Não posso... Não, é sério... Vou me encontrar com Garrett Gibson para o chá.

– Tomou chá com ela outro dia – resmungou ele, beijando o pescoço da esposa. – Eu preciso mais de você.

– Não é exatamente para o chá. Quer dizer, devemos tomar chá, mas não é esse o propósito da visita. Você entende...

Helen parou, enrubescida, depois continuou, insegura.

– Estou tendo... sintomas.

Ele levantou a cabeça espantado.

– Você não está bem, *cariad*? – perguntou, o cenho franzido.

Comovida com a preocupação dele, Helen acariciou sua nuca para acalmá-lo.

– Estou perfeitamente bem.

O olhar intenso dele a avaliou.

– Então, por que...

Rhys se interrompeu quando um pensamento lhe ocorreu. Ele abriu e fechou a boca várias vezes, como se houvesse se esquecido de como falar.

Helen gostou muito da reação de assombro do marido.

– Não teremos certeza até que a Dra. Gibson confirme – disse ela, passando os dedos pelo cabelo negro e vibrante dele. – Mas acho que, na próxima primavera, teremos mais um membro na família Winterborne.

Rhys a puxou mais para perto e encaixou o rosto na curva macia entre o pescoço e o ombro dela. Parecia abalado.

– Helen. Helen, meu tesouro... o que posso fazer por você? Do que precisa? Deveria estar de pé neste chão duro? Você está usando espartilho... não vai esmagar o bebê?

– Não tão cedo – disse ela, enternecida e um pouco surpresa ao notar que um tremor percorria o corpo dele. – Não precisa ficar ansioso. Vou cuidar desse novo projeto brilhantemente, prometo. O bebê e eu permaneceremos fortes e saudáveis.

Rhys recuou até seu rosto estar quase colado ao dela, o hálito roçando os lábios de Helen com o frescor mentolado.

– Vou precisar que me dê sua palavra em relação a isso – disse ele com uma voz rouca. – Porque você é o meu mundo, *cariad*. Meu coração só bate como um eco do seu.

– Não duvide disso nem por um momento, meu amor – falou Helen e ficou na ponta dos pés para tocar os lábios do marido com os dela. – Afinal, sou uma Winterborne.

NOTA DA AUTORA

Enquanto pesquisava sobre moda (sempre uma das partes mais divertidas de escrever romances históricos), descobri que houve dois períodos de domínio das anquinhas no final dos anos 1800. A primeira versão da anquinha, que durou de 1870 a 1875, consistia em uma bolsa enorme recheada de palha ou de crina de cavalo. Imagino que seria como usar uma almofada amarrada à parte de trás do corpo. Alguns anos depois disso, as anquinhas desapareceram, e a silhueta da mulher da moda era a mais esguia e reta possível, com saias muito estreitas. Referiam-se a isso como o período da “forma natural” – do que discordo, já que ainda era preciso usar espartilho para se chegar a ela. No entanto, essa moda provavelmente era preferível ao retorno das anquinhas, de 1883 a 1889, em uma nova e exagerada forma. Embora as anquinhas maiores fossem projetadas para serem mais leves e maleáveis – de modo que a pobre alma que as usasse conseguisse sentar em uma cadeira –, ainda assim não pareciam ser muito confortáveis!

O fundo oval das garrafas de água com gás (patenteadas por William Hamilton em 1809) garantia que elas fossem estocadas de lado, evitando que as rolhas que as vedavam ressecassem. Além disso, ao contrário das garrafas de champanhe, que costumavam ser feitas de um vidro de melhor qualidade, o vidro barato usado para envasar a água com gás tinha mais probabilidade de quebrar por causa da pressão dos líquidos gasosos. A base curvada era

mais resistente que a reta.

Dei à Dra. Gibson o nome de Garrett em homenagem à Dra. Elizabeth Garrett Anderson, a primeira mulher a se formar como médica e cirurgiã na Inglaterra. Ela se filiou à Associação Médica Britânica em 1873 e foi o único membro do sexo feminino ali por 19 anos, pois logo após sua chegada a instituição votou para excluir qualquer outra mulher que desejasse se associar. Mais tarde, a Dra. Anderson se tornaria prefeita de Aldeburgh, a primeira mulher a ocupar esse cargo na Inglaterra. Se quiser saber mais sobre essa pessoa admirável, leia *Elizabeth Garrett Anderson*, de Jo Manton.

Segue aqui um miniglossário de termos galeses e frases usados no livro:

Bychan: pequena

Cariad: meu bem, minha amada

Annwyl: querida

Iesu Mawr: bom Jesus

Hwyl fawr am nawr: adeus por enquanto

Diolch i Dduw: graças a Deus

Dw i'n dy garu di: eu amo você

Owain Glyndŵr: governante galês, representante do nacionalismo local e último galês nativo a ostentar o título de príncipe de Gales. Viveu de 1349 a 1416.

Eistedfodd: festival galês de literatura, música, dança e teatro.

Biscoitos cremosos de menta de Winterborne

Ingredientes:

- 1 xícara de açúcar de confeiteiro
- 1 colher de sopa de pó de merengue
- 1 pitada de sal
- 1 colher de chá de essência de menta (ou mais, se gostar de um sabor intenso)
- 1 colher de sopa de leite

Modo de preparo:

1. Misture os ingredientes secos, depois acrescente a essência de menta e o leite. Mexa bem e amasse com uma colher até obter a consistência de uma massa de modelar. Se a mistura ficar muito seca, acrescente um pouco mais de leite, mas apenas algumas gotas de cada vez.
2. Faça bolinhas do tamanho de bolas de gude e role cada uma em um pouco mais de açúcar de confeiteiro. Coloque-as sobre papel-manteiga para secarem por pelo menos 15 minutos. Nesse ponto, gostamos de passar as bolinhas no açúcar de confeiteiro de novo para que fiquem mais bonitas, mas não é necessário.
3. Beije alguém que você ama.

Depois de ler sobre os adorados biscoitos cremosos de menta da era vitoriana, não consegui encontrar nenhum para comprar. Ai de mim! No entanto, minha filha e eu testamos várias receitas e modificamos ligeiramente uma delas até chegar à versão mais fácil e mais gostosa. A maior parte das receitas pede claras de ovo de

verdade, mas conseguimos resultados melhores (e mais seguros) usando pó de merengue, que se encontra na seção de confeitaria de mercados e lojas especializadas. O segredo é usar uma essência de menta de boa qualidade – por alguma razão, muitos dos aromatizantes artificiais de menta têm um toque amargo. Ah, se você não for fã de menta, pode substituí-la pelo sabor que preferir. Baunilha funciona maravilhosamente!

LEIA UM TRECHO DO PRÓXIMO LIVRO DA SÉRIE
OS RAVENELS

Um acordo pecaminoso



PRÓLOGO

Evangeline, a duquesa de Kingston, ergueu o bebê, seu neto, da pequena banheira e o embrulhou em uma toalha branca macia. O bebê deu risadinhas, esticou as pernas fortes e tentou ficar de pé no colo dela. Ele explorou o rosto e os cabelos da avó com as mãos ávidas e úmidas, e Evie riu com o carinho agressivo.

– Seja gentil, Stephen. – E se encolheu quando o menino agarrou o duplo colar de pérolas ao redor do pescoço dela. – Ah, eu sabia que não devia usar esse colar na hora do seu banho. T-tentação demais.

Evie sempre gaguejava um pouco, embora isso agora acontecesse com muito menos intensidade do que em sua juventude.

– Sua Graça! – exclamou Ona, a jovem criada que ajudava no quarto das crianças, e se apressou na direção de Evie. – Eu teria tirado o patrãozinho Stephen da banheira para a senhora. Ele é bem pesado. Compacto como um tijolo.

– Stephen não me causou nenhum problema – garantiu Evie, beijando as bochechas rosadas do bebê e fazendo-o soltar as pérolas.

– Sua Graça é muito gentil em ajudar com as crianças no dia de folga da ama delas. – A jovem pegou o bebê com cuidado dos braços de Evie. – Qualquer criada da casa teria ficado feliz em fazer isso, já que a senhora tem coisas mais importantes para cuidar.

– Não há n-nada mais importante do que os meus netos. E gosto

de passar um tempo no quarto das crianças... me faz lembrar de quando meus filhos eram pequenos.

Ona deixou escapar uma risadinha quando Stephen esticou a mão para a touca de babados na cabeça dela.

– Agora vou colocar talco nele e vesti-lo.

– Então arrumarei o que usei para dar banho nele – disse Evie.

– Sua Graça *não deve* fazer isso. – A criada estava claramente tentando conseguir um equilíbrio entre a firmeza e a súplica. – Não usando esse seu vestido elegante de seda... deve se sentar na sala de estar e ler um livro, ou bordar alguma coisa. – Quando Evie entreabriu os lábios para argumentar, Ona acrescentou em tom resolutivo: – A babá vai querer arrancar a minha cabeça só de saber que deixei a senhora ajudar o tanto que já deixei.

Xeque-mate.

Como sabia que a babá iria querer arrancar a cabeça das *duas*, Evie respondeu com um aceno de cabeça resignado e não resistiu a resmungar:

– Estou usando um avental.

A criada deixou o banheiro com um sorriso satisfeito e levou Stephen para o quarto das crianças.

Ainda ajoelhada sobre o tapete na frente da banheira, Evie levou a mão às costas do avental de flanela para desamarrar o laço que o prendia. E pensou, melancólica, que não era fácil satisfazer às expectativas dos criados de como uma duquesa devia se comportar. Eles estavam determinados a evitar que ela fizesse qualquer coisa mais extenuante do que mexer o chá com uma colher de prata. E apesar de já ser avó de dois, ainda era esguia e estava em boa forma – com capacidade para erguer com facilidade uma criança escorregadia de uma banheira, ou de correr com as crianças pelo pomar. Na semana anterior, Evie havia recebido um sermão do jardineiro-chefe por ter subido em um muro de pedra para recuperar algumas flechas de brinquedo.

Enquanto se esforçava para soltar o nó apertado do avental, Evie ouviu passos atrás dela. Embora não houvesse qualquer outro som ou pista da identidade do visitante, ela sabia quem era, mesmo antes de ele se ajoelhar às suas costas. Dedos fortes afastaram os dela, e o nó foi solto com um puxão hábil.

Um murmúrio baixo e suave acariciou a pele sensível da nuca de Evie.

– Vejo que contratamos uma nova babá. Que delícia. – Mãos masculinas experientes deslizaram por baixo do avental solto e subiram em uma carícia delicada da cintura até os seios dela. – Que mocinha voluptuosa... Prevejo que se dará bem aqui.

Evie fechou os olhos e inclinou o corpo para trás entre as coxas abertas dele. Uma boca gentil, feita para o pecado e para sensações deliciosas, roçou suavemente todo o pescoço dela.

– Eu devo alertá-la – continuou a voz sedutora – a manter distância do patrão dela. Ele é um devasso renomado.

Um sorriso se insinuou nos lábios dela.

– Foi o que ouvi dizer. É mesmo tão libertino quanto dizem?

– Não. É muito pior. Principalmente no que se refere a mulheres com cabelos vermelhos. – Ele soltou alguns grampos dos cabelos de Evie, até uma longa trança cair sobre o ombro dela. – Pobre moça... temo que ele não a deixará em paz.

Evie estremeceu em um reflexo de prazer quando o sentiu beijar a lateral do seu pescoço.

– C-como devo lidar com ele?

– Com frequência – disse ele entre beijos.

Evie não conseguiu controlar uma risadinha e se virou nos braços dele para encará-lo.

Mesmo depois de três décadas de casamento, o coração de Evie ainda palpitava ao ver o marido, antigo lorde St. Vincent, agora duque de Kingston. Sebastian havia se tornado um homem magnífico na vida adulta, com uma presença que era ao mesmo

tempo intimidadora e fascinante. Desde que assumira o ducado, dez anos antes, ele adquirira um verniz de dignidade muito apropriado a uma pessoa com seu poder considerável. Mas ninguém conseguia fitar aqueles impressionantes olhos azul-claros, que cintilavam com lampejos de fogo e gelo, sem contar que ele já fora o sedutor mais perigoso da Inglaterra. E ainda era... Evie podia atestar isso.

O tempo fora muito generoso com Sebastian, e sempre seria. Era um belo homem, esguio e elegante, os cabelos dourado-escuros agora levemente mesclados com prata nas têmporas. Um leão no inverno, a quem ninguém gostaria de aborrecer. A maturidade dera a Sebastian uma aparência de autoridade fria e incisiva, de um homem que vira e experimentara o bastante para que raramente, ou nunca, fosse manipulado. Mas quando algo o divertia ou o comovia, seu sorriso era ao mesmo tempo incandescente e irresistível.

– Ah, é você – disse Sebastian em tom ligeiramente surpreso, fingindo estar se perguntando como havia terminado ajoelhado sobre um tapete de banheiro com a esposa nos braços. – Eu estava preparado para corromper uma jovem criada resistente, mas você é um caso mais difícil.

– Você pode me corromper – insinuou Evie em tom animado.

O marido sorriu, o olhar brilhante percorrendo com carinho o rosto dela. Sebastian colocou para trás alguns cachos de cabelos de Evie que haviam escapado do penteado, cabelos que já haviam sido vermelhos como rubi e que o tempo havia suavizado para um dourado-avermelhado.

– Meu amor, tentei por trinta anos. Mas apesar dos meus mais dedicados esforços... – Um beijo docemente erótico roçou os lábios dela. – ... você ainda tem os olhos inocentes daquela flor de estufa com quem eu fugi para casar. Não pode ao menos tentar parecer um pouco entediada? Desiludida?

Ele riu baixinho dos esforços dela e a beijou de novo, dessa vez

com um pressão provocante e sensual que fez o pulso de Evie acelerar.

– Por que veio me procurar? – perguntou Evie de forma lânguida, inclinando a cabeça para trás enquanto os lábios do marido se deslocavam para o pescoço dela.

– Acabo de receber notícias do seu filho.

– De qual deles?

– Gabriel. Houve um escândalo.

– Por que ele é *seu* filho quando você está satisfeito com ele e *meu* sempre que arruma algum problema com mulheres? – perguntou Evie, enquanto Sebastian tirava o avental dela e começava a abrir a frente do corpinho do vestido.

– Como eu sou o virtuoso do casal – retrucou ele –, é racional pensar que a malícia dele deve ser herança sua.

– Você t-tem exatamente o mesmo passado que eu – lembrou ela.

– Tenho? – Sebastian a acariciou lentamente enquanto considerava suas palavras. – *Eu* sou o pervertido? Não, minha bichinha, isso não faz sentido. Tenho certeza de que é você.

– Você que é – rebateu Evie, decidida, e sua respiração acelerou conforme as carícias dele se tornavam mais íntimas.

– Hummm. Isso precisa ser resolvido de uma vez. Vou levá-la direto para a cama.

– Espere. Conte-me mais sobre Gabriel. O escândalo tem a ver com... aquela mulher?

Era mais ou menos de conhecimento público que Gabriel estava tendo um *affair* com a esposa do embaixador americano. Evie havia desaprovado o relacionamento desde o começo, é claro, e torcera para que terminasse logo. Isso fora dois anos antes.

Sebastian levantou a cabeça e, com o cenho levemente franzido, encarou a esposa. E suspirou baixinho.

– Ele conseguiu comprometer a filha de um conde. Uma das

Ravenels.

Evie franziu o cenho, avaliando o nome, que lhe pareceu familiar.

– Conhecemos essa família?

– Eu me dava com o antigo conde, lorde Trenear. A esposa dele era um tipo superficial e leviano... Você a encontrou uma vez, em uma exposição de jardinagem, e conversaram sobre a coleção de orquídeas dela.

– Sim, eu me lembro. – Infelizmente, Evie não gostara da mulher.

– Eles tinham uma filha?

– Gêmeas. E estão participando de sua primeira temporada social esse ano. Parece que seu filho idiota foi pego *in flagrante delicto* com uma delas.

– Ele puxou ao pai – afirmou Evie.

Sebastian pareceu levemente insultado e se colocou de pé em um movimento gracioso, puxando a esposa com ele.

– O pai dele nunca foi flagrado.

– A não ser por mim – rebateu Evie com um ar presunçoso.

Sebastian riu.

– É verdade.

– O que significa *in flagrante delicto* exatamente?

– A tradução literal? “Enquanto o crime está acontecendo.” – Ele levantou-a no colo com facilidade. – Acredito que é necessário fazer uma demonstração.

– Mas e quanto ao e-escândalo? E quanto a Gabriel, e a moça Ravenel, e...

– O resto do mundo pode esperar – declarou Sebastian com firmeza. – Vou corromper sua virtude pela milésima décima vez, Evie... e, dessa vez, quero que você preste atenção.

– Sim, senhor – disse ela com recato, e envolveu o pescoço do marido com os braços enquanto ele a carregava para o quarto.

CAPÍTULO 1

Londres, 1876

Dois dias antes...

Lady Pandora Ravenel estava entediada.

Profundamente entediada.

Entediada de estar entediada.

E a temporada social de Londres mal havia começado. Ela ainda teria que suportar quatro meses de bailes, *soirées*, concertos e jantares, antes que o Parlamento encerrasse os trabalhos e as famílias da nobreza pudessem retornar às suas propriedades no campo. Haveria pelo menos sessenta jantares, cinquenta bailes, e só Deus sabia quantas *soirées*.

Ela jamais sobreviveria.

Pandora curvou os ombros, recostou-se na cadeira e observou o salão de baile lotado. Havia cavalheiros vestidos em seus trajes de gala preto e branco; oficiais das forças armadas, de uniforme e botas elegantes; e damas envoltas em seda e tule. Por que todos estavam ali? O que poderiam ter para dizer um ao outro que já não tivessem dito ao longo do último baile?

A solidão ficava pior, pensou Pandora, irritada, quando se dava conta de que era a única pessoa que não estava se divertindo em meio a uma multidão.

Em algum lugar na massa rodopiante de casais valsando, a irmã gêmea dela girava de modo gracioso nos braços de um pretendente

esperançoso. Até ali, Cassandra havia achado a temporada social quase tão entediante e decepcionante quanto Pandora achara, mas estava mais disposta a entrar no jogo.

– Não prefere andar pelo salão e conversar com as pessoas, em vez de ficar parada em um canto? – havia perguntado Cassandra à irmã mais cedo, naquela noite.

– Não. Pelo menos, enquanto estou sentada aqui, posso pensar em coisas interessantes. Não sei como você aguenta a companhia de pessoas tão cansativas por tanto tempo.

– Nem todas são cansativas – protestara Cassandra.

Pandora a encarara com uma expressão cética.

– De todos os cavalheiros que conheceu até agora, teria vontade de rever ao menos um?

– Ainda não – admitira Cassandra. – Mas não desistirei até conhecer todos.

– Depois que se conhece um, já se conheceu *todos* – comentara Pandora, mal-humorada.

Cassandra havia dado de ombros.

– Conversar faz a noite passar mais rápido. Você deveria tentar.

Infelizmente, Pandora era péssima em conversas superficiais. Achava impossível fingir interesse quando algum grosseirão pomposo começava a vangloriar a si próprio e a seus feitos, gabando-se de como seus amigos gostavam dele e de quantas outras pessoas o admiravam. Ela não conseguia ter paciência alguma com um nobre em seus anos de declínio que queria uma noiva jovem para lhe servir de companhia e de enfermeira, ou com um viúvo que obviamente estava procurando por uma procriadora em potencial. A ideia de ser tocada por qualquer um deles, mesmo com as mãos enluvadas, provocava arrepios de horror em Pandora. E a ideia de conversar com eles a fez se lembrar de como estava se sentindo entediada.

Ela abaixou os olhos para o piso de parquê encerado e tentou

pensar em quantas palavras poderia extrair de entediada. Nada... dada... tia... ente...

– Pandora – chamou a voz irritada da acompanhante dela. – Por que está sentada no canto de novo? Deixe-me ver seu carnê de danças.

Pandora levantou os olhos para Eleanor, lady Berwick, e estendeu para ela, com relutância, o pequeno cartão em formato de leque.

A condessa, uma mulher alta, com uma presença majestosa e a coluna reta como um cabo de vassoura, abriu a capa de madrepérola do carnê de danças e examinou as folhas muito finas com um olhar de aço.

Todas em branco.

SOBRE A AUTORA

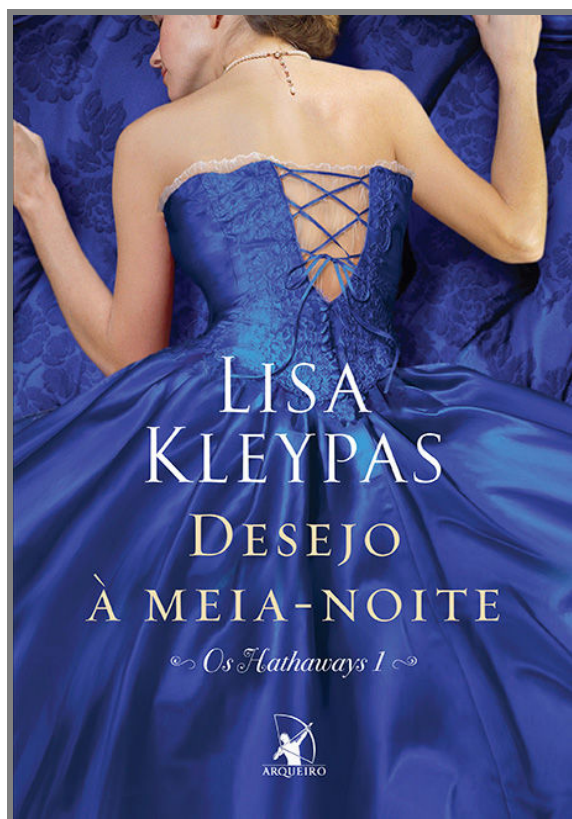


Formada em Ciências Sociais pela tradicional universidade de Wellesley, **Lisa Kleypas** foi Miss Massachusetts antes de deslanchar como escritora de romances históricos. Publicada pela primeira vez aos 21 anos, já escreveu mais de 40 romances, que são best-sellers no mundo todo e foram traduzidos para 28 idiomas. Lisa ganhou prêmios RITA e muitas menções honrosas em publicações especializadas. Mora em Washington com o marido e os dois filhos. Dela, a Editora Arqueiro publicou as séries Os Hathaways e As Quatro Estações do Amor.

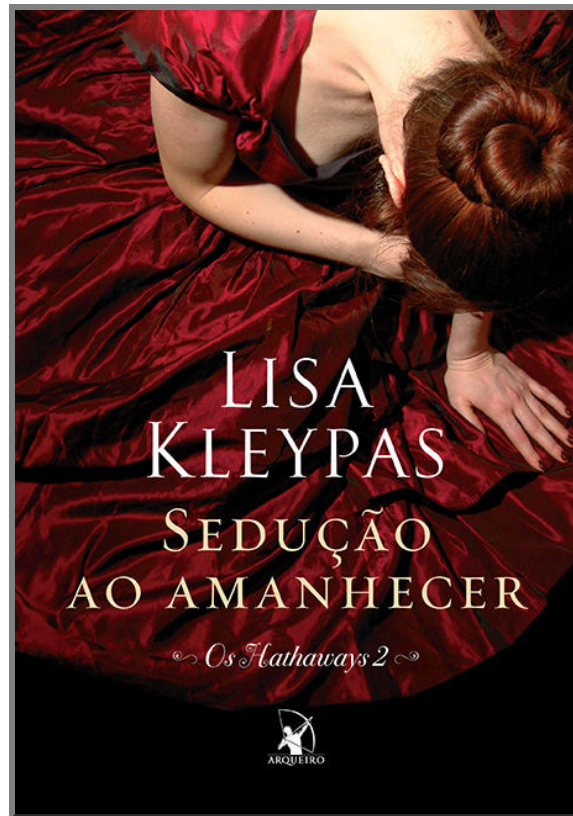
www.lisakleypas.com

CONHEÇA OS LIVROS DE LISA KLEYPAS

Os HATHAWAYS



Desejo à meia-noite



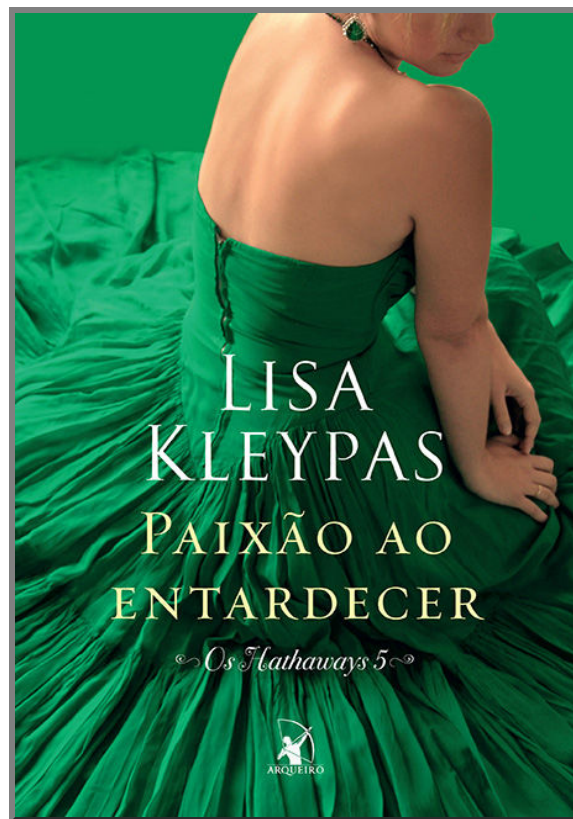
Sedução ao amanhecer



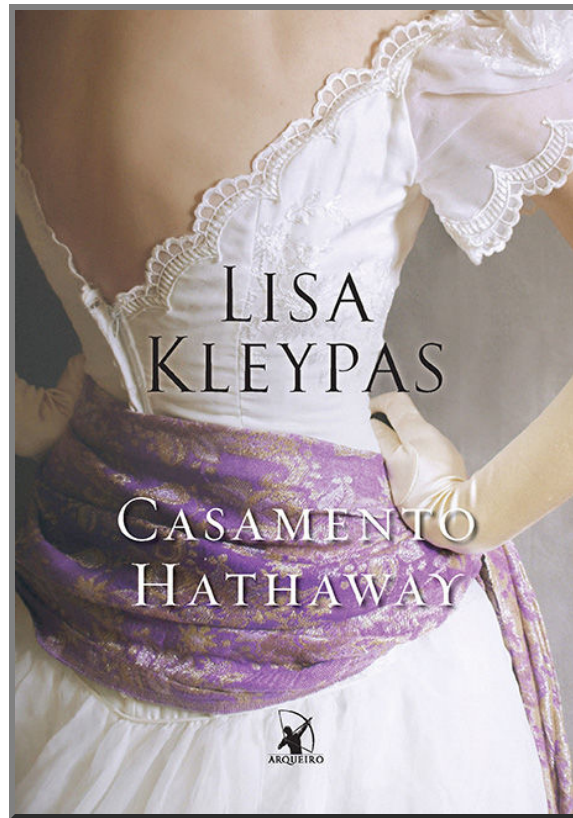
Tentação ao pôr do sol



Manhã de núpcias

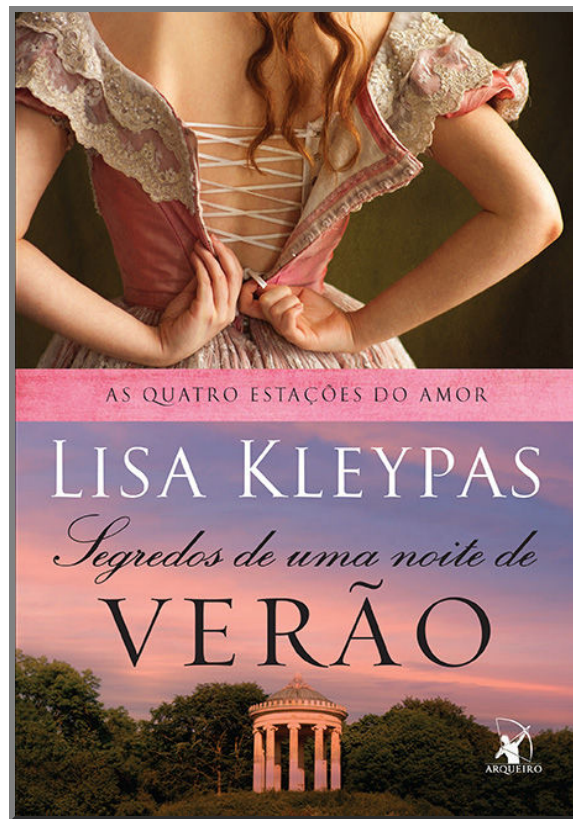


Paixão ao entardecer



Casamento Hathaway (e-book)

AS QUATRO ESTAÇÕES DO AMOR



Segredos de uma noite de verão



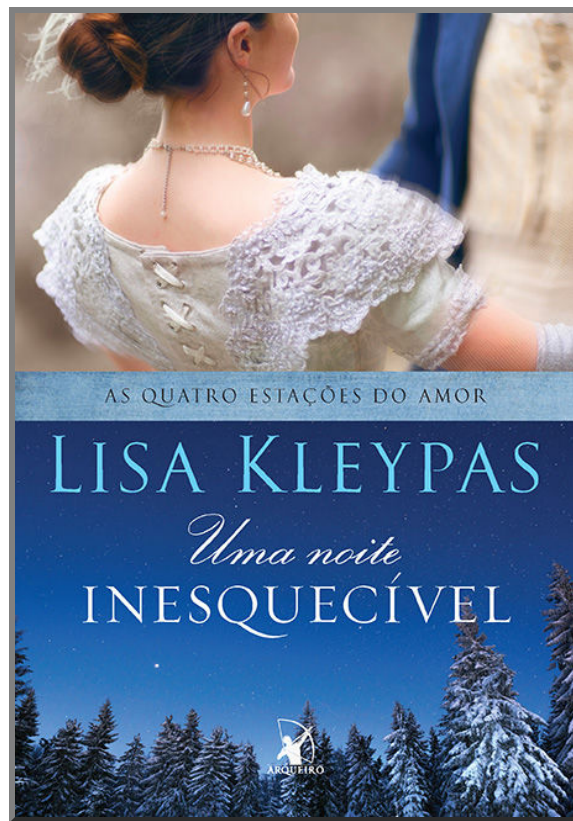
Era uma vez no outono



Pecados no inverno



Escândalos na primavera



Uma noite inesquecível

OS RAVENELS



Um sedutor sem coração

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



Sumário

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Epílogo

Nota da autora

Leia um trecho do próximo livro da série Os Ravenels

Um acordo pecaminoso

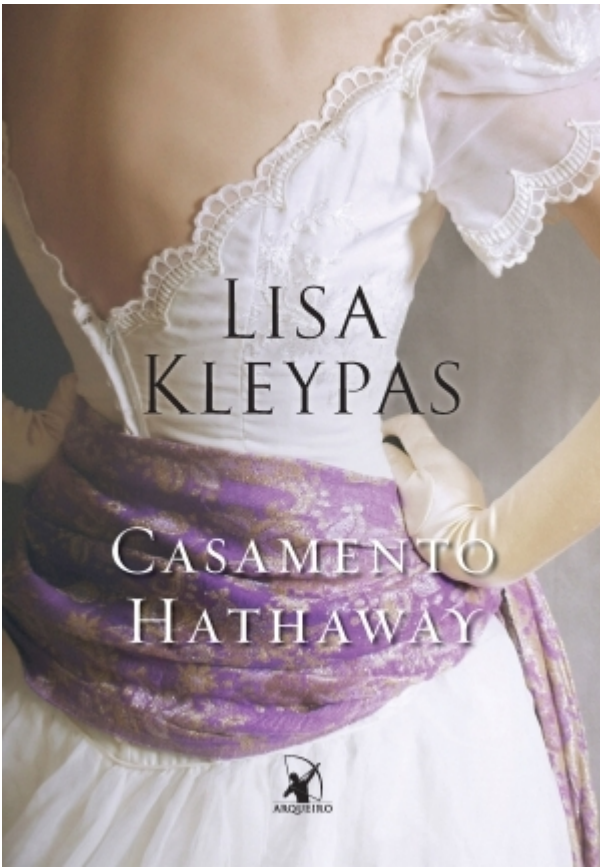
Prólogo

Capítulo 1

Sobre a autora

Conheça os livros de Lisa Kleypas

Informações sobre a Arqueiro



Casamento Hathaway

Kleypas, Lisa

9788580418484

36 páginas

[Compre agora e leia](#)

A família Hathaway recebeu uma herança inesperada, que lhes deu dinheiro, terras, título e prestígio. Mas nem tudo são flores. Ninguém imaginava que seria tão difícil navegar pelo complicado sistema de normas e procedimentos da sociedade londrina. Ainda assim, os cinco irmãos, Leo, Amelia, Winnifred, Poppy e Beatrix, se esforçam para se integrar aos círculos aristocráticos, sem deixar de lado seu jeito confuso e excêntrico. E, de quebra, descobrem que é possível encontrar o amor, não importa a circunstância. Você está cordialmente convidado para o casamento de Win Hathaway e Kev Merripen, uma cerimônia repleta de amor, improviso e convidados surpresa. Casamento Hathaway é um conto exclusivo da série Os Hathaways, presente de Lisa Kleypas para seus leitores. A história se passa entre os livros 2 e 3.

[Compre agora e leia](#)

Julia Quinn
MAIS FORTE
QUE O SOL

Irmãs Lyndon
2



Mais forte que o sol

Quinn, Julia

9788580418002

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando Charles Wycombe, o irresistível conde de Billington, cai de uma árvore – literalmente aos pés de Ellie Lyndon –, nenhum dos dois suspeita que esse encontro atrapalhado possa acabar em casamento. Mas o conde precisa se casar antes de completar 30 anos, do contrário perderá sua fortuna. Ellie, por sua vez, tem que arranjar um marido ou a noiva intrometida e detestável de seu pai escolherá qualquer um para ela. Por isso o moço alto, bonito e galanteador que surge aparentemente do nada em sua vida parece ter caído do céu. Charles e Ellie se entregam, então, a um casamento de conveniência, ela determinada a manter a independência e ele a continuar, na prática, como um homem solteiro. No entanto, a química entre os dois é avassaladora e, enquanto um beijo leva a outro, a dupla improvável descobre que seu casamento não foi tão inconveniente assim, afinal... "Julia Quinn é nossa Jane Austen contemporânea." – Jill Barnett, autora de Tudo por um beijo

[Compre agora e leia](#)

"Nada me faz correr para uma livraria mais rápido do
que um romance novo de Eloisa James" – Julia Quinn

Eloisa James



A DUQUESA FEIA



A Duquesa Feia

James, Eloisa

9788580418507

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Como ela ousa achar que ele a ama, quando Londres inteira a chama de Duquesa Feia? Theodora Saxby é a última mulher com quem se poderia esperar que o lindo James Ryburn, herdeiro do ducado de Ashbrook, se casasse. Mas depois de um pedido romântico feito na frente do próprio príncipe, até a realista Theo se convence de que o futuro duque está apaixonado. Ainda assim, os tabloides dizem que a união não durará mais do que seis meses. Em seu íntimo, Theo acredita que os dois ficarão juntos para sempre... até que ela descobre que o que James desejava não era seu amor, mas seu dote. E a sociedade, que primeiro se chocou com seu casamento, se escandaliza com sua separação. Agora James precisará enfrentar a batalha de sua vida para convencer Theo de que ele amava a patinha feia antes que ela se transformasse em cisne. E Theo logo descobrirá que, para um homem com alma de pirata, vale tudo no amor – e na guerra. "Nada me faz correr para uma livraria mais rápido do que um romance novo de Eloisa James." – Julia Quinn "Eloisa James usa a dose certa de malícia e voluptuosidade neste romance. Um deleite para os fãs." – Booklist

"Diálogos inteligentes e personagens profundos que são a marca registrada de Eloisa James."– Publishers Weekly

[Compre agora e leia](#)



OS BRIDGERTONS — 9

Julia Quinn

E VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE



E Viveram Felizes para Sempre

Quinn, Julia

9788580416381

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Julia Quinn tem um toque inteligente e divertido." – Time Alguns finais são apenas o começo... Era uma vez uma família criada por uma autora de romances históricos... Mas não era uma família comum. Oito irmãos e irmãs, seus maridos e esposas, filhos e filhas, sobrinhas e sobrinhos, além de uma irresistível matriarca. Esses são os Bridgertons: mais que uma família, uma força da natureza. Ao longo de oito romances que foram sucesso de vendas, os leitores riram, choraram e se apaixonaram. Só que eles queriam mais. Então começaram a questionar a autora: O que aconteceu depois? Simon leu as cartas deixadas pelo pai? Francesca e Michael tiveram filhos? O que foi feito dos terríveis enteados de Eloise? Hyacinth finalmente encontrou os diamantes? A última página de um livro realmente tem que ser o fim da história? Julia Quinn acha que não e, em E viveram felizes para sempre, oferece oito epílogos extras, todos sensuais, engraçados e reconfortantes, e responde aos anseios dos leitores trazendo, ainda, um drama inesperado, um final feliz para um personagem muito merecedor e um delicioso conto no qual ficamos conhecendo melhor ninguém menos que a sábia e espirituosa matriarca Violet Bridgerton. Veja como tudo começou e

descubra o que veio depois do fim desta série que encantou leitores no mundo inteiro.

[Compre agora e leia](#)



Tentação sem limites

Glines, Abbi

9788580412468

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

DA LISTA DE MAIS VENDIDOS DA REVISTA VEJA. "Tentação sem limites é o tipo de história que fica na cabeça do leitor. É cativante, sedutor e nos deixa com gostinho de quero mais." – The Autumn Review A vida de Blaire Wynn não foi nada fácil. Sua irmã gêmea morreu muito cedo, seu ex-namorado e melhor amigo a traiu e ela precisou cuidar da mãe doente até o último dia de sua vida. Depois de tanto sofrimento, o que ainda seria capaz de machucá-la? O terrível segredo de Rush Finlay. Depois de se apaixonar perdidamente por ele, Blaire descobriu algo cruel que destruiu para sempre o mundo que conhecia. Agora ela está mais sozinha do que nunca e precisa recomeçar a vida longe de todos que a feriram. O único problema é que não consegue deixar de amá-lo. Rush Finlay também não sabe o que fazer. Apesar das tentativas dos amigos e da família para animá-lo, o rapaz segue desolado. Ele já não quer saber da vida que levava, regada a festas, bebidas e mulheres. É atormentado pelas lembranças de um sentimento que jamais imaginara que fosse conhecer e que não pôde ser vivido plenamente. Nem Rush nem Blaire imaginavam que seus universos pudessem se transformar de forma tão radical. Porém, a maior

reviravolta das suas vidas ainda está por vir. E ela será tão intensa que obrigará Blaire a engolir o orgulho, voltar a Rosemary, na Flórida, e enfrentar seus inimigos. Rush por sua vez, terá que lutar para consertar seus erros e se provar digno da confiança e do amor dela.

[Compre agora e leia](#)